

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JEANNE CRISTINA MENEZES CRESPO

**UM ESTUDO COMPARATIVO DOS CONTATOS ESTABELECIDOS ENTRE
EMPORITANOS E INDIGETES:
O CASO EMPORITANO E O *OPPIDUM* DE ULLASTRET (500 - 350 a.C.)**

Niterói

2006

JEANNE CRISTINA MENEZES CRESPO

**UM ESTUDO COMPARATIVO DOS CONTATOS ESTABELECIDOS ENTRE
EMPORITANOS E INDIGETES:
O CASO EMPORITANO E O *OPPIDUM* DE ULLASTRET (500 -350 a.C.)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do Grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. MARCOS JOSÉ DE ARAÚJO CALDAS

Niterói
2006

JEANNE CRISTINA MENEZES CRESPO

**UM ESTUDO COMPARATIVO DOS CONTATOS ESTABELECIDOS ENTRE
EMPORITANOS E INDIGETES:**

O CASO EMPORITANO E O *OPPIDUM* DE ULLASTRET (500 - 350 a.C.)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do certificado de Mestre em História.

Aprovada em abril de 2006.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Marcos José de Araújo Caldas – Orientador
PRODOC / Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Marcelo Rede
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dra. Maria Regina Cândido
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Niterói
2006

AGRADECIMENTOS

À minha família, por ter me apoiado em todos os momentos ;

Ao Professor Doutor Marcos José de Araújo Caldas, orientador presente e amigo;

Ao auxílio da CAPES, sem o qual não me permitiria realizar tal pesquisa;

Aos profissionais dos Departamentos de História das Universidades de Valência e de Barcelona, que me receberam em seus institutos e me permitiram ter contato com todo o material necessário para escrever o presente trabalho. Dentre todos, destaco a ajuda do Prof. Dr. Miquel Jimenez Requena, cuja hospitalidade e ajuda foram primordiais para que eu pudesse ir à Espanha concluir meu trabalho;

À equipe de arqueólogos do Museu Arqueológico de Ampúrias;

A todos os meus amigos do curso de Mestrado, com os quais foram compartilhados muitos momentos de crises e indagações;

A todos os professores com quem convivi e de quem tive privilégio de ser aluna durante o curso de Mestrado;

À Profa. Dra. Neyde Theml, para sempre uma fonte de inspiração.

*Quando você elimina o impossível,
o que resta é inexoravelmente a verdade.*
(Sherlock Holmes)

RESUMO

Na presente dissertação propomos-nos a apresentar um estudo acerca das relações de contato estabelecidas entre os colonos que habitavam Emporion, descendentes dos *emporoi* massaliotas (habitantes de Massalia, colônia fundada pelos foces no sul da França), e as populações indígenas que habitavam a região próxima a esse estabelecimento, na região nordeste da Catalunha (Espanha). Para tanto, utilizaremos dois casos: os contatos com o *oppidum* de Ullastret, o maior assentamento nativo da região; e os contatos desenvolvidos com a população nativa que vivia próxima ao estabelecimento emporitano. Sendo estes últimos, aqueles que Estrabão (III.4.8) cita ao falar do sinecismo em Emporion, e que provavelmente tratariam-se dos nativos que dividem, com os colonos, o espaço de enterramento nas necrópoles emporitanas. O corte cronológico da presente pesquisa será o momento compreendido entre os séculos V a.C. e a primeira metade do século IV a.C.

Palavras-chave: História Antiga, Colonização Grega, Emporion, Contatos inter-étnicos, Ibéria pré-romana.

ABSTRACT

We intend to study the relationships established among the colonists from Emporion, descendents from the massaliotas *emporoi* (inhabitants of Massalia, colony founded by focians in the south of France), and the natives populations from the surrounding area to that establishment, in the northeast of Cataluña (Spain). We will use two cases: the contacts with the *oppidum* of Ullastret, the largest native establishment of that area; and the contacts developed with the native population that lived near Emporion. These last ones were those whom Strabo (III.4.8) has mentioned when he was speaking about the sinecism process occurred in Emporion; the same native population whose remains were found in Emporion necropolises. It was chosen as chronological mark all the V century B.C. until the first half of the IV B.C.

Keywords: Ancient History, Greek Colonization, Emporion, Interethnic contacts, Preromain Iberia.

SUMÁRIO

| | |
|---|------|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| CAP 01 - O QUÊ A DOCUMENTAÇÃO "FALA" SOBRE EMPORION | |
| 1.1) A Fundação de Emporion de Acordo com as Fontes Clássicas | 31 |
| 1.2) O Sítio Arqueológico de Ampúrias | 47 |
| 1.2.1) O Assentamento Emporitano: A <i>Neapólis</i> | 51 |
| 1.2.2) Grafitos Ibéricos Sobre Cerâmica Ática..... | 61 |
| 1.3) De Emporion à Pólis | 64 |
| 1.3.1) As Cartas Escritas em Lâmina de Chumbo..... | 74 |
| 1.3.1.1) A Carta de Emporion | 74 |
| a) Ampúrias 1 | 74 |
| 1.3.1.2) As Cartas de Pech –Maho | 78 |
| a) Pech Maho 1 | 78 |
| b) Pech Maho 2..... | 79 |
| CAP. 02 - A PRESENÇA EMPORITANA NO AMPURDÁN | |
| 2.1) As Populações Nativas Peninsulares de Acordo com as Fontes Clássicas | 86 |
| 2.2) O Ampurdán : Território e “Iberização” | 91 |
| 2.3) Contatos Entre os Nativos Peninsulares e as Sociedades Mediterrâneas..... | 96 |
| 2.4) Os Contatos entre Ullastret e as Populações Mediterrâneas a Partir da Análise dos Indícios Materiais | 103 |
| 2.5) Contatos entre Emporion e Ullastret | 1088 |
| 2.6) Ullastret: Organização Urbanística – Séculos VI e V a.C..... | 1133 |
| 2.7) Emporion e Ullastret - Por Um Balanço dos Contatos | 1188 |
| CAP. 03 - A INTEGRAÇÃO ÁSTY – TERRITÓRIO : AS NECRÓPOLES | |
| 3.1) As Necrópoles Emporitanas | 128 |
| 3.2) Práticas Funerárias X Práticas Sociais | 133 |
| 3.2.1) Necrópole da Muralha Nordeste: | 136 |
| 3.2.2) Necrópole Martí: | 145 |
| 3.2.3) Necrópole Bonjoan:..... | 173 |
| 3.2.4) Complexo das Necrópoles Mateu e Granada: | 175 |
| 3.3) Análise das Necrópoles Emporitanas:..... | 178 |
| 3.3.1) A Localização Espacial das Necrópoles..... | 178 |
| 3.3.2) Disposição das Sepulturas | 179 |
| 3.3.3) Tipos de Túmulos e Objetos Associados..... | 182 |
| CONCLUSÃO | 191 |
| BIBLIOGRAFIA | 198 |

LISTA DE ABREVIATURAS

- AAVV: Autores Vários
- AespA: *Arquivo Espanhol de Arqueologia*
- BCH: *Bulletin de Correspondance Hellénique.*
- CRAI: Comptes rendues de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres.
- Cuad. Preh^a. y Arqueol. Castellonense: *Cuadernos de Pehistoria y Arqueologia Castellonense*
- EM: *Eméríta*
- Foeci: *I Foeci dall'Anatolia all'Oceano.* 1982.
- Ic : Tumba de incineração
- In : Tumba de inumação
- Magna Grécia: *La Magna Grecia e il lontano Occidente.* Atti del XXIX Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Tarento. 1990.
- MDAI(M) :
- MEFRA: *Mélanges de l'École Française de Rome.*
- RAN: *Revue archéologique de Narbonnaise*
- REA: Revista de Estudios Arqueológicos
- ZPE: Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik

INDICE DE FIGURAS E MAPAS

| | |
|---|-----|
| Mapa 01: Os Assentamentos Gregos no Golfo de Rosas | 16 |
| Mapa 02: Colonização Focéia no Ocidente | 20 |
| Mapa 03: O Assentamento de Ampúrias | 25 |
| Mapa 04: Topografia do Sítio Arqueológico de Ampúrias | 50 |
| Mapa 05: Plano da Neapólis de Emporion | 53 |
| Mapa 06: O Golfo de Lyon | 81 |
| Mapa 07: As Populações da Península Ibérica de Acordo com Avieno | 88 |
| Mapa 08: O Território do Ampurdán | 97 |
| Mapa 09: O Oppidum de Ullastret: Sua Ocupação Extra Muros e Suburbana | 105 |
| Mapa 10: Topografia de Ampúrias | 130 |
| Mapa 11: As Necrópoles Emporitanas | 131 |
| | |
| Fig. 01: Reconstituição do Sistema Defensivo da Neapólis | 54 |
| Fig. 02: Fragmentos da Estrutura Superior do Santuário Suburbano Emporitano | 57 |
| Fig.03: O setor dos santuários na Neapolis | 58 |
| Fig. 04: A <i>Ágora</i> de Emporion | 59 |
| Fig. 05: O Dique Helenístico de Emporion | 61 |
| Fig. 06: Cerâmicas com Inscrições Ibéricas Encontradas em Emporion | 62 |
| Fig. 07: A Carta Comercial de Ampúrias | 77 |
| Fig. 08: A Carta de Pech Maho | 82 |

INTRODUÇÃO

Emporion foi fundado entre os anos 600-576 a.C. por *empóroi* focueu-massaliotas no Nordeste da atual Espanha. De acordo com o relato contido no livro III da *Geografia*¹ de Estrabão, Emporion seria uma *dípolis*, onde os colonos focueus e os indigetes (nativos peninsulares que habitavam a região circunvizinha) compartilhavam o mesmo espaço. Tal afirmativa de Estrabão, no entanto, ainda é muito questionada entre os estudiosos que trabalham com Emporion. Os vestígios arqueológicos da cidade grega vêm sendo interpretados pelos arqueólogos de maneiras diferenciadas, resultando em informações contraditórias. Até hoje não foram encontrados os vestígios materiais da existência do provável assentamento nativo que teria se formado próximo à muralha da ásty emporitana, antes do processo de sinecismo descrito por Estrabão.

Emporion foi fundada para ser um enclave comercial, *emporion*, de Massalía² na Ibéria. Em um primeiro momento, os colonos permaneceram assentados em uma ilha, na época, um pouco afastada da costa. No último quartel do século VI a.C., houve a fundação de um novo assentamento, já em território peninsular.

Por sua natureza comercial, as relações com os nativos locais eram necessárias para garantir o funcionamento do estabelecimento. As interpretações acerca da cultura material, principalmente a partir da disseminação de cerâmica nos assentamentos nativos da região, que chegaria em território peninsular pelo porto emporitano, apontam para contatos freqüentes com o assentamento nativo mais próximo, Ullastret.

Além disso, a cultura material encontrada no próprio assentamento emporitano também aponta para um estado de contatos freqüentes com as populações nativas, como podemos perceber a partir da existência de: inscrições ibéricas em cerâmica grega; nas cartas comerciais escritas em lâminas de chumbo; além das necrópoles emporitanas, cujas evidências

¹ *Geografia*. III, 4, 8.

² Colônia fundada em 600 a.C., no sul da França (Marselha), pelos focueus.

materiais apontam para a existência de espaços compartilhados de enterramento, funcionando coetâneamente.

A própria afirmação de Estrabão já é um tanto curiosa, já que classifica de *dípolis* um local chamado “Emporion”, cujo nome foi dado a partir de sua função comercial. No entanto, tal prerrogativa não quer dizer que concordamos com o relato de Estrabão, além disso, não será nosso objetivo testar a veracidade da informação desse autor, já que tal debate mostra-se algo ultrapassado, e já um tanto desgastado.

Nosso objetivo no presente trabalho, a partir das evidências materiais acima listadas, será nos interrogar acerca da natureza das relações de contato estabelecidas entre os colonos focu-massaliotas e esses nativos do nordeste catalão, ou Ampurdán. Para tanto, utilizaremos ambos os casos, até como meio de comparação: os contatos estabelecidos com o assentamento de Ullastret; e os contatos desenvolvidos com a população nativa que deveria transitar (ou até habitar) próxima, ou até mesmo no centro emporitano. Talvez, os mesmos nativos que eram sepultados nas necrópoles emporitanas.

O recorte cronológico da presente pesquisa compreende o espaço temporal que vai do século V a.C. até a primeira metade do séc. IV a.C. Nossa escolha justifica-se pelo fato de que tal contexto foi marcado pelo fortalecimento das relações entre os colonos focu-massaliotas e as populações nativas peninsulares, sendo estas verificadas, principalmente, a partir das interpretações dos arqueólogos acerca dos vestígios materiais encontrados em território peninsular.

Além disso, a segunda metade do século IV a.C. marcaria um momento decisivo na trajetória de Emporion. De acordo com os arqueólogos que trabalham neste sítio, a segunda metade do século IV a.C. marcaria o final da reorganização ocorrida no sistema defensivo do assentamento. Neste processo, de acordo com os pesquisadores que procuram comprovar a veracidade do relato de Estrabão, o provável assentamento nativo que existiria junto às muralhas emporitanas seria incorporado à sua *ásty*, caracterizando uma nova realidade para Emporion: a formação da *dípolis* descrita por Estrabão. Por isso, limitamos nosso corte temporal a tal data.

Em primeiro lugar, chamaremos a atenção para o fato de que a presença grega na Península Ibérica, assim como as repercussões desta, tem sido objeto de debates entre a

historiografia, principalmente no momento em que há o confronto do que nos informa as fontes textuais clássicas e os vestígios materiais encontrados em território peninsular. Apesar de não nos interessar apresentar, pelo menos no presente trabalho, toda essa discussão historiográfica, necessário se faz apresentar nossa posição sobre tal assunto, até para entendermos qual a situação de Emporion no contexto das incursões gregas na Península Ibérica.

Dentre os mais antigos testemunhos e notícias sobre a Ibéria³ figuram uma série de relatos míticos: os livros de Homero, os relatos dos Argonautas, as lendas de Hércules - como sua expedição às Colunas de Hércules (Estreito de Gibraltar), o mito de Atlântida encontrado em Platão, e até mesmo, certos trechos bíblicos do livro de *Gênesis*. Segundo tais relatos, as costas ibéricas receberiam constantes “visitas”, visando a procura de matérias-primas e metais, de navios vindos do Mediterrâneo oriental - principalmente de fenícios, sâmios, ródios, cartagineses e foceu-massaliotas.

Os itinerários destas rotas de viagem, muitas vezes eram compilados nos famosos *périptoi*, gregos, que *grosso modo* caracterizavam-se como guias de navegação na medida que continham informações geográficas, e muitas vezes também etnográficas, das regiões que descreviam. Muitos desses itinerários chegavam a ser ocultados, a fim de evitar a competição comercial. Para o caso da Ibéria, os *périptoi* mais conhecidos são os de Hanón e Himilcón, e o *périptoi* massaliota que serviu de base para que Avieno escrevesse sua obra *Ora Marítima*.

O interesse das fontes literárias aumentou com a série de historiadores e geógrafos clássicos que descreviam as guerras de Roma, ou as terras hispânicas conquistadas por Roma. Tais escritores se ocupavam em descrever os povos nativos e seus costumes atávicos, antes dessas populações serem incorporados à *civilitas* romana. Dentre tais escritores, destacamos: Tito Lívio, Polábio, Estrabão, Plínio (o Antigo), Justino, Dión Cassio, Floro, Orósio. Esses autores, apesar de escreverem em um período posterior, traçaram em suas obras um panorama da Ibéria pré-romana. Devemos, porém, ter cuidado ao operar com este tipo de

³ *Iberia*, “terra entre rios”, é o nome dado pelos helenos tanto a Península Ibérica, quanto a faixa de terra entre os Grandes Cárpatos e a Armênia, atual Geórgia. As duas regiões constituíam os dois extremos do mundo conhecido pelos gregos, até então.

documentação textual, pois, tais relatos constituíam-se em construções tardias de uma realidade anterior, na maioria das vezes desconhecida por tais autores.

A *Ora Marítima* escrita por Rufius Festus Avieno é uma documentação que devemos destacar, já que esta nos apresenta uma ampla descrição das costas da Ibéria, desde a Galícia até os Pirineus. Avieno nasceu em Volsúnia (Itália), no século IV d.C. e foi pro-cônsul da Baética. Escreveu em verso sua *Ora Marítima* copiando itinerários antiqüíssimos de navegação, que teriam sido compilados por um marinheiro púnico do século VI a.C. Nesta obra, Avieno realizou uma descrição geográfica referente a um momento anterior (um milênio antes), onde se carece em absoluto de documentação textual referente às cidades, portos, acidentes geográficos e populações que habitavam a Ibéria do ano 600 a.C. Avieno, ainda, tece um detalhado relato sobre os habitantes peninsulares, mencionando os Dragani na Galícia; os Saephes e Cempsos na Lusitânia; os Cynetes em El Algarve; os Cilbicianos, Tartésios, Massienos, Etmanei, Ileates, Igletes, Líbio-Fenícios e Fenícios na Andaluzia; os Gymnetes, Beribraces e Iberos no levante; os Indigetes, Ceretes e Elysices na Catalunha. As informações apresentadas na obra de Avieno têm sido analisadas desde a pioneira obra de Schulten, *Fontes Hispaniae Antiquae*⁴.

Avieno descreveu exaustivamente a área próxima a Massália e a costa da nascente do Rio Ródano. Além disso, temos no périplo os nomes e as supostas localizações de uma série de feitorias helênicas em território peninsular (Kýpsela, Kallípolis, Lebedontia e Salauris), sendo a mais importante dentre elas, Hemeroskopéion, embora esta última seja descrita como desabitada. J. Arce⁵ acredita que o fato de ainda não se haver encontrado arqueologicamente os vestígios de nenhuma dessas feitorias, pode ser um indicativo de que essas poderiam tratar-se de topônimos indígenas para ajudar os navegantes gregos em suas escalas de navegação, embora também possam tratar-se de pequenos enclaves abertos ao comércio, onde estariam instalados alguns mercadores gregos. Daí a precisão destes pontos de escala para comércio e refúgio.

⁴ SCHULTEN, A. *Fontes Hispaniae Antiquae*. Vol I (Avieno, *Ora Marítima*). 1956; Vol II (500 a.C.: César), 1925.

⁵ ARCE, J. “Colonización griega en España: algunas consideraciones metodológicas”. In: *Archivo Español de Arqueología*, 52, 1979. pp.105-110.

Ao nosso ver, não achamos muito apropriado o termo “colonização” para o caso da ocupação grega em território peninsular. Concordamos com J. Alvar⁶, quando este agrupa as distintas formas de atividade grega na península sob o termo “presença” grega, que segundo este autor seria um termo menos caricato e que permitiria visualizar a heterogeneidade da experiência grega no extremo Ocidente, que não poderia ser caracterizada por experiências coloniais em sua totalidade:

“... as relações dos gregos com a Península não conduziram, exceto no que diz respeito ao território bem delimitado do Golfo de Rosas [Emporion e Rhodes], à constituição de núcleos urbanos característicos do mundo colonial grego, senão fundamentalmente a uma atividade comercial que encontrou seu calço na corrente regular estabelecida pelos mais antigos navegantes que freqüentaram as costas ibéricas (marinheiros sâmios, ródios, eubeos, eginetas, sicilianos, suritálicos), e que utilizou como mercados os assentamentos feno-púnicos ou púnico-indígenas com classe de feitorias, assim como o porto de Gades⁷”.

No entanto, antes de tocarmos na questão da fundação de Emporion, importante se faz mencionar as características essenciais de uma fundação colonial para os antigos Gregos. Primeiro, o termo “colônia” é, num certo sentido, impróprio, já que ele evoca o movimento de colonização da época moderna em direção às Américas, no qual as novas instalações coloniais eram dependentes das suas metrópoles. A palavra “colônia” deriva do latim⁸, e designava, pelo menos para a época da República Romana, a transferência de indivíduos com o objetivo de controlar administrativamente uma cidade, ou região, conquistada por Roma⁹. Para o caso

⁶ Encontramos essa discussão no trecho escrito por J. Alvar no livro: PLÁCIDO, D. , ALVAR, J., WAGNER, C. G. (orgs.) *La formación de los estados en el Mediterráneo Occidental*. Madrid: 1991. In: <http://www.uc3m.es/uc3m/gral/ES/ESHU/cursotartesos.doc>.

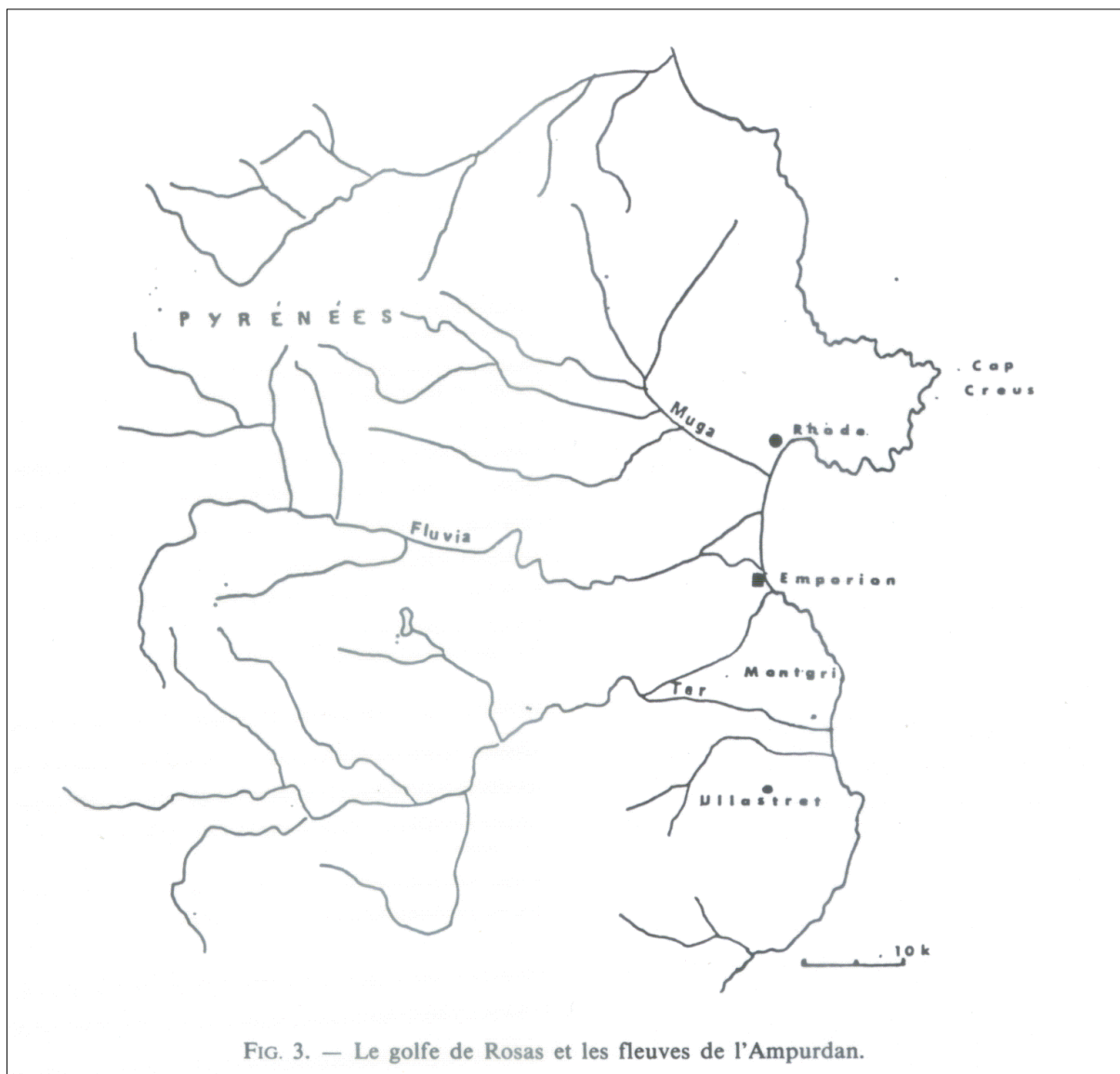
⁷ FERNÁNDEZ-NIETO, J. “Griegos y Colonización griega en la Península Iberica.” In: CHAVES TRISTÁN, F.(ed.) *Griegos en Occidente*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1992. p.132.

⁸ Colônia deriva dos termos: “1) *colere*: cultivar ou habitar; 2) *colonia*: grupo de indivíduos enviados pela República romana para garantir a sua segurança de terras longínquas; as colônias continuaram a ser utilizadas durante o Império e também serviram como forma de assentamento de veteranos do exército; 3) quem cultiva a terra para sua subsistência e que conserva sua cidadania original.” In: http://www.historiaehistoria.com.br/arquivos/glossario_poseidonia2.htm

⁹ MONTEL, S. POLINNI, A. “Colonização grega no Ocidente através do exemplo de Poseidônia.” In: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiadores&ID=29>

grego, o termo utilizado era *apoikia*, termo que implicava na instalação de uma população em um local diferente da sua habitação de origem.

Mapa 01: Os Assentamentos Gregos no Golfo de Rosas



Mapa indicando a localização das fundações gregas no Golfo de Rosas, região nordeste da atual Catalunha (Espanha): Emporion e Rhòde. Fonte: LEJEUNE, M.; POUILLOUX, J.; SOLIER, Y. "Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude)". *RAN*, 21, 1988. p.22.

As *apoikias* tinham como objetivo principal conceder terras aos que não as possuíam na Grécia, buscavam o estabelecimento de uma *pólis*, que apesar de conservar com a sua metrópole laços de distinta índole, tinha sua vida própria, desenvolvendo-se independentemente da dita metrópole¹⁰. Tais colônias de povoamento seriam o resultado de uma decisão de sua metrópole, a qual, motivada por diferentes razões, organizava a marcha de uma parte de seus habitantes sob o comando de um *oikistés*¹¹, e sua instalação em um novo território.

A fundação de uma nova “colônia” consistia, em um primeiro momento em um ato religioso, implicando na transferência do culto oficial da metrópole para a “colônia”, sendo o *oikistés* o personagem designado para cumprir tal rito, marcando oficialmente o nascimento de uma nova cidade¹². De acordo com a passagem de Heródoto¹³, Bato (*oikistés* fundador da colônia de Cirene, no Norte da África) foi enviado a Delfos pelos habitantes da ilha de Tera, e escolhido como chefe para conduzir a uma expedição que resultou na fundação de Cirene. Este reinou em Cirene durante 40 anos e foi embaixador da dinastia dos batíadas, que exerceu controle sobre a cidade por quase dois séculos.

Os laços de união entre metrópole e colônia, apesar de concretos no plano religioso, já que a presença do *oikistés* assegurava que o culto colonial principal fosse o da divindade principal da metrópole, não eram tão estreitos de outros pontos de vista. Do ponto de vista das instituições políticas, por exemplo, a evolução das colônias pôde ser muito diferenciada das suas metrópoles. Um exemplo disto foi a colônia espartana de Tarento¹⁴, que desfrutou de leis próprias, e organizou uma realeza que estava nas mãos de uma só pessoa, ao contrário do modelo de realeza espartana¹⁵.

¹⁰ Graham, A. J. *Colony and mother city in ancient Greece*, Manchester: Manchester University Press, 1964.

¹¹ “Indivíduo, pertencente normalmente à aristocracia da cidade de origem, responsável pela organização da expedição colonial. Suas atividades podiam incluir uma consulta ao oráculo de Apolo em Delfos visando conselhos sobre o local preciso para a fundação da nova cidade, o recrutamento do contingente de colonos, a organização da vida na colônia, sobretudo a divisão de terras entre os colonos, assim que a atribuição do espaço reservado para os templos e as propriedades dos santuários rurais.” In: http://www.historiaehistoria.com.br/arquivos/glossario_poseidonia2.htm

¹² DUNBABIN, T. J. *The Western Greeks : the history of Sicily and South Italy from the foundation of the Greek colonies to 480 B.C.*, Londres: Ares Publishers, 1948

¹³ Heródoto. *Histórias*. IV, 156-157.

¹⁴ Fundada pelos espartanos em 708 aC., na região de Apulia, costa norte do Golfo de Tarento, região costeira do Mar Jônico.

¹⁵ LÓPEA EIRE, A. “La etimología de @·Û^Ú y los orígenes de la retórica”, *Faventia* 20/2, 1998. pp. 61-69.

Em alguns casos esta falta de laços políticos entre colônias e metrópoles encontra sua explicação no fato de que, ao serem *póleis*, tais colônias desenvolviam suas próprias estruturas sociais e políticas particulares¹⁶. Além disso, a experiência política grega no domínio colonial foi variada e segundo as circunstâncias próprias de cada lugar e época, levando a atitudes diferenciadas, obrigando-nos ao estudo de caso a caso.

Para o caso do movimento colonial focu, que nos interessa no presente trabalho, houve uma conjuntura muito particular para explicar as razões desses nas incursões coloniais. Ao longo do século VII a.C., a Focéia, Mileto e outras *póleis* da Jônia tiveram uma gradativa redução de sua *chôra* ante o avanço persa. Para seus habitantes, a colonização de outros territórios afigurava-se, pois, como uma via alternativa para a fundação de assentamentos que servissem de refúgio seguro, onde lhes fosse possível encontrar abrigo, “liberdade cívica” e dar continuidade à atividade comercial que mantinham suas *póleis*¹⁷. Encontramos relatos sobre tais eventos em Heródoto¹⁸.

A colonização focéia optou por estabelecer suas colônias em locais distantes, na parte ocidental do Mediterrâneo, talvez pelo fato de que ao terem iniciado sua fase colonial mais tardiamente¹⁹, viram-se obrigados a navegar em regiões mais longínquas, já que todas as regiões mais próximas já estavam ocupadas²⁰. Assim, após fundar Lampsaco (atual Lapseki) no Helesponto, Mediterrâneo oriental, voltaram-se para o Mediterrâneo ocidental. Sanmartí Grego²¹ pressupôs que os focuus tinham preferência por determinados tipos de lugar para

¹⁶ MONTEL, S. POLINNI, A. “Colonização grega no Ocidente através do exemplo de Poseidonia.” In: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiadores&ID=29>

¹⁷ SAKELLARIOU, Michail. “The Metropolises of the Western Greek Colonies.” In: Carratelli, Giovanni Pugliese. *The Western Greeks. Classical Civilization in the Western Mediterranean*. New York: Thames and Hudson, 1997. pp. 177-188.

¹⁸ Histórias. I, 163-167.

¹⁹ De acordo com Charon e Bérard, a maioria das *póleis* gregas, como Eubea e Chalcis, começou a fundar suas colônias já no século VIII a.C. Esses autores vêem o processo de colonização como algo resultante do processo de estruturação das *póleis*. BERARD, C. et ALTHHER-CHARON, A. “Erétie: l’organisation de l’espace et la formation d’ une cité grecque”. In: SCHNAP, Alain (org.). *L’Archéologie Aujourd’hui*. Paris: Hachette, 1980. pp. 229-249. p.230.

²⁰ MONTENEGRO, A., BLÁSQUEZ, J.M. et all. *Historia de España II: Colonizaciones y formación de los pueblos prerromanos (1200-218 a.C.)*. Madrid: Gredos, 1998. p. 176 / Sakellariou Michail. “The Metropolises of the Western Greek Colonies.” In: CARRATELLI, Giovanni Pugliese. *The Western Greeks. Classical Civilization in the Western Mediterranean*. New York: Thames and Hudson, 1997. pp. 177-188. p.185.

²¹ SANMARTI-GREGO, E. “Emporion, port grec a vocation ibérique”. In: *Magna Grecia e il lontano Occidente. Atti del ventinovesimo convegno di studi sulla Magna Grecia* (Taranto, 1989). Napoli: Universidade de Taranto, 1990. pp.389-410. p. 389.

fundarem suas colônias. Portanto, ou preferiam regiões rodeadas por marismas²², relativamente elevadas e secas, situadas na maioria das vezes perto da nascente de algum rio - nessa modalidade se encontrariam os casos de Emporion, Elea, Alalia e Agatha; ou escolhiam regiões muito parecidas com o entorno físico da Focéia, como foi o caso de Massalia²³.

As regiões mais ocidentais do Mediterrâneo não eram desconhecidas²⁴ pelos gregos, já que eubeus, calcidianos e ródios já haviam fundado colônias na Itália e Sicília. Além disso, durante o século VII a.C., já havia um comércio empreendido pelos foces no Mediterrâneo ocidental, mesmo antes da fundação de suas colônias. Assim, entre o final do século VII e início do século VI a.C., os foces já estabeleciam relações comerciais com as regiões mais próximas ao delta do Ródano, com Tartesos²⁵, na região da Andaluzia (Espanha), e com as colônias fenícias da costa sul da Península Ibérica²⁶.

²² Marismas são terrenos alagadiços à beira do mar.

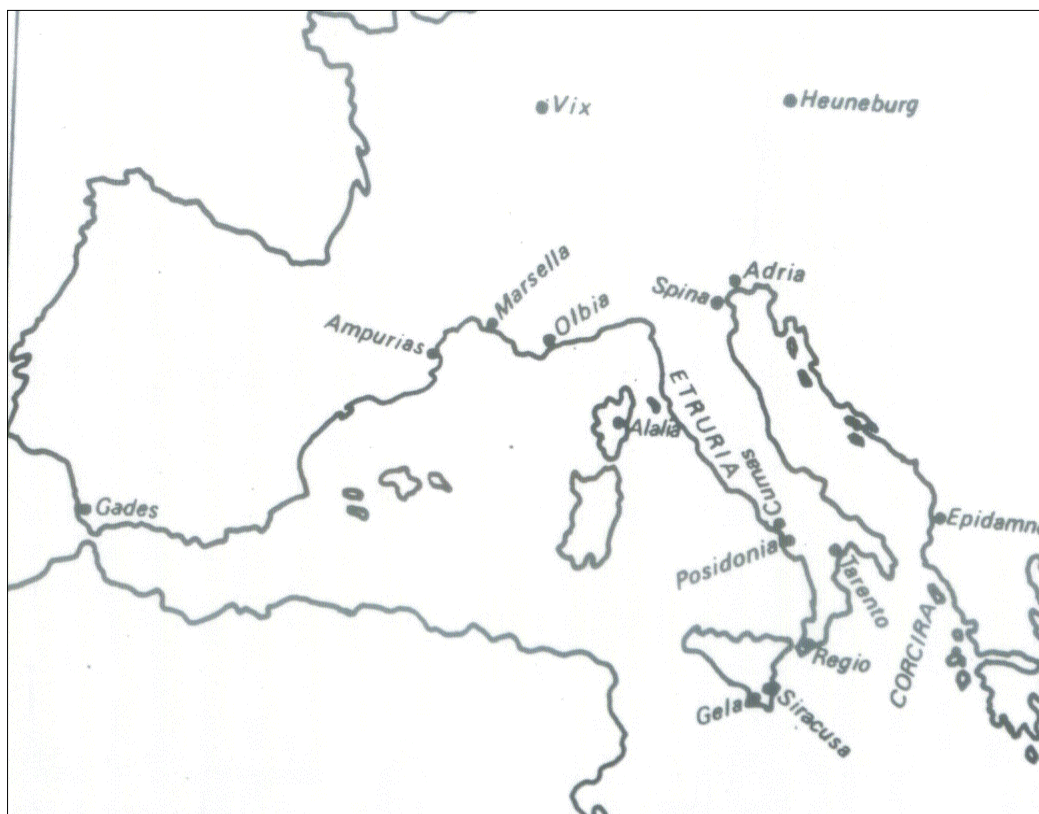
²³ Ver Estrabão. *Geografia*. IV, 1, 4.

²⁴ Tais afirmativas discordam do relato de Heródoto (I, 163), que indica que os foces foram os primeiros gregos que empreenderam navegações de longa distância. Heródoto, no mesmo relato citado, afirma que os foces foram os primeiros a descobrir Tartesos. Posteriormente, mais precisamente no Livro IV, 152, de sua *História*, Heródoto explica que houve uma presença de mercadores sâmios em Tartesos, que era um entreposto comercial ainda inexplorado até aquele momento. Tal presença foi explicada pela ação de um vento, que deslocou a rota do navio desses mercadores, que originalmente rumariam para o Egito. Não é só Heródoto que cai em contradição acerca dos primeiros elementos gregos a chegarem em território peninsular. A própria produção historiográfica apresenta conclusões bem diversas acerca de tal fato. Estudos relativos à presença grega na Ibéria têm sido revisados nos últimos anos. Os primeiros vestígios materiais da presença grega na Península Ibérica são datados dos séculos VIII e VII a.C. Atualmente, a visão mais aceita é a de que esses eram parte integrante do comércio internacional Mediterrâneo e chegaram às rotas comerciais peninsulares pelos mercadores fenícios, já que o volume desses materiais não seria suficiente para justificar uma presença grega efetiva. In: SHEFTON, B. B. "Greek Imports at the Extremities of the Mediterranean, West and East: Reflections on the case of Iberia in the Fifth Century BC." In: CUNLIFFE, B. & KEAY, S. *Social Complexity and Development of Towns in Iberia. From the Copper Age to the Second Century A.D.* Oxford: University Press, 1994. pp.127-155.

²⁵ Sobre a presença dos foces em Tartesos, Heródoto (I, 165) descreveu a amizade que os mercadores foces havia desenvolvido com o rei Argantônio. Amizade que levou este rei a oferecer-lhes terras para que se instalassem em seu reino ante a ameaça persa, e que os foces recusaram aceitando então bens com os quais edificariam sólidas muralhas de defesa. Posteriormente, comenta Heródoto, quando os Persas tomaram a Focéia, em 545 a.C., Argantônio já havia morrido e não poderia mais ajudá-los. Heródoto, ainda, insiste em enfatizar a capacidade náutica dos foces, já que os foces embarcaram todos seus bens móveis e religiosos em uma frota de *pentecónteras* (tipo de embarcação grega), e termina afirmando que esses chegaram ao Mediterrâneo ocidental.

²⁶ CABRERA BONET, P. "Emporion y el comercio griego arcaico en el NE de la Península Ibérica". In: OLMOS, R & ROUILLARD, P. *Formes archaïques et arts ibériques*. Madrid: Casa de Velázquez, 1996. Collection de la Casa de Velázquez, n.59. p. 45.

Mapa 02: Colonização Focéia no Ocidente



Mapa da colonização focéia no Mediterrâneo ocidental. Ressaltamos a localização dos assentamentos Gades (Cádiz), Emporion (Ampúrias), Marselha (Massália), mencionados no trabalho. Fonte: YANGAS, Narcisa Santos e PICAZO, Marina. *La colonización griega: comercio y colonización de los griegos en la Antigüedad*. Madrid: Akal, 1980. (Colléccion Manifiesto, Serie Historia Antigua) p. 316.

Dentre os gregos, os foces foram aqueles que mais avançaram em direção ao Ocidente, chegando a Tartesos (Cádiz, Espanha), além de terem fundado estabelecimentos no nordeste Espanhol (Emporion e Rosas), no Sul da França (Massália) e na Itália (Vélia) (ver localização desses assentamentos no mapa 02).

Até agora, mencionamos somente as colônias fundadas por Metrópolis gregas, mas quase todas essas colônias, relativamente pouco tempo depois de seu estabelecimento,

fundaram também sub-colônias, ou colônias secundárias²⁷. Este fenômeno é central para nossa proposta, pois Emporion era uma espécie de “sub-colônia”; já que foi fundada como *emporion* de Massalía, colônia focéia fundada em 600 a.C. no sul da França.

As *emporía*, tradicionalmente reconhecidas como “entrepostos comerciais”, tinham seus interesses mais ligados a questões comerciais, na busca de matérias-primas que eram necessárias ao desenvolvimento da vida cotidiana no mundo grego propriamente dito (fundamentalmente produtos alimentícios e minerais), assim como, posteriormente, pela ocasião do desenvolvimento da escravidão, homens. Tal presença nas terras mais ocidentais propiciou o estabelecimento de diversas *emporía* que, por sua função comercial, proporcionavam o estabelecimento de relações com as populações nativas de cada área. Estas deram origem a rotas comerciais, cujo controle poderia ser rentável a algumas cidades. Inclusive, a maior parte das ditas *emporía* acabaram por passar a ser cidades do tipo clássico, com a existência de *chôra* e *ásty*, não apresentando diferença alguma das colônias do tipo agrícola²⁸.

A instalação de um grupo de colonos em terras novas tornava necessária a criação de estruturas urbanas e agrárias capazes de garantir a continuidade da comunidade, sua subsistência e sua prosperidade. Por isso, o já superado debate sobre a vocação das colônias gregas, se comerciais ou agrícolas, esquematiza demais um processo bem mais complexo: a trajetória de cada colônia em particular. Neste caso, a relação da colônia com a região e conseqüentemente, com as populações nativas desta, seria essencial, já que as relações com as sociedades nativas foram determinantes para a dinâmica das colônias.

De acordo com um levantamento feito por R. Etienne²⁹ de todos os locais caracterizados como *emporion* na obra *Geografia*, de Estrabão, o denominador comum a todos eles seria a facilidade de comunicação a longa distância. Estes escoariam por via terrestre ou fluvial as mercadorias nativas do interior que podem ser reexportadas, enquanto

²⁷ Sakellariou Michail. “The Metropolises of the Western Greek Colonies.” In: CARRATELLI, Giovanni Pugliese. *The Western Greeks. Classical Civilization in the Western Mediterranean*. New York: Thames and Hudson, 1997. pp. 177-188.

²⁸ ÈTIENNE, R. “A. Les Emporia Strabonienes: Inventaire, Hiérarchies et Mécanismes Commerciaux.” In: BRESSON, A. et ROILLARD, P. (org.) *L’Emporion*. Paris: Diffusion De Boccard, Publications du Centre Pierre Paris 26(URA991), 1993. Pp. 23 – 34.

²⁹ ÈTIENNE, R. *Idem*. pp. 23 – 34.

recebiam em seus entrepostos marítimos ou terrestres, produtos de lugares distantes. Um *emporion*, em sua origem, seria o lugar onde se exercia a “*emporía*”³⁰, atividade comercial, do *empóros*, comerciante que empreendia viagens a longa distância.

M. Gras³¹ conceituou o comércio focu, para o Período Arcaico, como uma linha de contato entre os dois paradigmas comerciais formulados por G. Vallet e P. Villard: o comércio colonial e o comércio internacional. No primeiro caso, um centro grego importante (Metrópole), proveria os distintos centros gregos disseminados pelas costas mediterrâneas ocidentais (colônias) de produtos de uso corrente, manufaturados naquele centro³². Já o segundo paradigma, o comércio internacional, referia-se ao tráfico entre gregos e “bárbaros” (que poderiam ser fenícios, cartagineses, etruscos, iberos, etc.), apresentando-se enquanto um comércio a longa distância, com trocas esporádicas de objetos de luxo. Consideramos, contudo, que não existiria um comércio de tipo colonial, mas sim, como afirma Mele³³, um pequeno comércio local de curta distância (*kapeleía*), empreendido por pequenos mercadores (*kapeloi*), e o comércio marítimo de longa distância (*emporía*), voltado para o exterior da comunidade, isto é, com estrangeiros. No Período Arcaico, tal comércio era praticado por *aristocratas*, que praticavam-no segundo os valores aristocráticos³⁴, seguindo um padrão estabelecido a partir das relações de *xênia* (amizade-hospitalidade).

O primeiro mecanismo comercial de um *emporion* residia na troca de produtos locais pelos produtos estrangeiros³⁵. Desta forma, a Emporion catalã seria um local que transmitiria a

³⁰ “No que se refere a ‘emporía’, podemos assinalar que se trata de uma forma de comercializar que os focues praticavam desde antes do início de sua aventura colonial. Assim, Aristóteles refere-se em sua *Constituição dos Massaliotas*, que os focues praticavam a ‘emporía’ na Jônia. Tratava-se de uma forma de comércio desempenhada por uma população que não podia, ou não queria, contar exclusivamente com seu próprio território para viver, e que via no mar um meio para sua subsistência”. IN: SANMARTÍ-GREGO, E. “Novos datos sobre Emporion”. IN: CHAVES TRISTÁN, F.(ed.) *Griegos en Occidente*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1992.pp.175.

³¹GRAS, Michel. “Georges Vallet et le commerce”. In: Centre Jean-Bérard (org.) *La colonisation grecque en Méditerranée Occidentale*. Roma: École Française de Rome, 1999. pp. 7-22.

³² MONTENEGRO,A., BLÁSQUEZ, J.M. et all. *Historia de España II: Colonizaciones y formación de los pueblos prerromanos* (1200-218 a.C.). Madrid: Gredos, 1998. p. 180.

³³ MELE *apud*: DOMINGUEZ MONEDERO, A. “Los mecanismos del *emporion* en la práctica comercial de los focuos y otros griegos del Este”. *Monografías Emporitanes*, 11, 2000. p. 37.

³⁴ HAHN, István. “Foreign Trade and Foreign Policy in Archaic Greece”. IN: GARNSEY, F. & WHITTAKER, C. R. (eds.) *Trade and Famine in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge Philological Society, 1983. (Supplementary, vol.8) pp.30-36.; DOMINGUEZ MONEDERO, A. “Los mecanismos del Emporion en la práctica comercial de los focuos y otros griegos del Este”. *Monografías Emporitanes*, 11, 2000. pp. 27-45.

³⁵ *Idem*. p.31.

mentalidade grega, já que as fontes antigas notaram a proximidade dos colonos que habitavam este estabelecimento, com os nativos, o que parece iluminar o porquê da denominação “Emporion” dada à cidade. De fato, no momento que os *emporoi* estabeleceram-se nas terras próximas ao interior, onde as comunicações terrestres, lacustre e fluvial eram confortáveis, estes passaram a ter um contato diário e de coabitação com os nativos. Os gregos que residiam em um *emporion* e que atuavam no mesmo, se aproveitaram para lograr uma melhor inserção dentro das estruturas nativas³⁶.

As relações entre gregos e nativos neste momento estariam marcadas pelo interesse dos gregos em atrair a amizade dos nativos como meio de garantir zonas tranquilas para o estabelecimento de pontos para paradas, próprios do tipo de navegação realizada no Período Arcaico, a navegação de cabotagem. As técnicas diplomáticas seriam *práxis* dos colonizadores focueus, como eram dos fenícios e etruscos³⁷. Esse era, na verdade, o ideal de comércio no Período Arcaico, porque para ser empreendido dependia da oferta de presentes e não de mercadorias, conforme apontam os modelos ideais de encontro e contato presentes na Odisseia e nos mitos de fundação de colônias gregas³⁸.

Segundo Dominguez Monedero³⁹, muitas eram as variantes implícitas nesse processo. Poderíamos destacar a concessão de autorização, por parte das autoridades dos nativos, para desembarcar e para permanecer no local, já que era necessário ter facilidades para o armazenamento de produtos e a eventual residência de um núcleo mais ou menos reduzido de gregos, principalmente devido às condições da navegação arcaica⁴⁰. Assim, ao necessitarem

³⁶ ETIENNE, R. *Idem*. pp. 23 – 34.

³⁷ DOMINGUEZ MONEDERO, A. “Los mecanismos del Emporion en la práctica comercial de los focueos y otros griegos del Este”. *Monografías Emporitanes*, 11, 2000. p. 41.

³⁸ MORRIS, I. “Gift and commodity in archaic Greece”. *Man*, 1986: 1-17.

³⁹ DOMIGUEZ MONEDERO, A. “Los griegos de Occidente y sus diferentes modos de contacto con las poblaciones nativas. I. Los contactos en los momentos precoloniales (previos a la fundación de colonias, o en ausencia de las mismas)”. In: CABRERA BONET, P. (ed.) *Griegos y Iberos: Lecturas desde la diversidad. Huelva Arqueológica*, XII, 1990. pp.21-48. p.41.

⁴⁰ As travessias para o Mediterrâneo ocidental eram longas, e demasiadamente arriscadas. Assim, os navegadores focueus necessitavam do apoio das várias plataformas estabelecidas pelo caminho, para suprimentos e reparos. Os gregos não navegavam em alto-mar, mantendo-se sempre próximos à costa. Além disso, somente navegavam pela manhã, atracando a noite em terra firme para pernoitar e se alimentar, visto que o espaço para armazenar os suprimentos de água e alimento para a tripulação era muito escasso nos navios gregos. A navegação na Antiguidade era uma arte pautada na habilidade de interpretar fenômenos naturais. Baseada quase que exclusivamente nas particularidades geográficas do Mediterrâneo, as quais se tornaram inalteradas por toda a Antiguidade. Conhecimentos baseados na experiência, que passavam de geração em geração, primeiro oralmente,

de pontos de contatos em vários territórios, os *emporoi* gregos tornavam-se amigos-hóspedes das comunidades nativas que os acolhiam, consolidando alianças políticas com as chefias locais, a partir da criação de laços através de instituições tradicionais. As criações de tais laços de amizade-hospitalidade com as elites nativas, baseavam-se na oferta de presentes e, algumas vezes, nos casamentos⁴¹ entre mulheres das elites nativas e os *emporoi*.

Muitos desses casos de contatos pré-coloniais evoluíram, acarretando a formação de novos estabelecimentos, alguns até de longa duração. Massalia, por exemplo, fundada em 600 a.C. pelos focéus, encontrava-se em um local que comportava as principais características de uma *pólis* costeira – acrópole, pequena planície costeira e um porto protegido, como também, possuía muitas semelhanças com o território da sua Metrópole, a Focéia. Sanmartí-Grego⁴² fala de um “modo focéu de ocupação do território”, que seria do interesse daqueles na exploração dos recursos do mar e do comércio marítimo, voltado, sobretudo, ao estabelecimento em locais de fácil defesa e com bons portos. Dessa forma, haveria uma certa reprodução do espaço físico da Focéia.

Fruto da fundação de Massalia, no final do século VI a.C. e conforme já mencionado, o geógrafo grego Estrabão, na passagem 4.8 no livro III de sua *Geografia*, menciona os dois momentos da fundação de Emporion: 1º - o momento do assentamento em uma ilha próxima ao continente (que esse autor chama de *Palaia Polis*, “cidade antiga”); 2º - a expansão para o continente, onde os colonos se estabeleceram em um novo assentamento (denominada *Neapólis*⁴³ pelos arqueólogos). Os vestígios materiais encontrados nas ruínas de Ampúrias⁴⁴ confirmam a existência dos dois assentamentos emporitanos.

depois na forma dos famosos *periplói*, que podem ser comparados aos atuais livros de pilotos. Não sabemos se os primeiros viajantes gregos se beneficiaram de tais obras, mas é muito provável que tenham sido informados por outros que empreenderam as viagens antes deles. In: POMEY, Patrice. “Navigation and Ships in the Age of Greek colonization”. pp. 133 – 138.

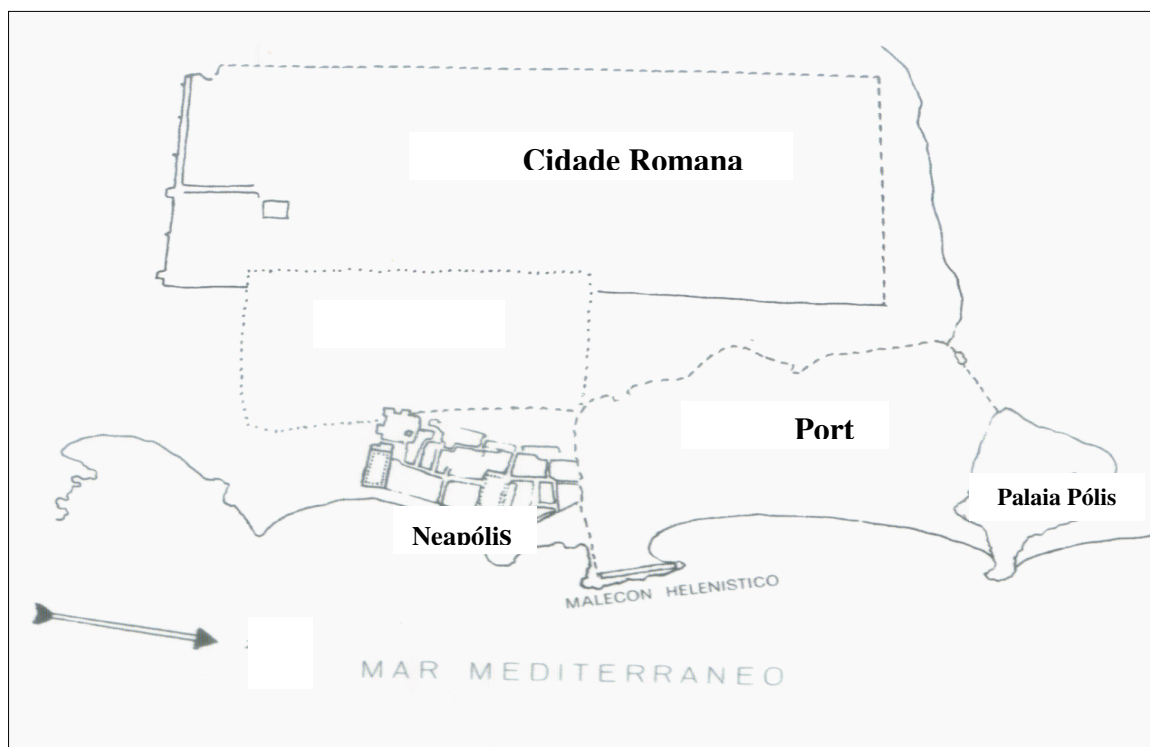
⁴¹ Ver VAN COMPEROLLE. “Femmes indigènes et colonisateurs”. In: MARCHEGAY, S. , LE DINAHET, M-T. et SALLES, J-F. (eds.) *Nécropoles et Povoir – Idéologies, Pratiques et Interprétations*. Paris: Diffusion de Boccard, 1998, pp.38-60.

⁴² SANMARTÍ_GREGO, E. “Novos datos sobre Emporion”. In: CHAVES TRISTÁN, F.(ed.) *Griegos en Occidente*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1992. p.174.

⁴³ Esta denominação foi elaborada pelo arqueólogo, e na época Diretor do Museu De Arqueologia de Empúrias, J. Puig i Cadafalch, em contraposição ao termo *Palaiapolis*.

⁴⁴ As ruínas de Empúrias é o nome, em catalão, dado ao complexo arqueológico onde se encontram reunidas: a *Palaia Polis*, no povoado de Sant Martí de Ampúrias; a *Neapolis* de Emporion; e a cidade romana de Emporiae.

Mapa 03: O assentamento de Ampúrias



Fonte: FERNÁNDEZ NIETO, Javier. “Los Griegos en España”. In: AAVV. *História de España Antigua I. Protohistória*. Madrid: Catedra, 1999. p.584.

Os primeiros anos de existência de Emporion foram o de um pequeno enclave comercial, ou mesmo de ponto de escala e apoio às navegações gregas que dirigiam-se a Gades (Cádiz)⁴⁵, no sudeste peninsular. Também conforme já mencionado, por sua função comercial, tal estabelecimento deveria contar com a proximidade do elemento nativo e a facilidade de convergência dos produtos aportados por estes.⁴⁶ Assim partimos do pressuposto que foram justamente as relações estabelecidas com os nativos, chamados pelas fontes antigas de indigetes⁴⁷, que favoreceram o desenvolvimento do estabelecimento de Emporion.

⁴⁵ Gades, atual Cádiz, no Sul da Espanha, foi fundada pelos fenícios em 1100 a.C.

⁴⁶ DOMIGUEZ MONEDERO, A. “Introducción al problema de la colonización griega en la Península Ibérica”. In: *Colonización Griega en Occidente*. Vol. II. Madrid: Tesis Doctorales de la Universidad Complutense de Madrid, 1989. p.1704.

⁴⁷ Estrabão. *Geografia*. III, 4, 8.

Com isso, pretendemos nos distanciar da idéia de que as relações entre os *emporoi* foceu-massaliotas e os nativos poderiam perpassar por um exemplo de relações entre Centro-Periferia. B. Cunliffe⁴⁸ aplicou o modelo de comércio centro-periferia à região do Mediterrâneo ocidental, considerando o Golfo de Lyon como o centro, e a costa da Ibéria, de Ampúrias a Huelva, sendo a interface, e o interior peninsular, a periferia. P. Cabrera⁴⁹ contesta as idéias deste autor, já que, em sua opinião a Catalunha, o Levante e o sudeste peninsular não desempenhavam um papel importante no sistema foceu, pelo menos durante a primeira metade do século VI a.C., já que durante este período, o Sudeste e o Levante peninsulares contavam com a existência de colônias fenício-púnicas em seus territórios.

O comércio inter-regional que acontecia em território peninsular durante os séculos VII e VI a.C. não apresentava uma delimitação em áreas restritas, não sendo estas zonas exclusivas da relação entre colonizadores/nativos locais, como podem confirmar os inúmeros enfrentamentos entre as sociedades mediterrâneas por áreas de influência⁵⁰. Além disso, não devemos esquecer de contar com a participação do elemento nativo, que não estava passivo no processo, e também circulava e realizava trocas comerciais em território peninsular. A própria existência de trocas comerciais não implica, necessariamente, que um parceiro comercial domine o outro⁵¹.

Tradicionalmente, foi atribuída ao estabelecimento de Emporion a disseminação das influências culturais gregas, a partir do comércio, implicando em um processo de aculturação, ou “helenização”, dos nativos peninsulares, acarretando no fenômeno da “iberização”. Assim, aliando tal premissa à colocação de B. Cunliffe⁵², a Península Ibérica faria parte de um sistema centro-periferia foceu-massaliota, que teve efeito estrutural no desenvolvimento sócio-econômico peninsular como uma periferia do sistema. Contudo, não concordamos com tal quadro.

⁴⁸ CUNLIFFE, B. *Greeks, Romans and Barbarians*. London: Bastford, 1998. P. 251-256.

⁴⁹ CABRERA, Paloma. “Greek Trade in Iberia: The Extent of Interaction”, *Oxford Journal of Archeology*, n.17 (2), 1998. p.191-206. p.196.

⁵⁰ *Idem*.

⁵¹ STEIN, Gil J. *Rethinking world-Systems*. Tucson: The university of Arizona Press:1991. p.23.

⁵² Ver nota 48.

Ao nosso ver, a fundação de colônia, assentamento estabelecido por uma sociedade no território de outra, não pressupõe controle territorial da população nativa local⁵³. Antes de tudo, “*a fundação de uma colônia é uma das formas de evidência mais fortes para a interação direta entre dois grupos... envolve o movimento tanto de produtos quanto de pessoas*”⁵⁴.

As colônias fundadas por motivos comerciais podem ser consideradas um tipo particular e territorializado de diáspora comercial⁵⁵: ambas compartilham o foco nas trocas comerciais e apresentam variedades nas formas de relacionamento tanto com suas comunidades anfitriãs, como com suas metrópoles. O conceito de diáspora comercial nos liberta da bagagem conceitual inerente ao emprego moderno do termo “colônia”, baseado na expansão européia ocorrida entre os séculos XVI e XIX, na qual todas as colônias dominavam suas comunidades anfitriãs. Assim, ao percebermos as colônias comerciais como diásporas comerciais, nos desvinculamos de modelos generalizantes e totalizantes, percebendo a variedade de relações que podem ser estabelecidas entre metrópoles, estrangeiros, e comunidades anfitriãs.

Para o caso de Emporion, o fato deste ser um pequeno entreposto, distante de sua metrópole, de dimensões restritas, tanto dimensionais quanto populacionais, totalmente sujeito às incursões nativas, quaisquer tentativas de domínio político pela força militar, por exemplo, seriam infrutíferas. Acreditamos que as interações tenham se processado por motivos de natureza comercial para os focu-massaliotas, o que implicaria na tentativa de uma política de coabitação pacífica com os nativos. Tentativa esta que foi frutífera, já que os nativos aceitaram a presença estrangeira em seu território. O que devemos nos interrogar, e que

⁵³ STEIN, Gil J. *Rethinking world-Systems*. Tucson: The university of Arizona Press:1991. p.71.

⁵⁴ *Idem*. pp.71-72.

⁵⁵ O conceito de “diáspora comercial” foi formulado por A. Cohen. Esta seria uma rede de comerciantes estrangeiros que poderiam viver rapidamente, ou por muitas gerações, no meio de uma sociedade estrangeira, chamada de “anfitriã”. Na maioria dos casos, os colonos que viviam nesses estabelecimentos vivam segregados fisicamente da população autóctone, e geralmente distinguem-se pelo idioma, religião, etnicidade ou raça. Apesar de tal atitude variar muito de acordo com a relação entre esses estabelecimentos e as suas sociedades anfitriãs, os estabelecimentos de tipo “diáspora-comercial” eram considerados como locais de quebra intercultural, na medida que colocavam duas sociedades diferenciadas em contato. Ver: COHEN, A. “Cultural Strategies in the Organization of Trade Diasporas” In: MEILLASOUX, C. *The Development of Indigenous Trade and Markets in West Africa*. London: Oxford University Press, 1971. pp. 266 – 281. Assim, há o contato de dois sistemas culturais diferenciados, em um mesmo espaço

também será um de nossos objetivos neste trabalho, é sobre quais seriam os possíveis motivos pelos quais estes nativos teriam aceitado a presença dos *foceu-massaliotas* em seu território.

Nossa percepção de contato entre sociedades de complexidades diferenciadas não parte do pressuposto que as sociedades reconhecidas como mais “simples” estejam passivas no processo de interação. Acreditamos que, uma situação de contato propicia uma relação bilateral, cujas repercussões se dão em ambas as partes envolvidas no processo.

Dentro de tal perspectiva, nos desvincularemos da perspectiva historiográfica tradicional que atribui a Emporion um papel de centro / redistribuidor para uma periferia / nativa peninsular. Partiremos do pressuposto que desde a sua implantação até a transferência para terra firme, foram as relações desenvolvidas com os nativos que moldaram a trajetória de Emporion. Ao nosso ver, a presença de indivíduos de tradição cultural grega não pressupõe a “helenização” dos nativos que vivam próximos a Emporion, como veremos adiante.

Além disso, procuraremos nos desvincular das perspectivas historiográficas que tratam o assentamento de Ullastret como uma área de influência do comércio emporitano, demonstrando que as relações desenvolvidas entre ambos os assentamentos estavam mais relacionadas a um tipo de acordo, interessante para ambas as partes, como se esses fossem estabelecimentos aliados, pelo menos durante o período do presente trabalho.

Já no centro urbano emporitano, houve outro tipo de interação entre os colonos helenos e alguns nativos, até porquê havia a necessidade de dar uma resposta a uma marcante presença nativa, criada tanto por ocasião do acirramento dos contatos comerciais, quanto pela provável situação de uma população composta de elementos que eram fruto de casamentos mistos, entre colonos e mulheres nativas. Assim, nossa hipótese principal versa sobre o fato de que foi através da interação com os nativos do Ampurdán que pôde ser constituída a *pólis* dos emporitanos, uma *pólis* mista, já que dependia das boas relações entre colonos *foceu-massaliotas* e nativos, apresentando momentos diferenciados no tocante a tais relações.

Assim, no Capítulo I, apresentaremos algumas características da colonização focéia no Ocidente, discutindo o conceito de *emporion* para o contexto do séc. VI a.C., momento que Emporion é fundado. Ao nosso ver, a natureza de *emporion* massaliota em terras peninsulares propiciou, desde os primeiros momentos de Emporion, um maior contato com os nativos locais. Característica esta, que determinou toda a trajetória deste estabelecimento.

Ainda, apresentaremos as fontes textuais que abordam fatos ou características de Emporion, para então compara-las às notícias fornecidas pelo estudo do espaço físico da colônia emporitana, bem como, com documentação epigráfica relevante para o tema pretendido. Uma breve discussão historiográfica sobre os pontos mais relevantes, também será realizada. Pretendemos, assim, apresentar a trajetória de Emporion, desde sua fundação até o século V a.C., sua relação com Massália, e com os nativos locais. Sendo esta última, objeto de muita discussão, na medida que não há uma unanimidade entre os pesquisadores sobre qual relação haveria entre os emporitanos e os nativos que foram sepultados nas necrópoles emporitanas. No entanto, não há dúvidas sobre a relação de Emporion com o assentamento nativo mais próximo, Ullastret.

Sendo assim, no Capítulo II, apresentaremos um breve panorama sobre como as fontes textuais, seguidas pela historiografia especializada, caracteriza os indigetes. Ainda, haverá uma discussão teórica sobre como os *empóroi* mantiveram contatos com Ullastret, baseando-nos nas evidências apresentadas pela cultura material, como as cerâmicas e a organização deste último assentamento. Para tanto, utilizaremos alguns conceitos sobre a relação entre comércio e colonização, consumo em sociedades tribais e contatos interétnicos.

Ao nosso ver, a compreensão da relação entre Emporion e Ullastret contribui para entendermos qual seria a relação de Emporion com o resto do Ampurdán, e mesmo, com os nativos que supostamente habitariam as proximidades da *ásty* emporitana.

No Capítulo III, voltaremos à *Neapólis*, a partir de uma análise das necrópoles emporitanas; documentação esta que, ao nosso ver, é o maior indício das interações entre as duas sociedades. Partiremos do pressuposto que um estudo do espaço funerário, pode nos proporcionar indícios de transformações, disputas, conflitos, complexidade social e hierarquização, em uma determinada época⁵⁶.

Assim, pretendemos apresentar nossa perspectiva dos contatos entre os colonos focu-massaliotas e os nativos locais, tentando nos desvincular de perspectivas que valorizem percepções unilaterais sobre os contatos entre gregos e nativos, em situações de

⁵⁶ TAINTER, J. R. "Mortuary practices and the study of prehistoric social systems". *Advances in Archaeological method and theory*, 1, 1978: 105-41. p. 109

“colonização”. Procuraremos tentar entender os dois lados do contato, os meios pelos quais se processaram, e o posicionamento de ambas as sociedades envolvidas no processo.

Capítulo 1

O que a documentação “fala” sobre Emporion

1.1) A Fundação de Emporion de Acordo com as Fontes Clássicas

Para Estrabão⁵⁷, Massalia seria uma *apoikia* fundada por *emporoi* foceus, cuja base econômica residia no comércio, principalmente devido à inadequação de seu território para a atividade agrícola. Emporion foi uma fundação massaliota no Golfo de Rosas, em 575 a.C., que teve duas etapas em sua fundação: a *Palaia Pólis* e um assentamento posterior, em terra firme⁵⁸.

Segundo a interpretação dada pelos arqueólogos que trabalham no sítio arqueológico de Ampúrias, a presença grega na *Palaia Pólis* limitou-se aos primeiros momentos do séc VI a.C., já que na metade desse século ocorreria a transferência para a *Neapólis*. Esta última, que recebeu o nome de Emporion. Tal transferência foi acarretada pelos seguintes motivos: 1) a invasão da Focéia pela Pérsia, que forçou um êxodo de população focéia para as colônias mais ocidentais; 2) o fortalecimento das relações dos foceu-massaliotas com as populações nativas mais próximas; 3) o fortalecimento comercial de Emporion.

Tal fato relacionado à dupla fundação de Emporion – instalação provisória em uma ilha ou zona de fácil defesa próxima à costa, seguida de estabelecimento de uma colônia nas proximidades – apresentou outros paralelos na história da colonização grega. Para citar alguns, na Itália Parténope e Neapolis, Silaris e Poseidônia; na Líbia, Platea e Cirene; e no Mar Negro, Beresan e Ólbia⁵⁹.

O primeiro estabelecimento, pequeno e afastado, tinha a missão de assegurar os contatos com o interior da região. Apenas quando tais contatos eram estabelecidos, que os

⁵⁷ *Geografia*. IV, 1, 5.

⁵⁸ Estrabão. *Geografia*, III, 4, 8.

⁵⁹ DOMIGUEZ MONEDERO, A. “Los griegos de Occidente y sus diferentes modos de contacto con las poblaciones indígenas. I. Los contactos en los momentos precoloniales (previos a la fundación de colonias, o en ausencia de las mismas)”. In: CABRERA BONET, P. (ed.) *Griegos y Iberos: Lecturas desde la diversidad*. *Huelva Arqueológica*, XII, 1990. pp.21-48.

colonos passavam a terra firme, ou adentravam um pouco mais o território para fundar definitivamente um novo estabelecimento, este de dimensões maiores. Caso contrário, o primeiro estabelecimento também era abandonado, mas os colonos partiam em busca de outras terras. Geralmente após a fundação do segundo assentamento, a sede original ficava reservada como centro de culto ou atuava como santuário da divindade protetora de uma metrópole⁶⁰. Talvez a *Palaia Pólis* tenha sido destinada a tal fim, já que Estrabão⁶¹ fala que o templo mais importante de Emporion foi o de Ártemis Efésia, cujo culto foi propagado pelos focos. Como na *Neapólis* emporitana, até o presente momento, não foi encontrado nenhum vestígio material da existência de tal santuário, é muito provável que os restos arquitetônicos⁶² encontrados em Sant Martín pertencessem ao dito lugar de culto.

A localização da *Palaia Pólis* também indica a facilidade com que se poderia defender a nova instalação frente a futuros ataques hostis das populações nativas. Ainda, há o fato de que aquela se localizava próxima à nascente de um rio, que além de ser utilizado como porto, providenciaria água potável para os habitantes do estabelecimento. Por último, essa fundação, ao Sul do golfo de Rosas, constituía-se em um local de excelente refúgio para os navegantes vindos do Norte, pelo Golfo de Lyon.

Nos primeiros momentos da *Palaia Pólis*, durante a primeira metade do século VI a.C., a presença de produtos gregos se limitava ao seu território, já que a contabilidade dos materiais gregos encontrados nos assentamentos do nordeste catalão nesse mesmo momento (quatro taças e três ânforas) espalhados por assentamentos como *Penya Del Moro*, *Mauss de Mussols*, *Les Massiens de S. Miquel*, ou *Alorda Park*⁶³, não são o bastante para confirmar a presença de atividade comercial. Tal perspectiva nos mostra que o raio de penetração do comércio grego nesse momento era quase nulo, além de demonstrar a fluidez dos contatos entre os focos-massaliotas e nativos que habitavam as regiões mais próximas a Emporion. Tal

⁶⁰ FERNÁNDEZ NIETO, F. J. “Economía de la colonización fenicia y griega en la Península Ibérica.” *Studia Historica. Historia Antigua*, 17, 1999. pp. 25-58.

⁶¹ *Geografia*, III, 4,8.

⁶² Tais restos arquitetônicos referem-se a um frizo, com decoração de um grifo, datado do século VI a.C., encontrado sob as fundações de uma igreja medieval.

⁶³ CABRERA BONET, P. “Emporion y el comercio griego arcaico en el NE de la Península Ibérica”. In: OLMOS, R & ROUILLARD, P. *Formes archaïques et arts ibériques*. Madrid: Casa de Velázquez, 1996. Collection de la Casa de Velázquez, n.59. pp.43-54. p.53.

situação, no entanto, mudará a partir da segunda metade do século VI a.C., conforme veremos no decorrer do presente trabalho.

Muitos pesquisadores questionam se as primeiras atividades comerciais gregas na área emporitana estariam vinculadas diretamente à focéia ou se, apenas relacionavam-se ao âmbito massaliota. De acordo com Dominguez Monedero⁶⁴, tal dicotomia seria artificial ao menos durante o amplo período de tempo no qual a cidade da Focéia, antes desta ter sido conquistada pelos persas, empreendia seu projeto colonial pelo Mediterrâneo Ocidental. O autor coloca que a grande presença de cerâmica massaliota no assentamento da *Palaia Pólis* (que foi o primeiro assentamento emporitano) pode ser vista como a criação de uma área de influência comercial de Massalia, onde Emporion integraria os âmbitos que eram de interesse desta e, indiretamente, da metrópole focéia.

Durante os séculos VI e V a.C. a *chora* massaliota era reduzida, mas sua exploração agrícola proporcionava vinho, azeite e cereais. No entanto, desde sua fundação foi o comércio o fator básico de seu desenvolvimento. As trocas comerciais com o Mediterrâneo Ocidental e com a Gália abrangeram todos aqueles que pudessem servir como intermediários. Desta maneira, Massalía desenvolveu, entre os séculos VI e IV a.C., uma rede de assentamentos que ocupava todo o sul da França e chegava, por um lado, à Itália, e por outro, à Espanha: Olbia, Atenopolis, Antipolis e Nicaia, na França; e Emporion e Rosas, na Espanha.

As fontes antigas falam desses assentamentos como *póleis*, *polichnia* ou *polísmata*. De acordo com Fernandez-Nieto⁶⁵, o emprego de tais denominações pelas fontes só poderia fazer referência a duas realidades: a primeira de que se tratava de uma colônia ou cidade dos massaliotas, ou seja, de um assentamento de cidadãos massaliotas; ou que tal cidade ou colônia estaria em posse jurídica dos massaliotas, dentro de um território de propriedade de Massalía. Ainda dentro da perspectiva do mesmo autor, a segunda possibilidade parece mais válida do que a primeira, já que seria mais provável que todo o território sob o controle de Massalía possuísse a mesma qualificação jurídica.

⁶⁴ DOMINGUEZ MONEDERO, A. “Los mecanismos del Emporion en la práctica comercial de los focéos y otros griegos del Este”. *Monografías Emporitanes*, 11, 2000. pp. 27-45. p. 28

⁶⁵ FERNÁNDEZ NIETO, Javier. “Los Griegos en España”. In: AAVV. *História de España Antigua I. Protohistória*. Madrid: Catedra, 1999. p. 564

Estrabão⁶⁶ menciona que Antipolis recebia os mandados de Massalía, e que esta era um território súdito (*hypékoos*). Quando este autor menciona o poderio de Massalía, costuma citar a expressão “*os massaliotas e todos seus hypékooi*”. Desta última, entende-se todas as tribos submetidas, assim como todos os estabelecimentos ligados à Massalía. A expressão grega *hypékoos* apresenta múltiplos significados, porém está sempre oposta à noção de autônomo, já que é sinônimo de *hypotelés*, que significa sujeito a taxas ou tributos. Do mesmo valor tem a expressão *hypò tois Massaliois*, ou sob o domínio dos Massaliotas, que foi empregada para definir a situação de Nicaia. Sobre esta última, Fernandez-Nieto⁶⁷ remeteu-se a uma inscrição da Época Imperial, que honrava uma personagem que ocupou, dentre alguns cargos públicos de Massalía, o posto de *episcopus Nicaensium* (Bispo de Nicaia)⁶⁸. De acordo com o autor, ainda que esta fosse uma inscrição tardia, o fato da utilização da denominação grega *epískopos*, mostra que esta se tratava de uma instituição antiga. Na opinião do autor, se em Nicaia existia um *epískopos* que procedia de Massalía, poderia significar que neste mesmo estabelecimento poderia também existir um magistrado massaliota, constituindo-se Nicaia uma comunidade dependente de Massalía.

A maioria das fontes textuais aponta para o fato de que Emporion foi uma criação massaliota, mas não há nada que mencione como os dois estabelecimentos se relacionavam, ao contrário do caso da relação Massalía-Nicaia, exposta anteriormente.

A referência mais antiga a Emporion que chegou até nós foi atribuída a Cílix de Carianda⁶⁹. Tal informação encontra-se na obra *Périplous.tés Thalasses*, que é uma compilação de diversos *peripolói* anteriores, datada do séc. IV a.C. :

*IBHPEΣ. Τη=φ Εν)ρω/πηφ ει)σι.: πρω=τοι ∇Ιβηρεφ, εΙβη
ρι(αφ ε+θνοφ, ξαι.: ποταμο.: φ ∇Ιβηρ [...], ειτα εΕμπο/ριο
ν, ει)σι.: δε.: ου/=τοι Μασσαλιωτω=ν α+ποικιοι. Παρω/πλ
ουφ τη=φ εΙβΞρι/αφ ε(πτα.: η(μηρω=ν και.: ε(πτα.: νυκτ
ω=ν. ∇*

⁶⁶ *Geografia*. IV, I, 5.

⁶⁷ FERNÁNDEZ NIETO. *Op. cit.* p. 565.

⁶⁸ O que é isso?

⁶⁹ Geógrafo grego que viveu entre o final do séc. VI a.C.

IBEROS. Na Europa em primeiro lugar há os iberos, povo da Iberia, e o rio Ibero [...], logo, Emporion, e estes são colonos de Massalia. A travessia marítima da Iberia é de sete dias e sete noites.”⁷⁰

No trecho acima há a idéia de que Emporion seria povoado por colonos (*apoikoi*) de Massalia, denotando uma certa relação de dependência entre os dois assentamentos. A menção feita a Emporion é breve, já que o autor estava mais preocupado em descrever as populações da Ibéria. A próxima menção a ser analisada, devemos a Cimno de Quíos, autor grego do final do século II e início do século I a.C., compilador do geógrafo grego Éforo (405 – 340 a.C.), que por sua vez utilizou muitos périplos e autores jônios mais antigos:

Ef., I, II. ∇ Τα=ν προ.: φ το.: Σαρδ%ον δε.: πε/λαγος κει με/νων οι)κου=σιν Λιβυφ?οι/νικεφ , ε)κ Καρξηδο/νοζ α)πο ικι/αι λαβο/ντεφ. ε)χρη=φ δ ω(ζ λο/γοζ Ταρτη/σσιοι κατε/ξουσιν. Ει=)τ ε) ∇ Ιβηρεζ οι(προσεξει=φ. ε)Επα/νω του/των δε.: κει=ηται τα=ν το/πων Βε/βρυκεφ , ε)/πειτα παραθαλα/τ τιοι κα/τω Λι/γυεφ ε)/ξοηται και.: πο/λειφ ε)Ελλησι/δεφ, α(/φ Μασσαλιω=ται Φωκαει=φ α)π%/κισαν, πρω/τη με.: ν ε)Εμπο/ριον , ε)Ρο/δη δε.: δευτε/ρα, ταυ/την δε.: πρι.: ν ναω=ν κρατου=ντεφ ε)/κτισαν ε)Ρο/διοι ?... ∇

Ef., I, II. Nas costas do mar Sardo habitam em primeiro lugar os Libifenícios, colonos Cartagineses; depois, segundo dizem, estão os Tartésios; a seu lado estão os Iberos. Mais acima dessas paragens estão os Beribraces. Mais abaixo, seguindo pelo mar, estão os ligures e as cidades Gregas, povoadas por Focúis de Massalia; a primeira é Emporion e a segunda Rode. Essa foi fundada pelos Ródios que já tiveram um grande poder naval.”⁷⁰

Tal fragmento possui relação com o fragmento anterior, já que também atribui o povoamento de Emporion aos colonos de Massalia, reiterando a informação de que estes são originários da Focéia (*Massaliotai phoocaeis apooikisan*). Ainda esse autor classifica Emporion e Rosas como *póleis helenides*, de uma forma genérica. Não há um intuito de

⁷⁰ Texto em grego, traduzido para o espanhol, encontrado em ALMAGRO BASCH, M. *Las fuentes escritas referentes a Ampurias*. Barcelona: Instituto de Pre historia Mediterránea y la Sección de Arqueología del Instituto Diego Velázquez, 1951.(Monografias Ampuritanas, I). p.26. A tradução do espanhol para o português é nossa.

determinar a situação política de Emporion, nem mesmo o tipo de relação que havia com Massalía, além do fato já mencionado de que foram os habitantes desta última, que fundaram Emporion.

As referências mais significativas a Emporion podem ser encontradas na obra *Geografia*, do geógrafo grego Estrabão⁷¹, escrita no século I a.C. Apesar de estarem contidas em um breve relato, trazem informações vitais sobre a história do estabelecimento. Estrabão⁷² definia Emporion como *Massalieron ktísma*, ou seja, fundação massaliota (outro fragmento que atribui a Massalía a criação de Emporion). O termo *ktísma* também aparece na obra *Ethnica*, escrita pelo geógrafo greco-bizantino Estevão de Bizâncio, que viveu no século IV d.C.⁷³:

“*Ἐμποριον, πολιφ Κελτικη/, κτι/σμα Μασσαλιωτω=ν.✓*”

“*Emporion, cidade céltica, fundação dos massaliotas.*”

De acordo com P. Rouillard⁷⁴, o termo *ktísma* seria utilizado para indicar a origem dos habitantes do estabelecimento, não implicando em nenhum termo de determinação de categoria política do local. Por exemplo, em uma passagem sobre Cartago Nova, Estrabão⁷⁵ a nomeia *ktísma Asdrúbal*, ou seja, “fundada ou criada por Asdrúbal”.

Há uma referência à organização política de Emporion, quando Estrabão a caracteriza como *dipolis*; assim caracterizada, por estar dividida em duas *póleis*, separando por uma muralha os focu-massaliotas dos nativos locais, que este autor, por sua vez, nomeia de indigetes:

⁷¹ Texto em grego, traduzido para o espanhol, encontrado em ALMAGRO BASCH, M. *Las fuentes escritas referentes a Ampurias*. Barcelona: Instituto de Pre historia Mediterránea y la Sección de Arqueología del Instituto Diego Velázquez, 1951.(Monografias Ampuritanas, I). p.77. A tradução do espanhol para o português é nossa.

⁷² *Geografia*, III, 4,8.

⁷³ Texto em grego, traduzido para o espanhol, encontrado em ALMAGRO BASCH, M. *Las fuentes escritas referentes a Ampurias*. Barcelona: Instituto de Pre historia Mediterránea y la Sección de Arqueología del Instituto Diego Velázquez, 1951.(Monografias Ampuritanas, I). p.92. A tradução do espanhol para o português é nossa.

⁷⁴ ROUILLARD, P. “L’Emporion chez Strabon.” In: BRESSON, A . et ROILLARD, P. (org.) *L’Emporion*. Paris: Diffusion De Boccard, Publications du Centre Pierre Paris 26(URA991), 1993. pp. 35-46. p.42.

⁷⁵ *Geografia*, III, 4, 6.

“...[Emporion] Δι/πολιφ δ/ε)στι.: τει/ξει διωρισμε/νη, προ/ -τερον ...”

“... [Emporion] A cidade forma uma cidade dupla, dividida por um muro,...”

Estrabão completa a passagem ressaltando que, quando as comunidades grega e indigete se uniram, viviam sob uma *políteuma mikton*, mistura de normas gregas e bárbaras. Retomando a discussão levantada por Fernandez-Nieto⁷⁶, este não acredita que tal termo utilizado por Estrabão implicasse uma autonomia de Emporion, que levasse à constituição de uma constituição estatal própria, mas sim a existência em sua época de duas comunidades políticas que não excluiriam o estatuto de Emporion como aliada ou submetida, da mesma forma que as demais colônias massaliotas. Dominguez-Monedero⁷⁷ contesta a colocação de Fernandez-Nieto, afirmando que tal idéia de submissão de Emporion à Massalía poderia até ter ocorrido, mas não nos moldes de Nicaia, por exemplo. Tal fato pode ter ocorrido no Período Arcaico (séculos VII – VI a.C.), quando a comunidade política ainda não havia se constituído; mas já no Período Helenístico (séculos III – II a.C.), tal comunidade política já estaria integrada em um sistema mais amplo.

Outras referências sobre Emporion são encontradas na obra *História de Roma*, de Tito Lívio⁷⁸:

“... et deinde Pyrenaei circumvectus promunturium Emporiis, urbe Graeca – oriundi et ipsi a Phocaea sunt – copias exposuit...”

⁷⁶ FERNÁNDEZ NIETO. *op. cit.* p. 566.

⁷⁷ DOMINGUEZ, A.J. "La ciudad griega de Emporion y su organización política". *AEA*, 59, 1986. p.5.

⁷⁸ Texto em latim, traduzido para o espanhol, encontrado em ALMAGRO BASCH, M. *Las fuentes escritas referentes a Ampurias*. Barcelona: Instituto de Pre historia Mediterránea y la Sección de Arqueología del Instituto Diego Velázquez, 1951.(Monografias Ampuritanas, I). p.88. A tradução do espanhol para o português é nossa.

“... dobrou o promontório dos Pirineus e desembarcou suas tropas em Emporion, cidade grega, habitada por descendentes da Focéia...”

No excerto acima, o autor classifica Emporion como uma *urbe Graeca*, ou seja, uma cidade grega, *oriundi et ipsi a Phocaea sunt*, de origem e habitada por descendentes de foceus. Neste fragmento não há a vinculação da criação desta cidade pelos massaliotas. Tal informação, no entanto, é apresentada em outra passagem da mesma obra:

“Iam tunc Emporiae duo oppida erant muro divisa. Unum Graeci habebant, a Phocaea, unde Massilienses, oriundi,..”

“... Habitavam em uma os gregos, originários da Focéia, como os massaliotas...”

O fragmento acima também apresenta a população emporitana como descendentes de Massalía. No entanto, nada menciona sobre a relação entre os dois estabelecimentos. Na mesma passagem, porém, encontraremos outros dados que, apesar de não esclarecerem sobre a relação de dependência ou não de Emporion em relação à Massalía, apresentam algo sobre a organização política de Emporion:

“ ... Tertium genus Romani coloni ab divo Caesare post devictos Pompei líberos, adiecti. Nunc in corpus unum confusi omnes Hispanis prius, postremo et Graecis in civitatem Romanam adsciti...”

“...Emporiae recebeu, ademais, uma colônia romana, que o divino César estabeleceu depois de vencer aos filhos de Pompeio. Estes três povos se confundem hoje em dia em um só. Primeiro os hispanos, depois os gregos, chegaram a ser cidadãos romanos...”

Em primeiro lugar, devemos esclarecer a menção do termo *Emporiae*, utilizado por Lívio para nomear a cidade.

Em 218 a.C., tropas romanas sob o comando de Cneo Cornélio Cipião desembarcaram no porto de Emporion para fazer frente ao expansionismo cartaginês na Península Ibérica. A partir de então Emporion seria a porta de entrada para a romanização peninsular. Desde 197 a.C., quando as tropas comandadas por Catão desembarcam em Emporion, os romanos construíram um acampamento militar permanente junto a *Neapólis*, demonstrando interesse em controlar definitivamente essas terras, até porque, o domínio político, militar e econômico sobre o território circundante, asseguraria a manutenção das rotas comerciais entre a Itália e a Península Ibérica, sobre as quais os foceu-massaliotas desfrutavam de posição privilegiada. Esse estabelecimento constituiria, mais tarde, a base para a construção de uma nova cidade. Tal acampamento militar tornou Emporion um tipo de cidade federada romana, formalmente autônoma, mas com algum tipo de pacto de ajuda militar aos romanos, ou de permissão para que as tropas destes se assentassem em seu território⁷⁹.

A criação de uma nova cidade, no começo do século I a.C. comportou, precisamente, o desmantelamento de grande parte desse acampamento, acarretando uma efetiva romanização desta área⁸⁰. Nesse contexto, há a criação, junto a *Neapólis*, de uma cidade de planta nova, configurada de acordo com as linhas que até então caracterizavam as fundações urbanas impulsionadas por Roma na Península Itálica. A partir desse momento a Emporion grega, que englobaria tanto a *Palaia Pólis* quanto a *Neapólis*, sobreviveria apenas como um bairro portuário, favorecido pela vitalidade do comércio itálico no Mediterrâneo Ocidental.

Na metade do século I a.C., a partir do testemunho de Tito Lívio, temos notícia do assentamento na cidade, por parte de Júlio César, de um contingente de soldados veteranos, licenciados do exército e que havia combatido contra as tropas rebeldes comandadas pelos filhos de Pompeu, derrotadas na batalha de Munda em 45 a.C. Este feito foi a origem de uma série de transformações fundamentais que pouco tempo depois se cristalizariam em uma nova realidade jurídico-política: a criação do *municipium* Emporiae e o direito de cidadania romana aos seus habitantes. Com essa nova condição, a cidade se integra dentro de uma nova política de reorganização do território provincial, terminada em grande parte durante o principado de Augusto (27 a.C. – 14 d.C.). Destarte, há a união de dois núcleos então diferenciados: o antigo

⁷⁹ MANGA MANJARRÉS, J. *Aldeia e ciudad en la Antigüedad hispánica*. Madrid: Alianza, 1996. p.35.

⁸⁰ AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J. *Guías del Museu d'Arqueologia de Catalunya*. Barcelona: Museu de Arqueologia de Catalunya, 2000. pp.64-74

estabelecimento grego, que agora perde sua relativa independência enquanto cidade federada; e a cidade romana criada alguns decênios antes.

No momento em que Tito Lívio escreve, já existe o *municipium* Emporiae, por isso ele não usa o nome grego, Emporion. Na época em que o *municipium* Emporiae é formalizado, aparecem as moedas com a legenda “EMPORIAE”, desaparecendo as anteriores (referentes ao século III a.C.) de legenda “UNDISCECEN” e “EMPORITON”, o que talvez indicaria a “oficialização” do nome Emporiae para a época cesariana. Conseqüentemente, o uso de tal nome para retratar uma época posterior foi um anacronismo de Lívio.

Aliás, as menções à realidade política emporitana que nos interessam não versam sobre a presença romana na região, mas sim sobre a presença grega. E apesar do fragmento trabalhado ser referente ao momento do desembarque de M. Pórcio Catão, censor romano, em Emporion (197 a.C.), há nesta passagem diferentes planos temporais. No entanto, para o presente trabalho, utilizaremos o plano temporal que ressaltava a situação de Emporion antes do desembarque de Catão:

“...Partem muri versam in agros egregie munitam habebant, una tantum in eam regionem porta imposita, cuius adsiduus custos sempler aliquis ex magistratibus erat. Nocte pars tertia civium in muris excubabat; neque moris causa tantum aut legis, sed quanta si hostis ad portas esset et servabant vigílias et circumibant cura...”

“...A disciplina era a salvaguarda de sua debilidade, pois o temor, entre outras coisas, a mantinha muito bem. A parte da muralha que dava a terra firme estava bem fortificada e somente tinha uma porta; um magistrado guardava aquela entrada, sem poder abandonar seu posto nem um só momento. Durante a noite, um terço dos cidadãos vigiavam as muralhas; e nem por costume e nem por respeito à lei, deixava de se valer de sentinelas, sendo que vigilavam com tanto cuidado como se o inimigo estivesse às portas...”

Da passagem de Lívio, deduz-se a existência de um *magistratis* e a existência de *cives*, cidadãos que constituíam o *demos*. Há outras evidências escritas sobre palavras bem próximas ao termo *demos*, para o caso emporitano. Por exemplo, o termo ΔHM , que pode ser uma abreviação de *demosion* ou *demosia*, encontrado em alguns fragmentos de ladrilho, ou mesmo

tijolo, encontrados na área da *Neapólis*⁸¹. De acordo com A.Balil⁸² tais objetos pertenciam a uma fábrica de ladrilhos que pertenceria ao aparelho estatal emporitano.

Há uma menção ao termo *Εμπορι/ται*, referindo-se aos habitantes de Emporion, em uma carta comercial escrita em chumbo, encontrada em Ampúrias, datada do período entre o final do século VI e início do século V a.C. O emprego de tal termo, ao nosso ver, também apoiaria o fato de que Emporion, na virada do século V a.C., já existiria como comunidade autônoma de Massalía.

Voltemos, então, à questão do caráter de *pólis* de Emporion, levantada quando mencionamos o texto de Estrabão.

Para Aristóteles⁸³, uma *pólis* era “*um conjunto de cidadãos o suficiente, para viver em autarquia*”. Em Emporion, existiam cidadãos, desta forma existia uma estrutura política, e até uma autarquia possível. Seria, assim, Emporion uma *pólis*? Em caso afirmativo, sua condição de *pólis* atestaria sua independência de Massalía; ou Emporion poderia ser uma *pólis*, e ao mesmo tempo ser dependente de Massalía? Qual o tipo de relação entre Emporion e Massalía: política, econômica ou ambas? Apenas as fontes escritas são capazes de nos responder tais questões?

A passagem de Lívio menciona um magistrado que vigiava permanentemente o único portão da muralha, o qual dividia os recintos grego e nativo. Daí podemos dizer que havia um magistrado cuja função básica era defender e controlar o acesso à cidade. Este poderia ter alguma outra atividade, como por exemplo, de supervisão de estruturas ou edifícios públicos, se levarmos em conta que nas cidades pequenas era “*inevitável que muitos cargos sejam reunidos em uma só mão*”⁸⁴, a qual, evidentemente, não está se referindo à inexistência de outros magistrados, dada a complexidade da estrutura de governo indispensável para uma *pólis*⁸⁵. O magistrado era um funcionário público, o que implica na necessidade de uma organização burocrática em Emporion. Porém, ainda nos impossibilita saber sobre qual seria o regime de governo emporitano, pois sabemos que no mundo grego a possibilidade de

⁸¹ ALMAGO, M. *Las inscripciones ampuritanas griegas, ibéricas y latinas*. Barcelona:1952. pp.46-47.

⁸² BALIL, A. “Uma empresa monopolista em Emporion: la fabricación de ladrillos.” *VII CNA*, Barcelone 1960, pp.46-47.

⁸³ *Política*, III, 1; 1275b, 20-21.

⁸⁴ Aristóteles. *Política*, IV, 12, 1299 b, 1-4.

⁸⁵ Aristóteles. *Política*, VI, 5; 1321 b- 1323 a.

elegibilidade dos cargos públicos não estava tão ligado a um tipo ou outro de governo. Atualmente, os cargos elegíveis têm que ver com Estados que vivem em regimes democráticos, o que não era uma realidade para a Antiguidade grega.

Também foi mencionado que um terço dos cidadãos era encarregado da segurança noturna da cidade, não fazendo nenhuma alusão a um exército profissional. A *Neapólis* emporitana tinha uma superfície de 3,6 Ha. Ou seja, tinha dimensões reduzidas, logo um número baixo de cidadãos. Também já falamos do caráter comercial desse estabelecimento. Deste modo, relacionando tais informações ao fragmento de Lívio, podemos deduzir que, talvez, o sistema de segurança emporitano dependesse dos mesmos cidadãos que desempenhavam as atividades comerciais. Além disso, retomando a questão das magistraturas em Emporion, fica pendente o real conhecimento sobre a organização política desse estabelecimento. Para o caso de Massália, por exemplo, Estrabão⁸⁶ fala detalhadamente sobre como estava organizado o seu governo oligárquico, com o poder nas mãos de 600 indivíduos, chamados *timouchói*, pertencentes ao grupo mais importante da cidade. Tal nome aparece em outras cidades gregas como Lebedos, Mileto, Erythrai, Thasos, Sínope, Naukratis⁸⁷, etc. Ainda que em cada uma delas tal termo possa ter um significado distinto. Os *timouchói* teriam a *timé* ou honra, além de serem, ou pelo menos se proclamarem, os descendentes dos fundadores da colônia. Evidentemente, até pelo número reduzido de cidadãos, não havia a menor possibilidade de Emporion seguir o quadro massaliota. Além disso, sabemos que para o contexto trabalhado, o comércio não era uma função nobre, e que geralmente, enquanto que atividades políticas eram as mais nobres, desempenhadas por uma aristocracia. O caso de Massália não era exceção. E quanto a Emporion? Uma cidade de tamanho reduzido, de caráter comercial e com poucos cidadãos – que deveriam desempenhar tanto as funções públicas quanto as militares. Lívio menciona que as obrigações de segurança eram desempenhadas tanto pelo costume, quanto pela lei, o que nos faz supor a possibilidade de haver um tipo de leis normativas em Emporion, embora nada tenha chegado até nós. Desta forma, levantaremos mais uma questão: a simples menção a existência de uma lei significaria ou não a independência emporitana de Massália?

⁸⁶ *Geografia*, IV, 1, 5.

⁸⁷ L. Robert, “Notes de épigraphie hellénistique”, BCH, LII, 1928, pp. 165-168.

Em Justino⁸⁸ consta o fato de que havia uma tradição em Massália, na qual se tomavam medidas que consistiam em fechar as portas nos dias de festa, fazer patrulha durante a noite, colocar sentinelas nas muralhas, submeter à inspeção os estrangeiros e vigiar tudo, mantendo a cidade em estado de guerra. Assim, vemos que o costume de deixar a cidade em estado de alerta era praticado em Massália também.

E se Emporion tivesse uma constituição própria, quem desempenharia as principais funções públicas? Haveria uma aristocracia em Emporion, ou os próprios cidadãos-comerciantes controlariam o governo da cidade? Na opinião de Dominguez-Monedero⁸⁹, Emporion apresentava um sistema democrático baseado no governo dos cidadãos, sujeitos à lei, que se regulava por meio de magistrados. Estes participariam, pelo simples fato de serem cidadãos, nos trabalhos defensivos, sem haver uma excessiva profissionalização tanto política quanto militar. Este autor caracterizou Emporion como uma “democracia das classes médias”, que obtinham seus recursos fundamentalmente da atividade comercial, baseando-se tanto em uma análise das fontes escritas, como em vestígios materiais: o tamanho reduzido e a simplicidade da rede urbana emporitana, além de uma análise dos enterramentos emporitanos, que segundo a sua visão não pareciam demonstrar grandes indícios de diferenciação social. Da mesma forma que o autor, também nos utilizaremos um estudo da organização do assentamento emporitano e de suas necrópoles, para tentarmos resolver as questões propostas. No entanto, não apostamos nas mesmas conclusões deste.

A própria questão da cidadania emporitana – pelo menos para o período pré-romano – é problemática, já que nos faz refletir sobre quem seria cidadão em um estabelecimento constantemente visitado por indivíduos de todas as partes do mundo grego, sem mencionarmos o fato da discussão historiográfica sobre a presença de nativos no perímetro amuralhado da cidade.

Retomaremos, assim, a questão da *dípolis* mencionada em Estrabão⁹⁰. Lívio também caracteriza Emporion como uma cidade dupla, onde os gregos eram separados dos nativos por uma muralha, sendo o recinto nativo bem maior que o grego:

⁸⁸ XLIII, 4.

⁸⁹ DOMINGUEZ, A.J. "La ciudad griega de Emporion y su organización política". AEA, 59, 1986. p.11.

⁹⁰ *Geografía*, III, 4, 8.

“Iam tunc Emporiae duo oppida erant muro divisa. Unum Graeci habebant, a Phocaea, unde Massilienses, oriundi, alterum Hispani. Sed Graecum oppidum in maré expositum totum orbem muri minus quadringentos passus patentem habebat, Hispanis retractior a mari trium milium passuum in circuito murus erat...”

“... Naquela época Emporiae se compunha de duas cidades separadas por uma muralha. Habitavam em uma os gregos, originários da Focéia, como os massalios; na outra, os hispanos. Porém a cidade grega, que se estendia até o mar, estava envolta por uma muralha circular de menos de 400 passos; a cidade hispana, mais afastada da praia, estava rodeada por uma muralha de 3.000 passos...”

Outro autor que caracteriza Emporion⁹¹ como uma cidade dupla é Plínio, o Antigo, em sua *História Natural*⁹²:

“... Emporiae, geminum hoc veterum incolarum et Graecorum, qui Phocaesium fuere soboles...”

“... Emporiae, esta geminada com os antigos nativos e com os gregos, que descendem dos foces...”

Conforme as informações acima, verificamos que apesar da maioria dos autores apontarem para Emporion como um lugar de caráter duplo, devido à coabitação entre colonos e nativos, apenas Tito Lívio e Estrabão pormenorizam os detalhes das relações entre as duas sociedades.

Um primeiro olhar em ambos os fragmentos indica contradição entre o discurso dos autores. Enquanto Estrabão fala de um tipo de interação que levaria a uma integração, ou a um “sinecismo”, de uma maneira pacífica. Tito Lívio aponta para uma situação de desconfiança mútua, onde as duas sociedades ocupavam espaços bem demarcados. Este último justificou a

⁹¹ Plínio também utilizou o termo Emporiae, como Tito Lívio. Apesar da denominação Emporiae ser legítima para a época na qual a *História Natural* foi escrita, século I d.C., Plínio, como Tito Lívio, também equivocou-se ao empregar Emporiae, já que, referia-se a realidade anterior à chegada dos romanos. Assim como Estrabão, Plínio não mencionou a presença romana no local, apesar de ter utilizado a denominação romana.

⁹² Texto em latim, traduzido para o espanhol, encontrado em ALMAGRO BASCH, M. *Las fuentes escritas referentes a Ampurias*. Barcelona: Instituto de Pre historia Mediterránea y la Sección de Arqueología del Instituto Diego Velázquez, 1951.(Monografias Ampuritanas, I). p.88. A tradução do espanhol para o português é nossa.

convivência entre gregos e nativos devido aos interesses comerciais, fazendo com que as duas sociedades convivessem, mas em um clima de desconfiança mútua.

Lívio escreveu sobre um contexto em que havia muitas insurreições de nativos em âmbito peninsular, o que pode ter relação com o fato de, à época, ter ocorrido uma coabitação menos amistosa entre gregos e nativos. Além disso, concordamos com Dominguez-Monedero⁹³, segundo o qual em uma situação de hostilidade permanente, é concebível a existência de relações comerciais. No entanto, como este mesmo autor comenta, em uma situação de guerra declarada, a existência das atividades comerciais torna-se mais difícil.

Não temos certeza se a descrição de Tito Lívio está correta, mas sabemos que a *Neapólis* estava cercada por uma muralha bem fortificada, que sofreu alterações para melhorar o sistema de segurança. Tal fato já denunciou a necessidade de proteção em um território hostil. Afinal de contas, a Península Ibérica, na Antigüidade, caracterizava-se por um território ocupado por uma variada gama de populações, que lutavam constantemente entre si, apesar de ser um local de intensa atividade comercial. No entanto, não havia a impossibilidade de pequenas alianças locais, até para a sobrevivência dessas populações. Assim, para podermos realmente verificar o tipo de relação entre gregos e nativos em território emporitano, necessitamos conhecer um pouco mais dos costumes, a organização e os sistemas de aliança das tribos que viviam em território próximo.

Para a defesa contra os nativos locais, Lívio menciona uma muralha que isolava os gregos dos nativos. Tal muralha teria dois portões, um voltado para o interior, e outro para o *oppidum* nativo. Estrabão também menciona uma muralha, que dividiria Emporion em dois recintos. Entretanto, as escavações arqueológicas⁹⁴ realizadas na *Neapólis*, não comprovaram nenhum indício de muralha interna dividindo recintos, além de só ter sido constatada a existência de um único portão de entrada, no setor sul do assentamento.

⁹³ DOMINGUEZ, A.J. "La ciudad griega de Emporion y su organización política". AEA, 59, 1986. p.05.

⁹⁴ AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J. *Guías del Museu d'Arqueologia de Catalunya*. Barcelona: Museu de Arqueologia de Catalunya, 2000. p.30-34.

No relato de Estrabão, no entanto, há um momento no qual o muro foi derrubado, criando uma situação de “sinecismo⁹⁵” entre as duas comunidades que habitavam Emporion. Lívio também menciona algo parecido, no tocante a união em um só corpo cívico entre nativos, gregos e romanos. No entanto, o último estava claramente se referindo o decreto de César, no século I a.C., que estabeleceu a criação do *municipium* Emporiae. De acordo com Mangas Manjarrés⁹⁶, um *municipium* romano seria uma fundação nova, que admitia contingentes de cidadãos romanos, que se organizavam espacialmente a semelhança de Roma, porém, criada a partir de uma cidade nativa local, e com contingentes de população também majoritariamente nativos. No momento da criação do *municipium* Emporiae, apenas os nativos e os cidadãos romanos habitavam a cidade romana. Os gregos ainda permaneceram na *Neapólis* por um tempo, até um gradual abandono desta⁹⁷.

Voltando ao “sinecismo” emporitano, descrito por Estrabão, só poderemos ter uma idéia de como este poderia ter ocorrido, e se ocorreu, a partir de uma análise sobre como seriam as relações entre foceu-massaliotas e indigetes na região próxima a Emporion. Haveria realmente uma comunidade nativa tão próxima a Emporion, a ponto de ocorrer um processo de fusão entre foceu-massaliotas e indigetes em uma mesma entidade política?

Para responder ao impasse criado pelas fontes escritas, recorreremos ao suporte dado por outra natureza de documentação, as informações advindas a partir da interpretação da cultura material referente a Emporion.

1.2) O Sítio Arqueológico de Ampúrias

O assentamento de Emporion constitui parte do sítio arqueológico conhecido por Ruínas de Ampúrias, que se localiza no sul do município de l'Escala, na região nordeste da Catalunha, ao sul do Golfo de Rosas. Este é o único assentamento arqueológico da Península

⁹⁵ *Synoikía* significa, em grego, vida em comum; *synoikos* tem o sentido do que coabita, inseparável. Quando falamos em sinecismo, referimo-nos a um processo social consciente que resulta em uma nova forma de se viver juntos, portanto, de um ato político coletivo.

⁹⁶ MANJARRÉS, J. M. *Aldea y Ciudad en La Antigüedad hispana*. Madrid: Arco Libros, 1996. p.35.

⁹⁷ AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J. *Ampurias. Guías del Museu d'Arqueologia de Catalunya*. Barcelona: Museu de Arqueologia de Catalunya, 2000. p.

Ibérica onde se combinam os vestígios materiais de diversos núcleos de habitação, nem sempre coetâneos.

A topografia antiga aponta para este setor costeiro como uma área de restingas e zonas pantanosas, inundadas durante a maior parte do ano, que mais tarde foram abarrotadas por sedimentos trazidos pelos rios Muga, Fluviá e Ter. Nesse território inundado, elevavam-se diversas colinas, sobre as quais se assentaram os diferentes núcleos de população de Ampúrias.

Geologicamente são as aflorações mais setentrionais do maciço calcário de Montgrí que determinam uma grande plataforma onde se fundaram as cidades grega e romana de Emporion. Esta estava delimitada ao sul pelo antigo leito do rio Ter, e a oeste, pela colina de Les Corts. Ao norte existia um afloramento rochoso, que antigamente apenas estava unido a costa por um estreito istmo, configurando uma pequena ilha. Esta foi o local escolhido pelos *emporoi* focu-massaliotas para estabelecer a *Palaia Pólis*, onde atualmente se encontra o povoado de Sant Martí de Ampúrias. A pequena baía natural entre a costa e a ilhota constituía-se no principal porto da cidade. Mas ao norte se encontrava a antiga foz do rio Fluviá.

O assentamento de Ampúrias⁹⁸ abarca diferentes núcleos do conjunto arqueológico:

- a) Sant Martí de Ampúrias: Pequeno promontório onde foi instalado o primeiro enclave grego de Emporion, a *Palaia Pólis*, durante a primeira metade do século VI a.C., sobre os restos de um povoado nativo anterior cujas origens remontam ao Período do Bronze Final (séculos IX – VIII a.C.). Este foi o único núcleo emporitano que teve ocupação contínua, já que posteriormente

⁹⁸ As incursões arqueológicas em Emporion iniciaram-se em 1908, após a compra de uma parte dos terrenos pela *Junta de Museos de Barcelona*, que iniciou a exploração sistemática dos restos conservados no subsolo dos setores da *Neapólis* e da cidade romana, de acordo com o projeto dirigido pelo arquiteto Josep Puig i Cadafalch, e posto em prática por Emilio Gandia. A investigação tem continuado de maneira interrompida até os dias atuais, com exceção do parêntese motivado pela Guerra Civil Espanhola, iniciada a partir de 1936.

O assentamento arqueológico de Ampúrias e seu museu monográfico formam parte, desde o ano de 1995, do Museu de Arqueologia da Catalunha (MAC), um museu nacional criado pela lei de Museus 17/1990 do Parlamento da Catalunha. Segundo esta Lei, são considerados museus nacionais aqueles que mostram uma visão global da Catalunha em suas diferenças culturais e que estendem seus serviços a todo o país. Os objetivos do MAC são os de mostrar permanentemente os vestígios, fundamentalmente de caráter arqueológico, que, desde a aparição do homem, ilustram a evolução cultural do entorno catalão.

O Museu de Arqueologia da Catalunha está formado atualmente pelos museus arqueológicos de Barcelona e de Girona, pelos assentamentos e museus monográficos de Ampúrias, Olèrdola e Ullastret, assim como pelo Centro de Arqueologia Subaquática da Catalunha, com sede em Girona. O MAC é uma entidade autônoma do Departamento de Cultura da *Generalitat* da Catalunha.

foi núcleo da cidade tardo-romana de Ampúrias, sede episcopal da Época Visigoda, e capital do condado medieval de Ampúrias, dando origem, no século XVI, ao povoado de l'Escala.

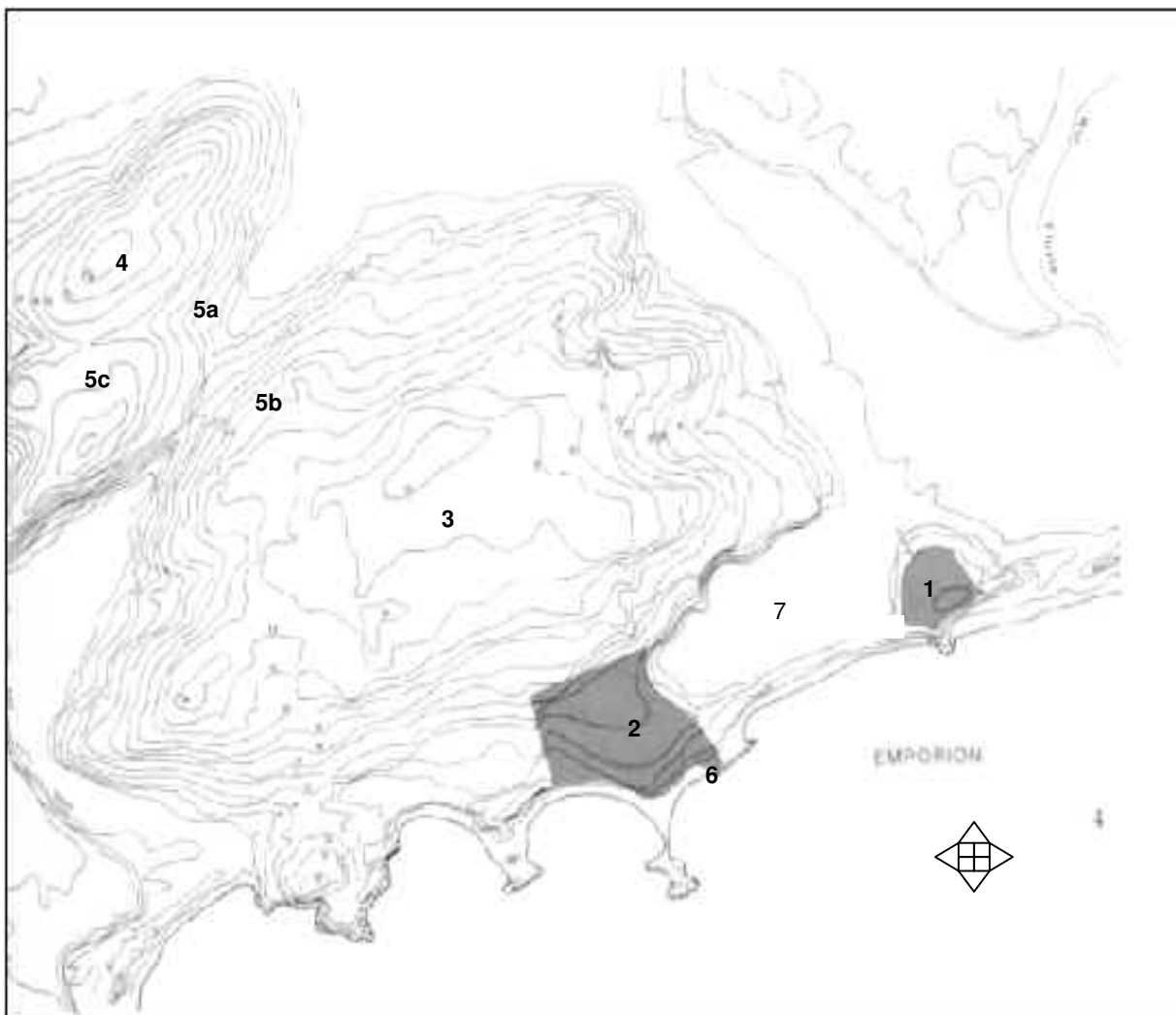
- b) A *Neapólis*⁹⁹: Setor da cidade grega de Emporion estabelecido em terra firme, ao sul do antigo porto. Teve extensão máxima de 4ha. A maioria das estruturas atualmente visíveis pertence aos séculos II e I a.C. As fases prévias são menos conhecidas, impossibilitando a circulação de dados suficientes sobre o seu urbanismo.
- c) A cidade romana: Situada na parte mais elevada da colina de Ampúrias. Foi fundada no começo do século I a.C. sobre os restos de um acampamento militar romano anterior, instalado após o levante nativo de 197 a.C. atualmente conhecem-se as características principais de seu traçado urbanístico, embora a maior parte dessa cidade ainda esteja por escavar. Sua superfície seria em torno de 22,5 Ha.
- d) O antigo porto e o espigão helenístico: Entre a *Palaia Pólis* e a *Neapólis* encontrava-se o antigo porto natural da cidade. Atualmente, essa antiga enseada se encontra completamente aterrada, formando parte da costa, e unicamente são visíveis os restos de um espigão, construído na época romano-republicana (séculos II e I a.C.). Na zona de Riels - La Clota, ao sul do município de l'Escala, observam-se também restos de estruturas portuárias relacionadas a antiga Emporion.
- e) As áreas suburbanas e as zonas das necrópoles: Exterior aos recintos urbanos, na colina de Ampúrias há a existência de diversas necrópoles gregas, nativas, romanas e tardo-romanas. Na zona do estacionamento, ao sul da *Neapólis*, podemos ver os restos de uma “feitoria” industrial do tipo metalúrgico. As escavações realizadas neste setor estiveram motivadas pelas tentativas de encontrar, com resultados infrutíferos, a cidade de Indika, a

⁹⁹ O termo *Neapólis*, para designar o assentamento em terra firme, pelos colonos foceu-massaliotas, foi empregado por Joseph Puig i Cadafalch, em contraposição ao termo *Palaia Pólis*, utilizado por Estrabão.

capital dos indigetes, que de acordo com as fontes clássicas eram os povoadores ibéricos da zona onde se localizava Emporion.

- f) As igrejas de Santa Margarida e Santa Magdalena: Localizadas na vertente oeste da colina de Ampúrias, formam parte dos diversos assentamentos existentes próximos a Sant Martí de Ampúrias.
- g) A colina de Les Corts: Ocupada desde o período neolítico, foi utilizada como área de necrópoles (Parrallí) durante o Período do Bronze Final (séculos IX e VIII a.C.), e mais tarde também em época romano-republicana. Em sua vertente sudeste se conservam as estruturas da igreja de San Vicenç, datada do período da Alta Idade Média.
- h) Cinc Claus: Pequeno núcleo situado sobre pequena elevação do terreno noroeste da colina de Ampúrias, onde se encontra a igreja medieval de Santa Reparada, que possivelmente está erguida sobre estruturas de épocas anteriores.

Mapa 04: Topografia do Sítio Arqueológico de Ampúrias



Mapa que representa a topografia de Ampúrias. Os números indicam a localização de cada um dos assentamentos e estruturas a serem citados:

- 1) Atual Sant Martí de Ampúrias, antiga *Palia Pólis*, primeiro assentamento colonial grego fundado na primeira metade do século VI a.C. e, posteriormente, centro tardo-romano e medieval.
- 2) A *Neapólis*, cidade grega estabelecida em terra firme desde 550 a.C.
- 3) Cidade romana, de nome desconhecido, criada a inícios do século I a.C., no local dantes ocupado por um acampamento militar romano. Na Época de Augusto, esse recinto unificou-se com a cidade grega, convertendo-se no *Municipium Emporiae*.
- 4) Colina de Les Corts, utilizada como cemitério em diversas etapas da história de Ampúrias.
- 5) Igrejas do período da Alta Idade Média.
- 5a) Santa Margarida 5b) Santa Magdalena 5c) Sant Vicenç.
- 6) Dique helenístico (séculos II – I a.C.).
- 7) Antigo Porto natural de Emporion, antigamente enseada, atualmente aterrado pela ação natural do tempo sobre o terreno.

Fonte: AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J. *Guías del Museu d'Arqueologia de Catalunya*. Barcelona: Museu de Arqueologia de Catalunya, 2000. p.04.

1.2.1) O Assentamento Emporitano: A *Neapólis*

Pelo fato de trabalharmos com as formas de contato estabelecidas entre indígetes e os *emporoi* focu-massaliotas, no período temporal compreendido entre o século V a.C. e a primeira metade do século IV a.C., limitando-nos a trabalhar com o assentamento da *Neapólis*, visto que, após sua fundação, no último quartel do século VI a.C., foi este núcleo que se estabeleceu como centro cívico do assentamento, na medida que apresentava todas as características de uma organização territorial aos moldes gregos. A *Palaia Pólis*, apesar de não ter sido totalmente abandonada, ficou em uma posição secundária.

Apesar da intensa atividade científica desde 1908, o conhecimento acerca das fundações da *Neapólis* emporitana ainda é muito limitado. As estruturas mais visíveis atualmente correspondem à última fase de ocupação deste assentamento, aproximadamente séculos II e I a.C. Em geral, a investigação arqueológica centrou-se sobretudo na *ágora*¹⁰⁰, na *stoa*¹⁰¹, nas ruas principais, na área religiosa e nas muralhas da cidade.

A partir do que nos mostram as escavações, a fisionomia atual da *Neapólis* é formada por um retângulo, mais ou menos regular, cujos lados maiores estão orientados em direção Norte-Sul (*cardus*), e cuja medida está em torno dos 250 m de extensão, cada um. Os dois lados menores, em direção Leste-Oeste (*decumanus*), possuem 145m de extensão, cada um. A superfície urbana da *Neapolis* abarcaria em torno de 3,6 hectares. Aplicando os cálculos estabelecidos por Tarradell para calcular o número de habitantes de Ibiza¹⁰² e que situam o número de habitantes por hectare em 300, teríamos para Emporion um total de 1100 habitantes, incluindo homens, mulheres, crianças. Tal número talvez poderia aumentar devido a população flutuante que poderia viver junto ao porto, além dos eventuais habitantes da *Palaia Polis*, que com uma extensão de quase 2 hectares pudesse abrigar mais ou menos 600

¹⁰⁰ Grande praça pública destinada ao comércio.

¹⁰¹ Estrutura pertencente ao período helenístico. Edifício pra reuniões e transações comerciais.

¹⁰² M. Tarradell "Economía de la colonización fenicia." *Estudios de Economía Antigua de la Península Ibérica*, Barcelona, 1968, p. 89.

peçoas, se é que esta continuava sendo habitada depois da mudança para terra firme¹⁰³. Balil¹⁰⁴ propôs uma cifra de 1500 habitantes para Emporion, o que é também bastante possível, se imaginarmos que a densidade da população fosse maior que os 300 habitantes/hect. Emporion na época de seu maior auge, séc V a.C., não tinha população superior a 2000 habitantes, o que demonstra as dimensões limitadas desse assentamento.

A partir das escavações e sondagens realizadas, a cronologia das tramas das muralhas descobertas indica que o assentamento cresceu em direção ao sul. O recinto defensivo mais documentado seria uma ampliação realizada na muralha do setor sul da cidade, próxima a área dos santuários, entre 375 - 350 a.C. Por isso, os arqueólogos que trabalham em Ampúrias supõem que as dimensões do núcleo original seriam reduzidas¹⁰⁵.

A superposição das estruturas urbanísticas e o crescimento vertical sofrido dificultam o estudo dos estratos inferiores ao século II a.C. Tradicionalmente, considerava-se que as muralhas através das quais se inicia atualmente a visita à cidade de Emporion eram as que desde seu início limitavam a *Neapólis*. A datação dessas muralhas como estruturas do século II a.C. proporcionou a busca, e posterior descoberta do sistema de defesa anterior, localizado uns 25 metros mais ao norte. Tal muralha anterior, de dois metros de largura, era formada por um paramento duplo de blocos de pedra de aspecto ciclópeo, recheado por pedras e terra. Não se encontra totalmente conservada e apresenta uns três metros de altura em sua extremidade leste, assentada sobre o solo natural.

A muralha estava reforçada com torres quadrangulares de pedras maciças, com uma fortificação, de dimensões maiores, edificada em seu extremo leste (bordejando a área da costa), destinada a reforçar a defesa nesse ponto. O acesso ao interior do núcleo urbano se fazia na parte oeste da fachada da muralha documentada, aproveitando as partes do resto de um grande pódio construído com anterioridade à ampliação ocorrida nesse setor, entre 375 - 350 a.C. O espaço existente entre esse pódio e uma das torres da muralha formava uma

¹⁰³ Há autores como A.Frickenhaus, que apresentaram teses de que a *Palaia Pólis* havia sido abandonada logo após a fundação da *Neapólis*. FRICKENHAUS, A. "zwei topographische Probleme", *Bönnner Jahrbücher*, CXVIII, 1909, pp.19-20.

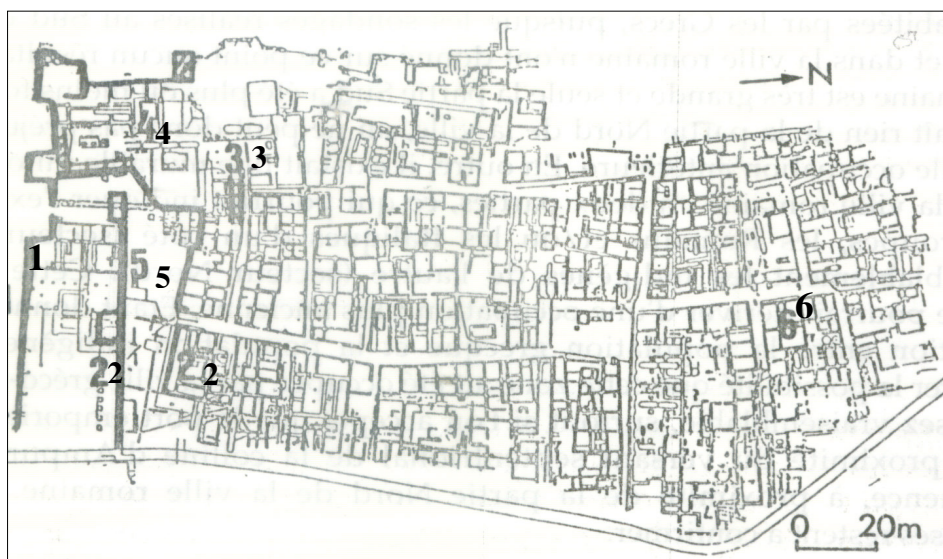
¹⁰⁴ BALIL, A. *apud*: DOMINGUEZ, A.J. "La ciudad griega de Emporion y su organización política". *AEA*, 59, 1986. pp. 3-12.

¹⁰⁵ SANMARTI-GREGO, E.; CASTANYER, P.; TREMOLEDA, J.; BARBERA, J. (1986) "Las estructuras griegas de los siglos V y IV a. de J.C. halladas en el sector sur de la Neapolis de Ampurias (Campaña de excavaciones del año 1986)". *Cuad. Preh. y Arq. Castellonenses*, 12: 141-217.

passagem que se levava a um praça interior, a partir da qual se entrava propriamente na cidade.

Quanto ao muro oeste¹⁰⁶, ele quase não sofreu variações no curso tempo. Foi descoberta uma torre¹⁰⁷ construída no terceiro quartel do século V a.C., que poderia estar ligada à muralha do século V a.C. No entanto, tais achados só permitem deduzir que o traçado oeste não sofreu grandes alterações durante a história da colônia grega.

Mapa 05: Plano da *Neapólis* de Emporion



Legenda:

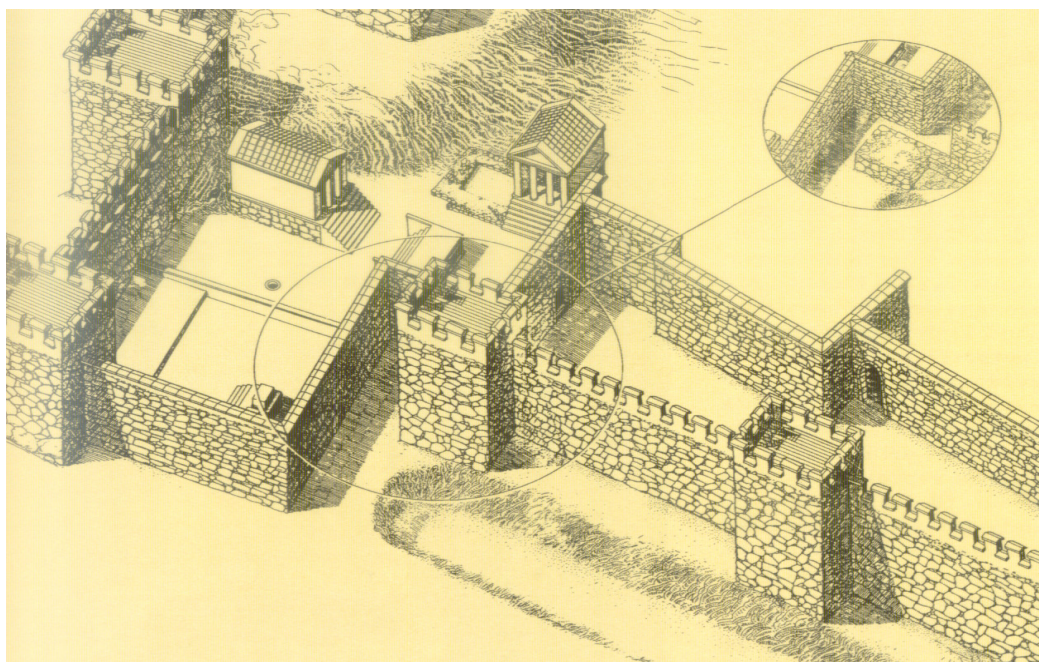
- 1) Muralha do século II a. C.
- 2) Muralha do século IV a. C.
- 3) Muralha do século V a. C.
- 4) Templo do século V a.C.
- 5) Localização provável do questionado bairro nativo do século V a.C.
- 6) Vestígios do século VI e V a.C.

Fonte: MALLART, R.P. *La Chôra D'Emporion*. Paris: Les Belles Lettres, 1994. p. 126.

¹⁰⁶ AQUILÈ, J. MAR, R. et RUIZ DE ARBULO, J. "Arquitectura de la Neápolis ampuritana. Espacio y función hacia el cambio de era". *Informació Arqueològica*, 40, 1983. pp.127-137. p.133.

¹⁰⁷ SANMARTI-GREGO, E.; SANTIAGO, R.A. "Informe Preliminar sobre l'Escavació d'una torre situada a Ponent de la ciutat grega d'Empúries". In: AAVV. *II Colóquio Arqueològic de Puigcerdà*. Puigcerdà: Universitat de Puigcerdà, s/a. pp.159-191.

Fig. 01: Reconstituição do Sistema Defensivo da Neapólis



Fonte: AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J. *Guías del Museu d'Arqueologia de Catalunya*. Barcelona: Museu de Arqueologia de Catalunya, 2000. p .33.

Após a conquista romana, e paralelamente a uma reorganização urbana de grande amplitude, na primeira metade do século II a.C., a construção de uma nova muralha contribuiu para que a cidade crescesse mais um pouco na direção sul¹⁰⁸.

Após tal reformulação no setor sul, na primeira metade do século IV a.C., houve a construção do santuário em honra a Asclépio – divindade grega da saúde e da purificação. Nas escavações realizadas em 1986, nesse setor, descobriu-se que, debaixo das fundações do santuário de Asclépio, existiam fundações mais antigas, pertencentes a um outro santuário, de construção datada no século V a.C., cuja divindade homenageada seria desconhecida¹⁰⁹. Além das fundações, conseguiu-se salvar apenas alguns elementos da estrutura superior desse santuário, que os arqueólogos denominaram de “santuário suburbano emporitano”. Os

¹⁰⁸ SANMARTI-GREGO, E.; NOLLA RUIZ, J.M. "La datation de la partie centrale du rempart méridionale d'Emporion (L'Escala, Alt Empordà, Catalogne)". DAM, 9, 1986. pp. 81-110.

¹⁰⁹ AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J. *Guías del Museu d'Arqueologia de Catalunya*. Barcelona: Museu de Arqueologia de Catalunya, 2000. pp.35 – 36.

vestígios da estrutura superior do templo encontrados foram três antefixos de pedra sedimentada, decorados com palmeiras e flores de lótus. O acrotério¹¹⁰ que dominava a parte superior da frente do templo foi feito com o mesmo material já citado e sua decoração se pôde reconstruir com base no achado de três pequenos fragmentos.

Por sua localização, que no século V a.C. situava-se fora do perímetro urbano amuralhado, interpretou-se esta estrutura como ligada ao provável bairro nativo coetâneo, também situado *extra muros*. Após a já mencionada reorganização nas muralhas do setor sul do assentamento, houve a construção de uma área de santuários, cujos detalhes mencionaremos a seguir. O que nos interessa no momento é mencionar o fato de as campanhas de escavação de 1986¹¹¹ detectarem, sob a estrutura inferior desta área dos santuários, um conjunto de habitações domésticas feitas em pedra, datadas da última metade do século V a.C., que funcionaria como um tipo de bairro *extra muros*. Tal bairro foi incorporado ao perímetro urbano após a reformulação das muralhas. Tal fato levou os pesquisadores a atribuírem tal agrupamento à comunidade indigete que provavelmente habitava as cercanias de Emporion.

Alguns pesquisadores costumavam associar tal comunidade nativa à lendária Indika, mencionada por Estevão de Bizâncio: “*cidade da Ibéria próxima aos Pirineus*” que seria a capital dos indigetes: “*dessa tomou origem o nome dos indigetes*”. Tal localidade também foi objeto de muita polêmica, já que, da mesma forma que ocorreu com o bairro nativo de Emporion, não foram encontrados indícios de tal agrupamento. Para M. Almagro¹¹², tal cidade se localizaria no mesmo local onde hoje se encontra a cidade romana. Em escavações realizadas nas camadas estratigráficas mais profundas da cidade romana, em 1973, o arqueólogo e então diretor do Museu Arqueológico de Ampúrias, E. Sanmartí-Grego demonstrou que toda a cerâmica campaniense encontrada nos níveis estratigráficos mais antigos do setor é posterior ao século III a.C., impossibilitando qualquer povoamento anterior a esse momento.

¹¹⁰ Acrotério é a designação dada a um tipo de estrutura arquitetônica localizada na parte superior da frente de um templo.

¹¹¹ SANMARTI-GREGO, E.; CASTANYER, P.; TREMOLEDA, J.; BARBERA, J. (1986) "Las estructuras griegas de los siglos V y IV a. de J.C. halladas en el sector sur de la Neapolis de Ampurias (Campaña de excavaciones del año 1986)". Cuad. Preh. y Arq. Castellonenses, 12: 141-217. pp.183-184.

¹¹² ALMAGRO, M. *Las Necrópolis de Ampúrias*. Barcelona: Seix Y Barral, 1953. Vol. I.

E. Sanmartí-Grego, por sua vez, também tentou localizar Indika. O provável local escolhido pelo pesquisador seria ao sul de Emporion. Mas, da mesma forma que as tentativas anteriores, nada foi comprovado. Ao sul de Emporion, os níveis estratigráficos mais antigos só forneceram material cerâmico datado do século II a.C. O resultado de tais escavações, por sua vez, demorou algum tempo a ser publicado, mas *grosso modo* tratava-se de alguns fornos metalúrgicos, e até de uma pequena oficina¹¹³. Apesar da tentativa do autor em relacioná-los à existência de um agrupamento nativo, todas essas estruturas foram coetâneas, ou mesmo posteriores, ao século II a.C., já no período da presença romana em Emporion. J. Nolla¹¹⁴ menciona a existência de uma necrópole, nessa mesma região, datada entre os séculos IV-III a.C., o que por si só já exclui a possibilidade de encontrar um assentamento nativo nessa zona, pelo menos durante o período de tempo em que tal necrópole era utilizada.

Autores como Padró e J. Sanmartí¹¹⁵ compartilham a hipótese de que a cidade Indika, mencionada em Estevão de Bizâncio, poderia ter sido o nome nativo dado a Emporion, já em momentos posteriores ao século IV a.C. Já M. Pena Jimeno¹¹⁶, por sua vez, acredita que Indika seria o nome nativo dado a Ullastret, que além de ser o maior assentamento nativo da região, estava muito próximo a Emporion.

Voltando ao santuário suburbano emporitano, devido a sua localização, na medida em que poderia ter se convertido em um lugar de culto comum tanto para os foceu-massaliotas quanto para os indigetes, fortalecendo os laços entre as duas comunidades. Devido ao caráter comercial de Emporion, era necessário um local relativamente tranquilo, que só seria garantido se os nativos reconhecessem nos foceu-massaliotas “aliados”. R. Plana Mallart¹¹⁷ chama atenção para o fato de que em um *emporion*, os templos desempenhavam um papel comercial importante na garantia e validade das transações comerciais. Só poderia haver

¹¹³ Ver artigo SANMARTÍ-GREGO, E. “Recent Discoveries at the Harbour of The Greek City of Emporion (L'Escala, Catalonia, Spain) and its Surrounding Area (Quarries and Iron Workshops)”. In: CUNLIFFE, B. & KEAY, S. *Social Complexity and Development of Towns in Iberia. From the Cooper Age to the Second Century A.D.* Oxford: University Press, 1994. pp.157-174.

¹¹⁴ NOLLA, J. *apud*: PENA, M.J. “Hipòtesis noves sobre Empúries a partir de l'anàlisi de les fonts literàries.” *Fonaments*, 07, 1988. pp.11-45.

¹¹⁵ PADRO, J.; SANMARTI, J. "L'ocupació del territori per la polis emporitana i la seva significació economica. Algunes hipòtesis". *Fonaments*, 6, 1987. pp. 23-26. p.25.

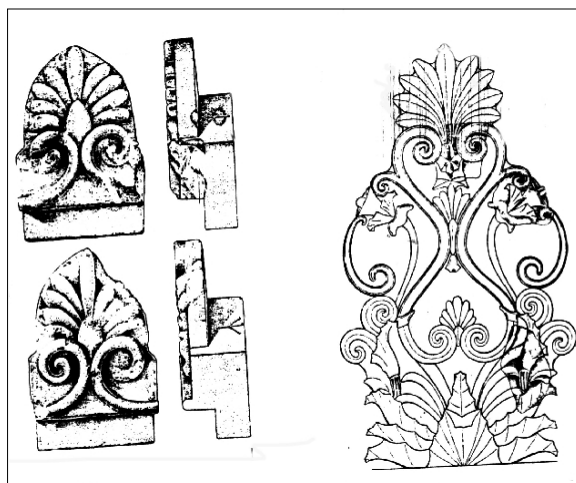
¹¹⁶ PENA, M.J. “Le probleme de la supposée ville indigène a côté d'Emporion. Nouvelles Hypotheses.” *DHA*, 11, 1985. pp.69-83.

¹¹⁷ MALLART, R.P. *La Chôra D'Emporion*. Paris: Les Belles Lettres, 1994. p. 35.

comércio entre os gregos e as sociedades nativas dentro de uma atmosfera de confiança, garantida em um espaço sagrado pelas divindades, que deveria ser reconhecidas por ambos os grupos.

Durante os primeiros momentos do século IV a.C., quando houve o já mencionado processo de reformulação das muralhas do setor sul, configurou-se a área do complexo religioso emporitano, que permaneceria até os momentos finais da própria Emporion. A área de culto se organizou ao redor do templo de Asclépio, situado em uma elevação, próximo à *acrópole*, ambos localizados em um dos pontos mais altos do assentamento.

Fig. 02: Fragmentos da Estrutura Superior do Santuário Suburbano Emporitano



Partes constituintes da estrutura superior do santuário suburbano emporitano, encontradas durante as escavações de 1986, sob as estruturas do santuário em homenagem a Asclépio. Do lado esquerdo está o antefixo com decoração de palmeira. Do lado direito está a reconstituição do acrotério, feita com base em três fragmentos que foram encontrados. Fonte: SANMARTÍ-GREGO, E. “Massalia et Emporion: une origine commune, deux destins différents”. In: *Marseille grecque et la Gaule. Collection Études Massaliètes*, 3, Aix-en-Provence, A.D.A.M. Éditions et Université de Provence, 1992. p.33.

Fig. 03: O Setor dos Santuários na *Neapolis*



Foto da área destinada aos santuários, no setor sul da *Neapolis*. Em destaque a representação do deus Asclépio, deus gregos da medicina, marcando o local onde outrora fora erguido seu templo. Fonte: arquivo pessoal.

Tanto Polignac¹¹⁸ quanto Vallet¹¹⁹ concordam com a noção de que a frequente posição não urbana das divindades principais da cidade é um fenômeno bem particular do Ocidente colonial, cujas razões estão nas particularidades desta região e na sua evolução histórica. No mundo Egeu, o santuário não urbano das cidades coloniais seria o espaço de definição do território e do espaço político, conforme as particularidades próprias de cada região. No Ocidente a posição dos nativos em posições defensivas nas colinas do interior levou os gregos a tomarem um posicionamento costeiro. Se a separação dos *habitats* nativos em torno do local de uma futura colônia é uma indicação segura da presença dos gregos, é uma indicação muda sobre o estado de organização dos recém-chegados e de sua atitude no espaço ao qual estão

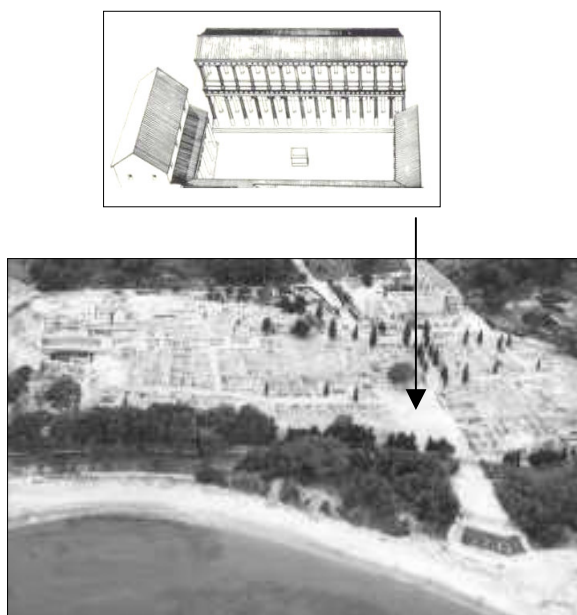
¹¹⁸ DE POLIGNAC, F. *La Naissance de la cité grecque. Cultes, espace et société VIII^e – VII^e siècles avant J. –C.* Paris: La Découverte, 1984. p.97.

¹¹⁹ VALLET, G. “La cité et son territoire”. IN: AAVV. *Atti del 7o. Convegno di Studi sulla Magna Grecia*, 1968. p.99.

restringidos. O estabelecimento dos cultos, ao contrário, consagra a presença da possessão e a delimitação do território pelos gregos¹²⁰.

Os santuários *extra urbanos* testemunhariam a possessão rápida do território pelos gregos, tal território considerado na acepção total do termo: a associação quase geral dos pequenos locais de culto territorial aos recursos mostra que a soberania sobre a água, complementada pela soberania sobre a terra para constituir o espaço no qual vão ser exercidas as normas da civilização cultural grega¹²¹.

Fig. 04: A *ágora* de Emporion



A ilustração acima refere-se a uma reconstituição de como seria a *ágora* de Emporion, no século II a.C. Dessa, pende uma seta que indica a localização dessa *agora* na foto abaixo, e que mostra a trama urbana atualmente visível nas ruínas de Emporion. Fonte: Montagem a partir de imagens contidas na obra: AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J. *Ampúrias. Guías del Museu d'Arqueologia de Catalunya*. Barcelona: Museu de Arqueología de Catalunya, 2000. pp.40 - 41.

¹²⁰ DE POLIGNAC, F. *La Naissance de la cité grecque. Cultes, espace et société VIII^e – VII^e siècles avant J. –C.* Paris: La Découverte, 1984. p.102.

¹²¹ DE POLIGNAC, F. *La Naissance de la cité grecque. Cultes, espace et société VIII^e – VII^e siècles avant J. –C.* Paris: La Découverte, 1984. p.103.

Outra estrutura urbanística importante seria a *ágora*, que deveria desempenhar papel fundamental em uma cidade comercial, como Emporion. No entanto, o espaço que corresponde à atual área da *ágora* emporitana, no centro da *Neapólis*, data-se do século II a.C. Devido à limitação das informações que temos sobre os períodos antecedentes, não há como determinar a localização exata dessa mesma estrutura em períodos posteriores. No entanto, os arqueólogos acreditam que o antigo espaço destinados a cumprir a mesma função deveria estar localizado no mesmo local, porém, com dimensões reduzidas.

A área portuária também era de grande importância para o funcionamento de um estabelecimento como Emporion, já que o mar era a via principal de chegada dos produtos importados. Estrabão¹²² menciona que “ *Existe um rio que flui próximo, o qual tem sua nascente nos Pirineus; e sua foz serve como um porto para os Emporitanos.*”

Atualmente, esta antiga enseada se encontra completamente aterrada, formando parte da costa. Na época, no entanto, localizava-se em uma área de confluência de cursos de água, localizado entre a *Palaia Pólis* e a *Neapólis*, ocupando uma espécie de abrigo natural formado pela topografia do terreno. Pouca coisa se sabe sobre essa estrutura. E apesar dos limites sul e oeste de Emporion serem bem conhecidos, os lados norte e leste são limites imprecisos, e por tal motivo a relação cidade-porto não fica bem clara, pelo menos, até finais do século II a.C.

Há ainda os vestígios de um dique, construído na época romano-republicana (sécs II-I a.C.). De acordo com Xavier Aquilué, Pere Castanyer, Marta Santos e Joaquim Tremoleda¹²³, a construção desta estrutura justificava-se pelo aumento da atividade comercial, principalmente após a chegada dos romanos em Emporion, devido à importação massiva de produtos itálicos, responsável por um trânsito constante de navios que fazia necessária a reestruturação do antigo porto. R. P. Mallart¹²⁴ afirma que a longitude de tal dique (80m) seria muito reduzida para sediar um porto de grande importância. Esta autora afirma que próximo ao dique, na praia, há vestígios de antigas habitações, que deveriam ser ou uma extensão, ou um bairro próximo e dependente do perímetro urbano. Assim, tal dique não deveria servir de porto, mas sim como uma estrutura de proteção a essas habitações que existiam na praia.

¹²² *Geografia*. III, 4, 9.

¹²³ AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, *op. Cit.*. p. 62.

¹²⁴ MALLART, R. P. *op. cit.* pp.123 – 124.

Há ainda a provável existência de outros portos subsidiários situados nas imediações de Ampúrias, como por exemplo nas fozes dos rios Fluvià e Ter, ou na zona de Riells-La Clota, ao sul do município de l' Escala¹²⁵.

Fig. 05: O dique helenístico de Emporion



Fonte: AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J. *Ampúrias. Guías del Museu d'Arqueologia de Catalunya*. Barcelona: Museu de Arqueologia de Catalunya, 2000. p. 61.

1.2.2) Grafitos Ibéricos Sobre Cerâmica Ática

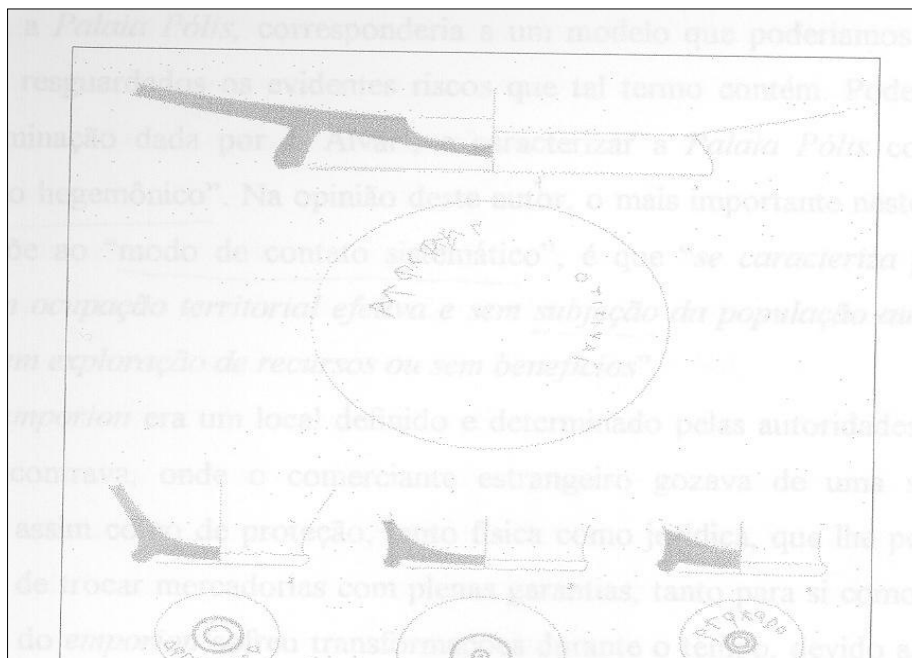
Há uma série de indícios epigráficos que os pesquisadores apontam como evidências da coabitação entre os focu-massaliotas e os indigetes em Emporion, confirmando, por sua vez, as teorias da fusão do assentamento nativo à ásty emporitana, após a reconfiguração do sistema defensivo, em meados do séc. IV a.C. Trata-se de seis bases em cerâmica:

Uma base de prato de origem ática do século IV a.C., onde há duas inscrições, uma em alfabeto ibérico, e outra em alfabeto grego. A primeira inscrição seria algo como UKAL ou UEKAL. Como a língua ibérica ainda não foi decifrada, não houve como os pesquisadores decifrarem o significado do que estava escrito. A segunda inscrição tem sido alvo de muitas

¹²⁵ AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, *op. Cit.* p. 63.

discussões entre os arqueólogos¹²⁶. Alguns interpretaram como POROTICHINAI, outros como GOROTIGINAI, POROCHIRINAI e ainda, OTICHINAI. A única unanimidade em relação a esta peça é a de que a palavra em grego não evoca nada conhecido no âmbito morfológico da língua grega.

Fig. 06: Cerâmicas com Inscrições Ibéricas Encontradas em Emporion



Marcas de propriedade sobre os vasos áticos, atribuídas aos Indigetes que coabitavam com os focu-massaliotas. 1) BIUK-KERE; 2) TURS-BIURS; 3)BIKI-TIR; 4)BIUR-BOR.

¹²⁶ Para ver tal discussão: SANMARTI-GREGO, E.; CASTANYER, P.; TREMOLEDA, J; SANTOS, M. "Testimônios epigráficos de la presencia de población nativo em el interior de Emporion." In: CABRERA BONET, P. (ed.) Griegos y Iberos: Lecturas desde la diversidad. Huelva Arqueológica, XII, 1990. p.207.

A segunda trata-se de uma inscrição ibérica em uma base de *skipho* ático do século IV a.C. A leitura correta e definitiva dessa inscrição, devemos ao professor J. Untermann¹²⁷, que a interpretou como TURSBIUR, acompanhada do sufixo –AR.

A terceira trata-se de uma inscrição ibérica: BIKITIR, também escrita em uma base de *skipho* ático do século IV a.C.

A quarta trata-se de uma inscrição ibérica: BIUR – BOR, que termina, da mesma forma que a inscrição no. 3, mediante o uso do sufixo –AR. Também escrita em uma base de *skipho* ático do século IV a.C.

A quinta trata-se de uma inscrição ibérica: KINAS ou KIBAS. Também escrita em uma base de *skipho* ático do século IV a.C.

A sexta, e última, trata-se de uma inscrição: UNBAS, localizada na zona de contato entre a parede interna do pé e o fundo externo de *skipho* ático do século IV a.C.

De acordo com E. Sanmartí-Grego, P. Castanyer, Marta Santos e Joaquim Tremoleda¹²⁸, os documentos apresentados poderiam ser interpretados como a prova mais tangível da presença nativa no âmbito do centro urbano emporitano, já que a maioria dos vasos e fragmentos cerâmicos apresenta inscrições, fossem tais inscrições antropônimos ou não, em língua e alfabeto ibéricos. Os autores complementam tal hipótese com a idéia de que o contexto no qual a maioria destes objetos foi achada denota o seu caráter doméstico, já que foram encontrados no espaço interior das muralhas emporitanas. Os antropônimos inscritos, com a exceção do prato, foram achados nos vasos de beber (*skiphói*) com o objetivo de individualizar o uso, e marcar a sua propriedade por indivíduos de origem nativa.

Outra questão interessante seria o fato de que, do ponto de vista antropônimo, dentre os seis nomes documentados, três apresentam o componente BIUR, em duas ocasiões como prefixo e uma como sufixo. Tal componente antropônimo apareceu documentado no texto de uma carta escrita sobre lâmina de chumbo encontrada em Emporion, datada do século III a.C. Além disso, há um BIUR-BOR idêntico ao de Emporion em Ensérune¹²⁹, onde também

¹²⁷ SANMARTI-GREGO, E.; CASTANYER, P.; TREMOLEDA, J.; SANTOS, M. “Testimônios epigráficos... *op. cit.* p.208.

¹²⁸ SANMARTI-GREGO, E.; CASTANYER, P.; TREMOLEDA, J.; SANTOS, M. “Testimônios epigráficos... *op. cit.* p.210.

¹²⁹ *Oppidum* ibérico próximo à Narbonne, costa sul da França.

foi documentado um BIUR-TAN. Também há a existência de três antropônimos que apresentavam o componente BIUR em Ullastret¹³⁰. Há ainda os índicos fornecidos pelas necrópoles emporitanas (ver Capítulo 3), que ao nosso ver podem ser os mais esclarecedores sobre a forma de interação entre os focu-massaliotas e os indigetes, em Emporion.

1.3) De Emporion a Pólis

As recentes escavações realizadas em San Martín de Ampúrias apontaram para o fato de que, previamente à implantação focu-massaliota na *Palia Pólis*, houve um momento de contatos prévios com as regiões sul e do levante peninsular¹³¹. O primeiro estabelecimento de Emporion, a *Palaia Pólis*, corresponderia a um modelo que poderíamos qualificar de “pré-colonial”¹³², resguardados os evidentes riscos que tal termo contém. Podemos também optar pela denominação dada por J. Alvar¹³³, e caracterizar a *Palaia Pólis* como um “modo de contato não hegemônico”. Na opinião deste autor, o mais importante neste modo de contato, que se opõe ao “modo de contato sistemático”, é que “*se caracteriza pela realização de trocas, sem ocupação territorial efetiva e sem sujeição da população autóctone, o que não significa sem exploração de recursos ou sem benefícios*”.

O *emporion* era um local definido e determinado pelas autoridades em cujo território este se encontrava, onde o comerciante estrangeiro gozava de uma série de direitos e liberdades, assim como de proteção, tanto física como jurídica, que lhe permitia desenvolver sua função de trocar mercadorias com plenas garantias, tanto para si como para seus bens. O

¹³⁰ SANMARTI-GREGO, E.; CASTANYER, P.; TREMOLEDA, J.; SANTOS, M. “Testimônios epigráficos... *op. cit.* p.211.

¹³¹ AQUILUÉ, X., BYRÉS, L., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J. “excavacions arqueològiques a ant Martí d’Empúries (L’Escala, Alt Empordà). In: AAVV. *III Jornades d’Arqueologia de les Comarques de Girona* (Santa Coloma de Farners, 14 i 15 de juny de 1996). Santa Coloma de Farners, 1996. pp. 52 –64.

¹³² DOMIGUEZ MONEDERO, A. “Los griegos de Occidente y sus diferentes modos de contacto con las poblaciones indígenas. I. Los contactos en los momentos precoloniales (previos a la fundación de colonias, o en ausencia de las mismas)”. In: CABRERA BONET, P. (ed.) *Griegos y Iberos: Lecturas desde la diversidad. Huelva Arqueológica*, XII, 1990. pp.39-40.

¹³³ ALVAR, J. “El problema de la precolonización en la gestación de la polis”. In: AAVV. *Imágenes de la Polis*. Madrid: Gredos, 1997. pp. 19-33.

mecanismo do *emporion* sofreu transformações durante o tempo, devido ao próprio processo de desenvolvimento das formas comerciais no Período Clássico¹³⁴.

Geralmente, tais estabelecimentos não tinham autonomia política, nem mesmo jurídica, sendo considerados objeto de obrigações por parte das autoridades gregas responsáveis por sua organização e gestão¹³⁵. De acordo com Hansen¹³⁶, os *emporía* formavam parte integrante da área de interesses das *pólis* gregas e, inclusive, nos casos em que os *emporía* de algumas cidades pudessem desenvolver uma personalidade própria, ou mesmo estruturas políticas próprias, estes continuariam sendo dependentes de uma *pólis*.

Assim, durante o século VI a.C., Emporion, como os demais *emporía*¹³⁷, era um centro empregado como local de trocas pelos gregos, que gozavam de um estatuto misto já que se encontravam sob a autoridade direta dos nativos, autênticos donos do território sobre o qual se implantaram tais colonos, quase a modo de concessão. Com isso, a prática dos colonos gregos residentes em um *emporion*, e que atuavam desde o mesmo, residia em aproveitar-se de todos aqueles elementos que esta situação de ambigüidade provocava, para lograr tanto uma melhor inserção dentro das estruturas nativas quanto para desempenhar políticas que beneficiassem diretamente aos ali residentes¹³⁸.

E assim foi feito, já que, para o caso de Emporion, os foceu-massaliotas que habitavam este estabelecimento e que atuavam no mesmo, estavam mais próximos das populações nativas do que de sua Metrópole, Massalía. Assim, esses *emporoi* estabeleceram contatos com os nativos locais, acarretando na fundação da *Neapólis*.

Não podemos esquecer que Emporion, devido a sua natureza comercial, manteve contato não somente com a população nativa que vivia mais próxima ao centro urbano, mas com outros assentamentos nativos da região. Por tal característica, Emporion foi qualificada

¹³⁴ Sobre o *emporion* : BRESSON, A. “Les cités grecques et leurs emporia”. In: BRESSON, A. et ROUILLARD, P. (eds.). *L'Emporion*. Paris; Hucitec, 1993. pp. 163-226; HANSEN, M. H. “Emporion. A study of the use and meaning of the term in the Archaic and Classical Periods”. In: NIELSEN, T. H. (ed.) *Yet More Studies in the Ancient Greek Polis*. Papers from the Copenhagen Polis. Centre, 4. Stuttgart: s/e, 1997. pp. 83-105.

¹³⁵ DOMINGUEZ MONEDERO, A. “Los mecanismos del Emporion en la práctica comercial de los foceos y otros griegos del Este”. *Monografías Emporitanes*, 11, 2000. pp. 27-45. p.31.

¹³⁶ HANSEN, T.H. *op. cit.* pp. 87-105.

¹³⁷ DOMINGUEZ MONEDERO, A. “Los mecanismos del Emporion en la práctica comercial de los foceos y otros griegos del Este”. *Monografías Emporitanes*, 11, 2000. pp. 27-45. P.31.

¹³⁸ DOMINGUEZ MONEDERO, *Idem.* P.31.

como uma cidade sem território¹³⁹ pela historiografia tradicional, sendo seu papel comercial fundamental e único durante toda a duração de sua história.

Tal característica comercial seria própria de todas as colônias focéias, que embora fossem delimitadas por uma zona de influência na região onde estavam localizadas, não as dominariam política e militarmente¹⁴⁰. No entanto, estudos posteriores demonstraram que tal visão não caracterizaria a totalidade das colônias focéias, já que se especula sobre a existência de um território dependente ou *chora*, em estabelecimentos como Massália, Agde e Olbia de Provence¹⁴¹. Se em um primeiro momento a nova fundação poderia manter-se como um *emporion*, um mercado, mais adiante a própria dinâmica comercial contribuiria para estruturar um território dependente¹⁴².

J. Maluquer¹⁴³ escreveu, em 1973, que Emporion não foi mais uma exceção, e que esta deve ter tido um território dependente da mesma forma que a maioria das demais colônias gregas. Este autor propôs uma hipótese que sustentava a possível função de *oppida*, como o Puig de Sant Andreu (Ullastret), Sant Julià Ramis, Porqueres ou Pontós, como centros satélites que protegiam o território da *pólis*. Proposição baseada na prerrogativa de que a utilização de centros fortificados (*phrouria*) para defender o território de uma cidade era prática no mundo grego¹⁴⁴. R. Plana Mallart concordou com tal afirmativa, já que constatou a partir da distribuição dos *oppida* pelo território próximo a Emporion, por sua vez, que tal hipótese poderia ser bastante possível¹⁴⁵. Mesmo assim, tal hipótese não teve sucesso e os estudos posteriores continuaram defendendo o esquema da centro urbano sem território.

Em 1981, J. P. Morel¹⁴⁶ seguiu a visão tradicional, considerando que Emporion teve uma função comercial sem igual, sem projeção no interior. Para E. Sanmartí¹⁴⁷, o caráter da

¹³⁹ Vallet, 1968 *apud*: GRAS, Michel. “Georges Vallet et le commerce”. In: CENTRE JEAN-BÉRARD (org.) *La colonisation grecque en Méditerranée Occidentale*. Roma: École Française de Rome, 1999. pp. 7-22. p.13.

¹⁴⁰ VALLET, G. “La cité et son territoire dans les colonies grecques d’Occident”. *Tai del VII Convengo di studi sulla Magna Grecia*. Taranto, 1967. pp.67-142.

¹⁴¹ PLANA – MALLART, R. *La Chora de Emporion*. Paris, 1994. *Annales Littéraires de l’Université de Besançon*, 544. p.102.

¹⁴² OLESTI I VILA, O. “El territori de la colònia grega d’Empúries i la colonització focea a Catalunya.” *Faventia*, 18/2, 1996. pp.141-143. p.141.

¹⁴³ MALUQUER DE MOTES, J. *Rodis i foceus a Catalunya. In memoriam Carles Ribas*. Barcelona, 1973. pp.221-239.

¹⁴⁴ POLIGNAC, F. *La Naissance de la Cité Grecque*. Le Belles Lettres: Paris, 1984. p.109.

¹⁴⁵ PLANNA MALLART, R. P. *L a chòra op. Cit.* P.103.

¹⁴⁶ MOREL, J. P. “Emporion en el marc de la colonització focea”. *L’avenç*, 38, 1981. pp.30-35.

cidade mudou ao longo do tempo e o *emporion* primitivo teria transformado-se em um estabelecimento com forte projeção em seu território, mas sem a que houvesse uma *chôra* dependente. Em 1984, J. Ruiz de Arbulo¹⁴⁸ questionou a possibilidade de Emporion ser uma cidade com *chôra*, após um primeiro momento como entreposto comercial. Esta pesquisa contribuiu para os avanços nas investigações subseqüentes, já que desde então foram formuladas várias questões relativas as relações das colônias gregas com seus respectivos territórios circundantes, como também problemas relacionados às questões da paleo-paisagem e aos recursos do território. J. Ruiz de Arbulo concluiu, porém, que não havia divisão da terra, o que implicava dizer que não haveria um território dependente, e sim uma zona de influência.

Em 1992, J. Ruiz de Arbulo¹⁴⁹ retomou a problemática da *chôra* emporitana, aceitando a existência de um território dependente, mas somente para o período a partir do século II a.C. Anteriormente a esta época, deveria existir uma *chôra* dependente da colônia, mas de dimensões reduzidas. Em 1987, J. Padró e J. Sanmartí¹⁵⁰ apoiavam a idéia de uma *chôra* emporitana a partir do século V a.C., mas não fizeram nenhuma tentativa de se aproximar de sua organização ou estruturação, limitando-se somente a demonstrar alguns indícios da relação entre a cidade e o território.

Rosa Plana Mallart¹⁵¹, em sua tese de doutorado, em 1994, defendeu a hipótese de que Emporion, ao contrário do que afirmava a historiografia tradicional, teria como uma das principais atividades econômicas a cultura de cereais. Esta autora mencionou que a atividade produtiva de base dos habitantes ibéricos do nordeste catalão seria, justamente, o cultivo de cereais¹⁵², já que há a presença de utensílios agrícolas e campos de silos em todos os sítios arqueológicos ibéricos da região. A autora, através de um levantamento dos campos de silos próximos a região emporitana, constatou que estes serviam como abastecedores de Emporion.

¹⁴⁷ SANMARTI -GREGO, E. "Les influences méditerranéennes au Nord-Est de la Catalogne à l'époque archaïque et la réponse indigène". *Focci*, 1982. pp. 281-303.

¹⁴⁸ RUIZ DE ARBULO, J. "Emporion y Rhode. Dos asentamientos portuarios en el Golfo de Roses". *Arqueología Espacial*, 4. Teruel, 1986. pp. 115-140.

¹⁴⁹ RUIZ DE ARBULO, J. Emporion. Ciudad y territorio (s. VI – I a. C.). Algunas reflexiones preliminares. *Revista d'Arqueologia de Ponent*, 2, 1992. pp. 59 – 74.

¹⁵⁰ PADRO, J. et SANMARTI, J. "L'ocupació Del territori per la polis emporitana i la seva significació economica. Algunes hipòtesis". *Fonaments*, 6, 1987. pp.23-26.

¹⁵¹ MALLART, R.P. *La Chôra D'Emporion*. Paris: Les Belles Lettres, 1994.

¹⁵² Tal afirmação é afirmada por Ruiz e Molinos em : RUIZ, A & MOLINOS, M. *Los Iberos. Análisis arqueológico de un proceso histórico*. Barcelona: Crítica, 1993.

Entre os séculos V e IV a.C. houve uma intensificação da produção de cereais, que implicaria na comercialização deste produto, inclusive para a Ática. Ao nosso ver, tal suposição implica na aceitação de um certo grau de intervenção de Emporion em seu interior e o estabelecimento de contatos comerciais diretos com a população local. A colocação de tal autora, ainda, expressa a idéia da existência de uma *chôra* emporitana.

E. Sanmartí-Grego¹⁵³ partiu do pressuposto de que poderíamos perceber a produção cerealística de Emporion a partir dos silos encontrados próximos ao assentamento. Desta forma, este autor aponta para o início da produção já no final do século VI a.C., inicialmente destinada para superar as limitações das primeiras etapas do estabelecimento colonial, voltando-se para a produção de subsistência.

Dentre os pesquisadores que defendem a hipótese da capacidade cerealística de Emporion, a grande incógnita é saber a quem se destinava o cereal ibérico produzido, ou mediado, por Emporion. Com frequência¹⁵⁴, tem-se afirmado que Atenas, a princípio do século V a.C., pode ter sido um desses destinos, já que o volume de cerâmica ática encontrado no assentamento emporitano para esse período favoreceu a formulação da hipótese de que tais cerâmicas poderiam ter sido os objetos destinados a serem trocados pelo cereal.

Fernandez Nieto¹⁵⁵ refutou a idéia de um comércio direto entre Emporion com Atenas, ainda mais sendo Emporion provedor de cereais, pois como Domínguez Monedero¹⁵⁶, também não crê que os campos de silos existentes próximos a Emporion fossem capazes de produzir excedentes para serem exportados. Para ambos os autores, a produção destinava-se ao suprimento local.

A tendência a supervalorizar a capacidade cerealística de Emporion encontrou fundamento nos textos clássicos. Na obra de Tito Lívio¹⁵⁷, *História de Roma*, há a informação de que os indígetes realizavam trocas comerciais com os gregos residentes em Emporion, que

¹⁵³ SANMARTI-GREGO, E. "La 'Tumba Cazurro' de la necrópolis emporitana de 'El Portitxol' y algunos apuntes acerca de la economía de Emporion en el siglo V a.C.". *AespA*, 69, 1996. pp. 17-36. p.31

¹⁵⁴ Ruiz de Arbuló 1984, 130-131; 1992, 68; Sanmartí-Grego 1992, 35-36.

¹⁵⁵ FERNÁNDEZ NIETO, F. J. "Economía de la colonización fenicia y griega en la Península Ibérica." *Studia Historica. Historia Antigua*, 17, 1999. pp. 25-58.

¹⁵⁶ DOMÍNGUEZ, A.J. "La economía de la España Ibérica en el marco del Mediterráneo. Bases y circuitos comerciales". In: VAQUERIZO GIL, D. (ed.) *Religiosidad y vida cotidiana en la España Ibérica*. Córdoba: Seminarios Fons Mellaria, 1992. pp. 81-209. p.196.

¹⁵⁷ *História de Roma*. XXXIV, 9.

por sua vez, lhes proporcionavam mercadorias estrangeiras em troca dos produtos de seus campos. Há ainda a famosa frase atribuída a Catão, “*a guerra alimenta a si mesma*”¹⁵⁸, que é interpretada pela maioria dos estudiosos como um indício de que em território emporitano haveria produção de cereais o bastante para prover até uma legião romana.

Do ponto de vista arqueológico, há a constatação da existência, em vários locais da região do nordeste catalão, de extensos campos de silos, que permitiriam a acumulação de importantes recursos cerealísticos¹⁵⁹. Mas estes se apresentavam dispersos pelo território, não parecendo fazer parte de uma espécie de *chôra* emporitana.

Há outra informação textual, desta vez em Estrabão¹⁶⁰, que nos indica que, “*Os emporitanos são exímios tecedores de linho*”. Desta forma, temos que deduzir que em algum lugar próximo a Emporion, este linho deveria ser cultivado. O processo de fabricação do linho, descrito em Plínio¹⁶¹, mostrava que este era cultivado em lugares escavados no solo e debaixo da terra, sendo necessário sua imersão em água para o processo de maceração. Como o território onde se encontrava Emporion era caracterizado por ser semi-pantanosos, não há porque não pensar na probabilidade dos silos deste território conterem água. A. Domínguez¹⁶² concorda que um dos principais produtos do campo emporitano seria o linho, fundamental tanto para a fabricação de tecidos como, sobretudo, para a fabricação de velas com destino aos navios, tanto de guerras como mercantes.

¹⁵⁸ De acordo com Gracia Alonso (GRACIA ALONSO, F. “Comercio del vino y estructuras de intercambio en el NE de la Península Ibérica y Languedoc – Rosellón entre los siglos VI – V a.C.” In: AAVV. *Arqueología del vino. Los orígenes del vino en Occidente*. Jerez de la Frontera, 1995. pp.299-331. p.311), as causas econômicas do expansionismo emporitano nos séculos V e IV a.C. seriam o intercâmbio de produtos manufaturados em troca de cereal. As comunidades nativas desenvolveram uma exploração intensiva de cereal com destino a mercados controlados pelos agentes econômicos greco-latinos. Só a partir dessa premissa poderíamos entender questões como a proliferação de campos de silos e depósitos, relacionado-os com a estrutura econômica e/ou ideológica emporitana. Desta forma, o autor justifica a afirmação de Catão, durante a campanha de 196 a.C. referido-se à possibilidade de alimentar seu exército consular a partir, tão somente, dos recursos gerados pelo território emporitano. Acreditamos que tal interpretação do autor insere-se no caso já debatido anteriormente, de uma certa ‘naturalização’ das características capitalistas da nossa sociedade, remetendo-as a um caso da Antiguidade.”

¹⁵⁹ Silos de Ampurdán: Vilafant, Creixell, Pontós, Ermedas, Saus e Ullastert.

¹⁶⁰ *Geografia*. III, 3, 4, 9.

¹⁶¹ *História Natural*. XIX, 2,9.

¹⁶² DOMINGUEZ, A.J. "La función económica de la ciudad griega de Emporion". In: *VI Col.loqui Internacional d'Arqueologia de Puigcerdà*. Puigcerdà, 1984. pp. 193-199. p.196.

Há ainda a possibilidade da extração do sal, em Emporion, que na opinião de Fernandez Nieto, não seria uma atividade expressiva, já que tal produto seria mais explorado na região levantina peninsular¹⁶³.

Também há indícios sobre o cultivo de videiras nas áreas próximas a Emporion. De acordo com F. Gracia Alonso¹⁶⁴, o consumo de vinho no Nordeste peninsular foi resultado da presença fenícia, que trouxe as primeiras mudas no século VII a.C. Assim, quando os gregos chegaram, já havia práticas de plantação de viderias, sendo o desenvolvimento da exploração local da vinha em Emporion iniciado a partir do século V a.C.

A metalurgia também era uma atividade emporitana. A posição de Emporion, próxima à foz do rio Fluvià, auxiliava a troca de produtos entre as zonas costeiras e o interior peninsular, facilitando a penetração destes tanto em território peninsular quanto nas áreas sub-pirenáicas, que eram zonas mineiras. Nesta região, havia uma via romana chamada Via de Capsacosta, que ligava Emporion às áreas mineiras dos Pirineus. Apesar dos relatos sobre tal via serem datados do período romano, provavelmente, esta já era conhecida antes da chegada dos romanos em território peninsular, ligando Emporion àquela zona mineira¹⁶⁵. A *Tabellae defixionis* de datação próxima à época de Augusto (27 a.C. - 14 d.C.), descoberta na necrópole Ballesta¹⁶⁶, mencionava um processo envolvendo os *Indicetani*¹⁶⁷ e os *Olossitani*. Sem querer entrar em detalhes sobre tal inscrição, só queremos ressaltar a relação existente entre os habitantes de Emporion e os habitantes que ocupavam as áreas sub-pirenáicas. Outro indício dessa relação seria os achados de moedas de imitação de dracmas de prata emporitanas com a legenda *Olossortin*¹⁶⁸, que devem ter sido cunhadas durante o período da última Guerra

¹⁶³ Uma interessante pesquisa acerca da produção de sal na Península Ibérica seria: FERNÁNDEZ NIETO, F. J. “Hemeroskopéion = Thynnoskopéion. El final de un problema histórico mal enfocado.” *Mainake*, XXIV, 2002. pp. 231-255.

¹⁶⁴ GRACIA ALONSO, F. “Comercio del vino y estructuras de intercambio en el NE de la Península Ibérica y Languedoc – Rosellón entre los siglos VI – V a.C.” In: AAVV. *Arqueología del vino. Los orígenes del vino en Occidente*. Jerez de la Frontera, 1995. pp.299-331.

¹⁶⁵ Ver artigo SANMARTÍ-GREGO, E. “Recent Discoveries at the Harbour of The Greek City of Emporion (L’Escala, Catalonia, Spain) and its Surrounding Area (Quarries and Iron Workshops)”. In: CUNLIFFE, B. & KEAY, S. *Social Complexity and Development of Towns in Iberia. From the Cooper Age to the Second Century A.D.* Oxford: University : Press, 1994. pp.157-174.

¹⁶⁶ FABRE, G. ; MAYER, M. et RODA, I. *Inscriptions Romaines de Catalogne, III: Gerone*, Paris, 1991, pp.159-163.

¹⁶⁷ Indicetani ou indigetes são os nativos que habitavam o território do Nordeste catalão.

¹⁶⁸ GUADAN, A. M. *Las leyendas ibéricas em las dracmas de imitación emporitana*. Madrid : Alianza, 1956. p. 116.

Púnica. Há ainda os vestígios encontrados por SanMartí-Grego em Emporion, de alguns fornos metalúrgicos, e até uma pequena oficina¹⁶⁹, estruturas contemporâneas ou posteriores aos século II a.C., já no período da presença romana em Emporion.

A partir das evidências do volume de cerâmica ática encontrados nos assentamentos ibéricos, F. Villard¹⁷⁰ defendeu a hipótese de que a partir do século V a.C.¹⁷¹, Emporion passou por um série de transformações que garantiram sua independência de Massália, influenciando toda a historiografia posterior sobre o tema. Esse autor apoiou a idéia de que no começo do século V a.C. Massália passava por uma grave crise que se traduziu em uma paralisia quase total de suas importações. Tal fato propiciou a Emporion desenvolver-se comercialmente, independente dos circuitos massaliotas. Coincidentemente, tal momento também marcaria o início de um período, que iria até a metade do século IV a.C., de grande afluxo de cerâmicas gregas em território peninsular, constituindo a maioria de cerâmica ática. Dentro da perspectiva de Villard, como Massalia estaria em “crise”, a porta de entrada dos materiais gregos na península Ibérica seria Emporion. Assim, Emporion além de estar se independendo comercialmente de Massália, também estaria desenvolvendo relações comerciais com Atenas, fortalecendo, portanto, sua posição comercial.

¹⁶⁹ Ver artigo SANMARTÍ-GREGO, E. “Recent Discoveries at the Harbour of The Greek City of Emporion (L’Escala, Catalonia, Spain) and its Surrounding Area (Quarries and Iron Workshops)”. In: CUNLIFFE, B. & KEAY, S. *Social Complexity and Development of Towns in Iberia. From the Cooper Age to the Second Century A.D.* Oxford: University : Press, 1994. pp.157-174.

¹⁷⁰ VILLARD, F. “La céramique grecque de Marseille (VI – V s.) Essai d’histoire économique”, *BEFAR*, 185, Paris 1960, p.117-118.

¹⁷¹ Tal contexto deriva da invasão persa na Focéia, já descrita no início do capítulo, além da própria conjuntura criada após a Batalha de Alalia, em 540 a.C.: ao fim, com o total aniquilamento do reino lídio. Pouco depois os persas lançaram-se sobre as cidades jônias, que em geral pouco resistiram. Assim, em 545 a.C. a Focéia, a segunda cidade jônica mais importante depois de Mileto, caía nas mãos dos persas. Muitos habitantes mudaram-se para a parte ocidental do Mediterrâneo, instalando-se na colônia de Alalia (Córcega), fundada aproximadamente vinte anos antes, segundo nos relata Heródoto (I, 165). Os recém chegados, para sobreviver, dedicaram-se a praticar no Mediterrâneo central uma certa atividade de corso, que ajudou a desequilibrar as relações entre gregos, etruscos e cartagineses. Se a esse fato adicionarmos que por essas datas os etruscos haviam sido quase totalmente eliminados do comércio com as costas do Golfo de Lyon, compreenderemos que o enfrentamento direto entre focéus e a coaligação etrusco-cartaginesa foi inevitável. O encontro naval teve lugar em águas próximas a Alalaia, em 535 a.C. As investigações arqueológicas demonstraram que as conseqüências da batalha foram muito distintas e que apenas repercutiram no comércio grego no Ocidente. No fundo esta se tratou de uma limpeza de piratas que favoreceu tanto ao comércio etrusco-cartaginês como ao grego. Inclusive, o assentamento de Alalia não foi destruído nem abandonado, já que continuaria recebendo materiais importados da Ática durante os séculos V- IV a.C. (Montenegro, Blázquez et alli, 1998: 184).

G. Trias¹⁷², a partir do estudo sobre os as cerâmicas áticas de importação no Mediterrâneo ocidental, observou que a Etrúria, naquele momento em contato direto com Atenas, apresentava um tipo de cerâmicas diferente das encontradas em Emporion, para o mesmo período temporal. Em contrapartida, a cerâmica ática encontrada em Emporion teria muito mais semelhanças com os modelos encontrados nas colônias gregas da Magna Grécia e da Sicília. Este fato, de acordo com as interpretações de tal pesquisadora, poderia indicar que o comércio Emporion - Atenas se utilizava dessas colônias como intermediárias. Além disso, havia semelhanças entre certas moedas emporitanas do século V a.C., com as de Siracusa, o que de poderia indicar contatos comerciais entre as duas colônias¹⁷³.

As porcentagens de ânforas massaliotas encontradas em Emporion, para o período iniciado com o século V a.C., também parecem indicar seu gradual afastamento de sua Metrópole, Massália. Foi constatada a presença significativa de ânforas massaliotas para o período temporal compreendido entre os anos 525-475 a.C. (12,71% do total de ânforas encontradas no assentamento emporitano), embora tal presença estivesse em proporção inferior às ânforas ibero-púnicas (56,42% do total de ânforas encontradas no assentamento emporitano) encontradas neste assentamento, para o mesmo período temporal¹⁷⁴. A partir de 475 a.C., as escavações realizadas em Emporion apontaram para uma diminuição considerável da presença de ânforas massaliotas¹⁷⁵.

Emporion estava situada em um ponto de confluência dos principais cursos de água, facilitando o contato com o levante e sul peninsulares, algumas regiões do sul da França, ilhas Baleares e Península Itálica. De acordo com a interpretação dada por alguns estudiosos¹⁷⁶, a partir do material de origem púnica encontrado no sítio arqueológico de Ampúrias e em suas proximidades, passou-se a considerar a existência de uma colaboração, ou pelo menos de um

¹⁷² TRIAS, G. *Cerâmicas griegas de la Península Ibérica*, Valence 1967, p. XXXVI.

¹⁷³ CLAVEL-LEVEQUE, M. *Marseille Grecque et la Gaulee*. Pp.25 -34; BATS, M. *Définition et evolution du profil maritime*, p.36.

¹⁷⁴ SANMARTI-GREGO, E.; CASTANYER, P.; TREMOLEDA, J. "Les amphores massaliètes d'Emporion du milieu du VIe au milieu du IVe s. av. J.C.". *EM*, 2, 1990. pp.165-170.

¹⁷⁵ *Idem*.

¹⁷⁶ ARRIBAS, A e TRIAS, G e CERDA, G et De HOZ, J. "L'epave d' El Sec (Mallorca)." *Grecs et Iberes au IV e. siècle avant J-C*, *REA*, LXXXIX, 3-4, 1987, p. 15-148. ROUILLARD, P. *Les Grecs et la Péninsule Ibérique du VIIIe au IV siècle avant Jésus-Christ*. Paris: 1991.

tipo de coexistência comercial entre as zonas de influência comercial grega e púnica, na península Ibérica.

E. Sanmartí - Grego¹⁷⁷ também concorda com os contatos comerciais entre as esferas grega e púnica em território peninsular, tanto a partir do comércio de Emporion com Ibiza, quanto do comércio de Emporion com o resto do mundo púnico centro-mediterrâneo e oriental. Para tanto, este autor baseou sua análise na verificação da existência de vasos de perfume de origem púnica e das ânforas púnico-ebusitanas (procedentes das zonas costeiras próximas ao Estreito de Gibraltar) no assentamento emporitano.

Assim, a breve discussão historiográfica apresentada justifica-se pela seguinte razão: apontar que Emporion, a partir do final do séc. VI a.C., estava estabelecendo contatos com várias regiões¹⁷⁸, deixando de se limitar a atuar como um simples *emporion* representante dos interesses comerciais de Massalía.

Além disso, devemos ressaltar o fato de que os habitantes de Emporion estavam em constante contato com as populações nativas peninsulares, por motivos comerciais, por motivos de subsistência (a existência ou não de uma *chôra* emporitana, não implicaria no fato de que os colonos precisavam dos nativos para obter as matérias-primas necessárias pra sua subsistência), e por motivos de segurança (precisavam de comunidades aliadas par o caso de uma situação de conflito em território peninsular). Reiteramos assim, a idéia já exposta de que os habitantes de Emporion mantinham relações mais estreitas com os nativos locais do que com sua Metrópole.

Desta forma, a própria localização do assentamento emporitano, que favorecia os contatos com o interiro peninsular, o desenvolvimento de redes comerciais próprias, além da

¹⁷⁷ SANMARTI-GREGO, E. "La 'Tumba Cazurro' de la necrópolis emporitana de 'El Portitxol' y algunos apuntes acerca de la economía de Emporion en el siglo V a.C.". *AespA*, 69, 1996. pp. 17-36. p.30.

¹⁷⁸ A rede comercial de Emporion chegava até a região central da França, particularmente Roussillon e em menor escala Languedoc Ocidental, toda a costa catalã, o levante e o sudeste peninsulares Para um melhor conhecimento da questão acerca das redes comerciais emporitanas e massaliotas na região Central da França, ver: BATS, M (org.) "Les amphores de Marseille grecque. Chronologie et diffusion", *Etudes Massaliètes*, 2, 1990. ; BATS, M. e BERTUCCHI, G. e CONGES, G. et TREZINY, H. (eds) "Marseille grecque et la Gaulle", *Etudes Massaliètes*, 3, 1992.

emissão das primeiras cunhagens emporitanas¹⁷⁹, podem ser indicativos de que Emporion reconhecera-se como uma entidade política independente.

Outro indício que pode fundamentar nossa idéia, está contido na documentação que vamos analisar a seguir.

1.3.1) As Cartas Escritas em Lâminas de Chumbo

Chegaram até nosso conhecimento algumas inscrições sobre lâminas de chumbo¹⁸⁰ de origem etrusca, foceu-massaliota e ibérica, encontradas nos assentamentos de Emporion e Pech Maho (Aude) e interpretadas como cartas comerciais¹⁸¹. Tais lâminas, descobertas na década de 1980, tanto em Ampúrias, como em Pech-Maho, constituem-se uma documentação que comprova a existência de nativos dedicados ao comércio, atuando como “empresários” ou intermediários comerciais, conhecedores das práticas comerciais gregas.

1.3.1.1) A Carta de Emporion

a) Ampúrias I

1. [- - -] ωε? c ε)ν Cαιγα/νθηι ε)/cηι, κα)/ν [- - -]

¹⁷⁹ As primeiras moedas em circulação em Emporion seriam aquelas do tipo Auriol, em um primeiro momento cunhadas em *Massalia* e depois de algum tempo, passaram a era emitidas por Emporion. Foram utilizadas durante o século VI e uma parte do século V a.C., sendo substituídas por pequenas peças de prata, com a legenda EM. Ver: VILLARONGA, L. "Les rapports numismatiques entre Massalia et Emporion". *NAC*, 20, 1991. pp.85-92.; FURTWÄNGLER, A. "Histoire et politique monétaire." In: *Monnaies grecques en Gaule*. Fribourg: Office du Livre, 1978. pp.301-310.

¹⁸⁰ No mundo grego, a utilização de lâminas de chumbo remonta à Época Arcaica, onde foi utilizada até o Período Helenístico. Embora haja exemplos atenienses e em outras áreas da Grécia Central, as lâminas de chumbo procedem principalmente de zonas periféricas, como o Mar Negro, Massalía, Emporion e Sicília¹⁸⁰. In: IMMERWAHR, H. R. *Attic Script*. 1990. pp. 125 –127 e p. 187.; CORDANO, F. "Primi domenti di um archivio anagrafico a Camarina". *Rendiconti dei Lincei*, 44, 135 – 150.

¹⁸¹ GRACIA ALONSO, F. "El comercio arcaico en el Nordeste de la Península Ibérica. Estado de la cuestión y perspectivas". *Monografies Emporitanes*, 11, 2000. pp. 257-276.

2. [- - -] “Ε?μπορι/ταιειν ου)δθ ε)πιβα[- - -]
3. [- - -] νε?c η) ε)/κοσι κοι)=νοc ου)κ ε?)λ?α?[- - -]δ[- - -]
4. [- - -] Cαιγ]αενθηι=ον ω)νη=cθαι Βασπεδ[- - -] π[- - -]
5. [- - -] αν α)/ρcαν παρακομι/cεν κα)/c[- - -] εν?[- - -]
6. [- - -] ωνι τι/ του/των ποητε/ον [- - -] ν[- - -]
7. [- - -] α και .: κε/λενε ce.: Βασπεδ[.] ε)λκ[εν - -]
8. [- - -] cθαι ει) τις ε)/cτιν ο)/c ε)/λχει ε)c δ[.]οcτ[- - -]
9. [-

η)]με/τερον! κα).:ν δυ/ο ωι)=ci, δυ/ο προ[ε/c]θ[ω - -]

10. [- - -]λ[- - -]οc δθ ε)/cτω! κα)/ν αυ/το.:c θε/λη[ι - -]
11. [- - -]μυ?cυ μετεξε/τω! κα)/μ μη.: ο)[- - -]
12. [- - -] τ?ω κα)πιcτελα/τω ο)κο/cο α)/ν[- - -]
13. [- - -]ν ω)c α)/ν δυ/νηται τα/ξικτα[- - -]
14. [- - κεκ] ε/λευκα! ξαι=πε.

0. ... (De fulano para cicrano, saudações)...
1. que esteja em Saiganthe, mas se (preferes permanecer)
2. [- - -] entre os emporitanos, e não embarcar[- - -]
3. [- - -] comprovarás que vinte comuns não foram enviados[- - -]
4. [- - -](e que) em Saiganthe comprou Basped. [- - -]
5. [- - -] readaptado para transportar mercadorias até [- - -]
6. [- - -] (a) D.on, que nos faz falta [- - -]
7. [- - -]e pede a Basped.. que se encarregue de arrastar (o carregamento) [- - -]
8. [- - -]se é que há alguém que o faça até [- - -]
9. [- - -] o nosso. Ie, se houver dois, que os envie [- - -]
10. [- - -]mas que o (responsável?) seja ele. E se ele por sua parte quiser [- - -]
11. [- - -]que seja meio a meio. Mas se não estiver de acordo [- - -]
12. [- - -]que --- e que me comunique por carta por quanto (o faria) [- - -]
13. [- - -]o mais rápido que puder [- - -]
14. [- - -](Estas) são minhas instruções. Adeus 182.

Carta focu-massaliota¹⁸³. Procedente da escavação do recinto D (Campanha de 1985), em um nível estratigráfico com arco cronológico datado de meados do século VI e finais do

¹⁸² SANTIAGO, R.A.. “Presencia Ibérica en las inscripciones griegas recientemente recuperadas en Ampurias y en Pech Mahó”. ZPE 68, 1987. pp. 21.

¹⁸³ Sobre a problemática filológica do presente texto, cuja questão não iremos tocar, já que além de não sermos especialistas no assunto, não é do nosso interesse no presente trabalho: SANMARTI-GREGO, E. “Uma carta em lengua iberica, escrita sobre plomo, procedente de Emporion.” RAN, 21, 1988. pp. 95-113; SANMARTI-GREGO, E. “Uma estela de guerrer procedent d’Empúries.” RAN, 21, 1988. pp. 95-113. Fonaments, 7, 1988. pp. 111-114. SANTIAGO, R.A. “Notes additionnelles au plomb d’Emporion (1987)”. ZPE, 81, 1991. pp.176. SANTIAGO, R.A. “Notes additionnelles sur la lettre sur plom d’Emporion”. ZPE, 72, 1988. pp.100-101.

século V a.C.¹⁸⁴ O conteúdo da carta refere-se às instruções de um comerciante que escreve em dialeto jônico a um mercador, dependente ou relacionado com o mesmo, com base em Emporion, para que este propusesse um “negócio”¹⁸⁵ a outro mercador de nome *BASPED*-¹⁸⁶, radicado na mesma colônia, e a quem se supõe que estaria relacionado com a provável rede comercial que ligaria as zonas de Massália e Emporion com ir até *Saiganthé/Saigantha*¹⁸⁷.

Na l.2 da inscrição, da mesma forma que veremos também na l.2 da carta de Pech Maho, temos as primeiras menções ao termo “*EMPORITAI*”, com letra maiúscula, que designaria os cidadãos que habitavam Emporion.

Na l.4 há o antropônimo ibérico *BÁS-BETAR*¹⁸⁸, que está incompleto nos dois casos mencionados, nas linhas 4 e 7.

No final da l.6, conserva-se um dativo que, de acordo com R. Araceli-Santiago e Miguel Gardeñes Santiago¹⁸⁹, tanto poderia ser um topônimo com valor de locativo, quanto um antropônimo, complemento agente da forma verbal de obrigação *poeteon*, última palavra legível da linha. Assim, poderíamos estar ante a menção de outra pessoa envolvida nesta troca comercial.

¹⁸⁴ A data final do estrato vem determinada pela presença de um fragmento de *kántharos* correspondente ao Grupo VI da classificação de Howard e Johnson das produções de Saint Valentin. HOWARD, S; JOHNSON, F. P. “the Saint Valentin Vases”. *AJA*, 58, 3, 1954. pp. 191 – 207.

¹⁸⁵ ¹⁸⁵ O trato comercial referia-se ao frete de um anvio para o carregamento e a distribuição de mercadorias de propriedade de um comerciante focu-massaliota. Para realizar a citada transação, o mesmo comerciante propunha uma comissão de 50 %, aceitando estudar as contra-ofertas que *BASPED*- pudesse solicitar.

¹⁸⁶ E. Sanmartí propôs algumas modificações a respeito da tradução do texto contido na carta de Ampúrias I. Dentre as mais significativas, destacamos: a mudança cronológica, não mais fixada no séc. VI a.C., mas sim no século V a.C.; na linha 04, *BASPEDAS* é citado como originário de Saígantha, fato que na primeira tradução não era mencionado; por último, o autor relaciona Saígantha com Sagunto, apresentando suas primeiras interpretações de que tal topônimo referia-se a Ullastret. SANMARTÍ, E. “Uma carta comercial hallada em Emporion”. In: AA. VV. *Saguntum y el mar*. Valencia: Ed. Generalitat Valenciana, 1991. pp.16-18.

¹⁸⁷ R. A. Santiago identificou o topônimo Saígantha com Sagunto a partir da análise filológica do termo. Da mesma forma, aponta uma variação na leitura da l.02 no sentido que o *metabolos* não se desloca pelo mar para realizar o negócio. SANTIAGO, R. A. “Em torno a los nombres antiguos de Sagunto”. *Saguntum*, 23, 1990. pp. 123 – 140. A presença mais antiga de materiais gregos na área de Sagunto corresponde a uma taça jônica B2 de procedência incerta, não sendo até a metade do século V a.C. que se fazem presentes as importações áticas na área. A problemática seria, portanto, relacionar um texto da segunda metade do séc. VI a.C., o qual poderia atestar um constante presença focu-massaliota na região, com a escassez de materiais que pudessem comprovar tal presença. PASCUAL, I. “Los primeros contactos con el mundo mediterráneo.” In: AA. VV. *Saguntum y el mar*. Valencia: Ed. Generalitat Valenciana, 1991. pp.88 – 92.

¹⁸⁸ VELAZA, J. “Basped- sur le plomb grec d’Emporion: un anthroponyme ibérique?”, *BN*, 27, 1992, p. 264-267.

¹⁸⁹ Araceli-Santiago, R. e Gardeñes Santiago, M. “Interacción de poblaciones en la antigua Grecia: algunos ejemplos de especial interés para el Derecho internacional privado.” *Faventia* 24/1, 2002. pp. 7-36. p. 15

Fig. 7: A Carta Comercial de Ampúrias

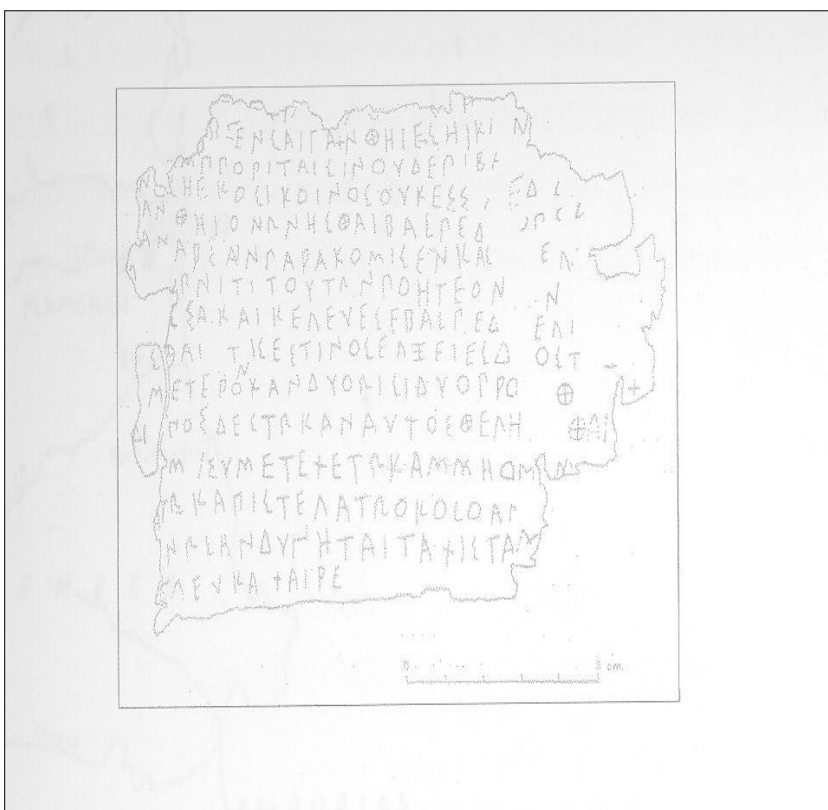


Fig. 05: Cópia em facsímile da inscrição sobre suporte de chumbo recuperada no sítio de Emporion durante as escavações de 1985, apresentada acima. Fonte: SANMARTI-GREGO, E.; SANTIAGO, R.A. "Une lettre grecque sur plomb trouvée a Emporion. (Fouilles 1985)". *ZPE*, 68, 1987. p.122.

O verbo grego na l.8, significa “arrastar”. Era perigoso para as grandes embarcações a aproximação às costas escarpadas e com abundantes marismas como são as do arco costeiro do norte da Catalunha e sul da França, pelo qual o carregamento deveria ser transportado de navio. Assim, a mercadoria deveria ser levada do navio, ancorado a uma certa distância da costa, ao seu destino mediante barcas de dimensões reduzidas e de fácil manobra. A esta operação aplicou-se o verbo arrastar¹⁹⁰. Também iremos ver a menção ao auxílio deste tipo de embarcação ligeira e auxiliar, na versão grega da carta de Pech Maho, que mostraremos a seguir.

¹⁹⁰ SANTIAGO ÁLVAREZ, R. A.; GARDEÑES SANTIAGO, M.. “Interacción de poblaciones en la antigua Grecia: algunos ejemplos de especial interés para el Derecho internacional privado”. *Faventia* 24/1, 2002 7-36.

1.3.1.2) As Cartas de Pech –Maho

a) Pech Maho 1

A transcrição do texto, proposta por C. Ampolo e T. Caruso¹⁹¹:

1 Ve(n)elus . (- - -)is (...?)
 zeke . kisnee . heki(...)
 veneluz . ka . utavu(...)
 heitva . kiven . mis (...)
 zik . hinu . tuz (...)

Carta etrusca¹⁹². Corresponde a face A de uma placa de chumbo que contém texto em ambas as faces. Devido a sua posição stratigráfica, foi datada por G. Colonna¹⁹³ como pertencente ao período 475 – 450 a.C. O conteúdo total da mesma¹⁹⁴, ainda não decifrado, deveria incluir, na opinião de M. Lejeune¹⁹⁵, o âmbito das concordâncias comerciais entre a Etrúria e a zona do Languedoc, neste período. M. Cristofani,¹⁹⁶ a partir do contexto arqueológico que foi encontrado o texto, aliado ao conteúdo da face B desta placa, interpretou que haveria possibilidade deste texto narrar uma transação/ transporte de mercadorias entre a Etrúria e a zona do Languedoc, no qual participariam os dois antropônimos identificados no mesmo: VENEL e UTAVU.

¹⁹¹ AMPOLO, C.; CARUSO, T. "I Greci e gli altri nel Mediterraneo occidentale. Le iscrizioni greca ed etrusca di Pech Maho: circolazione di beni, di uomini, di istituti." *Opus*, IX – X, 1990 – 1991. PP. 29 – 56.

¹⁹² Para o texto etrusco ver: LEJEUNE, M.; POUILLOUX, J.; SOLIER, Y. "Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude)". *RAN*, 21, 1988. pp. 19-59; LEJEUNE, M. e POUILLOUX, J. "Une transaction commerciale ionienne au Vo. Siècle à Pech Maho", *CRAI*, 1988, pp. 526 – 536; CHADWICK, J. "The Pech Maho Lead", *ZPE*, 1, 1990. pp.161 –166.

¹⁹³ COLONIA, G. "L'iscrizione etrusca del piombo di Linguadoca". *Scienze dell'Antichità*, 2, 1998. pp. 547 – 555.

¹⁹⁴ Só foram identificados alguns antropônimos.

¹⁹⁵ LEJEUNE, M. e POUILLOUX, J. "Une transaction commerciale ionienne au Vo. Siècle à Pech Maho"

¹⁹⁶ CRISTOFANI, M. "il testo di Pech-Maho, aleria i traffici del V secolo aC." *MEFRA*, 105, 1993. pp. 833 – 845.

b) Pech Maho 2

1. α)κ?α/τι?[ον] ε)πρι/ατ?ο? .. πρι[] παρα.: τω=v] vac.
2. Εμποριτε/ων!ε)πρι/ατο τε[] vac.
3. ε)μοι.: μετε/δωκε τω)/μυσυ τ[ρι/τ]ο η([μι]οκταν?–
4. ι/ο!τρι/τον η(μικτα/νιον ε)/δωκα α)ριθμω=–
5. ι και.: ε)γγυητη/ριον τρι/την αυ)το/φ!και.: κε–
6. ι=v)ε)/λαβεν ε)ν τω=i ποταμω=i!το.:ν α)ρρα–
7. βω=vε α)νε/δωκα ο)/κο τα)κα/ατια ο)ρμι/ζεται!
8. μα/ρτυρ!Βασιγγερροφ και.: Βλεραφ και.:.
9. Γολο.βιυρ και.: Σεδεγων!ο[υ/=]τοι μα/ρτ–
10. vac. υρεφ ευ/=τε το.:ν α)ρραβω=vε α)νε/δωκα,
11. vac. [ε]υ/=τε δε.: α)πε/δωκα το.: ξρη=μα τρι/τον
12. vac. [η]μ]ι?οκτα?/ν?ι[ο]ν!αυαρυασ Ναλβε..ν

verso: 'Ηρ?ωνοι/ιοφ

1. *X comprou um barco dos*
2. *emporitanos. E comprou também ...*
3. *Para mim transferiu-me uma parte, a metade, ao preço de dois octânios e me-*
4. *io . Dois ectânios e meio lhes dei em moeda corrente*
5. *e uma garantia de uma trite eu pessoalmente. E isso*
6. *recebi no rio. O pagamento adiantado*
7. *foi entregue onde amarram os barcos.*
8. *Testemunhas: Basiguerros, Bleuruas,*
9. *Golo[-]biur e Sedegon. Estes foram tes-*
10. *testemunhas quando entreguei o pagamento adiantado,*
11. *mas quando completei o total, dois*
12. *octânios e meio, (as testemunhas foram) [-]auaras, Nalbe[-]n*

verso: *Heronoiios*¹⁹⁷

Carta jônio-massaliota¹⁹⁸. Corresponde a face B da carta etrusca. Datada do segundo quartel do século V a.C., e por isto, posterior a face A. Redigida em jônio Arcaico, o conteúdo

¹⁹⁷ LEJEUNE, M. e POUILLOUX, J. "Une transaction commerciale ionienne au Vo. Siècle à Pech Maho", CRAI, 1988, pp. 526 – 536.

¹⁹⁸ Para o texto grego ver: LEJEUNE, M.; POUILLOUX, J.; SOLIER, Y. "Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude)". RAN, 21, 1988. pp. 19-59; LEJEUNE, M. e POUILLOUX, J. "Une transaction

da mesma pode definir-se como a ata de uma transação comercial realizada entre um grego da Jônia¹⁹⁹ (*HERONOIIOS*) e outro mercador (*KYPRIOS*) provavelmente grego, com base em Emporion. O negócio consistia na compra, por parte deste último, de um *akation*²⁰⁰ em Emporion, do qual vendeu a metade ao redator da ata, por dois *octania* e meio, dos quais este pagou imediatamente uma parte e depositou, como restante, uma *tritê*²⁰¹ como sinal. O envio da fiança ao lugar onde se encontravam amarradas as *akantias*, efetuou-se perante testemunhas (*BASIGUERROS*, *BLEURAS*, *GOLO.BIUR*, *SEGEDON*), assim como o pagamento da totalidade de preço acordado (*NAUARUAS*, *NALBE ...N*)²⁰².

A estrutura do acordo corresponde, segundo C. Ampolo e T. Caruso²⁰³, ao relato de uma transação realizada de acordo com os padrões egeus, entre dois comerciantes gregos (com a possível participação de elementos indígenas conscientes da legislação mercantil da Jônia) no território de uma comunidade local e sob a supervisão das testemunhas.

commerciale ionienne au Vo. Siècle à Pech Maho”, CRAI, 1988, pp. 526 – 536; CHADWICK, J. “The Pech Maho Lead”, ZPE, 1, 1990. pp.161 –166.

¹⁹⁹ Na opinião de J. Pouilloy, devido aos imediatismos temporal e geográfico empregados no discurso, pelo redator da carta, além do próprio conteúdo desta, o redator seria um grego ocidental (massaliota ou emporitano). LEJEUNE, M.; POUILLOUX, J.; SOLIER, Y. "Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude)". RAN, 21, 1988. pp. 19-59

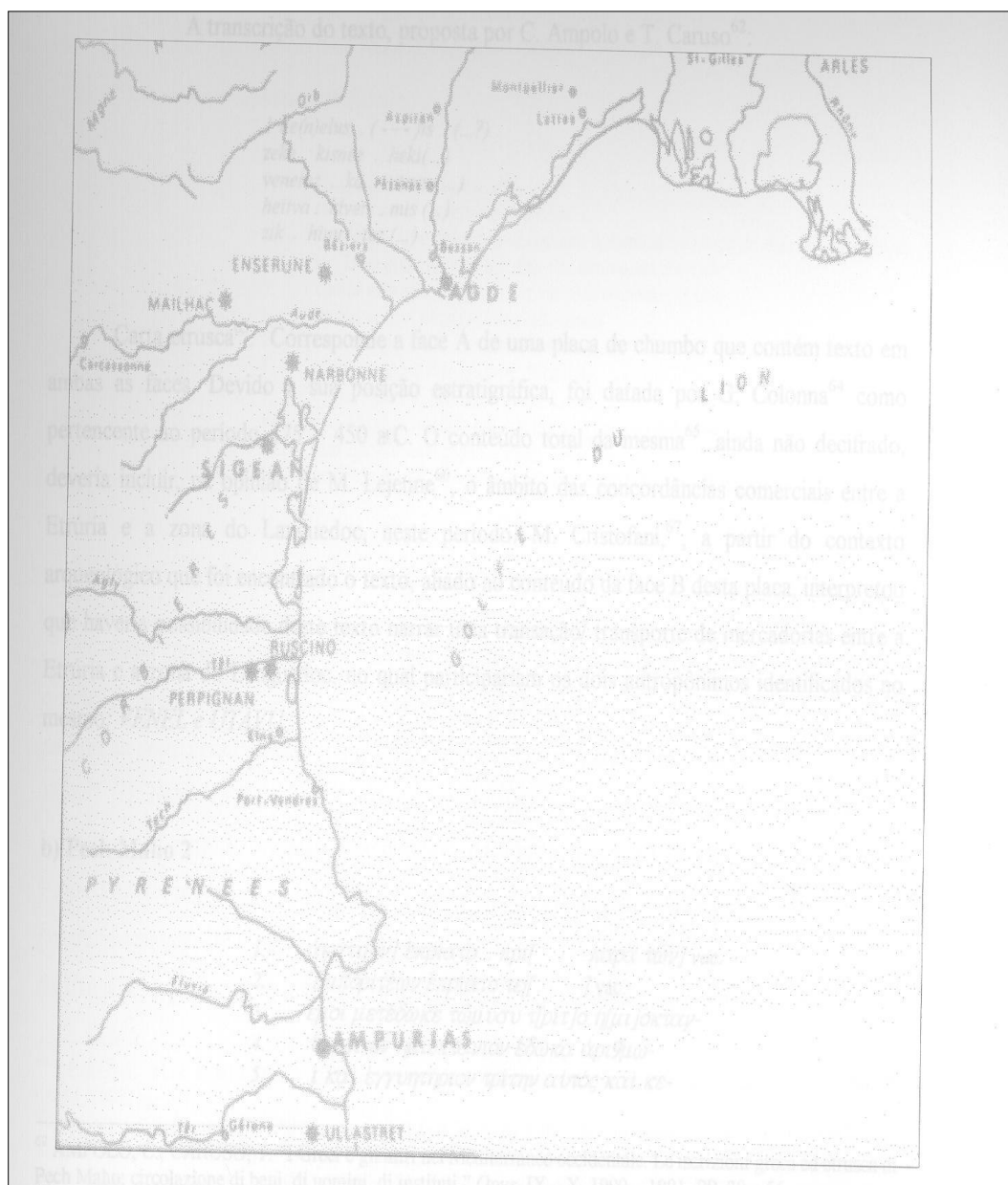
²⁰⁰ Para M. Lejeune, C. Ampolo e T. Caruso, *Akation* seria um tipo de navio costeiro ou embarcação pequena. Heródoto (VII, 184, 4) e Políbio (1. 73.2) empregam tal termo no sentido de referirem-se às embarcações que empregavam até 50 remadores. Luciano (*Vera Hist.* 1.5), Lívio (38. 38. 8) e Cícero (Att. 16. 3. 6) empregaram tal termo para descrever uma embarcação que utilizaria entre 20 e 30 remadores com um único timoneiro.

²⁰¹

²⁰² O caráter tradicional da estrutura de transação comercial pode ser notado, entre outros aspectos, no fato de que os sinais eram utilizados no mundo jônico desde, ao menos, o século VII a.C. Além disso, a estrutura do pagamento partido com prazos fixados é conhecida na Sicília grega a partir de Teofraсто⁹⁷, e que, em suma, a existência de seis testemunhas em um negócio (04 no momento do sinal e dois no momento da entrega) é própria do Mediterrâneo oriental no primeiro período Ptolomaico (304 aC a 30 dC). AMPOLO, C.; CARUSO, *op. cit.* P. 37, 39 – 40.

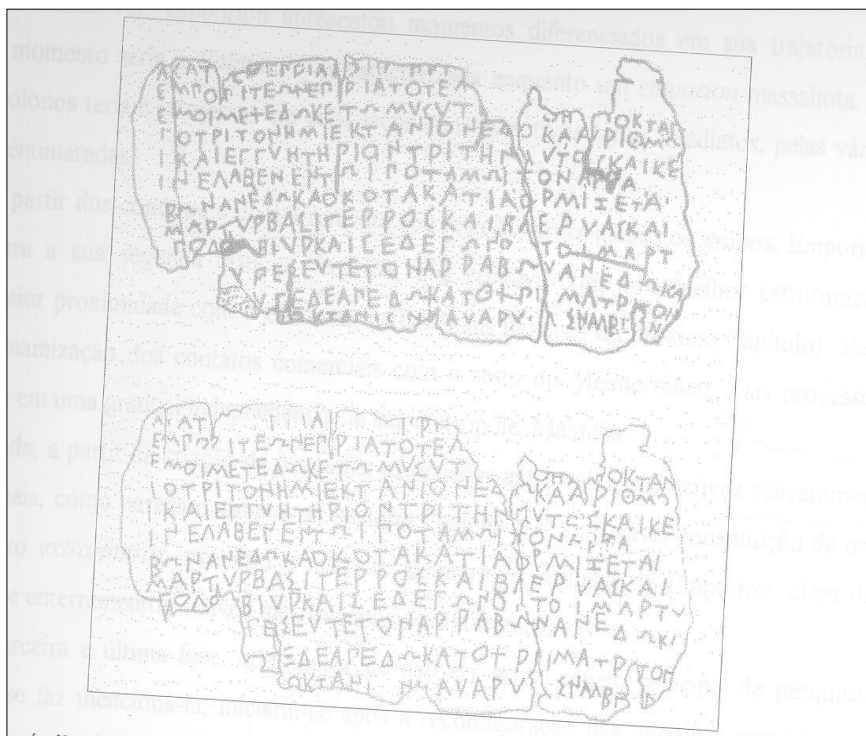
²⁰³ AMPOLO, C.; CARUSO, *op. cit.* p. 48.

Mapa 06: O Golfo de Lyon



Mapa apresentando as localizações de Sigean – Pech Maho, de Emporion – Ampúrias e de Ullastret. Fonte: LEJEUNE, M.; POUILLOUX, J.; SOLIER, Y. "Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude)". *RAN*, 21, 1988. pp. 19-59. p.21.

Fig. 08: A Carta de Pech Maho



Cópia em facsímile da Face B da inscrição sobre suporte de chumbo recuperada no sítio de Pech Maho. Fonte: LEJEUNE, M.; POUILLOUX, J.; SOLIER, Y. "Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude)". *RAN*, 21, 1988. p.41.

Em relação à tradução proposta por M. Lejeune e J. Pouilloy²⁰⁴, foram realizadas reinterpretações por parte de J. Chadwick²⁰⁵, que propunha que o barco sobre o qual efetua-se a transação, e relacionado com o gentílico “emporitanos”, poderia ser tanto “adquirido dos mesmos” como “comprado por parte deles”. Ainda, Chadwick interpreta a l.2 do texto no sentido de que *KYPRIOS* obteve, não apenas o referido barco e sua carga, como opinam Lejeune e Pouilloy²⁰⁶, mas “três barcos mais de outra parte”, o que comportaria que o número total de embarcações compradas seria de 04 e que, talvez, a compra não teria se realizado em Emporion, como foi sugerido, mas em outro local (Massalía, Pech Maho?).

²⁰⁴ LEJEUNE, M. e POUILLOUX, J. “Une transaction commerciale ionienne au Vo. Siècle à Pech Maho”, *CRAI*, 1988, pp. 526 – 536.

²⁰⁵ CHADWICK, J. “The Pech Maho Lead”, *ZPE*, 1, 1990. pp.161 –166.

²⁰⁶ LEJEUNE, M. e POUILLOUX, J. *Op. cit.* pp. 526 – 536.

R. A. Santiago²⁰⁷ concorda que a compra teria sido realizada em Emporion, porém, propôs uma variante para a l.2, indicando que, junto ao *akation*, *KYPRIOS* poderia ter adquirido também azeite de oliva ateniense ou de produção local, realizando-se por ambos a transação com o redator da missiva, quem a autora identifica como *HERON DE IOS*. A autora, a partir das idéias de equivalência formuladas por pesquisadores franceses²⁰⁸, cifra o valor da parte do relator em 20 *estáteras*, substituindo os padrões monetários (*hectania* e *octania*) mencionados originariamente no texto, por outro, próprio da área da Jônia.

Na l.3, o verbo transferiu foi o primeiro a ser utilizado dentre uma série de verbos compostos de *dídomi* ‘dar’, *metadídomi* ‘dar uma parte’. Tal precisão no uso dos verbos, assim como a presença de outros termos técnicos, sugere a existência de um léxico específico para ser utilizado nos documentos comerciais²⁰⁹.

Na l.5, o termo que aparece traduzido por “fiança”, *engyetérion* em grego, deriva de *engye*, cujo sentido original parece ter sido “depósito”, para garantir um trato ou compromisso. Tal depósito poderia ser tanto um objeto valioso, devolvido uma vez cumprido o trato, quanto pagamento em metal. Assim, o compromisso assumido poderia ser material ou moral.

Com base no conteúdo dos textos redigidos em dialeto jônico arcaico (Ampúrias 1 e Pech Maho 2), gostaríamos de ressaltar que, em primeiro lugar, já havia emprego do gentílico “emporitanos”, ao referir-se àqueles que habitavam em Emporion.

Ainda, as situações comerciais apresentadas nos documentos supracitados apontam par uma estrutura comercial complexa, e inter-regional, já que envolvia indivíduos de diversas etnias (emporitanos, iberos, lígures, etc). Além disso, as situações descritas mostram que os gregos reconheciam a participação das populações nativas em seus “negócios”, já que os aceitavam como mediadores e fiadores comerciais, até pelo fato de estarem assentados nos territórios destes nativos. Provavelmente, tal parceria comercial deveria estar restrita a um determinado grupo de nativos, com os quais estes gregos deveriam ter contatos diretos.

²⁰⁷ SANTIAGO, ROSA A. “Em torno al plomo de Pech Maho.” *Faventia*, 11/2, 1989. pp. 163 – 179.

²⁰⁸ LEJEUNE, M. et alli. 1988. *op. cit.* pp. 43- 44.

²⁰⁹ SANTIAGO ÁLVAREZ, R. A.; GARDEÑES SANTIAGO, M.. “Interacción de poblaciones en la antigua Grecia: algunos ejemplos de especial interés para el Derecho internacional privado”. *Faventia* 24/1, 2002 7-36. p.17.

Com isso, no presente capítulo fizemos um balanço das informações textuais sobre Emporion, comparando-as com as evidências materiais.

Ao nosso ver, Emporion apresentou momentos diferenciados em sua trajetória: o primeiro momento seria a *Palaiá Pólis*, caracterizada enquanto um *emporion* massaliota, no qual os colonos teriam interesses em criar laços com os nativos locais imediatos, pelas várias razões já enumeradas.

A partir dos contatos e do acirramento das relações entre ambos os grupos, Emporion passou para a sua segunda fase: a *Neapólis*, que contava com uma melhor estruturação urbana, maior proximidade com o elemento nativo (mais detalhes no próximo Capítulo), além de uma dinamização dos contatos comerciais com o resto do Mediterrâneo. Tais processos implicaram em uma gradual independência de sua metrópole, Massalía.

Ainda, a partir da criação da *Neapólis*, as relações entre colonos e nativos acirraram-se cada vez mais, como parecem apontar as seguintes evidências: a provável constituição de um bairro nativo *extra-muros*, próximo a área do santuário suburbano de Emporion, além da existência de enterramentos nativos nas necrópoles emporitanas.

A terceira e última fase, que apesar de não ser nosso objeto principal de pesquisa, importante se faz mencioná-la, iniciar-se-ia após a reconfiguração das muralhas emporitanas, na primeira metade do século IV a.C., com a anexação do provável bairro nativo *extra-muros*. Tal fato, ao nosso ver, pode ser caracterizado como uma nova fase na medida que, o centro cívico emporitano englobou o santuário suburbano emporitano, uma área que, conforme já debatido, caracterizava-se como um espaço de interação entre os nativos e os colonos; erguendo no local, agora já dentro dos limites da *ásty*, um santuário dedicado a uma divindade grega. Ao nosso ver, tal período começa com uma certa tentativa de marcar identidade, ao contrário dos períodos anteriores, cuja estratégia seria promover a interação.

No entanto, apesar da criação desses espaços de ambigüidade cultural, tais sociedades não estariam integradas, como atesta a própria construção das muralhas emporitanas, que além de delimitar o espaço urbano também servia como proteção desses colonos em um território hostil. Tais muralhas separavam a habitação dos colonos do bairro nativo, que durante o século V a.C. ainda estaria *extra-muros* ao centro emporitano. Além disso, também podemos perceber indícios de diferenciação entre ambas as sociedades nas formas de enterramento nas

necrópoles emporitanas, que apresentavam rituais de enterramento diferenciados (inumação para o caso grego, e incineração para os indigetes).

Capítulo 2

A Presença Emporitana no Ampurdán

2.1) As Populações Nativas Peninsulares de Acordo com as Fontes Clássicas

No capítulo anterior foi feito um estudo sobre os relatos que mencionavam Emporion, dentre as fontes Clássicas. Em todos esses relatos a característica mais ressaltada foi o fato de que tal estabelecimento teria uma natureza dupla, na medida que seria um local onde coabitavam os foceu-massaliotas e os nativos locais. Ainda, apresentamos alguns indícios materiais que poderiam confirmar tal informação, já que nosso objetivo é entender os mecanismos pelos quais as duas sociedades chegaram até tal situação de interação.

Para tanto, conforme também já mencionado, procuraremos nos afastar de quaisquer perspectivas que entendam as populações nativas peninsulares como passivas frente ao processo de contato com os foceu-massaliotas. Por isto, optamos por entender tais interações a partir de uma perspectiva que considere a comparação entre as fontes clássicas e a cultura material. Precisamos deixar claro que a proposta de cotejar as informações trazidas pelos textos com o que a cultura material apresenta, nos exige algum discernimento sobre a natureza qualitativa de cada documentação. Seguindo a sugestão de Finley²¹⁰, será importante não estabelecer hierarquias entre elas, privilegiando os dados arqueológicos em detrimento dos textuais, ou vice-versa, e sim, utilizá-las de forma complementar para responder às questões que serão levantadas.

Tito Lívio²¹¹ utilizou o termo genérico “hispanos” para nomear a população nativa que coabitava com os foceu-massaliotas, em Emporion. Da mesma forma o fez Cílix de Carianda²¹². De modo geral, as fontes antigas nomearam iberos uma gama heterogênea de populações que habitavam a região litorânea que ia desde o sul da França até a região da Baixa Andaluzia, no Levante espanhol. Tais populações foram assim chamadas devido ao

²¹⁰ Finley, M. I. *História Antiga*. Testemunhos e Modelos. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

²¹¹ *História de Roma*. XXXIV, 9.

²¹² Ver Capítulo 1.

nome “Ibéria”, empregado por autores gregos como Heródoto²¹³, Políbio²¹⁴ e Estrabão²¹⁵, para designar a Península Ibérica.

Estrabão foi, por sua vez, bem mais específico ao nomear a sociedade nativa que habitava a *dípolis* emporitana de “indigetes”. E a menção a tal etnônimo não se limitou ao geógrafo grego. Chegou até nós um pequeno número de textos antigos referentes ao povoamento pré-romano da zona nordeste da atual Catalunha. Tal documentação tem sido objeto de uma longa tradição de estudos, que remonta ao final do século XVII e pode ser encontrada na base dos estudos clássicos sobre a matéria²¹⁶. Mais particularmente sobre a região da atual Catalunha, autores tardios como Estrabão, Plínio e Ptolomeo, reconheceram a existência de diversas unidades étnicas na costa ibérica e determinaram, de forma aproximada, a localização espacial dessas tribos em território peninsular: os ilerjavones, que ocupavam a zona dos bosques do rio Ebro; os cossetanos, na região de Tarragona; os laietanos, que ocupavam a região entre Llobregat e Blandae; e os indigetes, que estavam estabelecidos desde as zonas limítrofes com os laietanos até os Pirineus.

Quanto às populações que habitavam as terras do interior, os textos falam da existência de diversas populações, como os ausetanos na região de Vic, os lacetanos, que ocupavam a parte central do Llobregat, e os ilergetes, estabelecidos nos planos orientais da depressão do rio Ebro. E apesar do quadro populacional fornecido por tais textos, não há informações precisas sobre os limites entre as etnias costeiras e as do interior. Há também a menção a diversas populações que habitavam as regiões próximas aos Pirineus: bergistanos, cerretanos, andosinos e airenosos.

Estrabão²¹⁷ situou os indigetes na faixa litorânea compreendida entre o rio Ebro e os Pirineus, mencionando que esses estariam divididos em quatro grupos, apesar de não discriminá-los em sua obra. Bosch Gimpera²¹⁸ com base nesse texto de Estrabão, sugeriu que os indigetes teriam formado as tribos que os autores da época romana apresentaram como

²¹³ História. I, 163; VII, 165.

²¹⁴ História. III, 37, 10-11.

²¹⁵ Geografia. I, 1, 5 ; II, 1, 30; III, 1, 2; 2, 4; 2,6-7; 2,13; 4,19.

²¹⁶ Podemos ver o debate sobre as informações contidas nas fontes clássicas, sobre as populações que habitavam o antigo nordeste catalão em BOSCH GIMPERA, P. Etnologia de la Península Ibèrica. Barcelona:1932.

²¹⁷ Geografia. III, 4, 1.

²¹⁸ BOSCH GIMPERA, P. Paleontologia de la Península Ibérica. Colección de trabajos sobre los celtas, iberos, vascos, griegos y fenícios. Madrid: Graz, 1976.

As informações apresentadas por tais autores, no entanto, estavam relacionadas com uma realidade territorial possivelmente encontrada a partir do século III a.C., que talvez não pudesse ser aplicada aos momentos anteriores, principalmente o período que nos interessa no presente trabalho, de 499 até 350 a.C. E apesar de não ter chegado diretamente até nós nenhuma referência textual tão antiga, vemos nas obras de Avieno e Estevão de Bizâncio referências à organização populacional da Ibéria, advindas de fontes quase coetâneas ao período por nós escolhido.

O autor latino Rufus Festus Avieno, em sua obra *Ora Marítima*, descreve os indigetes como "... *um povo selvagem e indomável na caça, que habitava em grutas*"²²⁰. Sobre a localização dessa população, o autor cita os indigetes após a descrição das "Barcilones". Informação que levou Schulten²²¹ a localizar os indigetes na região correspondente à atual Barcelona, já que esse autor supunha que "Barcilo" seria uma nomenclatura originalmente ibérica, embora reconhecesse que tal forma só seria novamente encontrada em autores posteriores. Já na opinião de A. Montenegro²²², o fragmento que menciona o termo "Barcilo" foi uma interpolação entre os nomes ibérico e grego, não sendo capaz de determinar o limite sul do território dos indigetes. Ainda na opinião desse autor, a única certeza no relato de Avieno seria que o cabo Celebântico (Cabo Bagur) e a cidade de Cípsela²²³ estavam em território indigete. Ainda de acordo com as informações encontradas em Avieno, ao norte "*alonga-se o litoral indicético até ao vértice do promontório de Pirene*"²²⁴, que seria o limite próximo ao qual se localizaria a cidade sarda de Pirene, na divisa entre o território dos indigetes e dos sardos²²⁵.

Avieno, no entanto, não menciona Emporion. Para explicar tal fato, autores como Dominguez Monedero e N. Lamboglia²²⁶ justificaram tal lapso apontando para duas direções: em primeiro lugar, a fonte na qual Avieno baseou sua obra poderia ter sido escrita em um

²²⁰ AVIENO. *Ora Marítima*. vv.523 - 525.

²²¹ SCHULTEN, A. & MALUQUER DE MOTES, J. *Fontes Hispaniae Antiquae*. Barcelona: 1922-1935.

²²² MONTENEGRO, A., BLÁSQUEZ, J.M. et all. *Op. cit.* p. 360.

²²³ AVIENO. *Ora Marítima*. vv. 525 - 527.

²²⁴ AVIENO. *Ora Marítima*. vv. 532 - 533.

²²⁵ AVIENO. *Ora Marítima*. v. 559.

²²⁶ DOMINGUEZ, A.J. "La función económica de la ciudad griega de Emporion". In: *VI Col.loqui Internacional d'Arqueologia de Puigcerdà*. Puigcerdà, 1984. pp. 193-199; LAMBOGLIA, N. "Encore sur la fondation d'Ampurias". In: AAVV. *I Simposio Internacional de Colonizaciones*. Barcelona, 1971. pp. 105-108.

momento anterior à fundação do estabelecimento emporitano; ou mesmo, que “Emporion”, no momento em que foi escrita a fonte, ainda não existiria como tal, ou seja, este se tratava ainda da *Palaiá Pólis*. Assim, os dois autores também apontam para o fato de que no momento que foi escrita a fonte pela qual Avieno se baseou, o autor teria identificado a *Palaiá Pólis* sob a designação de Cípsela²²⁷. Esta última seria uma das escalas dos navegantes focueus, em território peninsular, que poderia ser aproveitada para realizar transações comerciais e incursões de pirataria. Desta forma, o primeiro assentamento emporitano, provavelmente identificado como Cípsela, limitava-se a servir de ponto de escala, apoio e guarda das *penteconteras*²²⁸, até a chegada dos massaliotas. Schulten²²⁹, no entanto, localizou Cípsela na colina de Fonallera. Há ainda a hipótese da identificação entre Cípsela e o assentamento de Ullastret, o assentamento nativo mais próximo a Emporion.

Assim, de maneira que apresentamos um breve panorama sobre as descrições dos autores clássicos acerca do território e da população do Ampurdán, nos voltaremos, agora, para os apontes fornecidos pelas análises da cultura material encontrada nesse mesmo território. Achamos que somente dessa forma, conseguiremos realmente compreender quem seriam e como estariam organizadas as tribos ibéricas, nos desvinculando das visões comprometidas com juízo de valor que os autores clássicos faziam das populações peninsulares. Como partimos do pressuposto que um estudo acerca de um processo de contato só é válido se atentarmos para os dois lados do processo, as análises materiais mostram-se mais eficazes, na medida que nos oferecem um testemunho direto dos grupos sociais que não conheciam ou não tinham o monopólio da escrita.

²²⁷ vv. 527-531.

²²⁸ *Pentecontéras* eram as embarcações de guerra utilizadas pelos focueus, tripuladas por cinquenta remadores que atuavam como soldados quando preciso. Estas eram ligeiras e tinham escassa capacidade de carga.

²²⁹ SCHULTEN, A. *op. cit.*

2.2) O Ampurdán : Território e “Iberização”

As informações advindas das análises territoriais da região do nordeste catalão, o Ampurdán, apontam para o início efetivo do povoamento desta no período do Bronze Final, mais ou menos entre os séculos IX e VIII a.C., com formas de povoamento adaptadas a um marco geográfico de cursos hidráulicos e grandes zonas pantanosas que perduram até a atualidade. A população se concentrava nas elevações que, como ilhas, surgiam sobre a zona pantanosa ou inundada²³⁰. Havia habitações em formas de cabana, construídas com materiais pouco resistentes, agrupadas em povoados ao ar livre, sem organização espacial pré-determinada, coexistindo com habitações em grutas²³¹.

Para Cura-Morera²³², na Idade do Bronze Final, final século VIII a.C., teríamos três grupos culturais na zona catalã: a civilização dos “Campos de Urnas²³³”, que chegou em território peninsular via Pirineus, ocupando a zona costeira da Catalunha²³⁴. O segundo grupo, estabelecido entre a faixa litorânea e o interior, corresponderia às civilizações dos “Campos de Túmulos” as quais teriam um caráter nômade e migratório, também vindas através dos Pirineus, para se assentar ao longo da depressão do Rio Ebro. Finalmente, o terceiro estaria relacionado com a cultura autóctone, conhecida por cultura de Merlès, que ocuparia as terras do interior.

²³⁰ DOMIGUEZ MONEDERO, A. “Introducción al problema de la colonización griega en la Península Ibérica”. In: *Colonización Griega en Occidente*. Vol. II. Madrid: Tesis Doctorales de la Universidad Complutense de Madrid, 1989. p.1710; ROVIRA, J. & SANMARTI, E. "Els orígens de l'Empúries precolonial y colonial". *Informació Arqueològica*, 40, 1983. pp. 95-110. p.95.

²³¹ AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J. *Guías del Museu d'Arqueologia de Catalunya*. Barcelona: Museu de Arqueologia de Catalunya, 2000. p. 13.

²³² CURA-MORERA, M. “Contribució a l'estudi de les poblacions pre-romanes de l'interior de Catalunya”. In: AAVV. *I Simposio Internacional de Colonizaciones*. Barcelona, 1971. p. 177.

²³³ A “Cultura dos Campos de Urnas” surgiu na Europa Centro-Oriental no século XIII a.C., e se caracterizava, principalmente, pela difusão de um novo rito funerário, onde se queimava o cadáver e depositava suas cinzas em urnas, que por sua vez eram enterradas. Esta difundiu-se por toda a Europa Central, e a través do Vale do Ródano e do Languedoc, penetrou na península Ibérica.

²³⁴ Costuma-se classificar de Cultura Mailhaciense, os indícios de cultura material encontrados no sudeste da Espanha, atribuídos a populações que ali viveram durante a Idade do Bronze.

Dominguez Monedero²³⁵ afirma que nesse momento, nas regiões do Nordeste peninsular, existiria um substrato étnico e cultural, todavia ainda não muito bem definido. Esse autor classifica tal substrato cultural como resultante de uma interação entre uma corrente “hallstattizante²³⁶” do Languedoc (cultura de “Campos de Urnas”), que chegou em território peninsular via Pirineus, misturada a outros elementos autóctones peninsulares.

De qualquer forma, as interações entre as sociedades que chegaram em território peninsular via Pirineus e as autóctones peninsulares contribuíram para a transição da Idade do Bronze Final para a Primeira Idade do Ferro, um lento processo que ocorreu entre o final do século VIII e o século VII a.C. Assim, neste período constataram-se modificações sócio-políticas profundas: a introdução do ferro²³⁷; aumento da produção agrícola; aumento demográfico; sedentarização de algumas tribos; estruturação espacial de alguns assentamentos; e gradual processo de hierarquização social entre algumas comunidades – sendo esta última verificável a partir do estudo das necrópoles coetâneas ao período²³⁸.

Assim, para a Primeira Idade do Ferro, séc. VII a.C. foi identificada a constituição de vários assentamentos situados próximos à costa ampurdanesa: La Fonollera, Puig de Mascaró; Mas Pinell, em Torroella de Montgrí; Castell, em Palamós; I’lla d’en Reixac e Puig de Sant Andreu, em Ullastret²³⁹. Além disso, nesse mesmo período constatou-se na pequena elevação onde se encontra o povoado de Sant Martí de Ampúrias, a ocupação desta por um grupo

²³⁵ DOMIGUEZ MONEDERO, A. “Introducción al problema de la colonización griega en la Península Ibérica”. In: *Colonización Griega en Occidente*. Vol. II. Madrid: Tesis Doctorales de la Universidade Complutense de Madrid, 1989. pp.1711-1712.

²³⁶ A cultura de Hallstatt é uma periodização das populações Celtas, correspondente ao período do século VII até o VI a.C. Originou-se na alta Áustria, onde foram exploradas as primeiras jazidas de ferro. A cultura de Hallstatt se estendeu à Alemanha meridional e oriental, nordeste da França, sudeste da Inglaterra e península Ibérica. A difusão da siderurgia, a arte decorativa geométrica, os ritos funerários de sepultamento e incineração, as fortificações e sobretudo o armamento de ferro, em que se destaca um tipo de espada afiada em ponta, são os elementos mais representativos desse período. Da evolução de Hallstatt e do contato com os povos mediterrâneos nasceu a cultura La Tène, que se desenvolveu a partir do século V a.C.

²³⁷ A utilização do ferro, a partir do século VII a.C., é alvo de diferentes interpretações por parte dos pesquisadores: alguns colocam que tal utilização foi disseminada nessa região pelas populações de “Campos de Urnas” ; outros, que a introdução da metalurgia estaria vinculada à chegada das populações colonizadoras, como os fenícios. IN: MARTIN I ORTEGA, A. & PLANA I MALLART, R. “El Nord-Est Català en Època Ibèrica I l’entitat territorial de l’Oppidum d’Ullastret” In: AAVV. *Actes de la Taula Rodona celebrada a Ullastret*. Girona: 2001. pp. 36- 52. (Monografias de Ullastret, 2)

²³⁸ SANMARTI, J. “From local groups to early States: the developments of complexity in protohistoric Catalonia”. *Pyrenae*, 35, vol. I, 2004. pp.07-41. p.17-25.

²³⁹ PONS, E. et TARRUS, J. “Lês primeres comunitats ramaderes, agrícoles i metalúrgiques.” IN: AAVV. *Jornades d’historia de l’Empordà*. Homenatge a J. Pella i Forgas. Gerona, 1987. pp.56-57. pp.69.

nativo, que segundo alguns autores²⁴⁰, estabeleceu contatos, embora ainda não muito intensos, com as regiões peninsulares do Levante e do Sul. Segundo tais pesquisadores, tais contatos seriam atestados pela presença das primeiras importações no local, como: fragmentos de ânfora procedentes das “feitorias” fenícias localizadas no sul e sudeste da península Ibérica, e objetos de origem etrusca, como ânforas e vasos cerâmicos²⁴¹. Os objetos de procedência grega só começaram a ser encontrados nos níveis estratigráficos referentes ao período compreendido entre o final do século VII e o início do século VI a.C.²⁴².

Os fenícios na Catalunha precederam os *emporoi* focus-massaliotas, da mesma forma que os etruscos fizeram na região do Golfo de Leão. Os fenício-púnicos estabeleceram-se em Eivissa²⁴³ desde 654 a.C., além de terem criado muitas colônias na Ibéria meridional desde pelo menos o século VIII a.C. A interpretação dos estratos arqueológicos, datados do século VII a.C., de Pech Maho, um estabelecimento localizado no Languedoc ocidental, na atual região de Sigean, próximo a Narbonne, apontaram para a coexistência comercial entre púnicos, gregos e etruscos. O mesmo deu-se com outros assentamentos da região de Narbonne, como Cailha, Mailhac ou Ensérune. O rio Herault correspondia à fronteira entre as duas áreas: as áreas mais próximas ao rio Rhône eram freqüentadas pelos etruscos; e as áreas levantina, catalã e languedociana ocidental, freqüentadas pelo comércio fenício²⁴⁴.

Apesar de tal divisão, também foram encontradas, na região do nordeste catalão²⁴⁵ (Ampúrias, Ullastret, Rosas e La Fonollera), cerâmicas de *bucchero nero* e de ânforas de

²⁴⁰ SANMARTI-GREGO, E. "Els íbers a Emporion (segles VI – III a.C.)". *Laietània*, 8, 1993. pp.87.; AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J. *Guía del Museu d'Arqueologia de Catalunya*. Barcelona: Museu de Arqueologia de Catalunya, 2000. p. 15.

²⁴¹ AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, *op. Cit.* p. 16.

²⁴² AQUILUÉ, X. ; CASTANYER, P.; SANTOS, M. ; TREMOLEDA, J. “Nuevos datos acerca del hábitat arcaico de la Palaia polis de Emporion.” *Pallas*, 58, 2002. pp.301-327.

²⁴³ Colônia fenícia fundada em 654 a.C., na Ilha de Ibiza, Espanha.

²⁴⁴ FERNÁNDEZ NIETO, Javier. “Los Griegos en España”. In: AAVV. *História de España Antigua I. Protohistória*. Madrid: Catedra, 1999. pp.559-591.

²⁴⁵ A presença dos etruscos, em um momento anterior aos focus, nas costas da Gália meridional se fez notar por notáveis quantidades de ânforas e vasos que chegaram a este território desde finais do século VII a.C.²⁴⁵ Há também materiais etruscos documentados na região da atual Catalunha, como é o caso de fragmentos de ânforas comerciais e de *bucchero nero*, além de imitações etruscas de vasos coríntios, denominadas etrusco-coríntias, tanto no assentamento quanto nas necrópoles emporitanas. No *oppidum* de Ullastret também foram descobertos materiais etruscos, como uma ânfora destinada ao transporte do vinho, um cântaro *bucchero nero* e uma taça etrusco-coríntia. In: FERNÁNDEZ NIETO, Javier. “Los Griegos en España”. In: AAVV. *História de España Antigua I. Protohistória*. Madrid: Catedra, 1999. pp.559-591.

vinho etruscos datadas do final do século VII e do começo do século VI a.C.²⁴⁶. De acordo com M. Aurora Martín Ortega²⁴⁷, as importações correspondentes ao período desde 600 a.C. até 525 a.C. aproximadamente, devem ser consideradas fruto de um comércio direto com os etruscos. A partir do terceiro quarto do século VI a.C., houve uma diminuição das cerâmicas de origem etrusca, perdurando o material ânforico até o século IV a.C., que nesse momento deveriam chegar em território peninsular via comércio grego.

Quando os fenícios chegaram na região nordeste peninsular, na Catalunha, no Vale do Ebro, e na região Valenciana, já existia um sistema comercial desenvolvido: comércio de estanho cobre e bens de bronze manufaturados entre o Atlântico e o Mediterrâneo, e entre o interior peninsular e o Mediterrâneo. Além disso, antes da chegada dos fenícios, já havia o comércio de grãos em território peninsular. A atividade comercial fenícia no Ampurdán era de tipo comercial e um tanto esporádica²⁴⁸, podendo ser percebida através dos achados de ânforas fenício-púnicas, datadas aproximadamente de 600 a.C., em Illa d'en Reixac e Puig de Sant Andreu, os dois assentamentos nativos que constituíam o *oppidum* de Ullastret. A atividade comercial fenícia proporcionou o aparecimento da primeira cerâmica ibérica pintada²⁴⁹, um tipo de imitação das cerâmicas do Sudeste peninsular, área marcada pela presença fenícia.

Ainda continua pouco clara a questão da proveniência dos primeiros gregos a freqüentarem, antes da fundação de Massalía, ou mesmo durante os primeiros momentos desta *apoikia*, as regiões costeiras da Gália e da Ibéria. Enquanto a tradição escrita supôs que os ródios estabeleceram-se no Golfo de Rosas no começo do século VIII a.C.²⁵⁰, a arqueologia não testemunhou a presença de gregos na região com anterioridade ao século VI a.C., ou seja,

²⁴⁶ MARTÍN, M. A. “Noves dades per a l'estudi del comerç etrusc a l'Empordà”. *Cypsela*, V, 1985. pp. 79-87.

²⁴⁷ MARTÍN ORTEGA, M. A. “El material etrusco en el mundo indígena del NE. De Catalunya”. In: REMESAL, J. ; MUSSO, O. (org.) *La presencia de material etrusco en la Península Ibérica*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2001. pp. 95-105. p.99.

²⁴⁸ ARTEAGA, O. ; PADRO, J. et SANMARTÌ, E. “El factor fenici a les costes catalanes i del Golf de Llió”. *Els pobles pré-romans Del Pirineu. 2º. Col.loqui Internacional d'Arqueologia de Puigcerdà*. Puigcerdà: 1978. pp.129-136.

²⁴⁹ MARTÍN, M. A. Los orígenes de la iberización en la zona costera del nordeste de Catalunya.” In: AAVV. *Simpósio Internacional sobre los Orígenes del Mundo Ibérico*. Barcelone:1977.p. 23; MARTÍN, M. A. “Les colonitzacions i l'època ibérica”, In: AAVV. *Simpósio Internacional sobre los Orígenes del Mundo Ibérico*. Barcelone:1977.p. 69-70.

²⁵⁰ Estrabão. *Geografia*. III. 4. 8.

momento da fundação de Emporion²⁵¹. O estabelecimento dos focos tanto no Golfo de Lyon, após a fundação de Massália em 600 a.C., e posteriormente no Golfo de Rosas, com as fundações de Emporion no século VI a.C., e Rhodes no século V a.C., potencializou os contatos dos gregos com essas regiões.

A partir da metade do século VI a.C., as sociedades nativas peninsulares que habitavam a franja costeira mediterrânea, desde o nordeste da Catalunha até sudeste peninsular, passaram por uma série de transformações em sua cultura material e organização sócio-política, apontadas pelos pesquisadores como o fenômeno de “iberização”²⁵². Fato este, que na opinião dos estudiosos da Cultura Ibérica²⁵³, estaria relacionado com a presença de inúmeras populações estrangeiras (populações de “campos de urnas”, fenícios, gregos) em território peninsular, que ao entrarem em contato com as populações autóctones, favoreceram o processo de formação de uma nova realidade cultural, a cultura ibérica²⁵⁴, na área litoral peninsular.

Durante muito tempo, os pesquisadores da Cultura Ibérica a consideraram uma cultura pouco desenvolvida, fortemente influenciada pelas culturas mediterrâneas com as quais teve contato (gregos, púnicos e romanos). No entanto, as pesquisas atuais trazem novas abordagens. Atualmente:

“...se tiene por asumido el carácter urbano de la sociedad ibérica, con muchos matices según tiempos y regiones, y con la conciencia de que queda mucho por recorrer a la hora de determinar el tipo de ciudad y su configuración urbanística en cada zona y en cada tiempo, la influencia de las culturas extrapeninsulares y su carácter, el comienzo de la vida urbana y sus causas y determinantes. Todo se contempla a la luz de datos arqueológicos mucho más numerosos y mejor tratados – tanto los recientes como los antiguos sometidos a revisión – y de una reflexión

²⁵¹ Os estudos arqueológicos datam a fundação de Emporion no século VI a.C. e a fundação de Rhodes no século V a.C. PLÁCIDO, D., ALVAR, J., WAGNER, C. G. (orgs.) *La formación de los estados en el Mediterráneo Occidental*. Madrid: 1991. In: <http://www.uc3m.es/uc3m/gral/ES/ESHU/cursotartesos.doc>

²⁵² MARTÍN I ORTEGA, A. “El Iberismo em el Nordeste de la Cataluña española.” *DAM*, 16, 1993. pp. 14 – 18. p.14.

²⁵³ RUIZ, A & MOLINOS, M. *Los Iberos. Análisis arqueológico de un proceso histórico*. Barcelona: Crítica, 1993.

²⁵⁴ Atualmente, as pesquisas sobre o mundo ibérico apontam para o fato de que esta cultura agrupava numerosas populações, de etnias diferenciadas, configuradas a partir dos contatos das populações autóctones com os gregos, fenícios e as populações indo-européias que chegaram até a península. Os iberos não eram populações homogêneas, e a tendência atual não aponta para um estudo holístico dessa cultura, mas sim sistematizado por regiões.

histórica y sociológica enriquecida por el progreso de las posiciones metodológicas y teóricas...^{255,}

Assim, devemos ter cautela ao trabalharmos com o fenômeno da “iberização” como um processo uniforme de aculturação das sociedades peninsulares, na medida que a presença das populações acima mencionadas não se fez de forma homogênea, em um território peninsular já habitado por populações bem diferenciadas. Desta forma, apontamos para a importância de um estudo de caso sobre o fenômeno da “iberização”, desvinculando-o, principalmente, do conceito de aculturação das sociedades nativas peninsulares, e que valorize as experiências particulares das populações autóctones de cada região, além de suas próprias contradições endógenas, para que então possamos realmente entender quais as contribuições advindas dos contatos entre essas e as chamadas sociedades colonizadoras, como os fenícios e os gregos.

2.3) Contatos Entre os Nativos Peninsulares e as Sociedades Mediterrâneas

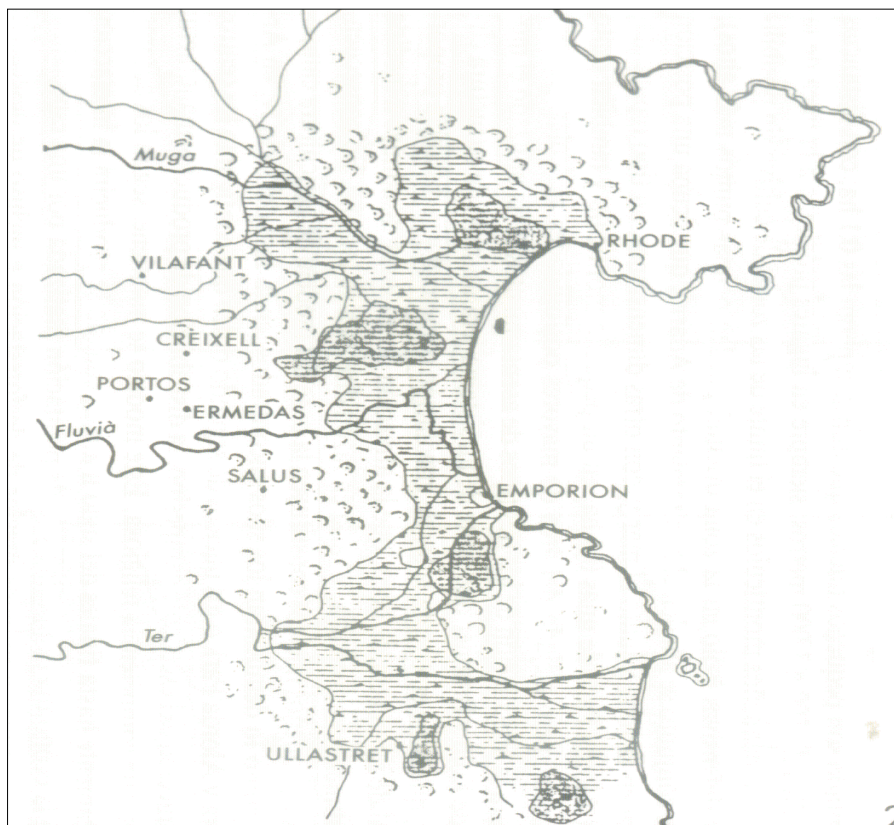
Podemos falar em duas áreas nas quais se constataram a presença dos gregos na Península Ibérica, durante o século VI a.C.: Tartesos e Catalunha²⁵⁶. Tal presença foi justificada por motivos comerciais, conforme já mencionado anteriormente. O comércio grego na Ibéria é um fato histórico que foi muito estudado, já que através dos vestígios materiais e das escavações tem sido possível estudar sua cronologia, fisionomia e mecanismos, em detalhe²⁵⁷.

²⁵⁵ BENDALA GALÁN, Manuel. “ El Mundo Ibérico en los albores del año 2000.” REIb, 2, 1996. pp. 15-29. p.16.

²⁵⁶ CABRERA BONET, P. “Emporion y el comercio griego arcaico en el NE de la Península Ibérica”. In: OLMOS, R & ROUILLARD, P. Formes archaiques et arts ibériques. Madrid: Casa de Velázquez, 1996. Collection de la Casa de Velázquez, n.59. p. 45

²⁵⁷ CABRERA, Paloma. “Greek Trade in Iberia: The extent Of Interaction”, Oxford Journal of Archeology, 17 (2), 1998. p.191-206. p.191.

Mapa 08: O território do Ampurdán



Reconstituição da baía de Emporion. Fonte: RUIZ, A & MOLINOS, M. *Los Iberos. Análisis arqueológico de un proceso histórico*. Barcelona: Crítica, 1993. p. 136.

Atualmente, sabemos mais sobre as condições de troca, os portadores, os itinerários e os usos os quais os objetos importados tinham em ambiente indígena²⁵⁸. As análises sobre os processos de interação com as populações nativas peninsulares e os gregos que habitaram em território ibérico, ainda estão muito contaminadas por idéias que procuram observar tal atividade grega como um processo “civilizador”, em território peninsular. Tal fato ocorre porque a fundação de Emporion tem sido interpretada por muitos pesquisadores como fator de penetração das influências culturais gregas, sendo, portanto, impulsionador de um processo de mudança e desenvolvimento para as populações nativas que habitavam a costa mediterrânea

²⁵⁸ GRACIA ALONSO, F. “Producción y comercio de cereal en el NE de la Península Ibérica entre los siglos V-II a.C.”. *Pyrenae*, 26, 1995. pp. 91-113.

peninsular, conhecido por "iberização"²⁵⁹". Assim, as práticas comerciais gregas têm sido analisadas como um elemento determinante no desenvolvimento das sociedades "bárbaras" que, graças a seu contato com os comerciantes gregos, adotaram, por um processo de "aculturação" ou "helenização", as características e estruturas próprias de uma cultura mais "avançada"²⁶⁰.

No entanto, a descoberta na Catalunha de importações fenícias²⁶¹, datadas do período a partir da metade do século VII a.C., questionou o papel de comerciantes gregos neste processo de transformação. A mudança nos estudos sobre o comércio arcaico no nordeste peninsular correspondeu à repercussão gerada pela análise dos fatores e processos comerciais que teve o artigo "Los fenicios en Cataluña", de J. Maluquer de Motes²⁶². Quando este historiador, defensor do componente grego no comércio proto-histórico peninsular a partir de seus trabalhos nos assentamentos de Rhodes (Rosas) e Puig de Sant Andreu (Ullastret), conjecturou a possibilidade de um comércio fenício direto nas áreas inferiores do Rio Ebro (por ocasião do Congresso "Tartessos y sus problemas" (realizado em Jerez de la Frontera, em 1968), partindo da análise de alguns materiais procedentes das necrópoles de Mas de Mussols (La Palma, Tortosa) e Santa Bárbara (Milanes). Com isso, este pesquisador estava iniciando uma via de estudo que se converteu no cerne das análises sobre os contatos entre "colonizadores" e nativos, durante os séculos VII e VI a.C., nessa área.

Para o caso da região do Ampurdán, por exemplo, apesar da tese filo-fenícia ter sido consolidada nos últimos anos, há o reconhecimento de que os objetivos que levaram aos contatos destes com os nativos dessa região não implicaram a instalação de colônias nos locais que seriam focos comerciais, e nem mesmo a transferência para tal região de uma população

²⁵⁹ Entendemos por "iberização" o fenômeno da formação da Cultura Ibérica na franja costeira mediterrânica peninsular, entendida pelos pesquisadores como uma mescla entre as populações autóctones, as populações de Campos de Urnas (que chegaram via Pirineus), os comerciantes fenício-púnicos e os gregos. Ver Capítulo 1 do presente trabalho.

²⁶⁰ CABRERA BONET, P. "Emporion y el comercio griego arcaico en el NE de la Península Ibérica". In: OLMOS, R & ROUILLARD, P. *Formes archaïques et arts ibériques*. Madrid: Casa de Velázquez, 1996. Collection de la Casa de Velázquez, n.59. pp.43-54. p.43.

²⁶¹ Os fenício-púnicos estabeleceram-se em Eivissa desde 654 a.C., além de terem criado muitas colônias na Ibéria meridional desde pelo menos o século VIII a.C. A interpretação dos estratos arqueológicos, datados do século VII a.C., de Pech Maho, um estabelecimento localizado no Languedoc ocidental, na atual região de Sigean, próximo a Narbonne, apontaram para a coexistência comercial entre púnicos, gregos e etruscos. O mesmo deu-se com outros assentamentos da região de Narbonne, como Cailha, Mailhac ou Ensérune.

²⁶² J. MALUQUER DE MOTES. "Los fenicios em Cataluña"

artesã e especializada²⁶³. Tal sistema de contatos abriu uma via de acesso, por parte das populações locais, aos produtos manufaturados púnicos e gregos, e outros de valor como o vinho e o azeite, que tinham sua circulação limitada aos setores destacados das comunidades nativas que recebiam tais produtos²⁶⁴. Assim, a presença fenícia na Catalunha não pareceu impulsionar o processo, tal qual testemunhado em outras áreas peninsulares mais ao sul, que conduziria ao desenvolvimento urbanístico e a modificação das estruturas produtivas dos povoados nativos²⁶⁵. No entanto, mesmo os pesquisadores que compartilham das hipóteses da tese filo-fenícia, não têm como negar que foram as colônias gregas de Emporion e Rhodes, os dois únicos locais efetivos de ocupação das populações do Mediterrâneo oriental, em território peninsular. Tal fato, por si só, ainda tende a hipervalorizar o impacto da colonização grega no nordeste peninsular.

O estudo quantitativo sobre o material importado encontrado na Ibéria, proporcionou uma mensuração da escala comercial colonial, sua trajetória e o papel dos distintos agentes coloniais no Mediterrâneo Ocidental²⁶⁶. Nas últimas décadas, uma importante questão relacionada ao estudo da colonização antiga em território peninsular tem sido apresentada pela aplicação de uma perspectiva de “sistema-mundo”²⁶⁷ – inicialmente feita para explicar

²⁶³ GRACIA ALONSO, F. “Producción y comercio de cereal en el NE de la Península Ibérica entre los siglos V-II a.C.”. *Pyrenae*, 26, 1995. pp. 91-113; GONZÁLEZ WAGNER, C. *Fenicios y cartagineses en la Península Ibérica: ensayo de interpretación fundamentado en un análisis de los factores internos*. Madrid: Alianza, 1983; ARTEAGA, O. “La liga púnica gaditana. Aproximación a una visión histórica occidental, para su contrastación con el desarrollo de la hegemonía cartaginesa, en el mundo mediterráneo.” In: *Cartago, Gadir, Ebusus y la influencia púnica en los territorios hispanos. VIII Jornadas de Arqueología Fenicio-Púnica*. Ibiza: s/e, 1993. pp. 23-51.

²⁶⁴ GRACIA ALONSO, F. “Comercio del vino y estructuras de intercambio en el NE de la Península Ibérica y Languedoc – Rosellón entre los siglos VI – V a.C.” In: AA. VV. *Arqueología del vino. Los orígenes del vino en Occidente*. Jerez de la Frontera: s/e, 1995. pp.299-331.

²⁶⁵ BENDALA, M., “El mundo feniciopúnico y su expansión mediterránea”. In: AA. VV. *La Prehistoria de les Illes de la Mediterrania Occiden.tal*”. *Palma de Mallorca*: G. Roselló, 1991. pp. 375-391.

²⁶⁶ SANMARTI, J. “From local groups to early States: the developments of complexity in protohistoric Catalonia”. *Pyrenae*, 35, vol. I, 2004. pp.07-41. p.30.

²⁶⁷ B. Cunliffe aplicou o modelo de comércio centro-periferia à região do Mediterrâneo ocidental, considerando o Golfo de Lyon como o centro, a região costeira da Ibéria - de Ampúrias a Huelva - a interface, e o interior peninsular, a periferia. No entanto, devemos pontuar que a Catalunha, o Levante e o sudeste peninsular não desempenhavam um papel importante no sistema focu, pelo menos durante a primeira metade do século VI a.C. De acordo com P. Cabrera no sul peninsular havia um sistema fenício que favoreceu a penetração dos gregos, no qual nenhum sistema de comércio similar ao modelo de centro-periferia foi criado, muito menos um *modus operandi* independente, desconectado do mundo fenício. B. Cunliffe também diz sobre uma “densidade” de produtos de luxo gregos importados, os quais concentravam-se em território tartésico, indicando uma “penetração intensa” destes. P. Cabrera contesta novamente a colocação desse autor, já que em sua opinião, não havia tal densidade de penetração de produtos de luxo, pelo menos se comparados aos produtos de luxo fenícios,

ligações inter-regionais modernas - aplicada a sociedades pré-industriais. A partir de tal ponto de vista, a pesquisa tradicional percebeu a presença do comércio grego de uma forma difusionista, onde esses teriam sido os agentes principais, junto com os fenícios, causadores de transformações culturais na Ibéria, apresentando as “vantagens” de civilização a estas sociedades, além de permitir-lhes se tornar parte da dinâmica de desenvolvimento mediterrâneo. Embora estas suposições possam ter sido mitigadas pelos termos "aculturação" ou "helenização”, ainda continua sendo aceito por parte dos pesquisadores que a presença colonizadora constituiu uma ação transformadora direta, inevitável e significativa em uma sociedade eminentemente receptiva e passiva. Tal tendência das pesquisas arqueológicas sobre o mundo ibérico, enfatiza como o comércio e cultura coloniais influenciaram as sociedades nativas, enquanto a contrapartida do processo geralmente não é estudada²⁶⁸. Assim, o comércio grego tem sido identificado como um disseminador de “civilização”, o elemento decisivo no desenvolvimento das “sociedades bárbaras” que, graças ao seu contato com os comerciantes gregos, adotaram as características e estruturas que pertenciam a uma cultura mais avançada.

Conforme já apresentado, os *emporoi* foceu-massaliotas, quando chegavam a um território estrangeiro, entravam em contato com os nativos locais, através das práticas diplomáticas e de hospitalidade (*xenia*), com trocas de presentes, casamentos inter-étnicos e negociação com esses nativos²⁶⁹. Tais práticas auxiliavam na manutenção da situação de coexistência pacífica, entre as duas sociedades envolvidas no processo.

A hospitalidade (*xenia*) entre os Antigos Gregos materializava-se em práticas e obrigações que atingiam todas as camadas da sociedade. A hospitalidade entre os aristocratas consistia no cumprimento de vários ritos, tais como: oferecimento de abrigo ao estrangeiro;

encontrados em território tartésico. Os produtos gregos estavam concentrados especialmente em Huelva e os produtos importados não penetraram além do porto Tartésico e das colônias fenícias da costa. Assim, falar de um sistema centro-periférico grego, que teve efeito estrutural no desenvolvimento sócio-econômico peninsular como uma periferia do sistema, seria um exagero. In: CABRERA, Paloma. “Greek Trade in Iberia: The extent Of Interaction”, *Oxford Journal of Archeology* n.17 (2), 1998. p.191-206. pp.196 – 197.

²⁶⁸ SANMARTI, J. “From local groups to early States: the developments of complexity in protohistoric Catalonia”. *Pyrenae*, 35, vol. I, 2004. pp.07-41. p.30.

²⁶⁹ TSETSKHLADZE, G. r. & DE ANGELIS, F. *The Archeology of Greek Colonization*. Oxford: Oxford University Committee for Archeology , Monograph 40, 1994;

WHITEHOUSE, RUTH D.; WILKINS, JOHN B. “Greeks and natives in south-east Italy: approaches to the archaeological evidence”. In: CHAMPION, T. C. *Centre and Periphery. Comparative studies in Archaeology*. Routledge: London, 1993. p. 109.

sacrifícios e banquetes; troca de presentes, firmando assim laços entre as duas partes (estrangeiro/ anfitrião e suas famílias)²⁷⁰.

Como afirmou Moses I. Finley²⁷¹, a Odisséia de Homero está repleta de situações em que podemos constatar o referido ritual, sendo considerada como uma impiedade a recusa de receber um estrangeiro²⁷². Por meio do rito de hospitalidade, o estrangeiro - *xénos* - passava de uma situação de inferioridade, atingindo o *status* de hóspede, sendo tratado com honra e respeito²⁷³. O rito sagrado mudava a condição do estrangeiro no seio da sociedade. A hospitalidade englobava vários rituais que deveriam ser respeitados, tanto pelo anfitrião/ magistrado quanto pelo estrangeiro. Banho, sacrifício, refeição, libação e troca de presentes eram os atos rituais essenciais para a permanência de um estrangeiro por um tempo determinado em uma *pólis*²⁷⁴. Lembremos que os interesses comerciais eram fortes o suficiente para criarem relações pacíficas, principalmente a partir da criação de relações de hospitalidade²⁷⁵.

Desta forma, ressaltamos que nesta primeira fase de contatos entre os *emporoi* focu-massaliota e os indigetes era necessária a criação de laços de aliança entre as duas sociedades, para que houvesse uma situação pacífica, tão necessária aos interesses comerciais dos *emporoi* focu-massaliotas.

As populações que habitavam o Ampurdán, no momento da fundação da *Palatia Pólis* eram sociedades agrícolas e pastoris, organizadas em aldeias. E apesar de Ullastret ter sido o assentamento indígena mais próximo ao assentamento emporitano (de 12 a 13 km de distância), devemos ressaltar que foram constatados enterramentos de nativos nas necrópoles emporitanas, denotando que haveria uma população nativa mais próxima a Emporion que Ullastret.

²⁷⁰ GAUTHIER, Ph. *Symbola, les Étrangers dans les Cités Grecques*. Nancy, 1972. p. 18.

²⁷¹ FINLEY, M.I.. *O Mundo de Ulisses*. Lisboa: Editorial Presença, 1972. p. 117.

²⁷² COULET, C. *Communiquer en Grèce Ancienne: Écrits, Discours, Information, Voyages*. Paris: Les Belles Lettres, 1996. p. 43.

²⁷³ NUMELIN, R. *The Beginnings of Diplomacy*. London - Copenhagen: Oxford University Press-Ejnar Munksgaard, 1950. p. 114.

²⁷⁴ BENVENISTE, Émile. *Le Vocabulaire des Institutions Indo-Européennes: 1 - Économie, Parenté, Société*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1969. p. 94.

²⁷⁵ DORSINFANG-SMETS, A. Les Étrangers dans la Société Primitive. *Recueils de la Société Jean Bodin*, 9, pp. 59-73. p. 68.

Retomando a discussão realizada no Capítulo 1, ressaltamos o fato da polêmica entre os pesquisadores sobre a existência da aldeia nativa que foi incorporada à *ásty* emporitana no séc. IV a.C., a qual deveriam pertencer tais enterramentos. No entanto, sem nos posicionarmos sobre tal questão, não há certeza sobre a proveniência de tais nativos que estavam enterrados em Emporion (eram autóctones? Ullastret? Outros locais?).

As escavações realizadas na *Palaia Pólis*²⁷⁶ apontaram para estruturas de habitação datadas do século VII a.C., momento anterior à chegada dos *emporoi* foceu-massaliotas. Seria tal presença, a justificativa para a existência da necrópole conhecida por Parrallí, próxima a Emporion, cuja cultura material encontrada²⁷⁷ aponta para sua atribuição às sociedades nativas locais. Talvez, as mesmas que habitavam Sant Martí, antes da fundação da *Palaia Pólis*.

Nada sabemos sobre a organização política destes nativos, nem mesmo os arqueólogos têm certeza da existência destes no momento da chegada dos *emporoi* foceu-massaliotas. Se nos remetermos aos enterramentos encontrados na necrópole de Parrallí²⁷⁸, encontraremos tumbas simples, caracterizadas pela presença em massa de materiais de produção nativa, não se diferenciando muito umas das outras²⁷⁹ em sua constituição. Tal fato poderia apontar para a existência de uma sociedade ainda pouco hierarquizada. No entanto, para podermos fazer quaisquer afirmações a respeito desse agrupamento, seria necessária uma análise mais profunda sobre os conteúdos dessas necrópoles, que não é de nosso interesse no presente trabalho.

Como não temos certeza da existência deste agrupamento, nos voltaremos para os contatos estabelecidos com Ullastret, cuja existência não há dúvidas.

²⁷⁶ AQUILUÉ, X. ; CASTANYER, P.; SANTOS, M. ; TREMOLEDA, J. “Nuevos datos acerca del hábitat arcaico de la Palaia polis de Emporion.” *Pallas*, 58, 2002. pp.301-327.

²⁷⁷ Ritual de incineração e urnas cinerárias de confecção local, ou mesmo, do estilo “Campos de Urnas”.

²⁷⁸ A necrópole de Parrallí é a mais antiga dentre as necrópoles emporitanas, com enterramentos nativos datados dos sécs. VII e VI a.C.

²⁷⁹ ALMAGRO, M. *Las Necrópolis de Ampúrias*. Barcelona: Seix Y Barral, 1953. Vol. I.

2.4) Os Contatos entre Ullastret e as Populações Mediterrâneas a partir da Análise dos Índícios Materiais

O assentamento nativo de Ullastret, entre o final do século VII a.C. e o começo do século VI a.C., apresentava três pontos de ocupação: Puig de Sant Andreu, Illa d'en Reixac e Puig de Serra. Embora neste período comece a se afirmar a tendência à eleição de locais altos, e por isso com defesas naturais, para o estabelecimento de assentamentos - estes últimos já característicos do Período Ibérico -, a ocupação das zonas planas, conforme ocorrido no período anterior, não foi abandonada²⁸⁰. Para o caso de Ullastret, o assentamento de Illa d'en Reixac estava estabelecido em uma zona plana, que por sua vez, favorecia o desenvolvimento da atividade agrícola. O assentamento de Puig de Serra foi abandonado no século VI a.C., sendo o assentamento de Puig de Sant Andreu o único que estava estabelecido em uma zona alta.

Durante o século VII a.C., as unidades de habitação no Ampurdán eram caracterizadas por cabanas talhadas na pedra, de forma irregular e justapostas sem uma ordem espacial aparente, em povoados dispersos pelo território. No entanto, os dados fornecidos a partir das análises das escavações feitas nos níveis estratigráficos referentes a tal período, apontam uma certa descontinuidade de Ullastret (tanto em Illa d'en Reixac quanto em Puig de St. Andreu) com o resto do território do Ampurdán, já que a partir da metade do século VII a.C., a organização espacial verificada em ambos os assentamentos, era constituída de casas (feitas com base em pedra e elevação em adobe) com plantas quadrangulares e dimensões amplas. Tais casas encontravam-se organizadas em ruas de traçado mais ou menos regular, com tendência a planta ortogonal, sempre que possível²⁸¹.

Também não se sabe muito sobre a organização política dessa sociedade para tal período. Além disso, tal qual a situação da necrópole Parrallí, em Ampúrias, a necrópole de Puig da Serra, em Ullastret, também aponta para uma sociedade com práticas funerárias e

²⁸⁰ MARTIN I ORTEGA, A. "El iberismo em el Nordeste de la Cataluña española." *DAM*, 16, 1993. pp.14 –18. p.14.

²⁸¹ MARTIN I ORTEGA, A. & PLANA I MALLART, R. "L'organitzacio de l'espai rural entorn de l'oppidum d'Ullastret: formes i dinamica del poblament " In: AAVV. Actes de la Taula Rodona celebrada a Ullastret. Girona: 2001. pp. 156- 176. (Monografias de Ullastret, 2) p.60.

enterramentos muito simples, caracterizando-se pela escassez cultura material, geralmente produtos de fabricação local, e simples fossas escavadas no solo. Uma realidade local, que não mudaria durante os séculos procedentes²⁸².

Foi durante o século VII a.C., ainda, que foi introduzida a técnica da metalurgia do ferro, no Ampurdán. Há um debate, entre os estudiosos, sobre quem teria trazido tal inovação ao território peninsular, as populações de Campos de Urnas, que migraram via Pirineus; ou ainda, os comerciantes fenícios, a partir das trocas entre o Ampurdán e as regiões do sudeste e levante peninsular²⁸³. De acordo com E. Pons i Bruns²⁸⁴ os primeiros objetos de ferro encontrados no Ampurdán podem ter sido de origem transpirenáica, porém, sua utilização no cotidiano e a metalurgia, foram contribuições dos fenícios.

Os primeiros objetos de metal foram encontrados nas necrópoles, geralmente associados às importações cerâmicas fenícias - ou às importações cerâmicas da região sul peninsular - como nos casos de Agullana, Anglés, Perellada, Camallera ou Pla de Gibrella. Também há várias incidências de objetos de ferro (facas) em tumbas²⁸⁵ da necrópole da Muralha Nordeste, em Ampúrias²⁸⁶. A utilização do ferro para as atividades domésticas, agrícolas e artesanais só será prática no Ampurdán a partir do século IV a.C.²⁸⁷

Quanto às atividades agrícolas, o estudo paleo-carpológico dos restos vegetais encontrados em Illa d'en Reixac, Ullastret, apontam para o cultivo do trigo, do mijo²⁸⁸, da ervilha, do linho, da lentilha, da fava, da oliveira e da vinha²⁸⁹.

²⁸² MARTIN I ORTEGA, A. *Op. cit.* p.18.

²⁸³ SANMARTI, J. "From local groups to early States: the developments of complexity in protohistoric Catalonia". *Pyrenae*, 35, vol. I, 2004. pp.07-41. p. 20; RUIZ ZAPATERO, G. "El comercio protocolonial y los orígenes de la iberización: dos casos de estudio, el Bajo Aragón y la Cataluña Interior". *Kalathos*, 1984. pp. 3-4: 51-70.

²⁸⁴ PONS I BRUNS, E. "L'Empordà de l'Édat del Bronze a l'Édat del Ferro". *Girona*, 1984. pp. 219 –239.

²⁸⁵ Nas Incinerações no 01, 02, 09, 11, 13, 17.

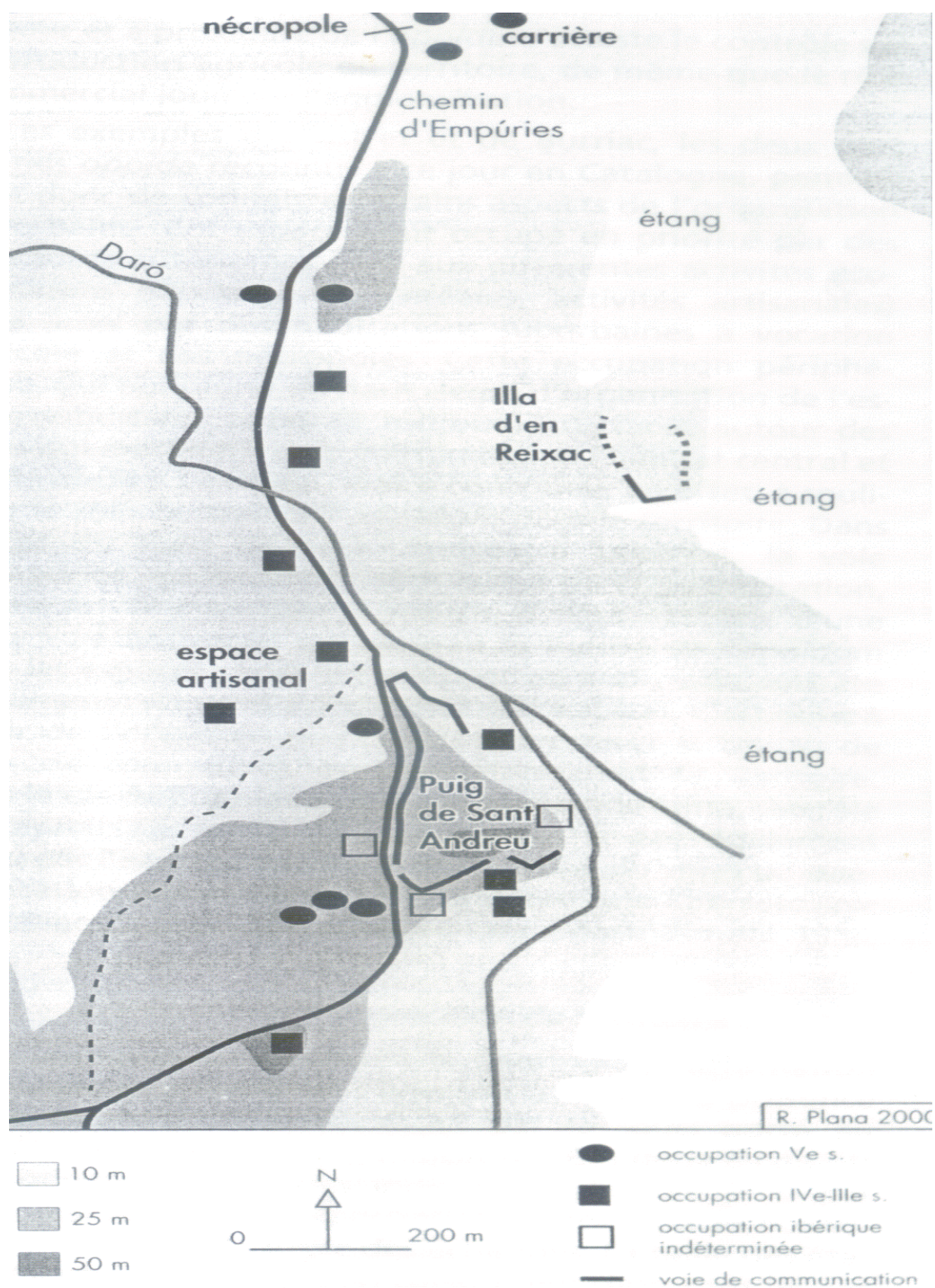
²⁸⁶ MARTÍ, A. *op. Cit.* p.17.

²⁸⁷ SANMARTI, J. *op. cit.* p. 22.

²⁸⁸ Espécie de grão, parecido com o milho .

²⁸⁹ BUXO, R. *Dinàmica de l'alimentació vegetal a partir de l'anàlisi de llavors i fruits*. Tesi de Llicenciatura. Universitat Autònoma de Barcelona, 1985.

Mapa 09: O *Oppidum de Ullastret*: Sua Ocupação *Extra Muros* e Suburbana



Fonte: MALLART, R. P. & M. ORTEGA, A. "Le territoire Ibérique: structures du peuplement et organisation territoriale, quelques exemples." In: GAECIA, D. Et VERDIN, F. *Territoires Céltiques. Espaces ethniques et territoires des agglomérations protohistoriques d'Europe occidentale*. Actes de XXIVe Colloque International de l'AFEAF. Martigues: Eurance, 2002. p.19.

Aliás, se existem dúvidas quanto à introdução do ferro, em território peninsular, pelos fenícios; o mesmo não se dá com o vinho. De acordo com J. M. Blázquez Martínez: “... foram os fenícios que introduziram o vinho no Ocidente²⁹⁰”.

Nosso interesse, em particular, pelo vinho reside no fato de que, uma das maneiras usuais de adquirir prestígio – e conseqüentemente, autoridade – em sociedades tradicionais, seria a distribuição de bebidas alcoólicas, a qual era feita no contexto de cerimônias de hospitalidade, ou outros tipos de cerimônias comunais. Os banquetes comensais eram um importante meio de mobilizar o trabalho²⁹¹. Análises micro-residuais provaram que algumas cerâmicas encontradas no assentamento de Genó (sul da Catalunha), e datadas do século XI a.C., continham uma bebida fermentada feita de cereal²⁹². O cultivo da cevada também era bem conhecido no Nordeste catalão, já que esta também era utilizada para fazer a cerveja. Em Illa d'en Reixac (Ullastret), as análises paleo-carpológicas mostraram que, durante o Período Pré-Ibérico (VIII-VI a.C.) o cultivo do linho suplantava o da cevada, enquanto que no período do Ibérico Antigo (VI – V a.C.) era a cevada que predominava²⁹³.

Ainda, um certo número de análises micro-residuais em ânforas ibéricas do século III a.C., encontradas em vários assentamentos da Catalunha, também indicavam que esse tipo de bebida era produzida desde o período proto-histórico, pelo menos em toda a região nordeste da Ibéria²⁹⁴. Outros resíduos identificados como mel, foram detectados em vasos de Genó e no assentamento, datado do século III a.C., de Puig de Castellar (Santa Coloma de Gramenet)²⁹⁵. Tais vestígios sugerem a possibilidade de que uma bebida similar ao que as fontes clássicas chamavam de “hidromel”²⁹⁶, também ter sido conhecida na Ibéria. Ainda, podemos concluir

²⁹⁰ BLÁZQUEZ, MARTÍNEZ, J. M. “Importación de alimentos en la Península Ibérica durante el primer milenio a. C.” In: *Colección Historia Antigua Web*. www.

²⁹¹ DIETLER, M. “Driven by drink: the role of drinking in the political economy and the case of Early Iron Age France”, *Journal of Anthropological Archaeology* 9, 1990. pp. 252-406. p. 399.

²⁹² JUAN-TRESSERAS, J. “La cerveza um producto de consumo básico entre lãs comunidades ibéricas Del N. E. Peninsular. In: AA. VV. *Ibers. Agricultors, artisans I comerciants. III Reunió sobre Economia en el Món Ibèric*”. Saguntum extra 3, 2000. pp. 139 – 145.

²⁹³ CASTRO, Z. et HOPF, M. “Estudio de restos vegetales en el poblado protohistórico Illa d'en Reixac (Ullastret, Girona)”. *Cypsela*, IV, 1982. pp.103-111.

²⁹⁴ JUAN-TRESSERAS, J. “Resultats de les analices de residus en material de moltà”. In: SANMARTÍ, J. et alli. *L'assentament del bronze final I la primera edat del ferro del Barranc de Gàfols*. *Arqueomediterrànea*, 05, 2000. pp. 139 – 145.

²⁹⁵ JUAN-TRESSERAS, J. , 2000. *op. ct.* pp. 139 – 145.

²⁹⁶ O hidromel, bebida alcoólica feita a base de mel, e a cerveja existiam na Europa Central antes da chegada das primeiras vinhas. São citadas pelas seguintes fontes clássicas: Cf. Ateneo, IV,36 -tomado de Posidônio; Diodoro,

que as culturas nativas consumiam bebidas alcoólicas desde, pelo menos, a Idade do Bronze Tardia (séculos IX – VIII a.C.). Assim, concordamos com as colocações de J. Sanmartí. Martín²⁹⁷ de que, embora não saibamos a natureza dos padrões de bebida nesses contextos específicos, os estudos etnográficos indicam que o consumo de álcool estava essencialmente ligado aos ritos de coesão social.

Tal hipótese também pode ser justificada pelo grande número de importações fenícias encontradas em vários assentamentos ibéricos do nordeste catalão, datadas do séc. VII a.C. A maioria dos materiais era constituída por ânforas fabricadas nos assentamentos costeiros da Andaluzia e, talvez, do nordeste da África²⁹⁸, junto com alguns outros recipientes grandes e morteiros de tripé. O vinho era um dos bens mais importantes em território peninsular, principalmente entre o final do século VII e o século VI a.C.²⁹⁹, sendo aceito o fato de que a maioria das ânforas fenícias que chegavam ao litoral da Catalunha transportava esse produto³⁰⁰. No entanto, devemos chamar atenção para o fato de que, apesar do volume de ânforas de tipo fenício ser grande³⁰¹, não houve a distribuição, pelo menos a partir dos contatos entre Ullastret e os assentamentos fenícios, de cerâmica importada referente ao consumo do vinho, como taças ou crateras, por exemplo³⁰².

O século VII a.C. foi um momento no qual a sociedade que habitava Ullastret passava por uma série de transformações estruturais, principalmente a partir do processo de formação e consolidação das chefias locais, evidenciando um maior grau de hierarquização social. Tal

V, 26; Plínio, *Nat. Hist.* XIV,29; XXII,82; Estrabon, IV,5,5; IV,6,2. in: DIETLER, M. "Driven by drink: the role of drinking in the political economy and the case of Early Iron Age France", *Journal of Anthropological Archaeology* 9, 1990. pp. 252-406. p. 382.

²⁹⁷ SANMARTI, J. "From local groups to early States: the developments of complexity in protohistoric Catalonia". *Pyrenae*, 35, vol. I, 2004. pp.07-41. p. 14.

²⁹⁸ RAMON, J. *Las ánforas punicas del Mediterráneo central y occidental*. Barcelona: Instrumenta, 1995. pp. 229-231.

²⁹⁹ SANMARTI, J. "From local groups to early States: the developments of complexity in protohistoric Catalonia". *Pyrenae*, 35, vol. I, 2004. pp.07-41. p. 13.; GRACIA ALONSO, F. "El comercio arcaico en el Nordeste de la Península Ibérica. Estado de la cuestión y perspectivas". *Monografies Emporitanes*, 11, 2000. p 257-276. p.314.

³⁰⁰ *Idem*.

³⁰¹ As escavações feitas nos estratos A1(século VI a.C.) de Illa d'en Reixac (Ullastret) apontaram para o fato de que quase 97% dos materiais ânforicos deste assentamento eram de provenientes dos assntamentos fenício-púnicos do sudeste peninsular.MARTIN, A. "Difusión de las ánforas massaliotas en la zona nordeste de Catalunya". *Em*, 2, 1990. pp. 161-164.

³⁰² SANMARTI, J. "From local groups to early States: the developments of complexity in protohistoric Catalonia". *Pyrenae*, 35, vol. I, 2004. pp.07-41. p.16.

processo, acarretou já no século VI a.C. na formação de uma sociedade liderada por chefias. Estas últimas, neste momento, precisavam de elementos que pudessem fortalecer e legitimar sua posição de prestígio frente ao restante da comunidade. Tal quadro, de uma certa forma, propiciou uma maior abertura das sociedades nativas ao elemento estrangeiro, tanto as populações do mediterrâneo quanto as demais populações peninsulares³⁰³, conforme analisaremos a seguir.

2.5) Contatos entre Emporion e Ullastret

A presença dos *empóroi* focu-massaliotas no Ampurdán propiciou o contato entre duas sociedades diferenciadas. A relação entre as diferentes sociedades, por contatos diretos ou indiretos, pode traduzir-se em cooperação, diálogo, interação, integração, confrontação, competição, oposições, conflitos, dominação ou extermínio. No entanto, ao ser iniciado qualquer um dentre tais processos, a comunicação entre elementos de duas culturas se faz através de uma “fricção étnica” ou “interétnica³⁰⁴”, correspondente a um fenômeno de resistência cultural que acompanha inicialmente qualquer primeiro contato entre grupos ou sociedades distintas; não se considerando, ainda, que tipo de relações venha a ser estabelecidas a partir deste contato.

A “fricção interétnica” tem haver com o processo de pertença a um determinado grupo étnico. De acordo com J. Hall³⁰⁵, o termo “etnicidade” implica tanto a autoconsciência de

303 Apesar de se encontrar localizadas no mesmo espaço geográfico, as populações ibéricas eram heterogêneas socialmente; poderíamos mencionar iberos, celtiberos, lusitanos, turdetanos, dentre outros.

³⁰⁴ Utilizaremos as palavras de Neyde Theml para definir o que entendemos por “fricção étnica”: “...Compreendemos este conceito diferentemente de Roberto Cardoso de Oliveira, que o propõe como sendo um equivalente à luta de classes. Isto se dá porque entendemos que em sociedades “pré-capitalistas” ou “tradicionais”, os fenômenos de contradição que se estabelecem na infra-estrutura da sociedade se verificam em outros níveis e não exclusivamente no das relações de produção e no das forças produtivas. Isto porque as relações de parentesco, a divisão social em classe de idade, as relações dos sistemas simbólicos, a divisão sexual do trabalho, se confundem com as relações de produção. Assim, a fricção étnica ou interétnica corresponderia a um fenômeno de resistência cultural que acompanha inicialmente qualquer primeiro contato entre grupos ou sociedades diferentes; não se considerando ainda que venha a se estabelecer relações de: diálogo, cooperação, integração, interação, dominação ou conquista. Evidentemente, que existem graus diferentes de resistência para cada situação acima citada...”. THEML, N. “História e Antropologia.” In: _____. *Chefias e Realezas* [manuscrito].

³⁰⁵ HALL, J. M. *Hellenicity*. London: University Chicago Press, 1992. p.06

pertencer a um grupo étnico (identidade étnica), quanto ao processo dinâmico que estrutura, e é estruturado, por grupos étnicos em um processo de interação social”.

Assim, em primeiro lugar, há o reconhecimento da diferença. Para o caso das sociedades que estamos trabalhando, tanto para os indigetes quanto para os focu-massaliotas, o reconhecimento da diferença poderia tomar forma na figura do estrangeiro.

Para as sociedades tribais, o estrangeiro era uma figura ambígua, já que tanto poderia ser um mensageiro trazendo notícias e novidades, quanto poderia representar uma ameaça à tribo. No entanto, a partir da perspectiva de J. Hall³⁰⁶, um grupo étnico não é estático, monolítico, e geralmente está sujeito a processos de assimilação ou diferenciação de outros grupos. Assim, a questão do pertencimento étnico a um determinado grupo pode variar de acordo com as circunstâncias, podendo ser manipulada a partir dos propósitos específicos dos indivíduos. Logo, o estrangeiro poderia ser aceito nessas sociedades tribais, mediante a criação de laços pessoais, a partir de rituais específicos que os inseriria no grupo³⁰⁷.

A partir de então, o estrangeiro mudava de condição, passando a ter um *status*, uma posição neste grupo, fundamentada nos laços criados pela hospitalidade e pela oferta de presentes. O estrangeiro passava a ser um hóspede tratado com honra, já que em sociedades tribais a hospitalidade atuava como uma via para: “*moderar a força de oposição e o isolamento onde esta [xenofobia] as condenaria*”³⁰⁸.

Também já mencionamos as práticas de *xênia* entre os gregos, que também implicavam na elevação do estrangeiro à categoria de hóspede. Além disso, tais práticas estavam relacionadas com as trocas de presente, que poderiam ser tanto objetos quanto pessoas (casamentos interétnicos).

Ressaltaremos duas evidências materiais que, ao nosso ver, comprovaria a idéia de que esse contato inicial foi frutífero: a fundação da *Neapolis* e a os primeiros objetos advindos de Emporion, encontrados em Ullastret. Ambos datados do começo do séc. VI a.C.

Quanto aos interesses envolvidos neste contato específico, para os gregos representaria uma oportunidade de ir para um local onde estes poderiam contar com mais recursos do que o

³⁰⁶ HALL, J. M. *Hellenicity*. London: University Chicago Press, 1992. p.06

³⁰⁷ DORSINFANG-SMETS, A. “Les Étrangers dans la Société Primitive”. In: *Recueils de la Société Jean Bodin*, 9, 1958. pp. 59 – 73. p .63.

³⁰⁸ *Idem.* pp. 61- 62.

assentamento na *Palaia Pólis*, possíveis aliados militares em um território hostil, além dos próprios interesses comerciais.

E quais seriam os interesses dos indígetes ao estabelecerem alianças com os focu-massaliotas?

Importante se faz destacar que a seleção de bens ofertados pelos *emporoi* focu-massaliotas como presentes diplomáticos para os nativos era orientada, sobretudo, pelo que os gregos conheciam acerca das sociedades com as quais entravam em contato. Assim, seguiriam eles uma forma padrão de contatos e alianças com os nativos, ofertando presentes de *xênia* que interessassem a essas populações, para que fossem consolidados os laços diplomáticos³⁰⁹.

O presente diplomático de um estrangeiro poderia ser negado, caso não tivesse utilidade para aquele que o recebeu. Aliás, as relações em sociedades tribais, e, em especial, a circulação de bens, são freqüentemente consideradas como relações de troca em uma *economia de presentes*, sendo, por conseguinte, norteadas pelos princípios de *débito e reciprocidade*³¹⁰. Atuariam tais princípios como mecanismos reguladores das relações, já que uma sociedade de “economia de presentes” fundamentar-se-ia em obrigações, que permeariam todas as relações. A economia política das sociedades tribais seria movida por obrigações existentes: obrigações de ofertar presentes, de recebê-los e de retribuí-los; criando sempre novas obrigações que prenderiam os indivíduos e grupos de parentesco às posições sociais hierarquizadas e relações já existentes nessas tribos. Estariam todos presos em redes de débitos que nunca poderiam ser saldadas, mas apenas retribuídos em igual medida, de modo que cada nova retribuição gerasse um novo débito.

Logo, as relações nessas sociedades implicariam obrigações formais recíprocas, trocas equivalentes, que criariam um desequilíbrio alternado e uma dependência mútua, já que um dependeria do outro para dar e para trocar, acumulando presentes para dar e não pra conservar. A reciprocidade equilibrada às constantes ofertas de presente faria com que se ofertasse os

³⁰⁹ TACLA, A. B. *Diplomacia e Hospitalidade. Um estúdio de caso entre Massalia e as tibos de Vix e Hochdorf*. Rio de Janeiro: 2001. p.101.

³¹⁰ APPADURAI, A. “Introduction: Commodities and the Politics of Value.” In: APPADURAI, A. (ed.) *The Social Life of Things*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. pp. 3- 63; MORRIS, Ian. “Gift and commodity in archaic Greece”. *Man*, 1986: 1-17.

presentes que outrora se recebera, isto é, os presentes recebidos em uma ocasião seriam, em outra, ofertados para criar uma nova relação ou como retribuição a outro amigo/aliado³¹¹.

Tal interpretação consiste em uma análise das formas de relação e da economia política nas sociedades tribais que postula que a economia seria regida por um valor moral vinculado à concepção de débito, pois, ante a ausência de relações regidas por códigos legais, regras de mercado ou uma hierarquia política, haveria a obrigação (moral) de retribuir um presente outrora recebido³¹².

A inexistência de uma economia de mercado não implica, obrigatoriamente, uma economia regida pela reciprocidade. Não há exclusão mútua entre “economia de mercado” e “economia de presentes”³¹³. A generalização dessa oposição não nos permite compreender a lógica das trocas em sociedades tribais, principalmente porque nessas sociedades encontramos uma economia política regida por interesses calculados pelo próprio consumo, que não é um receptáculo das influências estrangeiras³¹⁴. Não se trata, então, de débito e reciprocidade e as obrigações morais neles envolvidas, nem tampouco de responder a uma constante demanda de troca e de redistribuição de presentes.

Para o século VI a.C. foram encontrados vestígios materiais de cerâmica focéia, corínta e ática, na região do Ampurdán, levando os pesquisadores a interpretar tais objetos como indícios de contatos comerciais estabelecidos entre Emporion e as populações nativas dessa região, da região do Llobregat e da região do Baixo Ebro³¹⁵. Devemos, porém, ter cuidado ao analisar a presença de objetos exógenos em uma sociedade. Até porque, a simples presença de um objeto grego em um assentamento indigete, nem sempre caracteriza fluxo comercial, e nem mesmo pode ser indicador de um contato direto entre ambas as sociedades. Devemos considerar o contexto no qual foi encontrado tal objeto, além de levar em consideração as

³¹¹ Segundo Sahlins, que analisa três tipos diferentes e reciprocidade, a reciprocidade equilibrada é uma forma de troca direta, em que o valor da reciprocidade equivale aos bens recebidos. Essa forma de reciprocidade se aplicaria aos acordos de paz, tratados, troca de presentes, acordos matrimoniais e ao comércio em sociedades tribais. No entanto, não se trata de uma troca totalmente equilibrada, pois envolve variações na distância social e na equivalência da troca. SAHLINS, M. D. *Sociedades Tribais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. pp.127 – 132.

³¹² WEINER, A. B. “cultural difference and the Density of Objects”. In: *American Ethnologist*, 21 (1), 1994. pp. 391 – 403. pp. 393 – 394.

³¹³ APPADURAI, A. *op. cit.* pp. 12 – 13.

³¹⁴ “O consumo não é uma resposta mecânica à estrutura e ao nível de produção, nem a um apetite natural insaciável.” APPADURAI, A. *op. cit.* pp. 40 – 41.

³¹⁵ CABRERA BONET, P. “Emporion y el comercio griego arcaico en el NE de la Península Ibérica... p. 46.

diferentes formas de relacionamento e de situações de contato. Além disso, as trocas comerciais implicariam em contatos frequentes. O que pressupõe que, se não há fluxo material que comprove uma certa regularidade nos contatos, não podemos, então, presumir que estes fossem baseados em relações comerciais³¹⁶.

Os contatos entre Emporion e Ullastret, durante o século VI a.C., têm sido evidenciados através da presença de cerâmica grega, cujos primeiros exemplares que chegaram a Ullastret foram duas taças (jônicas de verniz negro) e um olpe jônico, ainda na primeira metade do século VI a.C.³¹⁷, encontradas no assentamento de Illa d'en Reixac. Por Emporion ter sido fundado para ser um entreposto comercial de Massalía, a simples presença destas cerâmicas jônicas tem sido interpretada como um início, se bem que esporádico, dos contatos comerciais entre os dois assentamentos. Discordamos deste tipo de análise, para este momento em específico, já que, como exposto durante todo o presente capítulo, para que houvesse o comércio era necessário, antes de tudo, que as duas comunidades fossem aliadas, fazendo necessário que houvesse um contato diplomático prévio, para criar tais laços.

Não achamos crível interpretar tão pouca quantidade de cerâmica como legitimadora de um fluxo comercial. Poderiam tais, vestígios, entretanto, ser testemunhos de contatos diplomáticos? Para responder a tal pergunta, deveríamos nos perguntar qual o contexto em que foram achados tais objetos (no assentamento, em alguma necrópole), a natureza deste, além da circulação que este objeto teve. Dado este, de que não dispomos no momento. Mas, de qualquer forma, ressaltamos que as tais tipologias de cerâmica apresentadas relacionavam-se ao consumo de vinho. Prática esta que, como já ressaltamos anteriormente, desempenhava uma função social de destaque dentre as comunidades nativas peninsulares.

³¹⁶ STEIN, G. J. *Rethinking World-systems. Diasporas, colonies, and Interaction in Uruk Mesopotamia*. Tucson: University Press, 1993. p.67.

³¹⁷ MALUQUER DE MOTES, J.; PICAZO, M.; MARTIN, A. (1984) *Corpus Vasorum Antiquorum. Espagne*. Musée Monographique d'Ullastret. Barcelona, 1984. Fasc. I. P24.

2.6) Ullastret: Organização Urbanística – Séculos VI e V a.C.

A partir da segunda metade do século VI a.C. houve uma série de transformações nos assentamentos que constituíam Ullastret, resultando na constituição de um modelo de habitação organizado somente em dois pontos de ocupação: Puig de Sant Andreu e Illa d'en Reixac, distantes aproximadamente 500 m um do outro. Assim, tal comunidade estava dividida entre uma habitação alta, o *oppidum*³¹⁸ propriamente dito, e uma habitação plana.

A primeira destas modificações seria a construção da primeira muralha de Puig de Sant Andreu, cujos vestígios foram datados da segunda metade do séc VI a.C. Esta muralha rodeava a parte mais alta do assentamento, delimitando uma área de três hectares. No interior deste assentamento, as casas continuavam dispostas em um traçado plano, organizadas em ruas de traçado adaptado ao terreno irregular. A maioria das casas tinha planta simples, com uma ou duas habitações, feitas em pedra e adobe. No entanto, também havia residências amplas, atribuídas às famílias aristocráticas locais. Além disso, o traçado urbano de Puig de Sant Andreu também apresentava uma grande praça, central, que deveria constituir-se um espaço coletivo e funcional, talvez para rituais coletivos ou para o comércio³¹⁹. Além disso, também são verificadas as construções de cisternas e templos. Curiosamente, tal como acontecia na *Neapólis*, a constituição do bairro sagrado, onde estavam ubicados os santuários

³¹⁸ O termo *oppidum* é uma palavra latina cuja tradução poderia significar “local fortificado”, “recinto fortificado” ou até mesmo “cidade”. A existência de uma fortificação nos locais classificados por tal termo seria sua primeira característica, sendo sua aceitação como centro urbano algo secundário. Durante o período final da República romana, tal termo teria significado de povoado, não comunidade, mas o centro no qual há a reunião da coletividade, não tendo este centro jurisdição nenhuma sobre o território circundante. Assim, quando os romanos referiam-se a uma cidade, no sentido cívico, utilizavam o termo *urbs*, que implicava na existência de edifícios públicos, templos e outros espaços de convivência cívica (Foros, etc.). In: Sherwin-White, 1970. apud: WELLS, P. S. *Granjas, aldeas y ciudades. Comercio y orígenes del urbanismo en la Protohistoria europea*. Labor: Barcelona, 1988.

O termo arqueológico derivou-se da obra de J. César, *Bellum Gallicum*, que utilizava tal termo para descrever os assentamentos fortificados que encontrou na Gália. Do ponto de vista dos estudos arqueológicos, tal termo passou a ser utilizado para classificar os assentamentos da Europa proto-histórica, devendo ser diferenciado de acordo com as regiões, não tendo aceção comum para todos os pesquisadores.

³¹⁹ MARTIN I ORTEGA, A. & PLANA I MALLART, R. “El Nord-Est Català en Època Ibèrica I l’entitat territorial de l’Oppidum d’Ullastret” In: AAVV. *Actes de la Taula Rodona celebrada a Ullastret*. Girona: 2001. pp. 36- 52. (Monografias de Ullastret, 2). pp. 53- 67.

de Ullastret (somente havia santuários em Puig de Sant Andreu), também se fazia na parte mais alta do assentamento. Tal qual a urbanística grega³²⁰.

Por volta de 400 a.C. o setor defensivo de Ullastret foi aumentado, duplicando a superfície do assentamento. Tal modificação no sistema de defesa, na opinião dos arqueólogos que trabalham no sítio arqueológico, deveu-se a um momento de insegurança, generalizado por toda a região³²¹.

O centro de Ullastret seria Puig de Sant Andreu, constituindo-se Ill d'en Reixac como um assentamento subordinado, principalmente voltado para as atividades agrícolas. Este último, por sua vez, não era amuralhado, e provavelmente, em situações de conflito na região, os habitantes de Ill d'en Reixac abrigavam-se sob as muralhas de Puig de Sant Andreu³²².

Outro fato interessante para o qual devemos chamar a atenção é que um assentamento como Ullastret, composto por dois povoados, tivesse apenas uma necrópole próxima a seu território, localizada no antigo assentamento de Puig de Serra. Nesta mesma necrópole, conforme já mencionado, não percebemos grandes diferenças dentre os enxovais funerários.

Classificamos o assentamento de Puig de Sant Andreu como um *oppidum*, já no século VI a.C. Momento este, muito posterior à eclosão dos *oppida* em território peninsular. Tal fenômeno estaria mais relacionado com o século IV a.C.

A organização interna de Puig de Sant Andreu assemelhava-se muito ao padrão organizacional emporitano, que seguia os padrões urbanísticos gregos. Tal fato, aliado ao fato da estruturação urbana precoce de Ullastret em relação ao resto do Ampurdán, levou a idéia de que teriam sido os contatos desenvolvidos com Emporion, os responsáveis pela “urbanização” de Ullastret.

Assim, as pesquisas mais tradicionais vinculavam a formação dos *oppida* no Ampurdán à influência de Emporion. De acordo com a afirmação de A.Ruiz³²³, o *oppidum* era “a principal expressão espacial do território ibérico”.

³²⁰ MARTÍN I ORTEGA, M.A. *Ullastret. Poblats ibèrics*. Gerona: 1988. p.21.

³²¹ Todas as informações sobre a organização interna do assentamento de Puig de Sant Andreu foram obtidas através do site do Museu de Arqueologia da Catalunha: www.mac.es

³²² *Idem*.

³²³ RUIZ, A. “l'èspace ibérique et la vie quotidienne.” *Les ibères, princes d'Occident. Catalogue de l'exposition*. Paris, 1998. pp.77-89. p.82.

Seguindo tal perspectiva, o *oppidum* de Ullastret seria um centro proto-urbano regional, submetendo outras tribos circunvizinhas em virtude de sua localização estratégica e dos contatos com o Mediterrâneo³²⁴. Assim, neste assentamento se concentraria a produção artesanal, o armazenamento de excedente da produção, a redistribuição dos recursos, as trocas e o centro político das sociedades próximas. Tal posição dos *oppida* no Ampurdán parte de pré-concepções do que acreditavam os pesquisadores ser um centro de sociedades tribais, organizador e controlador de uma região, alicerçando tal modelo na concepção de uma influência da organização urbana grega, a partir dos contatos comerciais estabelecidos³²⁵.

Conforme vimos no começo do Capítulo, quando mencionamos o fenômeno da “iberização” das tribos do Ampurdán, vimos que as teses tradicionais acerca dos contatos entre essas tribos e as populações do Mediterrâneo supõem que a partir dessas interações haveria um desenvolvimento da atividade artesanal e um aumento no excedente da produção agrícola e extrativista, que passaria a ser direcionada para as trocas pelos produtos produzidos pelos gregos. Tais teses, pouco se questionam acerca da produção artesanal e, até mesmo, agrícola dessas populações, preferindo assumir o aumento e o desenvolvimento desta produção como decorrência de tais contatos, estando ela vinculada à demanda de bens de prestígio importados e à emergência de uma forte aristocracia guerreira. Criaram, portanto, a concepção de que as tribos ibéricas forneciam matérias-primas para os *emporoi* gregos, e deles importariam bens manufaturados - que “naturalmente” nelas se tornariam bens de prestígio³²⁶.

Tal processo, por sua vez, era regulado pelas elites locais, que constituíam uma pequena aristocracia, estruturadas em torno do *oppidum*, considerado, portanto, centro político de um território³²⁷. A área de influência de Ullastret, por exemplo, englobaria, além do

³²⁴ RUIZ, A. “lê espace ibérique et la vie quotidienne.” *Les ibères, princes d’Occident. Catalogue de l’exposition*. Paris, 1998. pp.77-89. p.82.

³²⁵ MALLART, R. P. & M. ORTEGA, A. “Le territoire Ibérique: structures du peuplement et organisation territoriale, quelques exemples.” In: GAECIA, D. Et VERDIN, F. *Territoires Céltiques. Espaces ethniques et territoires des agglomérations protohistoriques d’Europe occidentale*. Actes de XXIV^e Colloque International de l’AFEAF. Martigues: Eurance, 2002. p.18.

³²⁶ Tito Lívio (*História de Roma*. XXXIV, 9) menciona que os iberos trocavam produtos agrícolas pelos produtos manufaturados dos gregos.

³²⁷ MARTIN I ORTEGA, A. & PLANA I MALLART, R. “El Nord-Est Català en Època Ibèrica I l’entitat territorial de l’Oppidum d’Ullastret” In: AAVV. Actes de la Taula Rodona celebrada a Ullastret. Girona: 2001. pp. 36- 52. (Monografias de Ullastret, 2). pp. 53- 67.

oppidum propriamente dito, uma série de assentamentos suburbanos, que devido aos vestígios de campos de silos relacionados com as habitações, poderiam ter função agrícola³²⁸.

Contudo, ao contrário dos modelos generalizantes, não podemos supor que nem a produção artesanal, nem a agrícola eram controladas quer pelos chefes, quer por uma aristocracia central, já que estas produções não estariam totalmente concentradas nos assentamentos fortificados³²⁹. A produção artesanal, por exemplo, também era empreendida em aldeias abertas dispersas pelo território³³⁰.

A produção agrícola, por sua vez, se daria de duas maneiras: ocorria em campos de silos³³¹ dispersos pelo território, caracterizando as aldeias agrícolas ou “fazendas”; ou em silos isolados, próximos a assentamentos (como parece ser o caso dos silos encontrados em Illa d’en Reixac), levando os pesquisadores a considerar que estes últimos pudessem estar destinados ao abastecimento dos assentamentos mais próximos³³².

Ao nosso ver, a função do *oppidum* não seria de centro gestor dos recursos produtivos de um território próximo, dependente politicamente deste. Tal idéia estaria vinculada a um ideal de competitividade social impregnado das concepções de que o *status* nas sociedades tribais estaria diretamente relacionado com a aquisição de bens importados, controle do excedente da produção e na posse de riquezas. Haveria, sim, a criação de uma área de influência; mas esta não se justificaria pelo controle dos recursos produtivos do território, e sim, pela quantidade de alianças que a chefia “central” poderia desenvolver com as chefias das

³²⁸ MARTIN I ORTEGA, A. & PLANA I MALLART, R. “L’organització de l’espai rural entorn de l’oppidum d’Ullastret: formes dinàmica del poblament ” In: AAVV. *Actes de la Taula Rodona celebrada a Ullastret*. Girona: 2001. pp. 156- 176. (Monografias de Ullastret, 2) p. 171.

³²⁹ MARTIN I ORTEGA, A. & PLANA I MALLART, R. “El Nord-Est Català en Època Ibèrica I l’entitat territorial de l’Oppidum d’Ullastret” In: AAVV. *Actes de la Taula Rodona celebrada a Ullastret*. Girona: 2001. pp. 36- 52. (Monografias de Ullastret, 2) ; MARTIN I ORTEGA, A. & PUIG GRIESENBERGER, A. “Rhode I l’organització del territori de l’Alt Empordà”. In: AAVV. *Actes de la Taula Rodona celebrada a Ullastret*. Girona: 2001. pp. 53- 67. (Monografias de Ullastret, 2)

³³⁰ MARTIN I ORTEGA, A. & PLANA I MALLART, R. “L’organització de l’espai rural entorn de l’oppidum d’Ullastret: formes dinàmica del poblament ” In: AAVV. *Actes de la Taula Rodona celebrada a Ullastret*. Girona: 2001. pp. 156- 176. (Monografias de Ullastret, 2)

³³¹ Os campos de silos caracterizavam-se por habitações planas, de pequenas dimensões e função agrícola. Normalmente, eram constituídos por um grupo de silos e algumas cabanas. Na Antigüidade se conheciam duas técnicas de conservação de cereais : a estocagem ao ar livre em urnas, *dolia*, vasos, etc. e a estocagem em lugares fechados, como os silos. Estes últimos eram cavados no solo e fechados hermeticamente para permitir ao grão respirar e se conservar.

³³² GARCIA, D. “Observations sur la production et le commerce des céréales em Languedoc méditerranéen Durant l’âge du fer: les formes de stockage des grains.” RAN, 20, 1987. pp.43-98.

demais localidades, que poderiam ser desde aldeias simples, até *oppida* de menor grandeza. Assim os *oppida* eram dirigidos por grupos aristocráticos locais que construíam redes de alianças com as outras localidades. Nesse ponto, concordamos com a colocação feita por Adrienne B. Tacla³³³, de que seria a capacidade das chefias estabelecerem novas alianças, na quantidade de aliados que essas já possuíam e que lhes ofertavam prestações, que residia a força política das chefias.

Estudos mais recentes, alguns apresentados por ocasião de uma mesa redonda ocorrida em Ullastret (Gerona)³³⁴, apontam para a existência de situações diversificadas nas organizações espaciais adotadas pelos distintos grupos étnicos que habitavam o território ibérico. Estas organizações diversificar-se-iam de acordo com o contexto temporal, com o processo de afirmação dos grupos aristocráticos e de suas trajetórias para a constituição de formações políticas mais complexas³³⁵.

As pesquisas mais tradicionais vinculam a formação dos *oppida* no Ampurdan à fundação de Emporion. Ao nosso ver tal interpretação é por demais mecanicista, resultante de uma tradição historiográfica que considerava as transformações em sociedades chamadas ‘simples’ como resultantes de seus contatos com sociedades mais complexas. Dentro de tal perspectiva, o *oppidum* de Ullastret seria um centro proto-urbano regional, submetendo outras tribos circunvizinhas em virtude de sua localização estratégica e dos contatos com o Mediterrâneo. Assim, neste assentamento se concentraria a produção artesanal, o armazenamento de excedente da produção, a redistribuição dos recursos, as trocas e o centro político das sociedades próximas. Tal posição dos *oppida* no Ampurdán parte de pré-concepções do que acreditavam os pesquisadores ser um centro de sociedades tribais, organizador e controlador de uma região, alicerçando tal modelo na concepção de uma influência da organização urbana grega, a partir dos contatos comerciais estabelecidos.

Conforme vimos no começo do capítulo, quando mencionamos o fenômeno da “iberização” das tribos do Ampurdán, vimos que as teses tradicionais acerca dos contatos entre essas tribos e as populações do Mediterrâneo supõem que a partir dessas interações

³³³ TACLA, A. B. *Diplomacia e Hospitalidade. Um estudo de caso entre Massalia e as tribos de Vix e Hochdorf*. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2001. p.101.

³³⁴ *Territori polític i territori rural Durant l'Edade Del ferro a la Mediterrània occidental*, 25-27 de mai 2000.

³³⁵ MALLART, R. P. & M. ORTEGA, A. *Op. cit.* p.18.

haveria um desenvolvimento da atividade artesanal e um aumento no excedente da produção agrícola e extrativista, que passaria a ser direcionada para as trocas pelos produtos produzidos pelos gregos. Tais teses, pouco se questionam acerca da produção artesanal e, até mesmo, agrícola dessas populações, preferindo assumir o aumento e o desenvolvimento desta produção como decorrência de tais contatos, estando ela vinculada à demanda de bens de prestígio importados e à emergência de uma forte aristocracia guerreira. Criam, portanto, a concepção de que as tribos ibéricas forneciam matérias-primas para os *emporoi* gregos, e deles importariam bens manufaturados - que “naturalmente” nelas se tornariam bens de prestígio³³⁶.

As sociedades nativas já contavam com uma produção artesanal – tecidos, fíbulas, colares, brincos, pingentes, utensílios de toalete, instrumentos de caça e pesca, entre outros³³⁷ – não dependendo, portanto, da importação de bens do Mediterrâneo, já que tanto a manufatura como a matéria-prima eram locais. Antes, diríamos que essas importações é que se inseririam no âmbito da produção artesanal nativa, o que refuta qualquer suposição de dependência de importações do Mediterrâneo para sustentar a posição e o prestígio da aristocracia nas tribos indígetes.

2.7) Emporion e Ullastret - Por Um Balanço dos Contatos

Os contatos entre Emporion e Ullastret têm sido evidenciados tanto pela presença de cerâmica advinda de Emporion, em Ullastret, além das influências urbanísticas gregas na

³³⁶ Tito Lívio (*História de Roma*. XXXIV 9) menciona que os iberos trocavam produtos agrícolas pelos produtos manufaturados dos gregos.

³³⁷ A metalurgia passa a ser conhecida no nordeste catalão a partir do séc. VII a.C. Se o conhecimento desta arte foi introduzida pelos comerciantes fenícios ou pelas populações de Campos de Urnas, ainda é motivo de discussão. Não há dúvidas quanto ao que esse primeiro estágio de utilização do ferro tenha sido voltado para a confecção de objetos pessoais – facas, navalhas e anéis – os quais eram encontrados em tumbas que presumia-se pertencerem aos membros governantes da sociedade. O ferro deve ter sido utilizado principalmente como bem de prestígio, os quais, da mesma forma que acontecia com o controle e aquisição da distribuição de vinho fenício, aumentava o capital político dos membros governantes e facilitava a reprodução de seus interesses. SANMARTI, J. “From local groups to early States: the developments of complexity in protohistoric Catalonia”. *Pyrenae*, 35, vol. I, 2004. pp.07-41. p. 20; RUIZ ZAPATERO, G. “El comercio protocolonial y los orígenes de la iberización: dos casos de estudio, el Bajo Aragón y la Cataluña Interior”. *Kalathos*, 1984. pp. 3-4: 51-70.

organização do assentamento nativo. Tais contatos têm sido justificados pelos interesses comerciais de Emporion na exploração de recursos do território do Ampurdán. Visto assim, Emporion seria um tipo de centro, que redistribuiria produtos para Ullastret, que por sua vez, atuaria como interceptor entre o centro emporitano e a periferia nativa. Assim Ullastret integraria uma zona de influência emporitana.

Já foi colocado que os objetos gregos mais antigos detectados em Ullastret, datados do começo do séc. VI a.C., foram um limitado número de cerâmica ática relacionada ao consumo de vinho. Também já foi colocado que desde a segunda metade do século VII a.C. chegava ao Ampurdán uma grande quantidade de cerâmica fenícia, principalmente aquelas advindas das colônias fenícias em território peninsular³³⁸. Dentre tais cerâmicas, destacamos a grande incidência de ânforas, destinadas ao armazenamento do vinho. Por outro lado, não foram identificados indícios de vasos importados destinados a servir o vinho.

Também já foi ressaltado o valor da bebida como meio de integração social, dentre as sociedades pré-ibéricas. Os nativos do Ampurdán, que antes consumiam cerveja (ou até mesmo o hidromel), passaram a conhecer o vinho a partir dos contatos com os fenícios, que também podem ter sido os responsáveis pela introdução do ferro em território peninsular.

A utilização do ferro, contudo, ao contrário do que poderíamos supor, não foi convertida para um melhor desempenho da produção agrícola, por exemplo. Para todo o século VII e ainda durante o século VI a.C., só foram localizados objetos de ferro depositados em tumbas, em algumas necrópoles do Ampurdán. Quanto à disposição desses objetos, não há dúvidas quanto ao fato de que esse primeiro estágio de utilização do ferro tenha sido voltado para a confecção de objetos pessoais, presumivelmente pertencentes às chefias nativas, ainda em estágio de consolidação. Assim, para este caso, a restrição ao consumo poderia ser uma tática das elites locais, que monopolizavam o acesso a tais bens, devido à importância destes como bens de prestígio³³⁹.

O mesmo se deu com o consumo de vinho. Durante os primeiros momentos do século VII a.C. era um produto destinado ao consumo das chefias, enquanto que os outros grupos

³³⁸ MARTÍ I ORTEGA, A. *op. cit.*p.16.

³³⁹ STEIN, G. J. *Rethinking World-systems. Diasporas, colonies, and Interaction in Uruk Mesopotamia*. Tucson: University Press, 1993. p.75.

sociais consumiam a cerveja nativa³⁴⁰. No entanto, a partir da metade deste século, presenciou-se um aumento significativo da presença de ânforas fenícias ou ibero-púnicas, além do próprio desenvolvimento da plantação de vinhas em território peninsular. Tal fato proporcionou a disseminação do consumo de vinho³⁴¹.

Para Fernando Quesada³⁴², o ato de beber vinho proporcionava a coesão social entre os grupos dirigentes das sociedades nativas peninsulares. A partir do século VI a.C., o vinho passou a ser consumido em grandes quantidades, sendo associado às práticas comensais e aos contextos rituais: libações e rituais funerários.

Por isso, os primeiros objetos gregos a chegarem a Ullastret eram justamente vasos destinados ao consumo de vinho. Daí, concluímos que os possíveis motivos pelos quais as chefias de Ullastret aceitaram os presentes dos *emporoi* foceu-massaliotas poderia residir no fato de que tais vasos estariam relacionados com a prática de consumo do vinho, bem conhecida por esta sociedade. Mas, ao mesmo tempo, tais objetos diferenciavam-se das demais produções locais para o consumo de vinho, interessando, imediatamente às chefias.

Se percebermos o caso de Ullastret a partir do que Dietler³⁴³ designou como “política da comensalidade”, entenderemos que sob a forma de hospitalidade e distribuição de bebida, além de haver o reforço das relações sociais e políticas na própria tribo, os chefes de Ullastret estabeleceriam alianças políticas de caráter pessoal, angariando novos seguidores dentro e fora da tribo. Desta forma, durante os rituais públicos de consumo de bebida em Ullastret, haveria um tipo de ostentação do *status* e o prestígio social do chefe anfitrião, que possuía *status* e prestígio distintos dos demais. Marcava-se esta distinção de *status* por meio de vasos e utensílios utilizados, principalmente a partir da ostentação de presentes dados pelos aliados-estrangeiros de outras tribos e regiões³⁴⁴.

³⁴⁰ QUESADA, F. “Vino y guerreros: banquete, valores aristocráticos y alcohol en Iberia”.In; www.ffil.uam.es/equus/quesada_ori.htm

³⁴¹ GRACIA, F. *op. Cit. P.*

³⁴² QUESADA, F. “Vino y guerreros: banquete, valores aristocráticos y alcohol en Iberia”.In; www.ffil.uam.es/equus/quesada_ori.htm

³⁴³ DIETLER, M. "Commerce du vin et contacts culturels en Gaule au premier Age du fer", *Marseille grecque et la Gaule*, 1992. pp. 201-410.

³⁴⁴ QUESADA SANS, F. “Vino, Aristócratas, Tumbas y Guerreros em la Cultura Ibérica (ss. V – II a.C.). in: www.ffil.uam.es/equus/warmas/online/articul4/articul4..htm

Já mencionamos que os rituais de consumo de vinho seriam uma forma de alicerçamento das chefias étnicas. No entanto, tais festividades não se tratavam de relações alicerçadas em princípios de igualdade ou reciprocidade entre chefes e aliados. Os chefes só se aliariam a outros chefes, porém isso não representaria a existência de uma igualdade entre eles. Ao contrário, haveria sempre a distinção de prestígio que faria com que aquele politicamente mais fraco, de menor prestígio, devesse prestar honras ao mais forte, que sempre se destacaria por sua generosidade em recebê-lo. A hospitalidade e a comensalidade não eram uma retribuição às prestações (presentes) recebidas ou ao apoio/aliança obtidos. Se bem verdade que a capacidade de estabelecer novas alianças só seria possível em virtude da capacidade de ofertar presentes a outros chefes³⁴⁵. A hospitalidade e a comensalidade eram, na verdade, veículos para a obtenção de novas prestações, de mais presentes, de mais aliados, de novos contatos e alianças. Eram meios de ampliar o prestígio desse chefe e de sua rede de aliados.

Não entraremos nas especificidades das práticas do consumo de vinho entre os iberos, até porque, além de não ser o nosso interesse no presente trabalho, constitui-se tal tema em um campo ainda pouco explorado pela produção intelectual³⁴⁶. O que queremos ressaltar aqui é que a política da comensalidade representaria um instrumento político de dominação, através do qual os chefes ascenderiam em poder e prestígio, aglutinando chefes aliados em sua rede de relações pessoais. Assim, tal política permitiria que apenas alguns chefes – aqueles de maior prestígio e força política – sobressaíssem nas redes de relações intertribais e, com isso, submetessem politicamente os aliados mais fracos da rede.

Assim, vimos que os artefatos gregos encontrados nos assentamentos de Ullastret durante o século VI a.C., disseminados pelos contatos com Emporion, eram em sua maioria constituídos de cerâmicas destinadas ao consumo de vinho. Estes foram utilizados como objetos de prestígio, operando como símbolos de distinção social, e não como mercadorias de

³⁴⁵ Mas os presentes ofertados como prestação de honra seriam aqueles que fossem símbolo do prestígio daquele que o ofertava.

³⁴⁶ QUESADA SANS, F. “Vino, Aristócratas, Tumbas y Guerreros em la Cultura Ibérica (ss. V – II a.C.). in: www.ffil.uam.es/equus/warmas/online/articul4/articul4..htm

troca³⁴⁷, já que durante a primeira metade do século VI a.C. Massalia e Emporion desenvolviam suas atividades em função de um comércio de tipo aristocrático, baseado na troca de bens de luxo, que favoreciam a criação dos laços de hospitalidade entre essas colônias e as populações nativas próximas³⁴⁸.

O crescimento de Ullastret e o seu desenvolvimento em território catalão ocorreu devido às alianças estabelecidas entre suas chefias e as das demais localidades do território do Ampurdán, na medida em que estes criavam uma rede de aliados. Daí que, quanto maior fosse tal rede, mais prestações recebiam dos outros chefes aliados, destacando-se, portanto, dentre as chefias de um território, sobressaindo-se nas redes de relações intertribais. Por isso, Ullastret constituiu-se no maior *oppidum* do Nordeste catalão, já que contava com uma extensa rede de “aliados”, dentre estes, Emporion.

Para todo o restante do séc. VI a.C. foram localizadas nos assentamentos que compõem Ullastret (Illa d'en Reixac e Puig de Sant Andreu) uma grande quantidade de cerâmica jônico-massaliota relacionada com o consumo de bebidas e ao banquete (pratos, taças, kílix, ânforas, olpes, etc), provavelmente vindas de Emporion³⁴⁹.

Quanto à questão do desenvolvimento urbano de Ullastret ter sido atribuído à influência de Emporion, lembramos que, conforme já mencionado, o processo de organização das chefias de Ullastret ocorreu durante o século VII a.C. Ainda, quando os *emporoi* focu-massaliotas começaram a estabelecer os primeiros contatos com Ullastret, o espaço do assentamento nativo estava em processo de organização. Realmente, podemos identificar na estrutura urbana de Ullastret, a parti do final do século VI a.C., alguns elementos muito semelhantes à organização espacial nos moldes gregos. Mas daí a pensar em “influência grega”, ou mesmo “helenização”, não nos parece uma alternativa.

³⁴⁷ De acordo com G. Stein, para que a presença de um objeto estrangeiro em um determinado assentamento pudesse ser interpretado como indício de trocas, seria necessário que tal não fosse considerado como um objeto de prestígio. STEIN, G. J. *Rethinking World-systems. Diasporas, colonies, and Interaction in Uruk Mesopotamia*. Tucson: University Press, 1993. p.67.

³⁴⁸ CABRERA BONET, P. “Emporion y el comercio griego arcaico en el NE de la Península Ibérica... p. 48.

³⁴⁹ MALUQUER DE MOTES, J.; PICAZO, M.; MARTIN, A. (1984) *Corpus Vasorum Antiquorum. Espagne*. Musée Monographique d'Ullastret. Barcelona, 1984. Fasc. I. pp. 27 – 61.

De acordo com G. Stein³⁵⁰, a presença de cultura material estrangeira, em um determinado sítio, poderia indicar: trocas ou “emulação inter-cultural”. Para este mesmo autor, a troca seria a forma mais comum de contato inter-cultural. Esta, por sua vez, só poderia ser evidenciada a partir da cultura material, em um determinado sítio, caso o elemento estrangeiro encontrado neste, não representasse um símbolo de prestígio para essa sociedade³⁵¹.

Partindo da colocação acima, acreditamos serem os contatos entre Emporion e Ullastret, durante o período compreendido entre 550 –350 a.C., desenvolvidos pelas esferas tanto da troca, quanto da “emulação inter-cultural”.

Conforme já discutido, as primeiras cerâmicas gregas que chegaram a Ullastret, a partir com o contato com Emporion, eram cerâmicas relacionadas ao consumo de vinho, que pelos diversos motivos já apresentados, constituíam-se em indicadores de prestígio dentro das sociedades nativas. Estas cerâmicas, sem dúvida, não eram objeto de trocas.

Nos níveis estratigráficos referentes ao período 550 – 350 a.C., tanto em Illa d'en Reixac como em Puig de Sant Andreu, foram encontradas cerâmicas massaliotas, etruscas, focéias e até mesmo áticas, cuja presença foi justificada pelas relações desenvolvidas entre Ullastret e Emporion³⁵². Dentre tal quantidade e variedade de material, destacamos a presença de ânforas, morteiros e cerâmicas finas, dentre as quais as finalidades, além dos usos feitos destas, seriam diferenciados³⁵³.

³⁵⁰ STEIN, G. J. *Rethinking World-systems. Diasporas, colonies, and Interaction in Uruk Mesopotamia*. Tucson: University Press, 1993. p.67.

³⁵¹ Idem.

³⁵² Martín, A. *op. cit.* P.18.

³⁵³ Quadro comparativo das diferentes classes de cerâmica que aparecem nos assentamentos de Ullastret – 550 – 350 a.C.

1) Cerâmicas feitas à mão - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (33,08 %); 450 – 400 a.C. (19,56 %); 400 –350 a.C. (10, 17 %).

2) Cerâmicas a torno “de luxo” - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (7,91%); 450 – 400 a.C. (2,95%); 400 –350 a.C. (2,86%)

2.1) Cerâmica jônicas – Só há a presença no nível estratigráfico referente a 550 –450 a.C. (7,5%)

2.2) Cerâmica “gris monocroma” – Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (45%); 450 – 400 a.C. (26, 19 %); 400 –350 a.C. (3,46%)

2.3) Cerâmica pseudo-jônica pintada – Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (22,5 %); 450 – 400 a.C. (8, 73 %); 400 –350 a.C. (9, 23 %)

2.4) Cerâmica ática - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (25%); 450 – 400 a.C. (65,08 %); 400 –350 a.C. (87, 3%)

Por exemplo, a presença de ânforas e morteros, ambos vasos destinados a carregar mercadorias, nestes assentamentos claramente comprovam que havia troca, na medida que eram materiais estrangeiros que não eram considerados bens de prestígio.

-
- 3) Cerâmica a torno nativa - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (36,04%); 450 – 400 a.C. (17,02 %); 400 –350 a.C. (20,59 %)
- 3.1) Cerâmica ibérica pintada - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (66,66 %); 450 – 400 a.C. (20,86 %); 400 –350 a.C. (4,54 %)
- 3.2) Cerâmica comum ibérica- Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (23,91%); 450 – 400 a.C. (37,24%); 400 –350 a.C. (39,97%)
- 3.3) Cerâmica de massa clara - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (4,34%); 450 – 400 a.C. (5,62%); 400 –350 a.C. (4,22%)
- 3.4) Cerâmica “sandwich” - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (5,07%); 450 – 400 a.C. (17,15%); 400 –350 a.C. (36,04%)
- 3.5) Cerâmica “costa catalã” - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (%); 450 – 400 a.C. (5,80 %); 400 –350 a.C. (7,42 %)
- 3.6) Cerâmica tosca de cozinha - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (%); 450 – 400 a.C. (0,12%); 400 –350 a.C. (0,80 %)
- 3.7) Cerâmica de pintura branca - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (-%); 450 – 400 a.C. (-%); 400 –350 a.C. (7,02 %)
- 3.8) Outros tipo de cerâmica - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (-%); 450 – 400 a.C. (0,24%); 400 –350 a.C. (-%)
- 4) Morteros - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (3,69%); 450 – 400 a.C. (0,11%); 400 –350 a.C. (0,05%)
- 4.1) Mortero ibérico - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (85,71 %); 450 – 400 a.C. (66,70 %); 400 –350 a.C. (80 %)
- 4.2) Mortero massaliota - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (14,28 %); 450 – 400 a.C. (33,30 %); 400 –350 a.C. (20 %)
- 5) Ânfora - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (16,09%); 450 – 400 a.C. (60,37 %); 400 –350 a.C. (66,33 %)
- 5.1) Ânfora fenícia - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (3,27 %); 450 – 400 a.C. (-%); 400 –350 a.C. (-%)
- 5.2) Ânfora massaliota - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (11,47 %); 450 – 400 a.C. (1,16 %); 400 –350 a.C. (0,45%)
- 5.3) Ânfora ibero-púnica - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (73,76%); 450 – 400 a.C. (-%); 400 –350 a.C. (-%)
- 5.4) Ânfora etrusca - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (6,55 %); 450 – 400 a.C. (0,15%); 400 –350 a.C. (0,10 %)
- 5.5) Ânfora grega - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (4,92 %); 450 – 400 a.C. (0,06 %); 400 –350 a.C. (0,07 %)
- 5.6) Ânfora púnica - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (-%); 450 – 400 a.C. (5,71 %); 400 –350 a.C. (10,21 %)
- 5.7) Ânfora ibérica - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (-%); 450 – 400 a.C. (92,47 %); 400 –350 a.C. (88,69%)
- 5.8) Outras - Presença nos níveis estratigráficos referentes a 550- 450 a.C. (-%); 450 – 400 a.C. (0,44 %); 400 – 350 a.C. (0,05%)

As ânforas de proveniência massaliota, etrusca e grega, além do mortero massaliota, chegavam a Ullastret através das trocas comerciais com Emporion³⁵⁴. Só não se tem certeza qual seria a contrapartida do processo. Pela abundância de campos de silos documentados pela região do Ampurdán, muitos pesquisadores consideram que as populações nativas usavam os produtos obtidos dos recursos cerealísticos como moeda, nas trocas comerciais³⁵⁵.

Já a “emulação intercultural” também constitui uma forma de interação. É um processo de negociação sócio-identitário, no qual um grupo tende a reforçar seu próprio *status* adotando atributos comportamentais, materiais ou ideológicos de outro grupo com *status* igual ou mais alto³⁵⁶. As evidências arqueológicas para a “emulação intercultural³⁵⁷” consistem na imitação, pela sociedade anfitriã, da arquitetura, iconografia, e cultura material associada às elites estrangeiras.

Nos assentamentos de Ullastret, os tipos de cerâmica que aparecem com menos frequência são a cerâmica “de luxo”. Devemos a isso o fato de que as primeiras seriam objeto de consumo limitado às camadas dirigentes, já que eram de qualidade superior e destinadas a usos específicos, geralmente ligadas ao fator da ostentação. Poderiam advir de prestações ofertadas, ou mesmo, terem sido importadas pelos grupos mais destacados de Ullastret. De acordo com G. Stein³⁵⁸, o acesso aos bens estrangeiros poderia ser controlado pelas elites nativas, principalmente se estes forem bens de prestígio, pois, ao limitar o acesso a estes, maior o seu prestígio e distinção social ao tê-los.

Ainda, em uma situação de “emulação intercultural”, espera-se que as elites locais emulem estilos estrangeiros naqueles itens associados a uma identidade pública visível (arquitetura, ornamentos pessoais, modos de vestir, ou serviço e consumo de comida em festas públicas); embora continuem usando estilos locais de cultura material, em contextos não públicos (atividades domésticas, preparação da comida, criação dos filhos, ou subsistência). O

³⁵⁴ MARTÍN, A. *op. Cit.* P.19.

³⁵⁵ GRACIA, F. “Producción y comércio...”...*op. cit.* P.93.

³⁵⁶ STEIN, G. J. *Rethinking World-systems. Diasporas, colonies, and Interaction in Uruk Mesopotamia.* Tucson: University Press, 1993. p.67.

³⁵⁷ STEIN, G. J. *Rethinking World-systems. Diasporas, colonies, and Interaction in Uruk Mesopotamia.* Tucson: University Press, 1993. p.67.

³⁵⁸ STEIN, G. J. *op. cit.* p.67.

resto da população, por outro lado, utiliza cultura de material local para uso em contextos públicos e em esferas sociais mais circunscritas³⁵⁹.

Se voltarmos ao quadro da nota 154, veremos que as cerâmicas de fabricação local prevalecem sobre as importadas, já que estas estão relacionadas ao uso diário (vasilhas, cerâmicas de mesa, etc). Ao nosso ver, tal fato pode ser entendido a partir da colocação de G. Stein. Tais cerâmicas constituíam-se maioria por terem emprego prático no cotidiano dos habitantes de Ullastret.

Outro indicador do fenômeno da “emulação intercultural” em Ullastret foi a própria organização espacial do assentamento de Puig de Saint Andreu. Conforme já colocado, este *oppidum* apresentava estruturas muito características do urbanismo grego: muralha, *acrópole*, *ágora*, cisternas, santuários em pontos altos do assentamento e casas organizadas em ruas regulares³⁶⁰.

No entanto, necessário se faz advertir que “emulação intercultural” não quer dizer “aculturação”. Da mesma forma, não implica em domínio político da comunidade estrangeira sobre a comunidade anfitriã. De acordo com G. Stein³⁶¹:

“Não podemos inferir dominação... baseados no fluxo de influências estilísticas de uma área urbanizada para uma zona menos complexa porque... poder ideológico, político e econômico não necessariamente coincidem. A adoção por uma certa sociedade, de elementos estilísticos ou itens de cultura material de outra, não implica nada nas relações políticas e econômicas entre os dois grupos. Os praticantes deste empréstimo cultural geralmente transformam itens emprestados da cultura material de outrem em seus próprios sistemas de significado. Este pode ter pouca, ou nenhuma, conexão com o uso original da cultura central.”

Deste modo, momentos de emulação podem ocorrer quando as elites estão em processo de formação, ou quando os grupos das camadas sociais mais baixas adotam marcas de *status* da elite local³⁶².

A nossa opinião é que, desde ao primeiro contatos no século VI a.C., Ullastret e Emporion desenvolveram uma relação de constante contato³⁶³. Do contato inicial foi

³⁵⁹ STEIN, G. J. *op. cit.* p.67.

³⁶⁰ “Las Ruínas de Ullastret”. *Sítio do Museu de Arqueologia de Catalunya*. www.mac.es/ullastret.htm

³⁶¹ STEIN, G. J. *op. cit.* p.72.

³⁶² STEIN, G. J. *op. cit.* p.23.

estabelecida a aliança entre os emporitanos e as chefias de Ullastret, devido a interesses de ambas as partes. A partir de então, os contatos entre as duas comunidades aliadas caracterizavam-se tanto pelas trocas comerciais (vide a incidência de ânforas e morteros neste assentamento), quanto pela constante revalidação dos laços entre ambas as comunidades pelas prestações ofertadas através dos bens de prestígio, como parece apontar a incidência de cerâmica “de luxo”. O já descrito processo de “emulação cultural”, parece evidenciar tal posição. Não queremos dizer com isso, contudo, que não haveria a possibilidade de algumas dentre tais cerâmicas terem chegado a Ullastret por outras vias, que não as das prestações.

Assim, com base em uma relação de aliança política, Emporion contava com um aliado de expressão no Ampurdán, à medida que Ullastret mantinha alianças políticas com muitas chefias menores, dispersas pelo Ampurdán. Com isso, Emporion garantiria sua segurança em um território nativo hostil, além de uma maior distribuição de seus produtos dentre as demais comunidades nativas do Ampurdán. Ullastret, por sua vez, tinha seu capital político elevado constantemente, devido a quantidade de alianças que conseguiria angariar através das festas comensais e da ostentação. Além disso, as alianças com as chefias em formação fez com que Ullastret formasse uma rede de aliados que permitiria, por sua vez, controlar as passagens pelo território, favorecendo uma maior vigilância deste³⁶⁴.

Como evidência material da relevância da relação Ullastret – Emporion, podemos citar a construção de uma rota que ligava os dois assentamentos. Durante os séculos V e IV a.C. foram formando-se pequenas oficinas artesãs por tal caminho, que ficou conhecido, pelos arqueólogos, como “zona artesanal³⁶⁵”.

³⁶³ Ullastret é o assentamento nativo onde foi encontrada, fora Ampúrias, a maior incidência de material grego em território peninsular. In: MALUQUER DE MOTES, J.; PICAZO, M.; MARTIN, A. (1984) *Corpus Vasorum Antiquorum. Espagne*. Musée Monographique d'Ullastret. Fasc. I. (Barcelona).

³⁶⁴ MARTIN I ORTEGA, A. & PLANA I MALLART, R. “El Nord-Est Català en Època Ibèrica I l’entitat territorial de l’Oppidum d’Ullastret” In: AAVV. Actes de la Taula Rodona celebrada a Ullastret. Girona: 2001. pp. 36- 52. (Monografias de Ullastret, 2) p. 40.

³⁶⁵ MARTIN I ORTEGA, A. & PLANA I MALLART, R. “L’organitzacio de l’espai rural entorn de l’oppidum d’Ullastret: formes dinamica del poblament ” In: AAVV. Actes de la Taula Rodona celebrada a Ullastret. Girona: 2001. pp. 156- 176. (Monografias de Ullastret, 2) p. 171.

CAPÍTULO 3

AS NECRÓPOLES EMPORITANAS

3.1) A Integração *Ásty* –Território: as Necrópoles Emporitanas

Retomando a discussão iniciada no Capítulo 1, vimos que há vários índicos de cultura material que apontam para a coabitação entre indigetes e os colonos focu-massaliotas na *Neapólis*. A saber: os vestígios de um bairro *extra-muros*, supostamente associado a um assentamento nativo, encontrados sob as fundações do santuário de Asclépio; a anterior existência, neste mesmo setor, de um santuário suburbano, que pela localização foi interpretado como um santuário empórico³⁶⁶; além das cerâmicas com grafites ibéricos encontradas em escavações realizadas no interior da *Neapólis*. Mencionamos, ainda, as cartas comerciais de Ampúrias e Pech Maho, que apresentam informações sobre a relação dos gregos com os nativos, a partir da narração de dois casos de “negociação” comercial.

No Capítulo anterior, analisamos os contatos desenvolvidos entre os *emporoi* focu-massaliotas e as chefias de Ullastret, a partir da interpretação das evidências materiais, como as tipologias de cerâmica encontradas nos assentamentos que constituíam o *oppidum* de Ullastret, e algumas estruturas existentes em Puig de Sant Andreu. Com isso, apresentamos a hipótese de que haveria uma aliança entre as chefias de Ullastret e Emporion, desenvolvida a partir de uma relação de prestação de presentes e constantemente reafirmada, tanto por mais prestações, quanto pelas trocas comerciais entre ambos.

A única documentação material, apresentada como indício de interação entre indigetes e emporitanos, que ainda não analisamos foram as necrópoles emporitanas. Sendo assim, no presente Capítulo, estas serão nosso foco de análise.

³⁶⁶ Para A. Domínguez-Monedero, os santuários empóricos, geralmente localizados *extramuros* dos centros urbanos, serviam como locais de culto, e meio de garantir, mesmo que de modo simbólico, a aliança com a população local que permitiu o estabelecimento do *emporion*. Ainda, este santuário permitia aos *emporoi* que ali residiam, mostrar sua gratidão, às divindades correspondentes, pelo êxito de sua empreitada. Ver: DOMÍNGUEZ MONEDERO, A. J. “La Religión el emporion.” *Gerión*, n.º 19, 2001. pp. 221-257.

Existem dois tipos de enterramentos diferenciados nas necrópoles emporitanas, tumbas de inumação e tumbas de incineração, que têm sido interpretados como indício de que haveria duas etnias distintas, indigetes e foceus-massaliotas, sendo enterradas coetaneamente nas necrópoles de Emporion.

As sepulturas dos foceus-massaliotas são justificáveis. Agora, como justificar a presença dos sepultamentos nativos? Como estaria organizado este espaço funerário? Que tipo de relação seria esta? Estas são perguntas que procuraremos responder, no presente Capítulo.

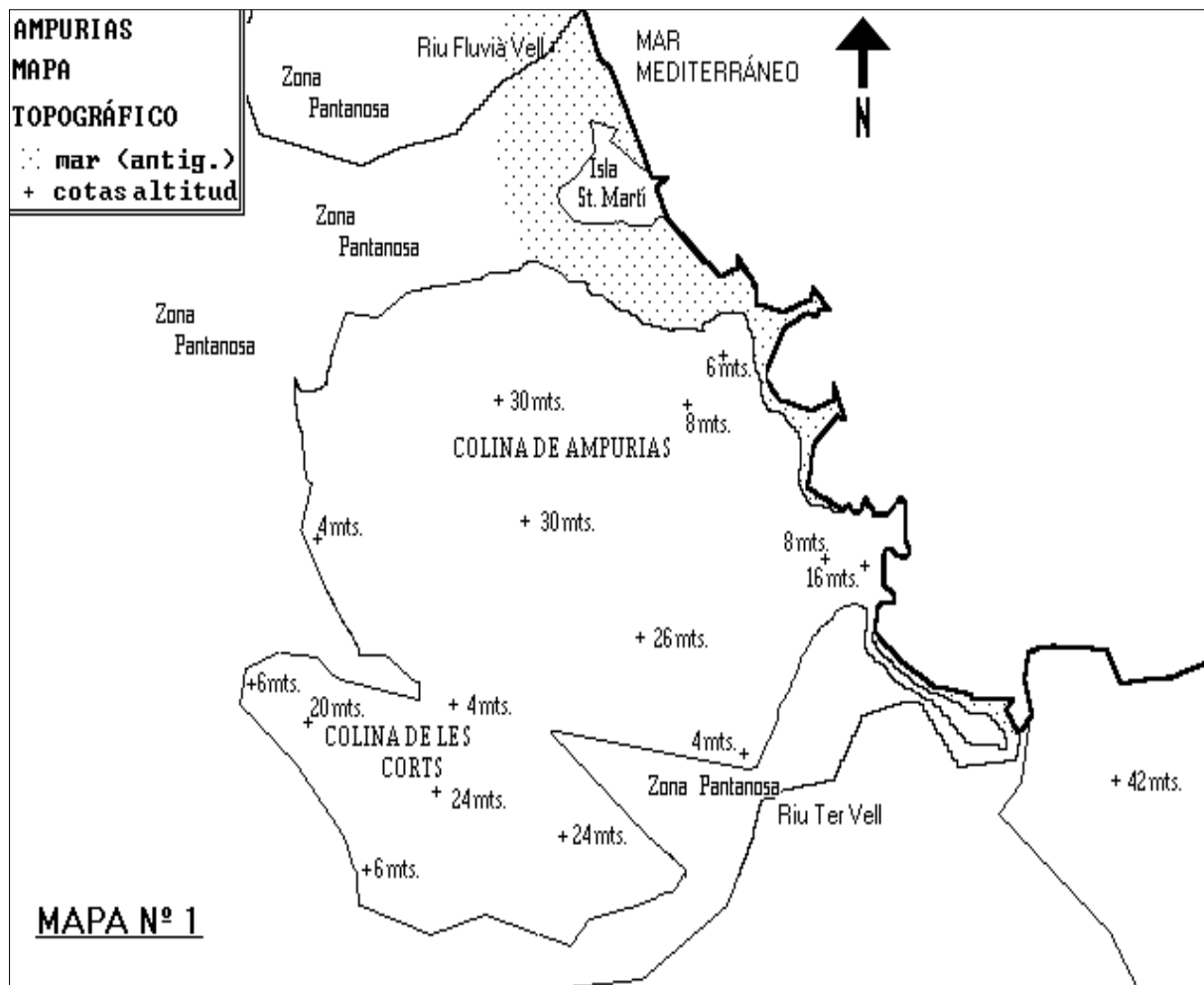
As primeiras referências às necrópoles de Emporion podem ser encontradas em um trabalho do arqueólogo alemão August Frickenhaus³⁶⁷, que em 1908, observou toda a cerâmica grega emporitana encontrada até o momento. Como a maioria de tais achados procediam dos cemitérios gregos de Portixol (ver localização no mapa 12), esse se viu obrigado a inserir na introdução de seu trabalho as primeiras e únicas notícias conhecidas sobre aquele importante cemitério grego. Frickenhaus constatou a utilização do rito funerário da inumação como algo freqüente entre os emporitanos, reconhecendo que somente em época já avançada aparecem os ritos de incineração.

As notícias sobre os materiais encontrados nas necrópoles emporitanas, e os possíveis tesouros que elas pudessem conter, fez com que houvesse de início um longo período de espoliações dessas tumbas, motivado pelo comércio de objetos arqueológicos e obras de arte. É a partir dos anos 40 que vemos acabar essa etapa de espoliações, e o iniciam-se estudos sistematizados nas necrópoles emporitanas. Infelizmente muito já se havia perdido, e muitos enterramentos foram mexidos.

Foi o arqueólogo M. Almagro, em sua obra *As Necrópoles de Ampúrias*, publicada em dois volumes, que realiza um inventário minucioso e detalhado das necrópoles emporitanas restantes, constituindo-se, desde sua data de publicação, em 1952, uma obra de referência par o tema.

³⁶⁷ FRICKENHAUS, A. "Griechische Vasen aus Emporion." *Anuari de l'Institut d'Estudis Catalans*. Barcelona, 1908

Mapa 10: Topografia de Ampúrias



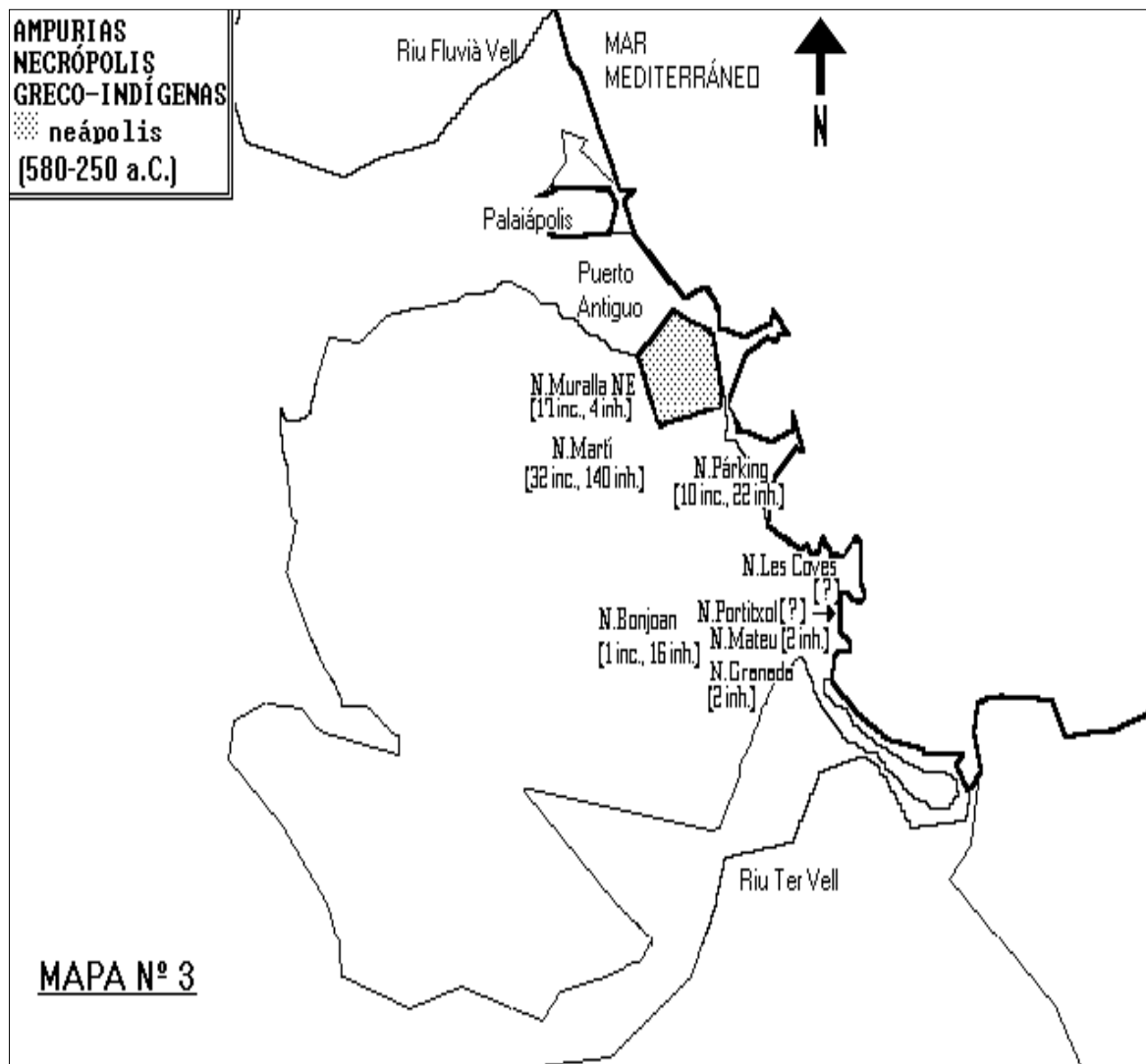
Fonte: <http://www.fortunecity.com/victorian/churchmews/1276/index.htm>

A área das necrópoles de Ampúrias encontrava-se condicionada pelo relevo natural emporitano, caracterizado por uma elevação central e pequenas colinas rodeadas por uma área extensa de restingas³⁶⁸. As necrópoles de Ampúrias foram circundando os diferentes assentamentos desse sítio arqueológico, situando-se em locais onde não havia habitações coetâneas. Como nas ruínas de Ampúrias, temos necrópoles desde o século IX a.C. até a época medieval, e não é raro vermos o aglutinamento de enterramentos, além de necrópoles que

³⁶⁸ AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J. *Guías del Museu d'Arqueologia de Catalunya*. Barcelona: Museu de Arqueologia de Catalunya, 2000. p. 39.

estão soterradas por estruturas urbanas construídas em períodos posteriores. As Necrópoles Martí e da Muralha NE, por exemplo, têm alguns de seus enterramentos soterrados pelas estruturas da cidade romana.

Mapa 11: As Necrópoles Emporitanas (580 –250 a.C)



Mapa indicativo da localização das necrópoles de Emporion (580 –250 a.C). A saber: Muralha Nordeste, Martí, Parking, Les Coves, Bonjoan, Portitxol, Mateu, Granada. Fonte: <http://www.fortunecity.com/victorian/churchmews/1276/index.htm>

Antes da chegada dos *emporoi* massaliotas, nativos locais, que viviam na zona em que depois foi estabelecida a *Palaia Polis*, já utilizavam o local, de acordo com as evidências da Necrópole Parrallí³⁶⁹. Mais tarde, os colonos foceu-massaliotas e os indigetes passaram a utilizar uma zona comum de necrópoles, localizada na zona costeira sul e na zona oeste da *Neapólis*, devido às zonas norte e leste estarem limitadas, na época, pelo mar.

Dentre as necrópoles emporitanas, havia dois tipos de enterramentos: a inumação, que era majoritária, com a cabeça do cadáver voltada para a direção Leste, sendo esse depositado em uma fossa escavada na terra ou na rocha natural; havia também a incineração, com as cinzas do morto, depositadas em urnas funerárias. Geralmente, as sepulturas se encontravam delimitadas por uma fileira de pedras. Acompanhando o morto depositavam-se alguns objetos, geralmente elementos de prestígio social, de uso pessoal ou relacionados à atividade que esse havia desenvolvido em vida.

M. Almagro Basch³⁷⁰ ao catalogar as necrópoles emporitanas partiu do pressuposto de que todas as tumbas de inumação seriam dos colonos foceu-massaliotas, enquanto as tumbas de incineração dos nativos, idéia esta que ainda hoje é aceita pela maioria dos pesquisadores. No entanto, sabemos que entre os séculos VIII e VI a.C. o mundo helênico praticava os dois tipos de enterramento, que variavam de um lugar para o outro³⁷¹.

A população nativa da região incinerava sem exceção³⁷², como corroboram os exemplos de necrópoles de regiões próximas, como La Pava, Perelada, ou mesmo Puig de serra, em Ullastret. Concordamos com a opinião de M. Almagro Basch³⁷³, de que as inumações devem ser atribuídas à população descendente dos foceu-massaliotas, já que as incinerações encontradas nas necrópoles emporitanas, para o período estudado, sempre se faziam acompanhar de urnas funerárias feitas a mão (bem parecidas com o estilo da Cultura de Campos de Urnas) ou do tipo ibéricas.

As necrópoles greco-nativas de Ampúrias, assim chamadas por estarem relacionadas ao período de ocupação grega do assentamento, estão entre as mais espoliadas. O setor oeste

³⁶⁹ AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, *Op. cit.* p. 39.

³⁷⁰ ALMAGRO, M. *Las Necrópolis de Ampúrias*. Barcelona: Seix Y Barral, 1953. Vol. I./ Vol. II.

³⁷¹ KURTZ, D. C. & BOARDMAN, J. *Greek burial customs*. London: Thames & Hudson, 1971. p. 96.

³⁷² BLÁNQUEZ, J.; ANTONA, V. *Congreso de Arqueología Iberica. Las Necropoles*. Madrid: 1992.

³⁷³ ALMAGRO, M. *Las Necrópolis de Ampúrias*. Barcelona: Seix Y Barral, 1953. Vol. I./ Vol. II.

foi ocupado, em princípio, pela necrópole conhecida por Muralha NE, ativa desde o século VI a.C., e pela Necrópole Martí, ativa desde o início do século V a.C., ou quem sabe desde o final do século VI a.C. Ao sul da *Neapólis*, há a necrópole de Portitxol, utilizada durante o século VI a.C., atribuída aos primeiros colonos de Emporion; a necrópole Bonjoan, que foi utilizada desde o século VI a.C. até o século I a.C.; as necrópoles Mateu e Granada, utilizadas desde finais do século VI a.C.; e a necrópole Les Corts, utilizada desde finais do século III a.C. Há ainda a N. Parking, encontrada na área do estacionamento das ruínas de Ampúrias, que foi encontrada posteriormente, com enterramentos datados desde o início do século IV a.C., até o século III a.C.

3.2) Práticas Funerárias X Práticas Sociais

Historiadores, arqueólogos e antropólogos colocam-se diante dos vestígios, significados e implicações da morte de diversas formas nas diferentes sociedades e períodos da história. Tanto nas sociedades antigas, quanto nas modernas ou nas contemporâneas, deparam-se eles com tipos e locais de sepultamento que variam não somente de uma sociedade para outra, mas, também, em uma mesma sociedade conforme o momento histórico e o contexto social então vivenciado. As pesquisas etnográficas e os inúmeros achados arqueológicos têm alertado os arqueólogos e historiadores de que:

“... uma cultura ou sociedade não é caracterizada por um único tipo de enterramento, mas, ao contrário, uma sociedade empreenderá (...) diferentes formas de enterramentos, que (...) estarão, freqüentemente, correlacionadas ao ‘status’ do morto³⁷⁴”.

O registro funerário deixado por uma determinada sociedade, além de ser um documento arqueológico com especificidade própria, é reflexo do contexto do ritual funerário, portanto, é evidência do comportamento humano diante da morte.

³⁷⁴ UCKO, P. J. “Ethnography and archaeological interpretation of funerary remains”. *World Archaeology*, 1 (2), 1969: 262-280. p. 270.

J. R. Tainter³⁷⁵ considera o funeral como uma complexa interação de aspectos culturais, rituais e sociais, a partir dos quais se pode analisar os mais diversos fenômenos sociais, em uma determinada época, tais como: transformações, disputas, conflitos, complexidade social e hierarquização.

Os diferentes tipos de sepultamento e funerais constituem-se em rituais que estabelecem um elo entre vida e morte, construindo a idéia de ancestralidade, a memória de uma família ou de uma linhagem. Permitem criar o lugar social do morto, inserindo-o no mundo dos vivos por meio da delimitação de um espaço específico (a sepultura³⁷⁶), conferindo-lhe um *status* na sociedade³⁷⁷. Assim sendo, a documentação arqueológica encontrada nas tumbas emporitanas consiste em um suporte fundamental para o estudo das relações sociais e políticas em Emporion³⁷⁸. As tumbas veiculam, por conseguinte, informações sobre a identidade social, a bem dizer, o *status* social do morto, assim como da sociedade em que ele viveu, sendo-nos possível não só estudar os costumes da sociedade emporitana, mas inserir o morto na dinâmica social da comunidade em que esse vive, analisando práticas e aspectos da economia e política da mesma.

Assim, para analisar as necrópole emporitanas, partiremos do pressuposto que as concepções e apropriações da morte não seriam apenas determinadas pelos valores religiosos e rituais intrínsecos a uma determinada sociedade, podendo também ser construídas a partir de suas formas de sociabilidade, suas relações e transformações sociais³⁷⁹. Assim, os

³⁷⁵ TAINTER, J. R. "Mortuary practices and the study of prehistoric social systems". *Advances in Archaeological method and theory*, 1, 1978: 105-41. p. 109

³⁷⁶ "A sepultura contribui para dar ao morto um estatuto que fixa, no seio da cidade, os limites do grupo dos vivos, ao mesmo tempo em que reconhece o espaço dos mortos" ALLARA, A. "Corpus et Cadaver, la 'gestion' d'un nouveau corps". In: HINARD, F. (ed.) *La mort au quotidien dans le monde romain*. Paris: De Boccard, 1995, pp.69-79.

³⁷⁷ ALLARA, A. "Corpus et Cadaver, la "gestion" d'un nouveau corps". In: HINARD, F. (ed.) *La mort au quotidien dans le monde romain*. Paris: De Boccard, 1995, pp.69-79.

³⁷⁸ BARTEL, B. A historical review of ethnological and archaeological analyses of mortuary practice. *Journal of Anthropological Archaeology* I, 1982: 32-58. MORRIS, I. "Burial and Ancient Society After Ten Years". In: MARCHEGAY, S., LE DINAHET, M-T. et SALLES, J-F. (eds.) *Nécropoles et Pouvoir – Idéologies, Pratiques et Interprétations*. Paris: Diffusion de Boccard, 1998, pp.21-36. TAINTER, J. A. "Mortuary practices and the study of prehistoric social systems". In: SCHIFFER, M. B. (ed.) *Advances in Archaeological method and theory*. New York: Academic Press, 1978. Vol. 1. pp. 105-141. UCKO, P. J. Ethnography and archaeological interpretation of funerary remains. *World Archaeology*, 1 (2), 1969: 262-280.

³⁷⁹

enterramentos não só variam devido as práticas religiosas, mas, também, segundo as leis suntuárias, os diferentes grupos sociais, e de parentesco, e as diversas regiões habitadas.

Assim, nossa proposta metodológica para analisar as necrópoles emporitanas não irá se centrar nos aspectos rituais das práticas funerárias, até porque não é este nosso objetivo. Pretendemos analisar a relação entre as duas sociedades enterradas nas necrópoles emporitanas, a partir de uma análise da organização dessas necrópoles, e da sua relação com o assentamento. Por isso, não iremos nos prender em longas descrições dos objetos encontrados, ou mesmo, nos preocupar com a disposição destes nas tumbas, visto que não é nosso interesse reconhecer o ritual.

Portanto, utilizaremos o modelo proposto por I. Hodder³⁸⁰, que propões a idéia de que em sociedades complexas, especialmente, a localização espacial dos cemitérios e do espaço ritual em relação ao local de moradia é entendido como refletindo concepções cosmológicas, simbólicas e políticas sobre a relação entre os vivos e seus antepassados. Ao mesmo tempo, a ligação com os antepassados pode ser conscientemente utilizada por grupos sociais para legitimar ou negociar relações de poder. Nesse sentido, três aspectos principais das práticas funerárias são em geral analisados³⁸¹ :

- 1) A proximidade dos cemitérios com o assentamento, onde se entende a disposição dos antepassados como marcando fronteiras políticas, administrativas ou sociais;
- 2) O padrão de disposição de enterramentos dentro do cemitério, onde se interpreta a segregação e/ou agregação de enterramentos como indicando relações entre grupos sociais ou famílias;
- 3) O padrão de enterramento, entendendo-se aí o tipo de túmulo e objetos associados, onde interpreta-se complexidade do enterramento como

³⁸⁰ Hodder, I. "Symbols in action: ethnoarchaeological studies of material culture". In: _____. *New Studies in Archaeology*. Cambridge: University Press, 1982. Cambridge [Cambridgeshire] ; New York.

³⁸¹ Apesar da correlação entre distribuição espacial e complexidade de enterramentos por um lado, e configuração e complexidade social por outro, ser moeda corrente entre os arqueólogos, Hodder chama a atenção para o fato de que as sociedades podem reproduzir no contexto funerário relações ideais que não existem na prática, assim como deixar de representar relações sociais que são parte do dia-a-dia. Ver: Hodder, I. "Symbols in action: ethnoarchaeological studies of material culture". In: _____. *New Studies in Archaeology*. Cambridge: University Press, 1982. Cambridge [Cambridgeshire] ; New York.

indicando complexidade das relações do indivíduo com a comunidade assim como seu *status* social.

Tendo em vista as três prerrogativas acima, postuladas por Hodder, analisaremos, então, as tumbas encontradas nas necrópoles emporitanas. Devido ao recorte cronológico do presente trabalho, apenas utilizaremos os sepultamentos cujo mobiliário funerário encontrado foi datado³⁸² do período compreendido entre o século V e primeira metade do séc. IV a.C.

3.2.1) Necrópole da Muralha Nordeste:

Esta necrópole foi utilizada entre os sécs. VI e V a.C. Contém 17 incinerações e 04 inumações no total.

No entanto, as quatro inumações pertencentes à Necrópole da Muralha Nordeste constituem-se em 2 inumações infantis e contemporâneas às incinerações, como demonstra o mobiliário; e 02 restantes, uma pertence a um adulto, outra a um indivíduo sem idade especificada, não apresentando mobiliário funerário. SanMartí-Grego³⁸³ considera estas duas tumbas intrusas, próprias dos cemitérios cristãos configurados após a mudança da *civitas* emporitana ao núcleo de Sant Martí, no final do séc. III d.C.

Pertencentes ao período 499- 350 a.C.: 02 inumações: InMNE01 (séc. V a.C.) e InMNE02 (final do séc. VI a.C.?); 12 incinerações datadas do séc. V a.C.: IcMNE01; IcMNE02; IcMNE04; IcMNE08; IcMNE09; IcMNE10; IcMNE11; IcMNE12; IcMNE13; IcMNE15; IcMNE16; IcMNE17.

³⁸² As informações que utilizaremos como base para a análise dessa necrópoles advêm da obra de M. Almagro Basch, *As Necrópoles de Ampúrias*. Conforme colocado no início do capítulo, as necrópoles de Ampúrias sofreram espoliações, desde a própria antiguidade até o início do século passado. Além do mais, muitas dessas necrópoles se encontraram debaixo das estruturas da cidade romana, acarretando na destruição de boa parte de suas estruturas. Junto a isso temos que mencionar que os critérios utilizados por Almagro para a datação dessas necrópoles baseiam-se na datação dos materiais encontrados. Dessa forma, em um enterramento onde não há vestígios materiais, ou que esses se encontram muito destruídos, não há possibilidade de datação. Aproveitando-nos dos critérios utilizados por M. Almagro, utilizaremos em nosso trabalho, apenas os enterramentos cuja mobília funerária esteja datada do período entre 499-350 a.C.

³⁸³ SANMARTI-GREGO, E. "La 'Tumba Cazurro' de la necrópolis emporitana de 'El Portitxol' y algunos apuntes acerca de la economía de Emporion en el siglo V a.C.". *AEspA*, 69, 1996. pp. 17-36. p.25.

Obs: A IcMNE02 é uma sepultura dupla, por haver duas urnas cinerárias e dois broches de cinto³⁸⁴. A IcMNE15 também apresenta duas urnas cinerárias, de tamanhos diferenciados, ao nosso ver também pode tratar-se de uma sepultura dupla.

Material associado:

Inumações:

InMNE01 - Botão de bronze; pérolas de vidro; três arandelas de osso e um vaso de barro feito a mão, de fabricação local. (ver lam.I)

InMNE02 – Aríbalo coríntio; urna de barro em forma de taça, feita a mão, com tampa. (ver lam.I)

Incinerações:

IcMNE01: Anel de bronze, anel de prata, aro circular de bronze, concha pequena *cardium*, fragmento de base e corpo de urna feita a mão (do tipo da cerâmica nativa), fragmentos de correntinhas de bronze, pedaços de ovo de avestruz, fragmentos de pregos de ferro, parte dianteira de placa de cinturão de bronze, pedaços de lâmina de bronze, pequena faca de ferro, vaso de fabricação local, vasos hemisféricos de pasta negra, 2 pregos de bronze, fragmento de cerâmica cinza focéia. (ver lam.II)

IcMNE02: Arandela de bronze, argola de bronze, broche de cinturão de bronze, correntinha de bronze, corrente de ferro, duas taças de pasta negra, faca de ferro, fragmentos de bronze indefinidos, fragmentos de outro broche de cinturão, lâmina e parte do cabo de faquinha de ferro, pequeno vaso de corpo ovóide, fabricada a mão, pasta de cor parda, com decoração feita por pente, placa fina de bronze, prego de ferro, tubinho de ferro, vaso concóide hemisférico de cerâmica feita a mão, vaso concóide hemisférico, de perfil tronco-cônico, vaso concóide hemisférico, oinocoé de base pequena e corpo esférico, de cerâmica cinza emporitana, oinocoé de pasta cinza emporitana, com boca torneada.

IcMNE04: 04 léцитos áticos, urna cinerária de fabricação local. (ver lam.III)

IcMNE08: Fecho de cinto feito em bronze, urna cinerária fabricada a torno.

³⁸⁴ Tal conclusão foi feita por M. Almagro, As necrópoles de Ampúrias. *op.cit.* p.379.

IcMNE09: Fíbula de bronze, prego de bronze, fragmentos de capacete, fragmento de *strigilis* de bronze, fragmentos de duas facas de ferro, fragmentos de lança de ferro, vaso de oferendas fabricado a mão, fragmentos de urna cinerária de cerâmica fabricada a mão.

IcMNE09: Kílix, imitação local de cerâmica ática, lebes gâmicos com duas asas laterais e tampa.

IcMNE10: Jarro de cerâmica cinza focéia, vaso bicônico feito a mão, bracelete de bronze. (ver lam.IV)

IcMNE11: Caldeirão de bronze, correntinha de bronze, faca de ferro, fíbula em forma de arco de bronze La Tène I, lâmina de bronze, pinças de bronze, placa de cinturão de bronze, vasos do tipo cerâmica “Campos de Urnas”, vaso de pasta negra feito a mão, urna cinerária feita a mão com tampa, escaravelho, tipo púnico. No verso, há imagem com representação de uma esfinge coroada com a dupla coroa do Egito, tendo a sua frente uma figura humana, Kílix ático. (ver lam.IV)

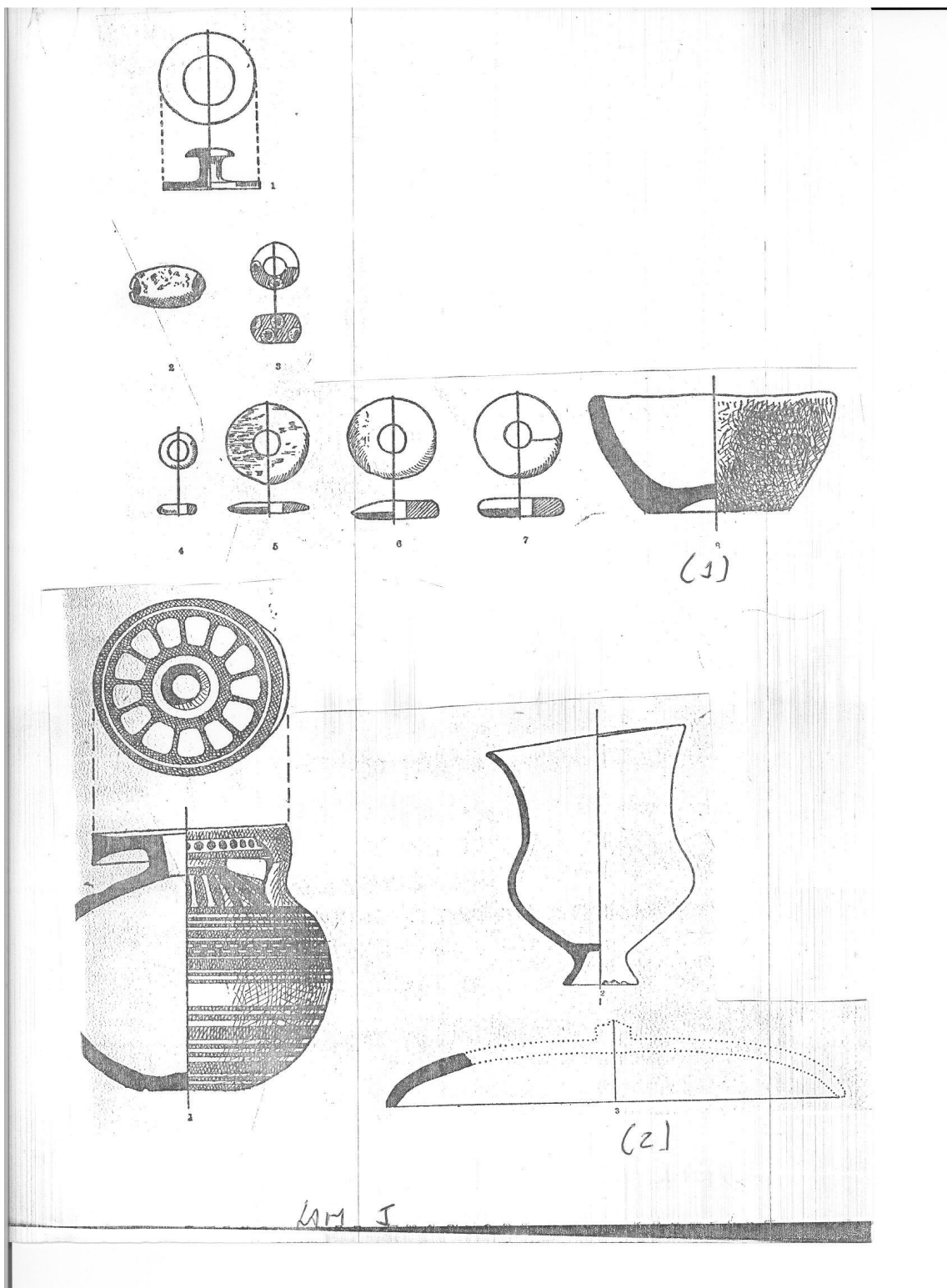
IcMNE12: Fragmento de kílix ático, cântaros *bucchero nero* etrusco, capacete de bronze, concha pequena *cardium*, prato de cerâmica feita a mão, pregos de ferro, taças de cerâmica feitas a mão. (ver lam. V)

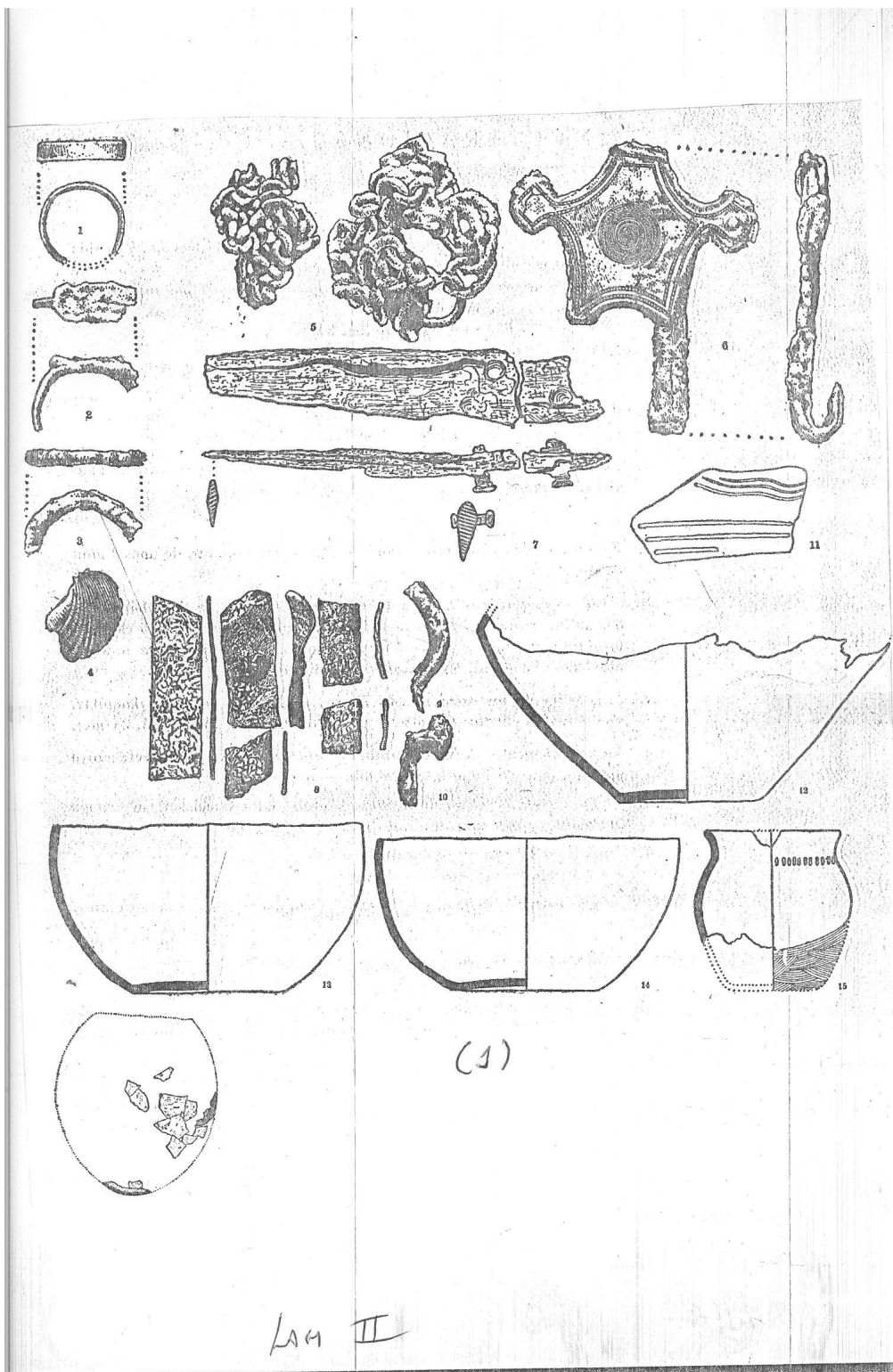
IcMNE13: Oinocoé de cerâmica cinza.

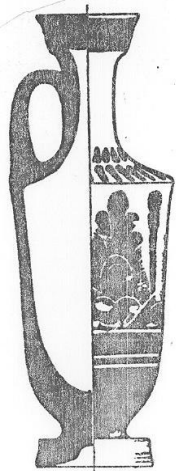
IcMNE15: 02 urnas cinerária de cerâmica nativa fabricada a mão (fragmentos), 02 tampas das urnas, taça de barro fabricada a mão, fragmentos de oinocoé de *bucchero nero*. (ver lam. V)

IcMNE16: fíbula de bronze de origem etrusca. (ver lam. VI)

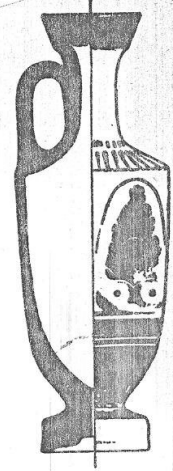
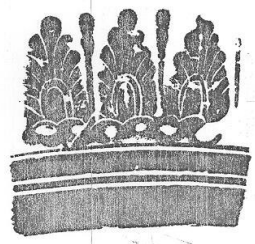
IcMNE17: Fragmentos de capacete de bronze, couraça, faca de ferro, fíbula de Bronze do tipo Hallstatt Final, urna fabricada a mão, pinças de depilação feitas em bronze, urna de cerâmica, urna de cerâmica feita a mão, fragmentos de kílix de imitação ática. (ver lam.VI)



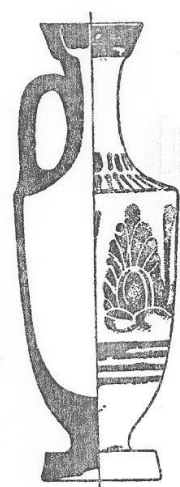
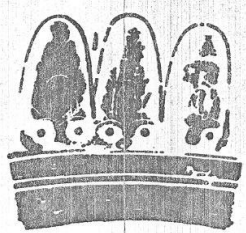




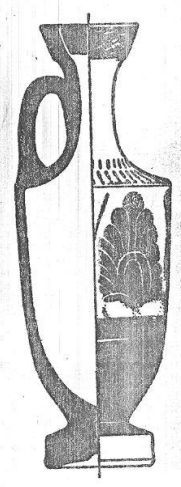
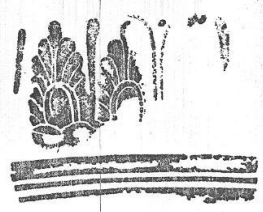
5



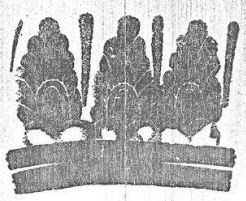
6



7

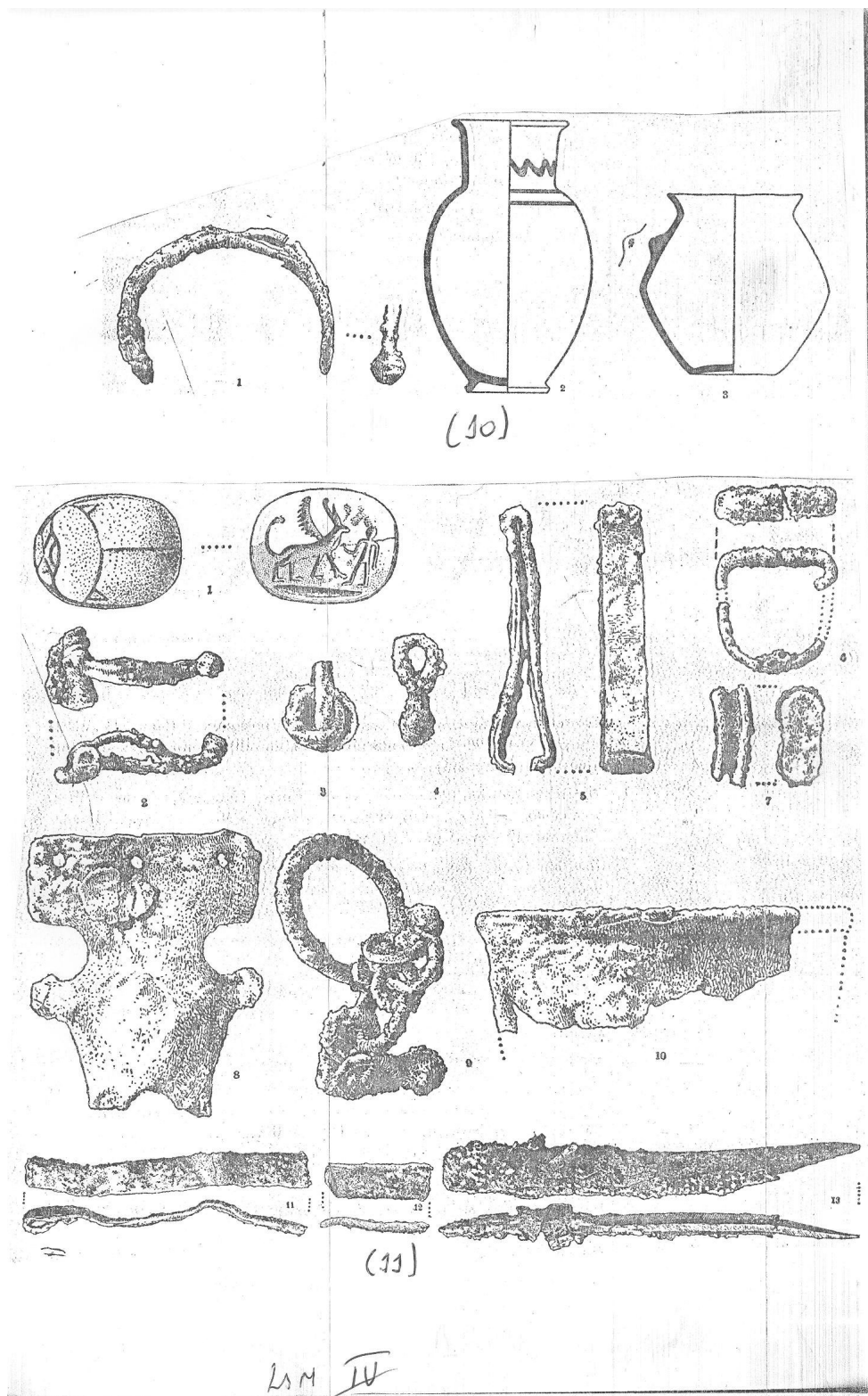


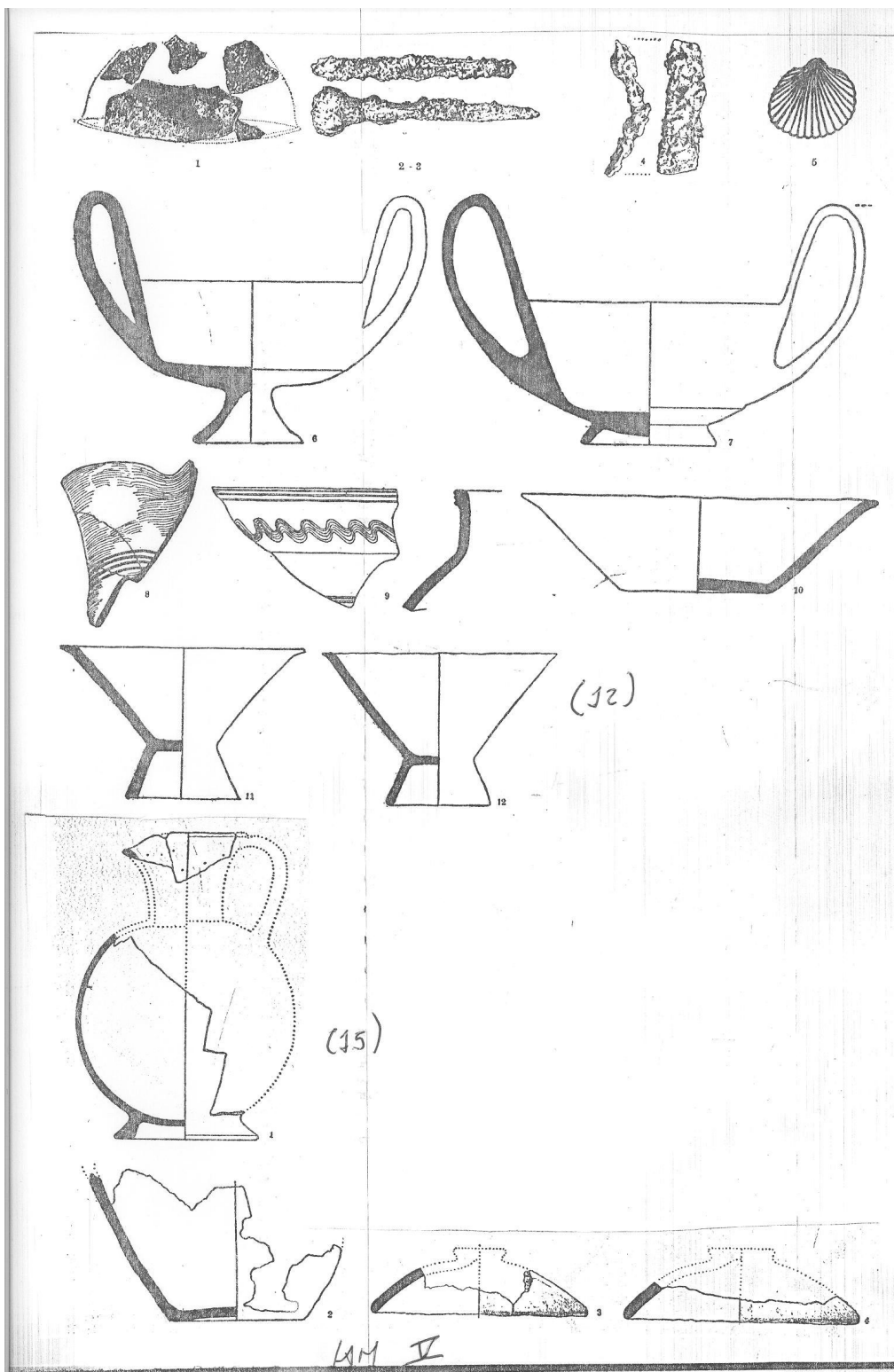
8

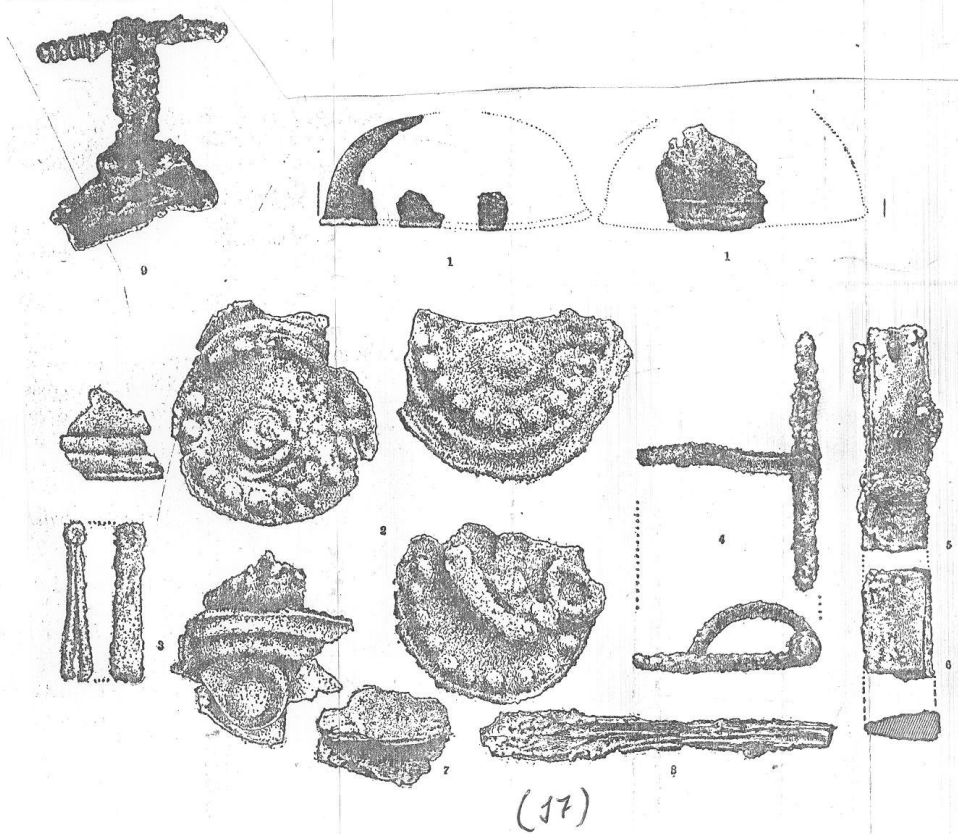
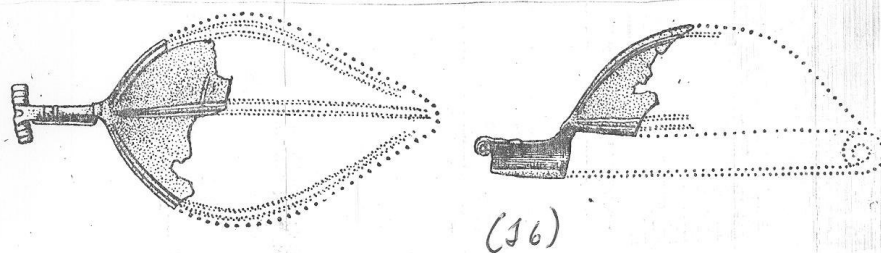


(4)

LAM III







AM VI

3.2.2) Necrópole Martí:

Esta necrópole foi utilizada entre os sécs. VI e III a.C. Contém 140 inumações e 32 incinerações no total.

Pertencentes ao período 499- 350 a.C.: 50 inumações: InMartí01, 09, 19, 20, 23, 49, 59, 71, 77, 90, 94, 96, 101, 103, 106, 112 (séc. V a.C.); 02, 12, 14, 15,16, 17, 18, 21,25, 26, 30, 31, 40, 42, 50, 51, 64, 65, 68, 69, 75, 76, 83, 84, 85, 108, 114, 119, 120, 127, 128, 134, 137, 139 (séc. IV a.C.).

06 incinerações: IcMartí09, 16, 14, 17 (séc. V a.C.) e IcMartí04, 13 (séc. IV a.C.).

Material associado:

Inumações:

InMartí01: Ânfora greco-massaliota.

InMartí02: Ânfora greco-emporitana.

InMartí12: Ânfora Greco-massaliota.

InMartí14: Ungüentário emporitano.

InMartí15: arandelas de bronze, *caltorium*, concha *cardium*, escaravelho egípcio de ônix, fíbula do tipo La Tène I, lécito aribalístico de cerâmica apúlia. (ver lam.I)

InMartí16: Alfinete de bronze, anel de bronze, terracotas Hermes Itifálico, unguentários de barro. (ver lam.I)

InMartí17: Pingentes de bronze, unguentário emporitano, unguentários de barro. (ver lam.I)

InMartí18: ânfora Greco-emporitana.

InMartí19: Oinocoé ática em forma de cabeça de mulher, Lécito ático de figuras negras, Lécito aribalístico ático de figuras vermelhas.

InMartí20: Âmbar em formato de concha, pregos de ferro, alfinete de bronze, terracota em forma de Hermes itifálico, terracota em forma de pomba (ou talvez um grifo?), conta de âmbar, contas de vidro, lécito aribalístico ático, pequena placa de osso com palmeiras desenhadas em relevo, unguentários de barro. (ver lam. II, III)

InMartí23: Lécito aribalístico ático.

InMartí25: Jarro de cerâmica cinza emporitana.

InMartí26: Olpe.

InMartí30: Anel de bronze, pingentes de bronze, pregos bronze, pregos ferro. (ver lam.IV)

InMartí31: Ungüentário de barro avermelhado, urna de barro avermelhado.

InMartí40: Olpe.

InMartí42: Ânfora greco-emporitana.

InMartí49: 02 Lécitos aribalísticos áticos.

InMartí50: Concha *Cardium*, unguentário emporitano. (ver lam.V)

InMartí51: Pregos de ferro, unguentário emporitano. (ver lam.V)

InMartí59: Anel de prata, olpe emporitano. (ver lam.V)

InMartí64: Ungüentário emporitano.

InMartí65: Ungüentários de barro.

InMartí68: ânfora greco-emporitana.

InMartí69: Ânfora greco-emporitana.

InMartí73: Alabastro de vidro, contas de vidro, prego de ferro, Ungüentário de barro. (ver lam.V)

InMartí75: Pregos de ferro, Ungüentário de barro. (ver lam.V)

InMartí76: Pregos de ferro, unguentário de barro. (ver lam. VI)

InMartí77: Alabastro de pasta de vidro, alabastro de vidro, alfinete de bronze, aríbalo de pasta de vidro, concha *Cardium*, pedaço de coral branco, terracota em forma de javali, ânfora de pasta de vidro, terracota imitando representações mortuárias etruscas, terracota representação varonil, terracotas Hermes itifálico. (ver lam.VI, VII)

InMartí83: Jarro de barro, vaso de barro, lécito aribalístico ático.

InMartí84: 02 alabastros de pasta de vidro, conta de âmbar, contas de vidro, prego de ferro, lécito aribalístico ático. (ver lam.VII)

InMartí85: Agulha de bronze, alfinete de bronze, bonequinha de barro articulada, ritho de cerâmica cinza emporitana, terracotas Hermes itifálico, pregos ferro. (ver lam.VIII)

InMartí90:Lécito aribalístico ático.

InMartí94: Arandela de chumbo, concha em forma de caracol, contas de ossos, contas de vidro, olpe de barro avermelhado, unguentário de barro cozido, lixa de unha de bronze. (ver lam VIII)

InMartí96: figura em forma de macaco estilizada, figura em forma de uma mão fazendo figa, óbolo massaliota. (ver lam. VIII)

InMartí101: 02 léцитos aribalísticos ático, prego de ferro, pregos de bronze, concha *cardium*. (ver lam.IX)

InMartí103: Léцитo aribalístico ático.

InMartí106: Ânfora massaliota.

InMartí108: Óbolo de Emporion, unguentário emporitano.

InMartí112: Amuleto Egípcio, pregos de ferro, léцитo aribalístico de imitação local, contas policromas, argola de bronze, bracelete de bronze, 03 arandelas de osso em foma de animais (carneiro, pássaro, desconhecido). (ver lam. IX)

InMartí114: Ânfora Greco-emporitana.

InMartí119: Ânfora Greco-massaliota.

InMartí120: Ânfora Greco-emporitana.

InMartí127: Ânfora Greco-emporitana.

InMartí128: Ânfora Greco-emporitana.

InMartí134: Léцитo aribalístico de cerâmica apúlia, taça de vaso de barro avermelhado, concha *cardium*, 02 pedaços de coral, pregos de ferro, agulha de bronze. (ver lam X)

InMartí137: ânfora Greco-emporitana.

InMartí139: fíbula do tipo La Tène I, jarro de cerâmica cinza emporitana. (ver lam. X)

Incinerações:

IcMartí01: Fragmento de cerâmica cinza focéia.

IcMartí04: Urna de cerâmica cinza emporitana. (ver lam. XI)

IcMartí09: Fíbula de tipo anular, léцитo ático de figuras negras, jarro de cerâmica cinza focéia. (ver lam. XI)

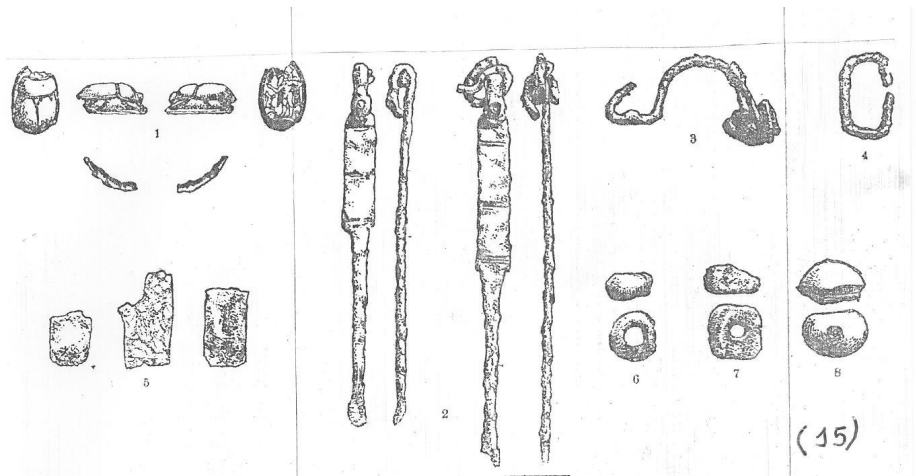
IcMartí11: Kílix ático.

IcMartí13: Oinocoé de cerâmica cinza emporitana, jarro de cerâmica cinza emporitana, unguentário. (ver lam. XII)

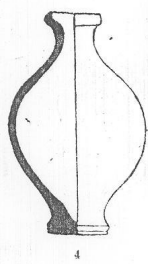
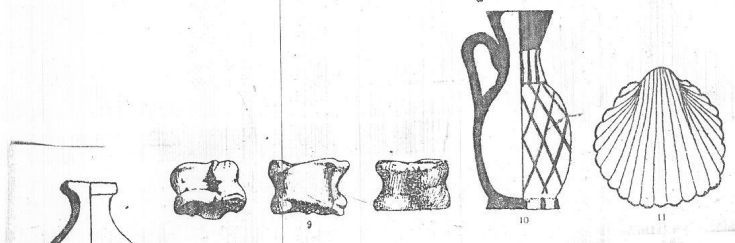
IcMartí14: Lebes gânicos de cerâmica cinza emporitana, Jarra de cerâmica cinza emporitana. (ver lam.XII)

IcMartí16: Cântaro ático, terracota Hermes itifálico, urna cinerária do tipo campos de urnas.
(ver lam.XIII)

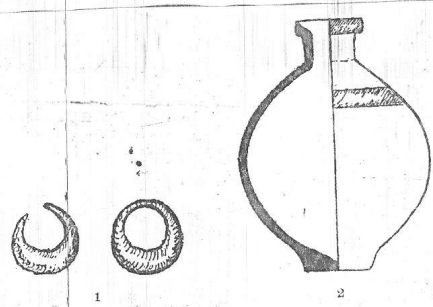
IcMartí17: Kílix de cerâmica cinza emporitana, unguentário, olpe. (ver lam. XIII)



(15)

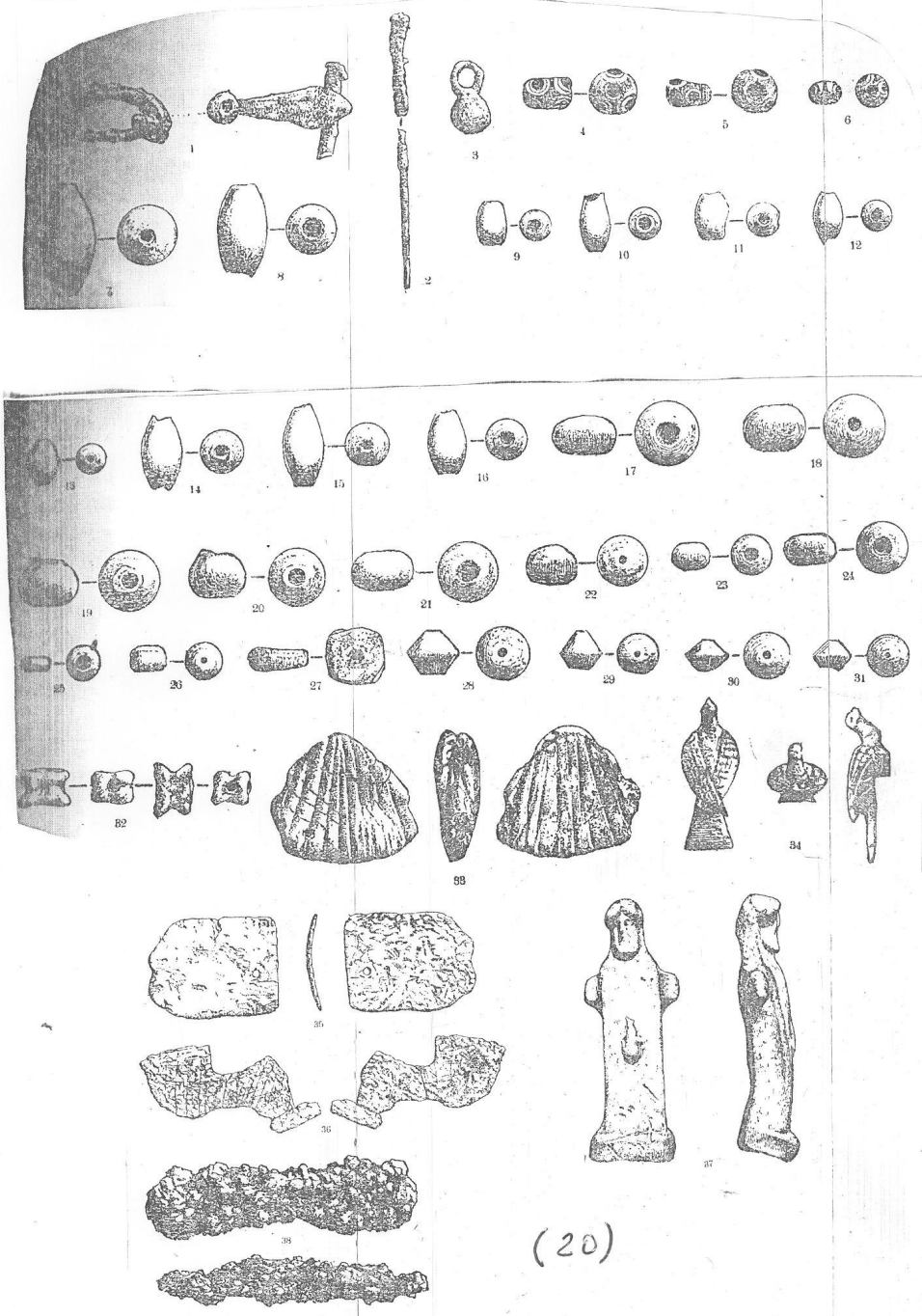


(16)



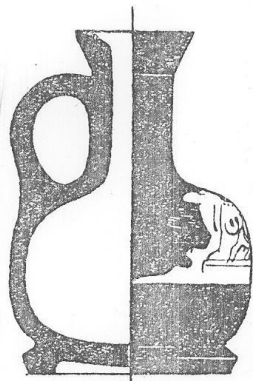
(17)

LAM I



(20)

LAM II



45

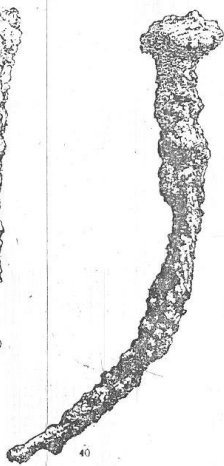


46

47



39



40



41



42



43



44

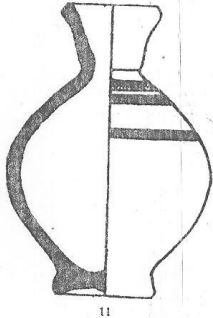
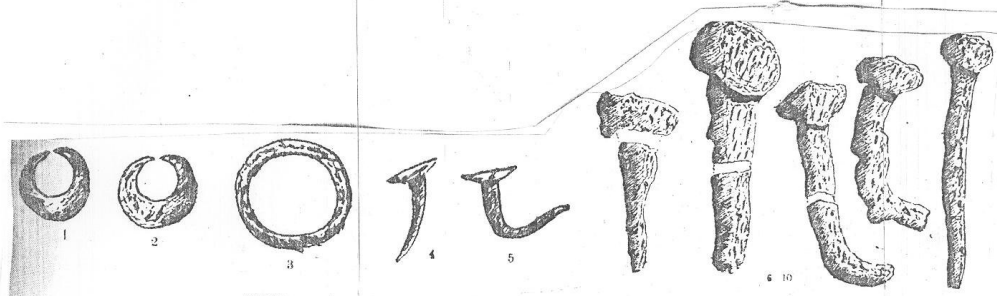


48



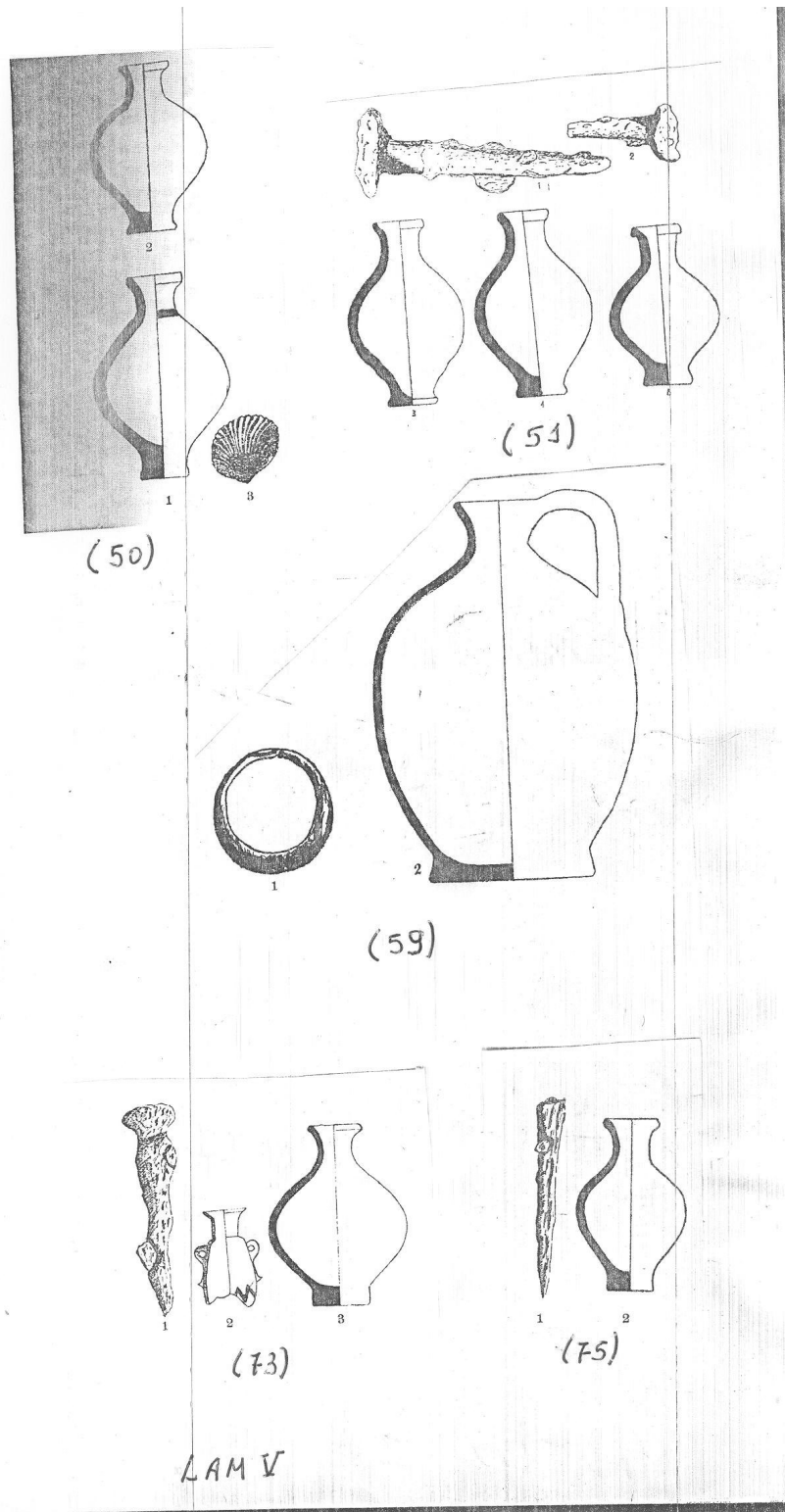
(20)

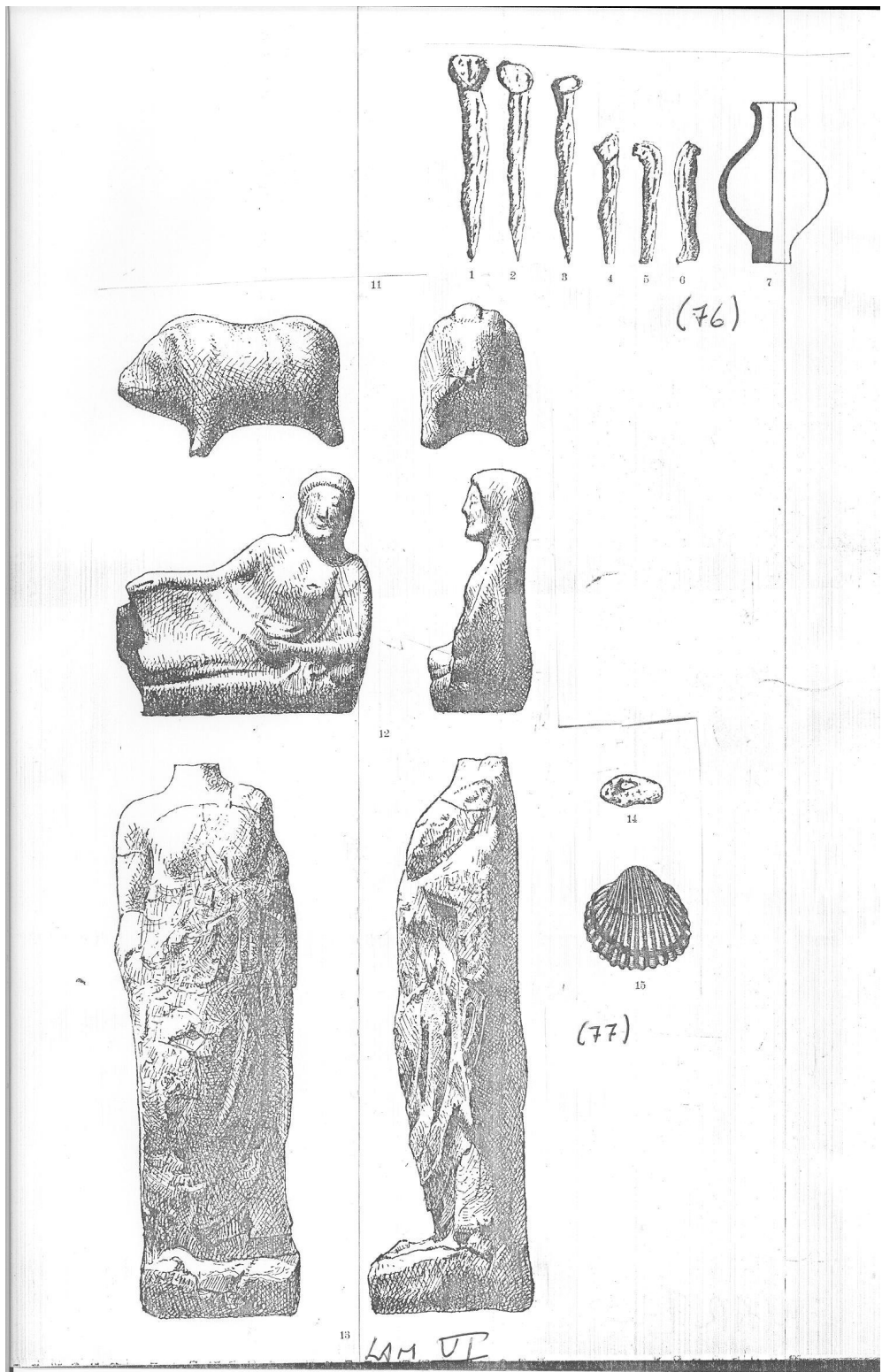
LAM III

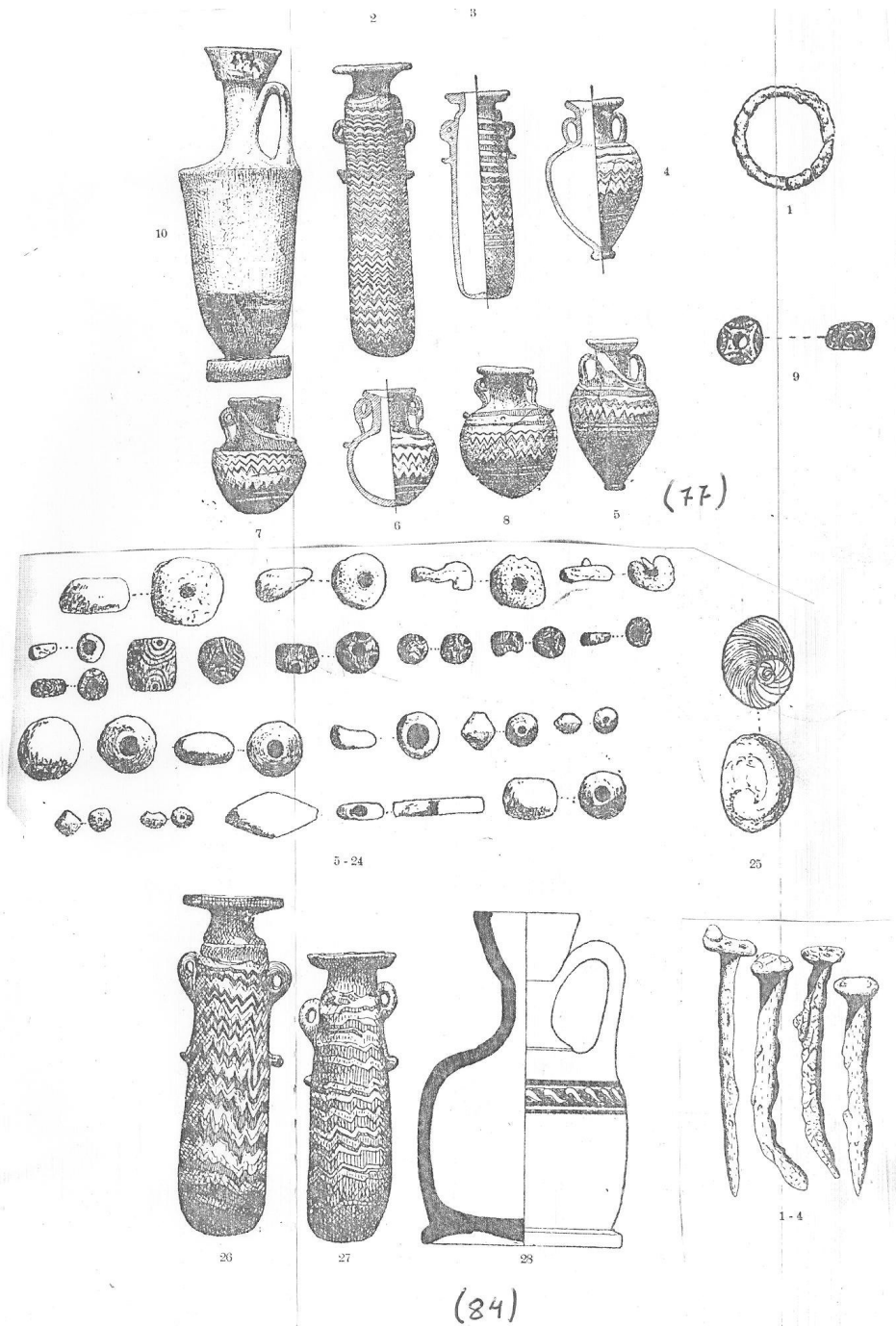


(30)

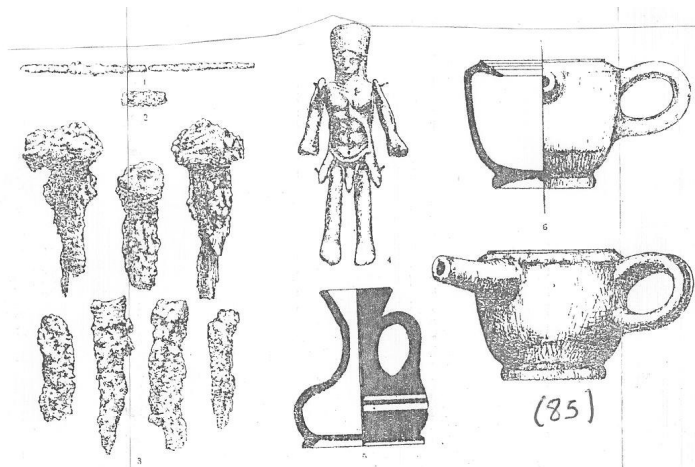
LAM IV



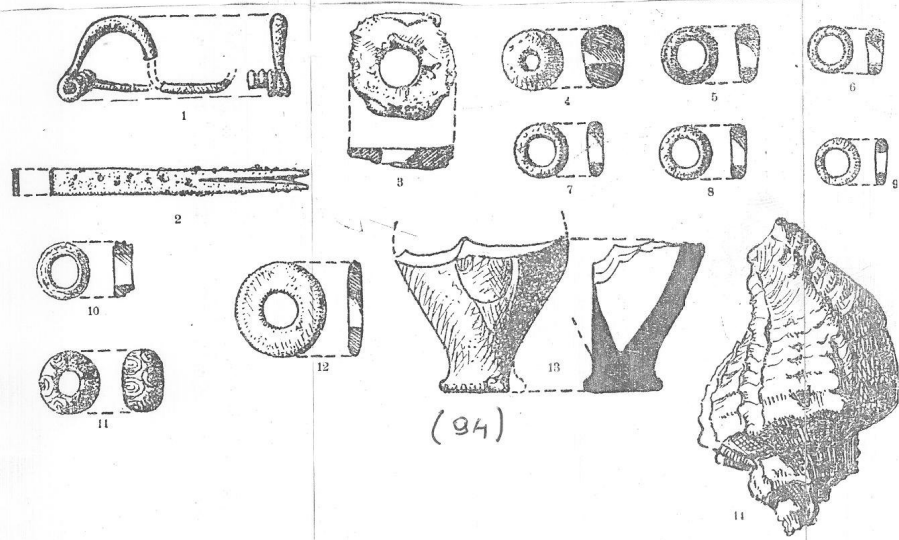




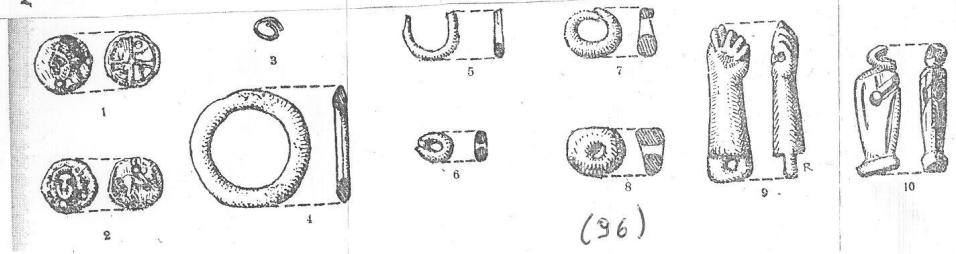
LAM VII



(85)

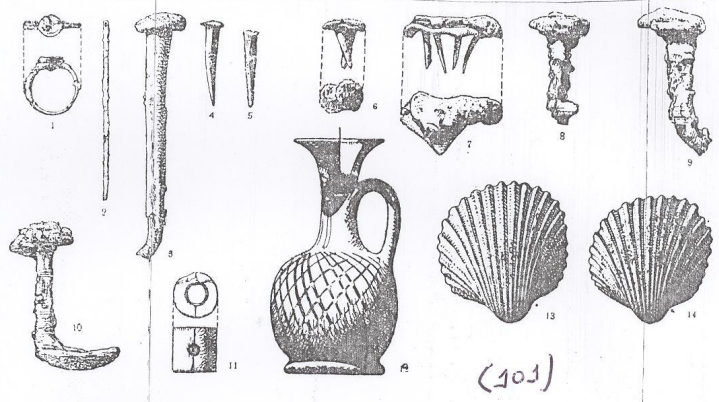


(94)

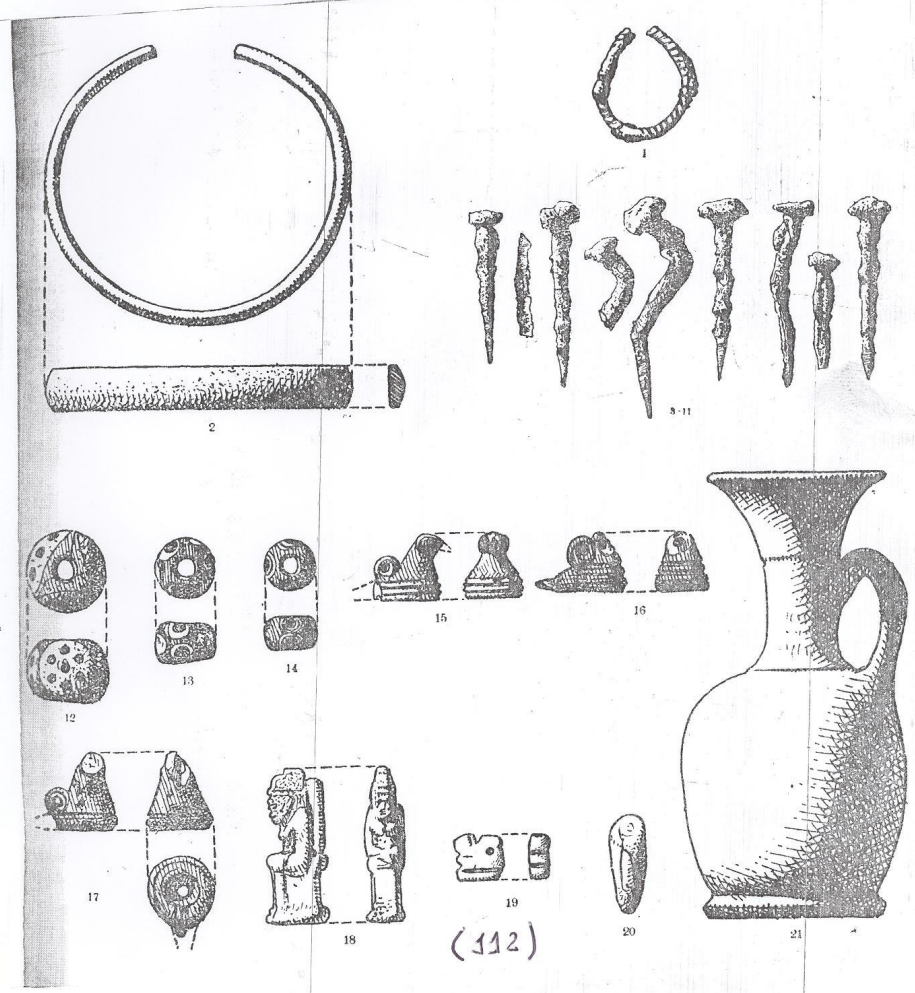


(96)

64 VIII

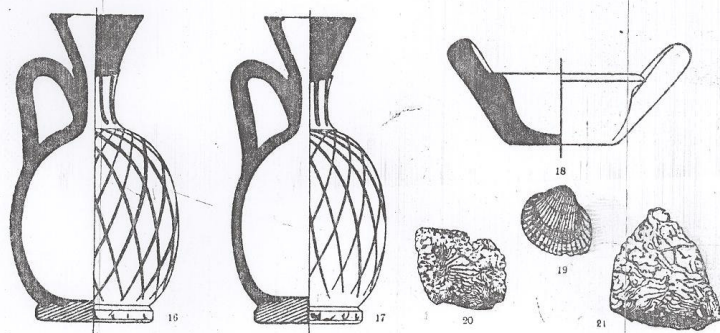
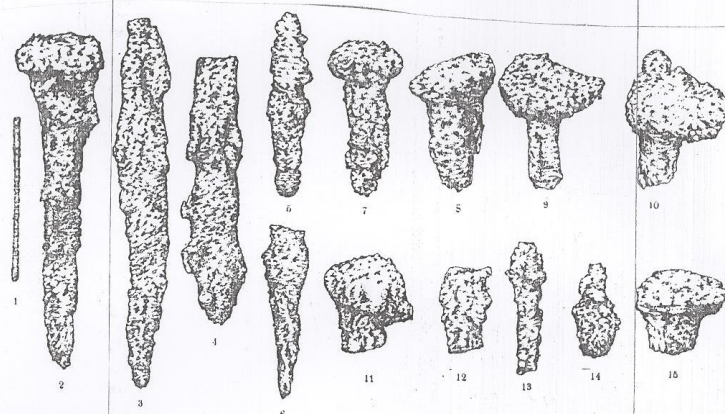


(101)

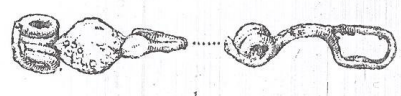
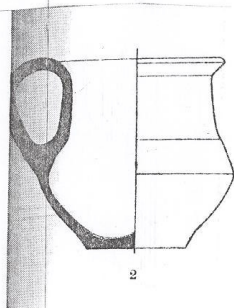


(112)

LAM IX

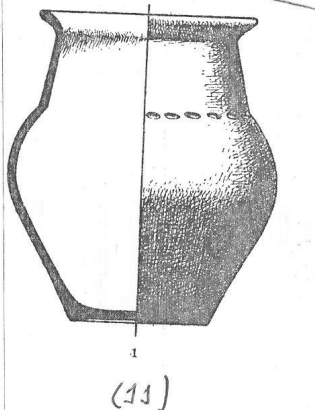
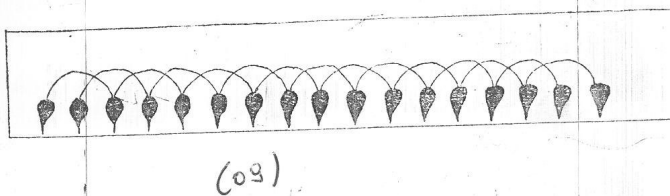
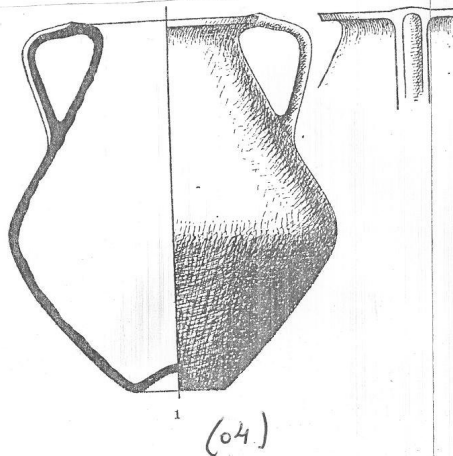
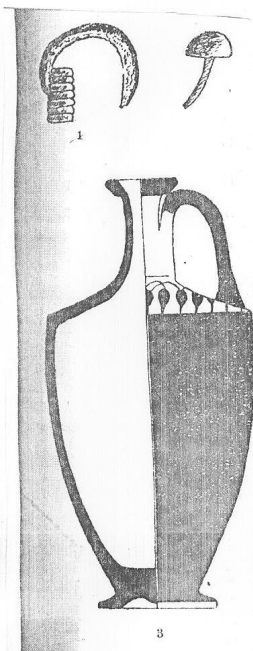


(134)

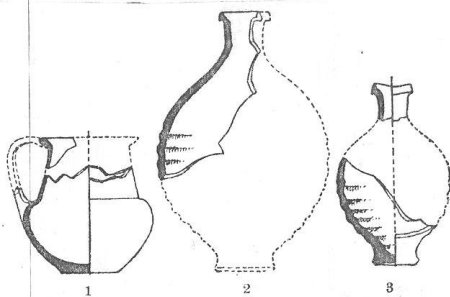


(139)

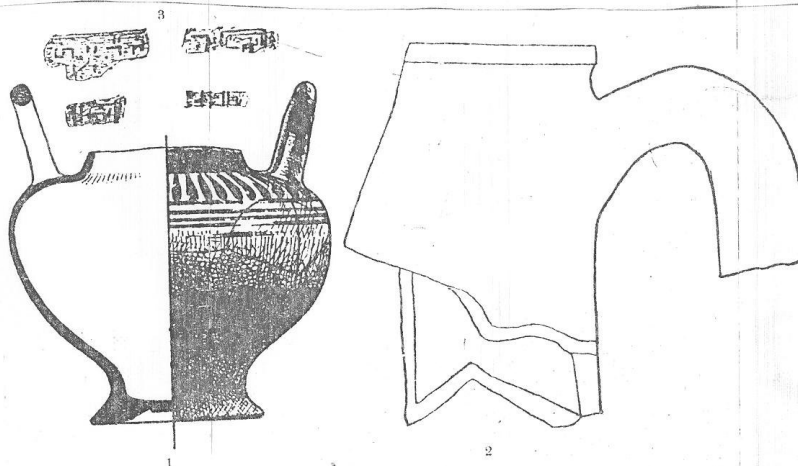
LM X



LM XI

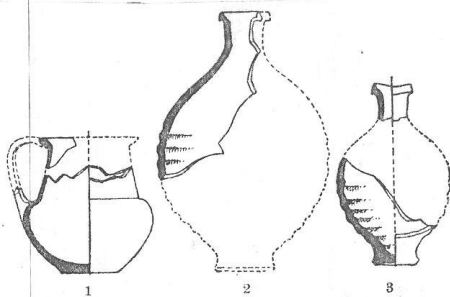


(13)

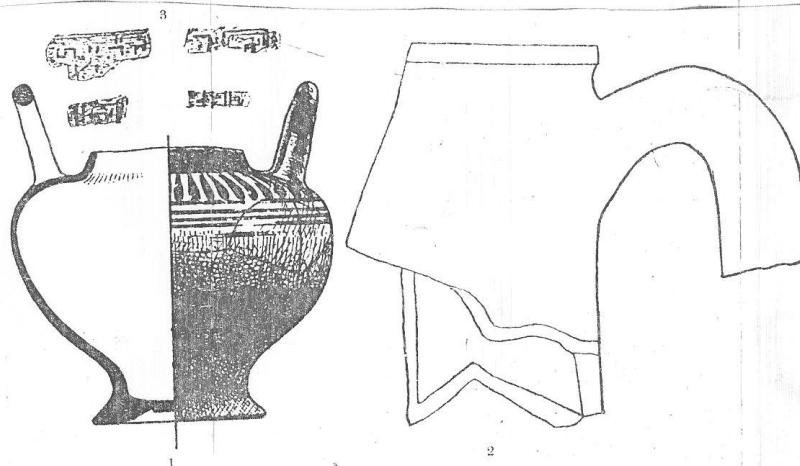


(14)

60 M XH



(J3)



(J4)

60 M XH

3.2.3) Necrópole Bonjoan:

Esta necrópole foi utilizada entre os sécs. VI e I a.C. Contém 80 inumações e 04 incinerações, no total.

Pertencentes ao período 499- 350 a.C.: 13 inumações: InBonjoan23, InBonjoan34, InBonjoan38, InBonjoan39, InBonjoan43, InBonjoan44, InBonjoan48, InBonjoan55, InBonjoan69 (ambas do séc. V a.C.) e InBonjoan16, InBonjoan47, InBonjoan54, InBonjoan68 (ambas do séc. IV a.C.).

Material associado:

Inumações:

InBonjoan16: Jarro bicônico de cerâmica cinza emporitana. (ver lam.I)

InBonjoan23: Anel de prata, anel de bronze, contas de pasta de vidro, conta de âmbar, 02 alabastros de pasta de vidro, aríbalo de pasta de vidro, ânfora de pasta de vidro, unguentário de barro cozido, lécito de cerâmica ática. (ver lam. I)

InBonjoan29: anel de bronze, Olpe emporitano.

InBonjoan34: Pregos de ferro, alabastro de cerâmica. (ver lam II)

InBonjoan38: 03 Lébitos áticos de figuras negras, alabastro de pasta de vidro. (ver lam. II)

InBonjoan39: kílix ático.

InBonjoan43: Correntinha de bronze, conta de vidro, tipo de molusco *fava de San Jaime*, alabastro de pasta de vidro, ânfora de pasta de vidro, aríbalo de pasta de vidro, 02 terracotas em forma de tartaruga, terracota em forma de javali, jarro em forma de kílix de cerâmica jônica, Lebes de cerâmica focéia, 05 Lébitos áticos de figuras negras.

InBonjoan44: argola de prata, aro de bronze, anel de bronze, três braceletes de prata, pedaço de coral, vaso em forma de kílix de cerâmica jônica, jarro em forma de Olpe cerâmica jônica, 06 Lébitos áticos de figuras negras.

InBonjoan47:Unguentários de barro.

InBonjoan54: Lébito aribalístico ático, vaso cerâmico em forma esferóide.

InBonjoan55: Olpe emporitano, 1 fíbula anular

InBonjoan68: ânfora do tipo grego.

INBonjoan69: Anel de ouro, alabastro de vidro, terracota em forma de pomba, oinocoé, 02 vasos em forma de esquifo em miniatura (*cotilos*), esquifo, kílax ático, ânforisca ática de forma panatenaica, 03 oinocoés áticos de figuras negras.

3.2.4) Complexo das necrópoles Mateu e Granada:

Utilizadas entre os séculos VI e IV a.C., foram abandonadas, e só se encontram novos enterramentos de inumação a partir do período helenístico. As incinerações são sempre de época helenística, a partir do séc. III a.C. No séc. I a.C., foram utilizadas pelos romanos.

Contêm 20 inumações e 18 incinerações.

Há somente 03 inumações pertencentes ao período 499- 350 a.C.: InMateu04, InMateu05, InGranada12 (todas pertencentes ao séc. V a.C.).

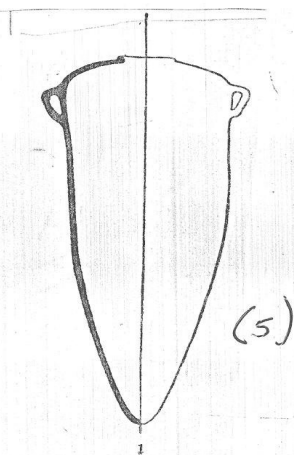
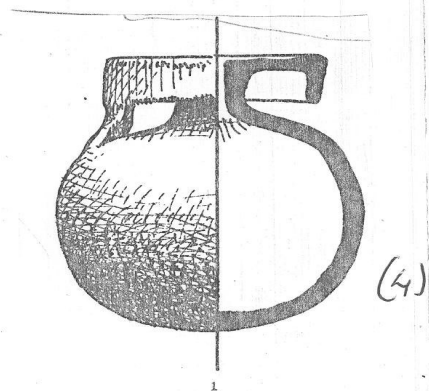
Material associado:

Inumações:

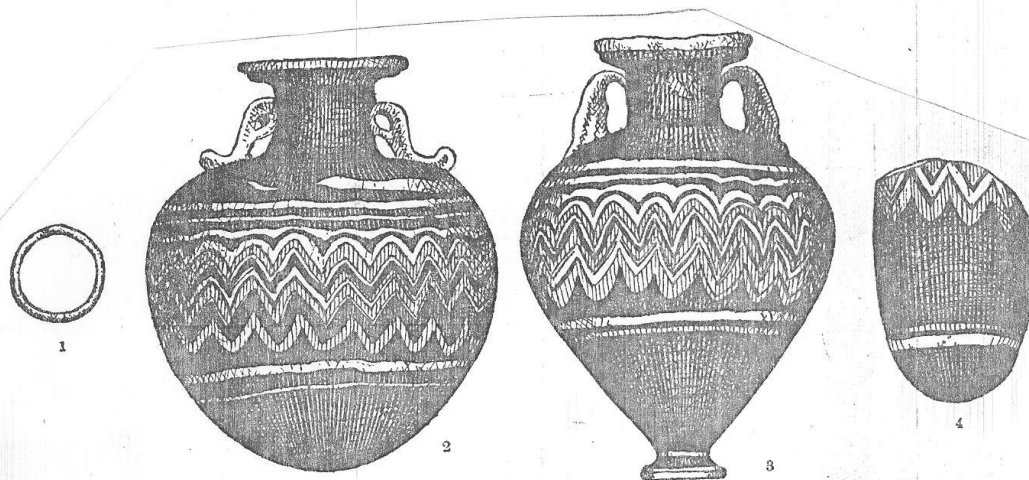
InMateu04: Aríbalo coríntio. (ver lam I)

InMateu05: ânfora grega, 01 fragmento de cerâmica cinza focéia. (ver lam I)

InGranada12: 04 léцитos áticos de figuras negras, anel de prata, aríbalo de pasta de vidro, ânfora de pasta de vidro, alabastro de pasta de vidro. (ver lam II)



LSH I



(12)

LAM II

3.3) Análise das Necrópoles Emporitanas

3.3.1) A Localização Espacial das Necrópoles

A necrópole da Muralha Nordeste localiza-se em uma colina à Nordeste da *Neapólis*. É a necrópole mais próxima da *Neapólis*, além de próxima à necrópole Martí. Os sepultamentos não parecem obedecer uma ordem, apresentando-se dispersos um do outro.

Grande parte dessa necrópole foi encontrada debaixo das fundições da cidade romana, o que dificultou muito seu estudo, já que muitos enterramentos devem ter sido destruídos e remexidos. Pensa-se que, originariamente, esta poderia ter dimensões maiores.

A necrópole Martí localiza-se à Nordeste da *Neapólis*, limitando-se à oeste, com a cidade romana, e com a necrópole da Muralha Nordeste, ao norte.

A necrópole Bonjoan localiza-se 200 m ao Sul da *Neapólis*. As necrópoles mais próximas são: Les Coves, Portitxol (ambas não serão utilizadas para o presente trabalho), e do complexo Mateu e Granada. A organização espacial dessa necrópole parece compreender uma aglomeração em sua parte norte, na qual estão a maioria dos sepultamentos. Há, ainda, uma área menor, um pouco afastada ao sul, onde há alguns sepultamentos espaçados, além de dois sepultamentos gregos (InBonjoan78, InBonjoan79) que estão completamente afastados das duas áreas de aglomeração.

Grande parte dessa necrópole foi encontrada debaixo de terrenos destinados ao cultivo, e como as demais necrópoles emporitanas, muitas de suas tumbas foram vítimas de destruição ou espoliação.

O complexo de necrópoles Mateu – Granada localiza-se a uns 300 m ao Sul da *Neapólis*, próximas às necrópoles Portitxol e Bonjoan. Os sepultamentos estão agrupados em duas partes. A primeira parte, necrópole Granada, limitada ao Norte pelo caminho que leva às igrejas Santa Maria e Cinc Claus, e ao Leste pelo antigo caminho que levava a Sant Martí de Ampúrias. Assim como a necrópole Mateu, não parecem obedecer uma ordem, apresentando tumbas dispersas entre si. O segundo agrupamento, necrópole Mateu, está limitado ao Norte pela necrópole nativa de Portitxol, ao Leste pela praia, e a oeste, pelo antigo caminho que

levava a Sant Martí de Ampúrias. Os enterramentos da necrópole Granada parecem estar mais agrupados do que os da necrópole Mateu. Grande parte dos enterramentos dessas necrópoles devem ter sido destruídos e remexidos. Pensa-se que poderiam ter dimensões maiores.

3.3.2) Disposição das Sepulturas:

De acordo com a colocação de I. Hodder³⁸⁵, já exposta anteriormente, interpreta-se a segregação e/ou agregação de enterramentos como indicando relações entre grupos sociais ou famílias. Apesar da correlação entre distribuição espacial e complexidade de enterramentos por um lado e configuração e complexidade social por outro ser moeda corrente entre os arqueólogos, I. Hodder³⁸⁶ chama a atenção para o fato de que as sociedades podem reproduzir no contexto funerário relações ideais que não existem na prática, assim como deixar de representar relações sociais que são parte do dia-a-dia. Entretanto, sejam estes indicadores da realidade das relações sociais ou da idealização das relações sociais que cada sociedade busca representar, cabe ao arqueólogo decidir, confrontando os diversos aspectos do registro arqueológico.

As necrópoles emporitanas apresentam a atual divisão devido às circunstâncias as quais foram sendo encontradas³⁸⁷, divisão esta que, ao nosso ver, pode resultar um tanto artificial. Sendo assim, teríamos que observá-las como parte de um conjunto, antes de observá-las separadamente.

A já mencionada aparente falta de organização, dentre os sepultamentos das mencionadas necrópoles, pode ser um fato que dificulte a interpretação acerca de uma suposta agregação, ou até mesmo desagregação, dos enterramentos.

³⁸⁵ Hodder, I. "Symbols in action: ethnoarchaeological studies of material culture". In: _____. *New Studies in Archaeology*. Cambridge: University Press, 1982. Cambridge [Cambridgeshire] ; New York.

³⁸⁶ Hodder, I. "Symbols in action: ethnoarchaeological studies of material culture". In: _____. *New Studies in Archaeology*. Cambridge: University Press, 1982. Cambridge [Cambridgeshire] ; New York.

³⁸⁷ Ver: ALMAGRO, M. *op. cit.*

A necrópole da Muralha Nordeste é a mais próxima da *Neapólis*, tratando-se de uma necrópole na qual predomina o rito da incineração. Há quatro inumações nesta necrópole, mas duas são tardias³⁸⁸. As outras duas, apesar de coetâneas as demais, são tumbas infantis.

Quanto a organização interna, podemos dividir em quatro grupos: IcMNE11; IcMNE13, 15; IcMNE06, 08, 17, 09. As IcMNE01, 02, 12, 16; além das InMNE01, 02, 05 encontram-se bastante distantes das demais.

A necrópole Martí é a segunda mais próxima à *Neapólis*, tratando-se de uma necrópole onde existe tanto o rito de inumação, quanto o de incineração. Sua organização interna, para o período temporal estudado, conta com uma certa aglomeração de tumbas em 07 grupos diferentes, e algumas tumbas dispersas entre tais grupo³⁸⁹. Dentre tais grupos, só três apresentam tanto tumbas de incineração, como de inumação.

Interessante é perceber que, ao contrário da disposição das tumbas gregas e nativas coetâneas, as tumbas que datam do período romano de tal necrópole estão organizadas em um único bloco. As tumbas encontradas nesta, estão dispostas em fileira. Há algumas tumbas referentes ao período romano, dispersas, mas em número irrelevante³⁹⁰.

A organização espacial da necrópole Bonjoan parece uma aglomeração na qual está a maioria dos sepultamentos. Há uma área menor, um pouco afastada, onde há alguns sepultamentos espaçados, além de dois sepultamentos gregos (InBonjoan78, InBonjoan79) que estão completamente afastados destas duas áreas de aglomeração. Esta necrópole apresenta poucas incinerações, sendo que, para o período estudado, 500 –350 a.C., nenhuma.

Já o complexo de necrópoles Mateu e Granada, a primeira necrópole, não parece apresentar uma ordem, apresentando-se como pequenas aglomerações dispersas. As tumbas da necrópole Granada parecem estar mais agrupados do que os da necrópole Mateu, que configuram-se em agrupamentos dispersos. Não apresenta incinerações para o período estudado.

Uma visão das necrópoles como um todo, passa a impressão de que a eleição dos locais para as tumbas foi aleatória. Além disso, devemos levar em consideração que o tipo de subsolo do local onde Emporion está assentado, é rochoso. Talvez tal fato também tenha

³⁸⁸ Sanmartí-Grego

³⁸⁹ Ver mapa no final do Capítulo.

³⁹⁰ Ver mapa no final do Capítulo.

contribuído para a dispersão das tumbas, já que se devia aproveitar as “brechas” do solo, para depositar os cadáveres³⁹¹. Além disso, Emporion estava localizado em uma zona de marimas, por isto, com terras sujeitas à inundações, o que também pode ter determinado a eleição de tais locais.

A única característica a ser ressaltada, reside no fato que só há ritos de incineração em duas necrópoles: Muralha Nordeste e Martí. As duas necrópoles mais próximas à *Neapólis*.

Alberto Lorrio³⁹² ao estudar a localização das necrópoles dos celtiberos, apresentou alguns dados interessantes. Em primeiro lugar, as necrópoles celtiberas geralmente localizavam-se em planícies, ou em locais de ligeiro declive. Seria uma prática habitual, a proximidade da necrópole com cursos d’água, devido a existência de rituais de passagem nos quais a água era importante. Ainda, as necrópoles celtiberas não localizavam-se distantes dos núcleos urbanos (distâncias inferiores a 1,5 km), ocupando um espaço de caráter sagrado. E finalizando, que era comum a existência de mais de uma necrópole para a mesma comunidade.

Conforme já mencionado, a divisão das necrópoles emporitanas, na forma que vemos hoje, foi algo determinado pelos pesquisadores que foram encontrando-as. No entanto, a eleição do local para sepultar os mortos, claramente não foi aleatória, mesmo que a disposição dos enterramentos assim o seja, ou pareça. Seguindo a opção teórica de McAnany³⁹³, poderíamos perceber nas necrópoles emporitanas um meio de demarcar territorialidade. Observando o mapa 10, no início do Capítulo, poderemos notar que, tais necrópoles foram estabelecidas em torno da *Neapólis*, cobrindo as principais vias de acesso desta com o território do Ampurdán, delimitando, assim, o espaço sagrado da *pólis* dos emporitanos. Já que, de acordo com a idéia expressa por I. Hodder³⁹⁴, as necrópoles seriam um meio de ligação com os antepassados, sendo a disposição destes, uma forma de marcar as fronteiras políticas, administrativas ou sociais de um comunidade.

³⁹¹ Ver: ALMAGRO, M. *op. cit.*

³⁹² Los Celtiberos. P.111

³⁹³ McAnany, P. A. *Living with the Ancestors: Kinship and Kingship in Ancient Maya Society*. Austin: University of Texas Press, 1995. pp.160 –162.

³⁹⁴ HODDER, I. *op. cit.*

Ainda, as necrópoles da Muralha Nordeste e Martí estão localizadas em um área de declive, ligeiramente mais alta que a *Neapólis* (ver mapa 11). A Necróple Bonjoan, por sua vez, localiza-se na colina de Les Corts, ponto mais alto do relevo emporitano. Já o complexo Mateu-Granada está em um terreno de declive, próximo à uma zona pantanosa. A necrópole da Muralha Nordeste, ainda, tem o antigo porto emporitano como limite, ao norte.

Também não seria a toa o fato que, para o período estudado, as únicas tumbas de incineração estivessem concentradas em uma mesma zona, demarcando o “lugar” dos indivíduos que praticavam os ritos funerários nativos, ou seja, a inumação. Todas estas prerrogativas podem indicar algum tipo de hierarquização no espaço funerário emporitano? Só podemos saber isto, a partir de uma análise dos tipos de tumbas e dos objetos associados a estas.

3.3.3) Tipos de Túmulos e Objetos Associados:

Para o período pesquisado, 500 – 350 a.C., temos por volta de 70 inumações e 18 incinerações, no total.

Quanto às inumações, os esqueletos e cadáveres apresentaram-se corroídos e muito destruídos. A orientação dos corpos é sempre com a cabeça voltada par o Leste, prática corrente no restante do mundo grego³⁹⁵. Os sepultamentos eram feitos em covas cavadas no solo, muitas vezes aproveitando-se das fendas criadas pela rocha natural do subsolo.

Quanto às incinerações, os corpos eram sempre queimados *in situ* e depositados em urnas ou jarros cinerários, ou diretamente ao solo³⁹⁶. As urnas eram mais utilizadas entre os sécs. VI e V a.C., a partir do séc. IV a.C. é mais constante ver as cinzas serem depositadas diretamente ao solo, prática que se consolida durante o Período Helenístico.

Os tipo de sepultamento também não variavam muito. Em todas as necrópoles estudadas, as inumações (tanto o esqueleto, quanto os cadáveres depositados em ânforas) encontram-se em covas não muito profundas, cujo volume era suficiente para inserir o morto

³⁹⁵ AQUILUÈ et alli. Ampúrias.... *Op. cit.* p.39.

³⁹⁶ ALMAGRO, M. *Las Necrópolis de Ampúrias*. Barcelona: Seix Y Barral, 1953. Vol. I./ Vol. II.

estendido. Quanto às incinerações, as covas também eram rasas, pouco mais profundas que a altura das urnas onde eram depositadas as cinzas, cavadas no solo rochoso.

Nenhum dos enterramentos empóritanos apresentou qualquer tipo de monumento funerário. Em algumas tumbas havia a demarcação por um monte de pedras³⁹⁷.

Há, ainda, um grande número de tumbas de bebês e crianças, talvez apontando para uma alta taxa de mortalidade infantil. Essas são demarcadas pelas inumações em ânforas, para o caso dos bebês; e pela extensão dos vestígios do cadáver, alturas entre 1,10 e 1,40m, para as crianças.

Assim, realizamos um levantamento sobre a porcentagem de enterros infantis dentre as necrópoles empóritanas, para o período de 500 – 350 a.C., e chegamos a tais números:

| Necrópole | Tumbas de Bebês | Tumbas de Crianças/jovens (1,00 - 1,40 m) | Total de Tumbas nas Necrópoles | Total de inumações recém-nascidos / crianças |
|-----------|-----------------|---|--------------------------------|--|
| InMNE | 0 | 2 | 2 | 100% |
| INMartí | 13 | 14 | 50 | 54% |
| InBonjoan | 1 | 4 | 13 | 38,46% |
| InMateu | 0 | 1 | 2 | 50% |

As inumações em ânforas (InMartí01, InMartí02, InMartí106, InMartí114, InMartí119, InMartí12, InMartí120, InMartí127, InMartí128, InMartí18, InMartí42, InMartí68, InMartí69, InMateu05, InBonjoan68), referentes ao sepultamento de recém-nascidos, só apresentam esse item como mobília funerária. Com exceção da InMateu05, cuja ânfora se fez acompanhar de um fragmento de cerâmica.

As tumbas de crianças/jovens (InMNE01³⁹⁸, InMNE02, InBonjoan16, InBonjoan23, InBonjoan38, InBonjoan55, InMartí02, InMartí19, InMartí20, InMartí30, InMartí40, InMartí51, InMartí77, InMartí90, InMartí103, InMartí112, InMartí75, InMartí84, InMartí134,

³⁹⁷ ALMAGRO, M. *Las Necrópolis de Ampúrias*. Barcelona: Seix Y Barral, 1953. Vol. I./ Vol. II.

³⁹⁸ As únicas tumbas de inumação na Muralha Nordeste, uma necrópole na qual prevalecia o rito de incineração poderia explicar-se pelo fato que, no mundo ibérico, De acordo com T. Chapa Brunet, embora o ritual de incineração fosse preponderante no mundo ibérico, geralmente, as crianças eram inumadas, e poderiam ser sepultadas tanto no espaço do lar, quanto fora dos muros do assentamento. In: CHAPA BRUNET, T.

Inmarti136, Inmarti137) são as tumbas com mais objetos depositados, encontradas dentre as necrópoles.

Dentre o mobiliário funerário encontrado nas tumbas de inumação referentes à crianças, verificamos: contas de vidro, contas de âmbar, terracotas, objetos de bronze e de ferro, terracotas, conchas, moluscos, cerâmica de fabricação local, vasos para perfume feitos em pasta de vidro e cerâmica ática.

Nas tumbas de incineração há a presença de objetos como: anéis de prata, anéis de bronze, conchas *cardium*, urnas cinerárias de fabricação local.), pregos de ferro, pregos de bronze, fechos de bronze, fíbulas, facas, capacetes, braceletes, fragmentos de couraça, pinças, amuletos, cerâmica ática, cerâmica etrusca e cerâmica local.

Quanto às cerâmicas, a composição do mobiliário funerário se divide em duas categorias: urnas cinerárias e vasos de acompanhamento. As urnas cinerárias eram todas de fabricação nativa ou local. Os vasos de acompanhamento eram relacionados com a cerâmica “de mesa”: taças, copos, kílrix, cântaros áticos e etruscos, oinocoés; e com menos intensidade, ungüentários. Há ainda, a presença de léцитos áticos, ainda que raramente.

Podemos traçar paralelos entre as características dos rituais funerários encontrados em Emporion, e em outras partes do mundo ibérico norte-ocidental. A primeira característica em comum se traduz na natureza das produções cerâmicas depositadas nas tumbas, a urna cinerária ou vaso de acompanhamento. As cerâmicas feitas à mão encontravam-se ainda em utilização em todo o Ampurdán até a Segunda Idade do Ferro (séculos V –II a.C.)³⁹⁹. As tumbas que aparecem tais cerâmicas são frequentemente desprovidas de cerâmica de acompanhamento, e nunca se fazem acompanhar por frascos de perfume, qualquer que seja o período analisado. Ao contrário, as cerâmicas relacionadas às práticas de comensalidade são mais facilmente presentes, e geralmente estão associadas a outros tipos de objetos pessoais, como peças de adorno pessoal e amuletos.

Entre os sécs. VI e IV a.C. a maioria das tumbas apresentava mobília funerária, nem que fosse apenas uma única urna funerária. Dentre esse mobiliário, enquanto houve uma gradual redução na presença dos vasos de comensalidade, a partir do séc. IV a.C. , vasos de

³⁹⁹ GAILLED RAT, E. “Grecs et Ibères dans la nécropole d’Ampurias”. In: *Mélanges de la Casa de Velázquez*, XXXI-1, 1995. p. 46.

perfume, estes sim, vão se tornando mais significativos, principalmente a partir do final do séc. IV a.C. Houve um aumento dos vasos empóritanos de cerâmica cinza, e das imitações locais de vasos importados.

Se cruzarmos os dados coletados com os dados advindos de uma análise dos enterramentos de incineração da Necrópole Parrallí, por exemplo, onde os objetos depositados nas tumbas não variam muito de enterramento para enterramento, podemos concluir que, na sociedade indigete que está interagindo com os empóritanos há sinais de diferenciação social bem mais demarcados.

De acordo com F. Quesada⁴⁰⁰, a presença de fíbulas, capacetes, vasos de bebida, aríbalos, cinturões, lâminas, pequenas facas, elmos e couraças, demarcavam o domínio masculino. Outros indícios de domínio masculino seria a presença de material relacionado às práticas guerreiras, atestados em apenas duas tumbas. Na primeira, só há um elmo de bronze (IcMN15). Na outra, há o elmo e a couraça (IcMNE17). A deposição de espadas ou quaisquer objetos relacionados a figura do guerreiro era corrente nas necrópoles ibéricas, principalmente para o momento compreendido entre os séculos VI e V a.C., nas regiões do levante, sudeste e sul peninsular⁴⁰¹. Na região do Nordeste catalão, por exemplo, não era muito comum as necrópoles conterem tais objetos⁴⁰².

Para as tumbas de inumação, a análise do mobiliário revela a constância do material cerâmico. Este tipo de material, ao qual somamos um certo número de outros recipientes (em massa de vidro ou, mais raramente, alguns alabastros), divide-se, principalmente, em duas categorias: pequenos recipientes destinados a conter líquidos como óleos ou perfumes; e vasos relacionados às práticas do consumo de bebida. As outras formas são mais raras, tratando-se de outros tipos de peças relacionadas com o serviço de mesa, além de vasos em miniatura, de uso votivo⁴⁰³.

As cerâmicas encontradas nas tumbas de inumação, os vasos de perfume, os lécitos, os aríbalos, os alabastros e os unguentários traduziam bem, dentro do ritual funerário, a presença

⁴⁰⁰ QUESADA SANS, F. *op. cit.*

⁴⁰¹ QUESADA SANS, F. *op. cit.*

⁴⁰² SANMARTÍN, J. *op. cit.* P.21.

⁴⁰³ Já mencionamos, no início do Capítulo, que as espoliações das necrópoles de Ampúrias ocorreram desde a Antigüidade.

de essências aromáticas para envolver o morto na tumba. Os vasos destinados ao consumo de bebida também se destacam (taças, skiphos, copos), assim como os vasos destinados ao serviço das bebidas: olpes e oinocoés e ânforas⁴⁰⁴.

Desde finais do século V até o início do séc. IV a.C. presenciou-se nos enterramentos emporitanos a presença de léцитos e alabastros áticos, ambos vasos destinados a armazenar perfumes. Essa categoria de vasos se vê aumentada se a ela adicionarmos a presença de vasos púnicos feitos de massa de vidro, como alabastros, ânforas em miniatura e aríbalos, que geralmente aparecem associados aos já mencionados léцитos áticos, nas tumbas emporitanas. Tal presença pode justificar a importância da importação de perfumes para uso funerário, que Emporion conheceu, a partir do século V a.C., em proporções perfeitamente comparáveis (não podemos deixar de levar em conta o tamanho limitado do assentamento emporitano, que implica em um volume demográfico baixo) as que se constataram nas *póleis* gregas da Sicília, para a mesma época⁴⁰⁵. Em ambos os locais, a massiva presença de léцитos áticos foi um fato arqueologicamente constatado. No período que se inicia a partir do final do século VI a.C. e se estende até o princípio do século IV a.C. houve uma difusão, em Emporion, da utilização de perfume ático e também de origem púnico em rituais funerários. A abundante presença em Emporion de um produto de luxo, como era o perfume, cujo preço era elevado, ratifica o fato do crescimento econômico emporitano.

Já os vasos relacionados com o banquete, como kílix, taças e lebes, esses são encontrados em quantidade infinitamente inferior, nas inumações referentes ao século V a.C. Nas inumações referentes à primeira metade do século IV a.C., a situação se manteve.

A partir de uma perspectiva diacrônica, as outras categorias de mobília também estão bem representadas, tratando-se de elementos referentes a artigos de vestuário ou adorno pessoal (anéis, argolas, pingentes, fíbulas, botões), de ferramentas (pregos e inclusive agulhas coser), ou, ainda, objetos relacionados ao asseio pessoal (*strigilis*⁴⁰⁶, cortadores de unha, lixas). Todavia, devemos ressaltar uma exceção no que refere-se aos objetos de valor votivo, presentes em várias tumbas, em uma proporção de um enterro em quatro: foram encontrados

⁴⁰⁴ GSILLED RAT, E. *op. cit.* p.27.

⁴⁰⁵ SANMARTI-GREGO, E. "Els íbers a Emporion (segles VI – III a.C.)". *Laietània*, 8, 1993. pp. 92-95.

⁴⁰⁶ Utensílio metálico, de forma curva e com cabo, utilizado pelos gregos e romanos para eliminar da pele o suor, o azeite, os unguentos, etc, depois dos exercícios ginásticos ou durante os banhos termiais.

um certo número de objetos peculiares, como astrágalos, moluscos ou, em menor proporção, moedas ou diversas figuras em terracota.

A presença de conchas nos sepultamentos não era uma prática corrente no resto do mundo grego. Ao contrário, era uma prática muito presente nos enterramentos da Necrópole Parrallí, que estava ligada aos povoadores nativos que viviam na região de Emporion desde finais do séc. VIII até o séc. VII a.C., na qual foi constatada a presença de conchas em quase todas as tumbas.

E. Gailledrat⁴⁰⁷, ligou tal prática a um particularidade local, onde as conchas possivelmente substituiriam as moedas que eram destinadas a Caronte. Acontece que, como este autor mesmo afirma, o hábito de depositar na tumba as moedas para Caronte desenvolveu-se, principalmente, a partir do período Helenístico, tanto no mundo grego quanto em Emporion. E a prática da concha é algo muito corrente nos enterramentos do séc. V a.C. Pelo menos para o período de nosso interesse, não concordamos com a colocação desse autor.

Da mesma forma que ocorreu com a concha, a presença de astrágalos (ossos de cordeiro) e de moluscos, que eram práticas dos nativos peninsulares. Tais práticas poderiam, de acordo com A. Lorrio⁴⁰⁸ estar associadas à sacrifícios animais ou banquetes funerários. Como não estamos analisando a morfologia do ritual, preferimos deixar a citação do autor, e não nos questionar sobre a colocação.

A presença de figurinhas de terracota foi atestada somente em cinco sepulturas (InBonjoan 43, InMartí 20, 77, 85, 16). Tais figuras constituem-se em 04 representações de Hermes itifálico, 02 representações de tartaruga, 01 representação de Javali, uma representação varonil. Todas essas muito familiares ao mundo grego. O objeto mais peculiar, talvez, seja uma 01 bonequinha articulada em barro. A InMartí 20, pela extensão dos ossos (1,10m) tratava-se, provavelmente, de uma sepultura de criança.

Há também, em um número reduzido de três tumbas (InMartí15, InMartí 96, InMartí 112), todas da Necrópole Martí, datadas do início do séc. IV a.C., onde foram encontrados símbolos apotropaicos egípcios, como: um escaravelho egípcio de ônix, figura de macaco estilizada, representação de uma mão fazendo figa, representação de deus egípcio em barro e

⁴⁰⁷ GAILLED RAT, E. "Grecs et Ibères dans la nécropoles d'Ampurias". In: *Mélanges de la Casa de Velázquez*, XXXI-1, 1995. p. 35.

⁴⁰⁸ LORRIO, A. *Los Celtiberos*. Madrid: Prensa de la Universidad Autónoma, 1997.

um amuleto egípcio. A justificativa para a presença de tais objetos seria o contato com a zona púnica peninsular, na região sudeste, onde tais tipos de objetos eram constantemente encontrados em tumbas ou mesmo assentamentos⁴⁰⁹. Curiosamente, duas das tumbas nas quais foram encontrados tais objetos (InMartí96, 112), tratavam-se de tumbas infantis.

A partir do séc. IV a.C., nota-se a gradual substituição dos vasos de pasta de vidro pelos unguentários de barro, além de um gradual aumento da utilização de cerâmica local em detrimento das importações, gerada pelo próprio aumento de oferta, pois é a partir da metade do séc. IV a.C. que houve a disseminação da chamada cerâmica cinza emporitana, característica de Emporion, e que teve grande dispersão pelo nordeste catalão.

Quando analisamos a organização espacial das necrópoles, ficou evidenciada uma leve segmentação do espaço funerário, onde as sepulturas de incineração, as sepulturas infantis e algumas inumações (Necrópoles da Muralha Nordeste e Martí), ficavam afastadas do outro grupo (Necrópole Bonjoan, Complexo Mateu-Granada).

Para o período analisado, houve uma grande incidência de tumbas de recém-nascidos e de crianças (48 % do total de inumações). Número consideravelmente alto, se pensarmos que, para o mesmo período, teríamos mais 36 tumbas de inumação e 18 tumbas de incineração. Dentre as tumbas de recém-nascidos e crianças, a maioria concentrava-se na área da Necrópole Martí.

As necrópoles de Bonjoan e Mateu, caracterizadas pelo rito de inumação; assim como a necrópole da Muralha Nordeste, caracterizada pelo rito de incineração, também apresentaram tumbas de crianças e/ou recém-nascidos.

A necrópole Martí⁴¹⁰, era a única que na qual havia os dois tipos de ritos (inumação e incineração), sendo que as tumbas de inumação não se limitavam somente à tumbas infantis (como foi o caso da necrópole da Muralha Nordeste), visto a extensão dos ossos dos cadáveres encontrados (entre 1,50 e 1,80). Esta, ainda, era composta por grupos de aglomeração de tumbas de inumação e de incineração coetâneas.

⁴⁰⁹ BLÁZQUEZ, J. M. “La Religión d elos pueblos de la Hispania prerromana” In: AA. VV. *I Coloquio Internacional sobre Religiones Prehistóricas de la Península Ibérica*. Zephyrus, 43. Salamanca: s/e, 1990. pp.223-233.

⁴¹⁰ Já mencionamos o fato de que as divisões das necrópoles emporitanas foram totalmente artificiais. Porém, uma análise da área atribuída à necrópole Martí, podemos perceber que há vários conjuntos de aglomeração de sepulturas, o que pode indicar que cada uma das aglomerações trataria-se de um núcleo familiar, distinto.

Ao nosso ver, a existência de tumbas de recém-nascidos e infantis em Emporion, poderia ser indício da existência de casamentos inter-étnicos⁴¹¹, na medida que as próprias práticas de diplomacia aristocrática, nos momentos iniciais dos contatos entre os *emporoi foceus* e os nativos, aceitavam tal prática.

Sobre as práticas funerárias atenienses, Neyde Theml⁴¹² apontou para o fato de que os funerais faziam parte do espaço privado, havendo, muitas vezes, fora de casa, em um campo vizinho, um túmulo dos ancestrais, a segunda morada da família. Neste, repousavam em comum várias gerações de antepassados que a morte não separava. Assim:

“O culto dos mortos traduzia-se no desejo dos vivos, de preservar o tempo, através das gerações, de manter a ordem, de controlar os sentimentos e de perpetuar os laços familiares. Os funerais eram muitas vezes momentos de ostentação de riqueza, prestígio e poder⁴¹³...”

De acordo com P. A. McAnany⁴¹⁴, a proximidade física com os mortos seria uma metáfora para a proximidade cosmológica. Assim, a proximidade da moradia com o cemitério, poderia ser analisada a partir da necessidade de legitimação social de uma linhagem dentro de um determinado território.

A partir das colocações acima, podemos interpretar a localização das Necrópoles emporitanas, tão próximas ao assentamento, como uma legitimação da pertença de ambas as sociedades ao território emporitano. Era a legitimação de uma linhagem⁴¹⁵ mista, produzida

⁴¹¹ Ver: ALBANESE PROCELLI, R.M. “Necropoli e società coloniali: pratiche funerarie ‘aristocratiche’ a Siracusa in età arcaica”. In BERLINGÒ, I. BLANCK, H. CORDANO, F. GUZZO, P.G. and LENTINI, M.C. (eds.), *Damarato. Studi di antichità classica offerti a Paola Pelagatti* Milão: s/e, 2000. pp. 32–37.; SHEPHERD, G. “The Pride of Most Colonials: Burial and Religion in the Sicilian Colonies”. *Acta Hyperborea* 6, 1995. pp.51–82.; SHEPHERD, G. “Fibulae and Females: Inter-marriage in the Western Greek Colonies and the Evidence from the Cemeteries”. In TSETSKHLADZE, G.R. (ed.), *Ancient Greeks West and East*. Leiden, 1999. pp. 267–300.

⁴¹² THEML, N. *Público e privado na Grécia do VIIIº ao IVº séc. a.C.: O Modelo Ateniense*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998. pp. 66 – 67.

⁴¹³ *Idem*.

⁴¹⁴ McAnany, P. A. *Living with the Ancestors: Kinship and Kingship in Ancient Maya Society*. Austin: University of Texas Press, 1995. pp.160 –162.

⁴¹⁵ No presente trabalho, por unidades de linhagem, entendemos grupos ligados por descendência a um ancestral comum, que se estendem por gerações e se hierarquizam pela relação de parentesco com o ancestral comum. Não importa que haja, no decorrer do tempo, variáveis ou combinações nesta rede genealógica com o ancestral fundador da família, se a descendência for aceita, a linhagem será reconhecida. In: SAHLINS, M. *A coeur des sociétés*. Paris: Gallimard, 1976.

produto dos laços entre indígetes e colonos *foceu-massaliotas*, através dos casamentos, que também consistiam-se em mecanismos políticos para a consolidação de alianças.

A grande questão, no momento, seria uma análise das demais tumbas de inumação, para verificarmos se haveria a probabilidade de mulheres nativas terem adotado o ritual grego da inumação. Isto, no entanto, não será realizado no momento, visto que precisaríamos levar em consideração uma série de questões como os rituais funerários de cada sociedade em questão, uma comparação com demais necrópoles coloniais, e até mesmo, comparação com outras necrópoles da região. Tal questão perpassaria, ao nosso ver, pelas implicações imediatas ao contato, caso que não é nossa questão. Deixaremos a questão suspensa por enquanto.

CONCLUSÃO

Estrabão não teria encontrado termo melhor para definir Emporion do que *dípolis*.

Ao longo da presente pesquisa viemos apresentando a questão dos contatos entre a *pólis* dos emporitanos e as tribos indígetes que habitavam o Ampurdán, em uma perspectiva que compreenderia desde o século V até a primeira metade do século IV a.C., rompendo com as interpretações permeadas por uma visão helenocêntrica, baseadas em uma perspectiva de uma suposta superioridade helênica em relação às populações nativas. Partimos do pressuposto que, em uma situação de contato entre sociedades de complexidades diferenciadas, devemos nos afastar de abordagens que entendam as sociedades “mais simples” como passivas e inferiores, impedindo, assim, de compreender a política de contatos destas populações com as sociedades conhecidas como “mais complexas”.

Toda situação de contato tem, pelo menos, dois lados. Por isto, devemos voltar nossa atenção para a interação como um todo, visualizar ambos os lados do processo, privilegiando, assim, uma abordagem bilateral deste. Com isso, perceberemos melhor as nuances que podem oferecer uma situação de contato, evitando os modelos generalizantes e as dicotomias civilizado/ bárbaro, dominante / dominado, colonizador / colonizado.

Assim, ao invés de apostarmos em análises que considerem modelos generalizantes, insistimos na opção de estudar os contatos interétnicos a partir do estudo de caso. Ao nosso ver, tal opção privilegiaria a percepção às singularidades das sociedades nativas, entendendo as transformações sociais e políticas não como meras decorrências de contatos com as sociedades mais complexas. Ao contrário, tais contatos só eram estabelecidos porque as sociedades nativas já estavam em processo de hierarquização, com o fortalecimento dos grupos de chefia, que de uma certa forma, utilizavam tais contatos em benefício próprio.

Assim, mostramos que os *emporoi* focu-massaliotas, que já tinham experiência em estabelecer contatos com comunidades estrangeiras, utilizavam-se das práticas de diplomacia e de oferta de prestações para estabelecer boas relações com os nativos locais. Práticas essas, que por sua vez, também não eram desconhecidas das chefias de Ullastret.

Apesar da *xênia* ser uma prática grega, cujos valores não seriam compartilhados pelos *xénoi* nativos, encontramos nas sociedades ibéricas práticas semelhantes, como a hospitalidade, a oferta de prestações, e os rituais ligados ao consumo de bebida alcoólica, principalmente o vinho.

Ao estabelecerem alianças com Ullastret, os *emporoi* focu – massaliotas estavam tornando-se amigos/ aliados do maior assentamento do Ampurdán, na época, viabilizando, dessa forma, o contato com outras unidades políticas.

Tais contatos interessavam aos *emporoi* em virtude dos seus interesses comerciais na região, além de uma garantia de proteção em um território hostil. As chefias de Ullastret, por sua vez, interessava-se na oportunidade de favorecimento de seu poder e prestígio, perante seus aliados, mediante a ostentação de bens de grande densidade simbólica. Bens estes, que no momento, eram ofertados pelos *emporoi*.

A partir de então, a relação entre Emporion e as chefias de Ullastret perpassa pela constante reafirmação da aliança entre as duas comunidades, além dos contatos comerciais. A primeira, evidenciada pela cerâmica ática “de luxo”, principalmente vasos ligados ao consumo de vinho, encontrada nos assentamentos de Puig de Sant Andreu e Illa d’én Reixac (Ullastret). A segunda, por sua vez, constatada a partir da disseminação de ânforas e morteros massaliotas, que chegariam em Ullastret a partir das trocas comerciais com Emporion.

Ao nosso ver tal relação não pode ser entendida sob a ótica da dominação política de emporion sobre Ullastret. Hipótese esta, ao nosso ver, impossível. Já que, conforme colocado durante o trabalho, o fato das cerâmicas áticas serem encontradas em Ullastret, e da própria organização do assentamento parecer ter sido “influenciada” pelas marcas urbanísticas gregas. Tais fatos são interpretações dos estudiosos sobre essa sociedade. Quem garantiria que para o nativo que ali vivia, a praça central onde eram realizadas as cerimônias públicas, seria chamada *agora*? Quem garantiria que a zona mais alta do assentamento seria reconhecida como *acrópole* pelo nativo? E quem garantiria que esses nativos utilizariam as cerâmicas gregas do mesmo modo que os gregos assim o faziam?

Para resolvermos tal impasse, utilizamos o conceito de “emulação inter-cultural”, que aponta para o fato de que, em uma situação de contato inter-étnico, a adoção pública (vestimentas, arquitetura e urbanismo, bens de ostentação) de algumas características

materiais de uma comunidade estrangeira, não implicaria em uma situação de “aculturação”. Ao contrário, tal adoção estava mais ligada à questão da ostentação pública, e de sobressair-se frente aos estratos sociais mais baixos. Essa “adoção”, no entanto, era um tipo de releitura dos costumes estrangeiros, totalmente adaptada a uma realidade nativa. Assim, em situações de “emulação intercultural” o uso da cultura estrangeira, pelas elites, reservar-se-ia às esferas públicas, enquanto que na esfera particular - atividades agrícolas, domésticas, produtivas - prevaleceria o uso da cultura local. Assim como ao resto da comunidade local.

Em Ullastret, desde o século VI a.C. até a metade do século IV a.C., as evidências de distribuição de cerâmica, no assentamento, apontaram para as evidências de que as cerâmicas para uso doméstico e diário eram todas de fabricação local. Ou seja, as cerâmicas gregas apareceram em número muito reduzido para justificar um consumo, a não ser como bens de prestígio. E as demais cerâmicas encontradas, viriam através dos contatos comerciais de Ullastret com Emporion, e com a região sudeste peninsular. Então, a adoção de certas características gregas, pelas elites de Ullastret, deveria ser entendida como uma situação de “emulação intercultural”, que é uma situação que permite um contato dialógico, de perpétuo questionar a si e ao outro, apresentando o dinamismo de um processo de contatos interétnicos.

Enquanto Emporion empreendia contatos com Ullastret, também o fazia com outras regiões peninsulares, como parece ter evidenciado as duas cartas escritas em chumbo, Ampúrias I e Pech Maho II, apresentadas no decorrer do trabalho. O comércio com as comunidades peninsulares mais distantes, então, se fazia mediante intermediários nativos, bons conhecedores tanto das práticas comerciais gregas quanto das práticas nativas. Tal comércio, no entanto, apresentava características inter-regionais que, apesar de ser feito por mediadores, não nos parece poder ser percebido a partir de uma conotação de “centro-periferia”. Em primeiro lugar, tais cartas eram documentos privados, que apresentavam relações entre determinados indivíduos, que a nosso ver, não implicaria uma situação de dominação. Para que houvesse tal caso, além da necessidade de haver uma dominação política e militar dos gregos sobre as supostas “periferias nativas” (fato que não ocorreu), seria algo que envolveria a comunidade como um todo, em uma relação sistêmica, a qual não parecia ser o caso.

Tais contatos visando aliança com os nativos, também parecem ter sido evidenciados a partir de uma análise da cultura material encontrada nas necrópoles emporitanas.

De acordo com as informações fornecidas por Estrabão, Emporion⁴¹⁶ seria uma *dípolis* onde coabitavam os emporitanos (foceu-massaliotas) e os indigetes, unidos a partir de um sinecismo que possibilitou a formação de uma sociedade que vivia sob uma mistura de leis gregas e bárbaras.

Como apresentado no trabalho, não foi apenas Estrabão que referiu-se a Emporion como um local marcado pela convivência entre os colonos e os nativos locais, os indigetes. No entanto, ao contrário de Estrabão, Tito Lívio⁴¹⁷ não aponta para um convivência consentida, muito menos harmoniosa.

Além das informações advindas dos textos clássicos, no começo do século XX, foram encontradas os primeiros indícios do assentamento emporitano. Com o passar do tempo, foram sendo descobertos vestígios materiais que, para muitos pesquisadores, seriam as provas da veracidade das informações fornecidas pelos autores clássicos: as necrópoles emporitanas, que apontavam para um espaço funerário compartilhado pelos fuceu-massaliotas e pelos indigetes.

Geralmente, os pesquisadores que concordam com a existência de um assentamento nativo *extramuros* em Emporion, partem do pressuposto de uma comunidade que se forma como que atraída pelas oportunidades de contato com os colonos fuceu-massaliotas.

Uma análise do material encontrado nas necrópoles emporitanas mostrou que:

- 1) A cultura material referente às tumbas dos nativos (incinerações) apresenta uma grande quantidade de bens indicadores de *status* social, naquela sociedade (principalmente objetos de ferro e bronze);
- 2) Há uma grande incidência de sepultamentos de recém-nascido e crianças. Ambos eram sepultados pelo rito da inumação. Os recém-nascidos eram depositados em ânforas.

⁴¹⁶ *Geografia*, III, IV, 8.

⁴¹⁷ *História de Roma*. XXXIV, 9.

- 3) Quanto às sepulturas infantis, estas estavam entre as sepulturas de inumação que apresentavam o maior número de objetos. Nestas, foram constatados tanto objetos próprios da cultura nativa, quanto objetos estrangeiros.
- 4) A área referente à Necrópole Martí foi a única que, para o período estudado, haveria aglomerações de sepulturas tanto de incineração quanto de inumação. Além disso, era esta necrópole que apresentava o maior índice de tumbas de crianças e recém-nascidos.
- 5) As tumbas de incineração da necrópole Martí apresentavam mais objetos estrangeiros que as tumbas da necrópole da Muralha Nordeste;
- 6) Nas demais necrópoles, Mateu-Granada e Bonjoan, para o período estudado, predominava o rito de inumação.
- 7) A necrópole Bonjoan também apresentava tumbas infantis.
- 8) As necrópoles da Muralha Nordeste e Martí estavam mais próximas do assentamento emporitano, do que as demais necrópoles (Bonjoan, Mateu-Granada)
- 9) Há uma grande quantidade de tumbas atribuídas à recém-nascidos, em Emporion. Além disso, dentre as necrópoles emporitanas há aglomerações de tumbas, onde foi verificada a existência coetânea, tanto de tumbas infantis, quanto tumbas de incineração, quanto tumbas de inumação. Tais aglomerações de tumbas são verificáveis no espaço atribuído à Necrópole Martí, próxima à Necrópole da Muralha Nordeste. Ambas são as necrópoles mais próximas à *Neapólis*.

Então, partindo dos seguintes pressupostos: que uma das práticas diplomáticas de contatos com os nativos perpassava pelas esferas matrimoniais; que os cultos funerários podem estar relacionados com a perpetuação dos laços familiares; e que a proximidade da moradia com o cemitério, poderia ser analisada a partir da necessidade de legitimação social de uma linhagem dentro de um determinado território; podemos concluir, assim, a existência da constituição de uma linhagem, a partir dos antigos *emporoi* foceu-massaliotas e os nativos, a partir dos casamentos.

Começamos a presente seção afirmando que não haveria melhor definição para este estabelecimento do que “*dípolis*”. E justificamos tal afirmação apontando as principais fases de tal estabelecimento:

1ª. Fase: *Palaia Pólis* – Fase de contatos diplomáticos com as populações nativas da região, principalmente com as chefias de Ullastret e os nativos que habitavam próximo ao estabelecimento. Firmação de alianças, troca de presentes, talvez casamentos inter-étnicos. Contatos freqüentes com populações nativas, que ao nosso ver, tornam-se mais relevantes para a permanência, a longo prazo, em território do Ampurdán, do que sua relação com a Metrópole, Massalía. Parafraseando Sanmartí-Grego⁴¹⁸, neste momento, Emporion era um “*porto grego, com vocação ibérica*”.

2ª. Fase: *Neapólis* – século VI – IV a.C. Resultado das boas relações desenvolvidas com os nativos locais houve a transferência de assentamento, da ilha de Sant Martí para território continental. Casamentos entre colonos e nativos. Criação de espaços de ambigüidade e fortalecimento de laços, como o santuário suburbano emporitano. Estabelecimento de relações comerciais próprias. Gradual independência de Massalía. Reconhecimento de uma identidade política, a partir da menção ao termo “Emporitanos”, encontrados nas cartas comerciais de Ampúrias e de Pech Maho. Emporion, neste momento, era *dípolis* por ter sido formada com base na união entre os *emporoi* foceu-massaliota e os nativos locais. Ainda, também era “dupla” por ter dois núcleos de assentamentos funcionando coetaneamente, pois, a *Palia Pólis* ainda estava ativada.

3ª. Fase: *Neapólis* – século IV – II a.C. Fase final da ocupação grega em Emporion. Período de reformulação das muralhas, na primeira metade do século IV a.C. Momento no qual foi anexada à *ásty* emporitana, a aldeia nativa *extra- muros*. Demolição do santuário suburbano emporitano, com a construção de um santuário em honra a Asclépio, deus grego da Medicina. Coabitação entre as duas comunidades. Tentativa de afirmação de uma identidade grega, a partir da fundação de um templo a uma divindade grega, que provavelmente foi apropriada de uma maneira diferenciada, pelos indigetes. Até porque, durante o século II a.C., Emporion passaria a cunhar duas moedas diferenciadas: uma com a legenda EMPORITON, e

⁴¹⁸ SANMARTI-GREGO, E. "Emporion, port grec a vocation ibérique". In: *Magna Grecia e il lontano Occidente. Atti del ventinovesimo convegno di studi sulla Magna Grecia* (Taranto, 1989). Napoli: Universidade de Taranto, 1990. pp.389-410.

outra com a legenda UNTISTESKEN (“dos Indigetes”, em dialeto ibérico). Emporion continuava sendo uma *dípolis*, pois, no momento de maior contato, devido a coabitação, ainda havia segregação entre os grupos.

BIBLIOGRAFIA

Documentação Textual:

ALMAGRO BASCH, M. *Las fuentes escritas referentes a Ampurias*. Barcelona: Instituto de Pre historia Mediterránea y la Sección de Arqueología del Instituto Diego Velázquez, 1951.(Monografias Ampuritanas, I)

ALVAR, J. “Las ciudades del litoral ibero según las fuentes clásicas”. In: AAVV. *Leyenda y Arqueología de las ciudades prerromanas de la Península Ibérica*. Madrid: 1993. pp. 07-30.

AVIENO. *Orla Marítima*. trad.: José Ribeiro Ferreira. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1964.

HERÓDOTO. *História*. Brasília : UnB, 1990.

SCHULTEN, A. *Fontes Hispaniae Antiquae*. 1956.

STRABO. *The Geography of Strabo*. trad.: H. L. Jones. London: William Heinemann, 1988. v.2. p.3-163.

Documentação Arqueológica:

ALMAGRO, M. *Las Necrópolis de Ampúrias*.Barcelona: Seix Y Barral, 1953. Vol. I.

_____. *Las Necrópolis de Ampúrias*.Barcelona: Seix Y Barral, 1953. Vol. II.

AQUILUÉ, X. ; CASTANYER, P.; SANTOS, M. ; TREMOLEDA, J. “Les ceràmiques gregues archaiques de la Palaia polis d’Empòrion.” *Monografies Emporitanes*, 11, 2000. pp.285-346.

AQUILUÉ, X. ; CASTANYER, P.; SANTOS, M.; TREMOLEDA, J. “Nuevos datos acerca del hábitat arcaico de la Palaia polis de Emporion.” *Pallas*, 58, 2002. pp.301-327.

JULLY, J.J. "Les importations attiques dans la Néapolis d'Ampurias du VIe s. au IVe s.". *RBPh*, 54, 1976. pp. 25-51.

- LEJEUNE, M.; POUILLOUX, J.; SOLIER, Y. "Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude)". *RAN*, 21, 1988. pp. 19-59.
- MALUQUER DE MOTES, J.; PICAZO, M.; MARTIN, A. (1984) *Corpus Vasorum Antiquorum. Espagne. Musée Monographique d'Ullastret. Fasc. I. (Barcelona)*.
- MARTIN ORTEGA, M.A. "Difusión de las ánforas massaliotas en la zona nordeste de Catalunya". *EM*, 2, 1990. pp.161-164.
- MARTIN, A. "Difusión de las ánforas massaliotas en la zona nordeste de Catalunya". *Em*, 2, 1990. pp. 161-164.
- MONTANYÁ MALUQUER, R. *La ceràmica ibèrica pintada de Ampurias*. Barcelona: Bellaterra, 1980.
- MOREL, J.P. "Céramiques ioniennes et commerce phocéenne en Occidente: avancées et problèmes". *Monographies Emporitanes*, 11, 2000. pp. 11-25.
- MUSSO, O. "Il piombo iscritto di Ampurias: Note linguistiche e datazione". *Ampurias*, 48-50, 1993, vol. II. pp.156-159.
- SANMARTI-GREGO, E. "Uma carta em lingua iberica, escrita sobre plomo, procedente de Emporion." *RAN*, 21, 1988. pp. 95-113.
- SANMARTI-GREGO, E.; CASTAÑER, P.; TREMOLEDA, J. (1988) "La secuencia histórico-topográfica de las murallas del sector meridional de Emporion". *MDAI(M)*, 29: 191-200.
- _____. "Darreres excavacions a Empúries. El sector meridional de la Neàpolis". *Tribuna d'Arqueologia*, 1997-1998. pp.79-88.
- _____. "Les amphores massaliètes d'Emporion du milieu du VIe au milieu du IVe s. av. J.C.". *EM*, 2, 1990. pp.165-170.
- SANMARTI-GREGO, E.; CASTANYER, P.; TREMOLEDA, J.; BARBERA, J. (1986) "Las estructuras griegas de los siglos V y IV a. de J.C. halladas en el sector sur de la Neapolis de Ampurias (Campaña de excavaciones del año 1986)". *Cuad. Preh. y Arq. Castellonenses*, 12: 141-217.
- SANMARTI-GREGO, E.; CASTANYER, P.; TREMOLEDA, J.; SANTOS, M. "Nota sobre el bastió oriental de la muralla griega d'Emporion". *Fonaments*, 09, 1996. pp.243-250.
- _____. "Les muralles del sector meridional de la Neàpolis d'Empúries". *Fortificacions. La problemàtica de l'ibèric ple: (segles IV-III a.C.)*. Barcelona:Manresa, 1991. pp. 325-328.
- _____. "Amphores Grecques et trafics commerciaux . en Méditerranée Occidentale au IV^e s. av. J.-C.Nouvelles Données issues d'Emporion". *Dans sur les pases des Grecs en Occident. Collection de Études Massaliètes*, 4, 1995. pp. 31-47.
- _____. "Testimônios epigraeficos de la presencia de población indígena em el interior de Emporion." In: CABRERA BONET, P. (ed.) *Griegos y Iberos: Lecturas desde la diversidad. Huelva Arqueológica*, XII, 1990. pp.204-230.

- SANMARTI-GREGO, E.; NOLLA RUIZ, J.M. "La datation de la partie centrale du rempart méridionale d'Emporion (L'Escala, Alt Empordà, Catalogne)". *DAM*, 9, 1986. pp. 81-110.
- SANMARTI-GREGO, E.; SANTIAGO, R.A. "Informe Preliminar sobre l'Escavació d'una torre situada a Ponent de la ciutat grega d'Empúries". In: AAVV. *II Colóquio Arqueològic de Puigcerdà*. Puigcerdà: Universitat de Puigcerdà, s/a. pp.159-191.
- _____. "Une lettre grecque sur plomb trouvée a Emporion. (Fouilles 1985)". *ZPE*, 68, 1987. pp.119-127.
- _____. "Une nouvelle plaquette de plomb trouvée à Emporion". *ZPE*, 77, 1989. pp. 36-38.
- SANTIAGO, R.A. "En torno al plomo de Pech Maho". *Faventia*, 11, 1989. pp. 163-179.
- _____. "Encore une fois sur la lettre sur plomb d'Emporion (1985)". *ZPE*, 80, 1990. pp. 79-80.
- SANTIAGO, R.A. "Notes additionnelles au plomb d'Emporion (1987)". *ZPE*, 81, 1991. pp.176.
- _____. "Notes additionnelles sur la lettre sur plomb d'Emporion". *ZPE*, 72, 1988. pp.100-101.
- TRIAS DE ARRIBAS, G. "Cataluña". In: *Cerámicas griegas en la Península Ibérica*. Vol.I. Valencia: Publicaciones de Arqueología Hispánica, 1967. pp.25-218. (Monografías de Cerámicas Hispanas, 2)

Obras de Referència Teórico –Metodològicas:

- ALDENDERFER, M. Ritual, Hierarchy and Change in Foraging Societies. *Journal of Anthropological Archaeology* 12, 1993, pp.1-40.
- ALLARA, A. "Corpus et Cadaver, la 'gestion' d'un nouveau corps". In: HINARD, F. (ed.) *La mort au quotidien dans le monde romain*. Paris: De Boccard, 1995, pp.69-79.
- APPADURAI, A. "Introduction: commodities and the politics of value". In: APPADURAI, A. (ed.) *The Social Life of Things*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, pp.03-63.
- AQUILUÉ, X., CASTANYER, P., SANTOS, M., TREMOLEDA, J. *Guías del Museu d'Arqueologia de Catalunya*. Barcelona: Museu de Arqueologia de Catalunya, 2000. p. 39.
- BARTEL, B. A historical review of ethnological and archaeological analyses of mortuary practice. *Journal of Anthropological Archaeology* I, 1982: 32-58.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa : DIFEL,1989; TUNER, Victor W. *O Processo ritual: Estrutura e Anti-Estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974 (1ª ed. 1969).
- BRADLEY, R. The destruction of wealth in later prehistory. *Man*, 17, 1982, pp.108-122.

- BRESSON, A . et ROILLARD, P. (org.) *L'Emporion*. Paris: Diffusion De Boccard, Publications du Centre Pierre Paris 26(URA991), 1993, pp. 163-226.
- DEUTSCH.K. et. alli. *Integration y formation de comunidades politicas: análisis sociológico de experiencias históricas*. Buenos Aires: INTAL-B.I.D., 1996.
- DIETLER, M. Feasts and Commensal Politics in the Political Economy. *In:* WIESSNER, P. and SCHIEFENHÖVEL, W. (eds.) *Food and the Status Quest*. Oxford: Berg Publishers, 1994, pp.87-125.
- _____. Early "Celtic socio-political relations: ideological representation and social competition in dynamic comparative perspective". *In:* ARNOLD, B. et GIBSON, D.B. (eds.) *Celtic Chieftdom, Celtic State*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. pp.64-71.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A.,1989.
- GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de passagem*. Trad.: Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 126.
- GIBSON, A. and SIMPSON, D. (eds.) *Prehistoric ritual and Religion*. Stroud: Sutton Publishing, 1998.
- HERTZ, Robert. "Contribution a une Étude sur la Représentation Collective de la Mort", *L'Année Sociologicque*, 1905-1906, 48-137.
- KURTZ, D. C. & BOARDMAN, J. *Greek burial customs*. London: Thames & Hudson, 1971. p. 96.
- LÉVI - STRAUSS, Cl. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis : Vozes, 1976.
- MALKIN, I. Ulysse protocolonisateur. *Mediterraneo Antico - Economie, Società, Culture*, Anno 2, Fascicolo I, 1999, pp.243-261.
- _____. *Religion and Colonization in Ancient Greece*. Leiden: Brill, 1987.
- GARLAND, R. *The Greek way of death*. New York: Cornell University Press, 1985. p.22.
- MORRIS, I. "Burial and Ancient Society After Ten Years". *In:* MARCHEGAY, S. , LE DINAHET, M-T. et SALLES, J-F. (eds.) *Nécropoles et Povoir – Idéologies, Pratiques et Interprétations*. Paris: Diffusion de Boccard, 1998, pp.21-36.
- MORRIS, Ian. Gift and commodity in archaic Greece. *Man*, 1986, pp.1-17.
- _____. *Death-Ritual and Social Structure in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- O'SHEA, John M. *Mortuary variability*. New York: Academic Press, 1984.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, Etnia e estrutura social*. S. Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.
- RENFREW, C. & BAHN, P. *Archaeology - Theories, Methods and Practice*. London: Thames and Hudson, 1994. p. 358.
- SAHLINS, D. M. *Ilhas da História*. Rio de Janeiro :Jorge Zahar, 1990.
- SAHLINS, M. *Sociedades Tribais*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

- AINTER, J. A. "Mortuary practices and the study of prehistoric social systems". IN: SCHIFFER, M. B. (ed.) *Advances in Archaeological method and theory*. New York: Academic Press, 1978. Vol. 1. pp. 105-141. p. 110.
- TYLOR, Edward. *Primitive Culture*. Londres: John Murray & Co., 1958.
- UCKO, P. J. "Ethnography and archaeological interpretation of funerary remains". *World Archaeology*, 1 (2), 1969: 262-280. p. 270.
- VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978. AMSELLE, Jean-Loup. *Logiques métisses. Anthropologie de l'indentité en Afrique et ailleurs*. Paris: Payot, 1990.
- WEINER, A.B. "Cultural Difference and the density of objects". *American Ethnologist*, 21(1), 1994. p.133.
- WITT, C. *Barbarians on the Greek Periphery? Origins of Celtic Art*. University of Virginia, 1996. PhD Dissertation (in HTML). www.iath.virginia.edu/~umw8f/Barbarians/first.html.

Bibliografia Específica:

- AAVV. "Dossier: Empòrion. La ciutat grega d'Empúries". *L'Avanç*, 19, 198?. pp.323-352.
- ADRADOS, F. R. "Más sobre Ibéria y los topónimos griegos." *AespA*, 74, 2001. pp. 25-33.
- _____. "Topónimos griegos en la Ibéria y Tartessos." *Emerita*, LXVIII, I, 2000. pp. 01-18.
- ADROHER, A.M.; PONS I BRUN, E. ; ARBULOS, J. "El yacimiento de Más Castellar de Pontós y el comercio del cereal ibérico en la zona de Emporion y Rhode." *AespA*, 66, 1993. pp. 31-70.
- ALMAGRO-GORBEA, M J. *La colonización focense en la Península Ibérica. Estado actual de la cuestión. Vélia et les Phocéens: Un bilan dix ans après*. Nápoles: 1983.
- _____. "Société et commerce méditerranéen dans la péninsule Ibérique aux VIII –V siècles." In: *Les Princes Celtes Et La Mediterranee*. Paris: La documentation Française, 1998. pp.71-80.
- ALVAR, J. "Los medios de navegación de los colonizadores griegos". *Anais da Mesa Redonda "Colonización Griega y Mundo Indígena en la Península"*. Madrid: Instituto "Rodrigo Caro" del C.S.I.C., 1978. pp.67-86.
- AQUILÈ, J. MAR, R. et RUIZ DE ARBULO, J. "Arquitectura de la Neápolis ampuritana. Espacio y función hacia el cambio de era". *Informació Arqueològica*, 40, 1983. pp.127-137.
- ARANEGUI GASCÒ, C." Ibéria. " In: AAVV. *Ibéria, Hispânia, Spania. Uma mirada desde Ilici*. València: Caja del Ajollos del Mediterráneo, 2004. pp.25-30.

- ARCE, J. Colonización griega en España: algunas consideraciones metodológicas. In: *Archivo Español de Arqueología*, 52. Madrid:1979. P.105-110.
- ARRIBAS, A. *Los Íberos*. Barcelona: Ayma, 1965. (Colección Sumer).
- BARBERA, J. "La necrópolis de la Muralla N.E. de Ampurias en el proceso de la iberización". *Verdolay*, 2, 1990. pp. 201-206.
- _____. "Límites cronológicos de la influencia helénica en Ampurias, a través de los ajuares de sus necrópolis". I *Simposio Internacional de Colonizaciones*, 1974. pp. 61-64.
- BARCELO, P. "Notas sobre la presencia griega en el litoral hispano". *Cuad. Preh^a. y Arqueol. Castellonense*, 13, 1987 –88. pp.171-180.
- BATS, M. "Consommation, production et distribution de la vaisselle céramique". *Grecs et Ibères au IV^e siècle avant Jésus-Christ. Commerce et iconographie*. REA, 89, 1987. pp.199-216.
- BATS, M. "Heranoios: metabolos d'Emporion?" In: CABRERA BONET, P. (ed.) *Griegos y Iberos: Lecturas desde la diversidad*. Huelva Arqueológica, XII, 1990. pp.232-242.
- BLÁNQUEZ, J.; ANTONA, V. Congreso de Arqueología Iberica. Las Necropoles. Madrid: 1992.
- BLÁZQUEZ, J. M. *Fenicios, Griegos y Cartagineses en Occidente*. Madrid : Cátedra, 1992.
- _____. "La colonización griega en España en el cuadro de la colonización griega en Occidente". I *Simposio Internacional de Colonizaciones*. Madrid: 1974. pp. 65-77.
- BOARDMAN , J. Los griegos en Ultrama: comercio y expansión colonial antes de la era clásica. Madrid: Alianza editorial, 1975.
- CABRERA BONET, P. "Emporion y el comercio griego arcaico en el NE de la Península Ibérica". In: OLMOS, R & ROUILLARD, P. *Formes archaïques et arts ibériques*. Madrid: Casa de Velázquez, 1996. Collection de la Casa de Vélazquez, n.59. pp.43-54.
- _____. "Greek Trade in Iberia: The extent Of Interaction", *Oxford Journal of Archeology* n.17 (2), 1998. p.191-206.
- CARPENTER, R. *The Greeks in Spain*. Pennsylvania: Bryn Mawr College, 1925.
- CUNLIFFE, B. *Greeks, Romans and Barbarians*. London: Bastford, 1998. P. 251-256.
- CHAVES TRISTÁN, F.(ed.) *Griegos em Occidente*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1992.
- DE HOZ, J. "Griegos e íberos: testimonios epigráficos de una cooperación mercantil". In: ROUILLARD, P. "L'usage des vases grecs chez les ibères". In: CABRERA BONET, P. (ed.) *Griegos y Iberos: Lecturas desde la diversidad*. Huelva Arqueológica, XII, 1990. pp.245-271.
- DOMIGUEZ MONEDERO, A. "Introducción al problema de la colonización griega en la Península Ibérica". In: *Colonización Griega en Occidente*. Vol. II. Madrid: Tesis Doctorales de la Universidad Complutense de Madrid, 1989,pp.1703 –1756.
- _____. "Los griegos de Occidente y sus diferentes modos de contacto con las poblaciones indígenas. I. Los contactos en los momentos precoloniales (previos a la fundación de colonias, o en ausencia de las mismas)". In: CABRERA BONET, P.

- (ed.) *Griegos y Iberos: Lecturas desde la diversidad. Huelva Arqueológica*, XII, 1990. pp.21-48.
- _____. "La ciudad griega de Emporion y su organización política". In: AAVV. *VI Colóquio Arqueológico de Puigcerdà*. Puigcerdà: Universitat de Puigcerdà, s/a. pp.193-199.
- _____. "La función económica de la ciudad griega de Emporion". *AespA*,59, 1986. pp.03-12.
- _____. "Los mecanismos del Emporion en la práctica comercial de los focos y otros griegos del Este". *Monografies Emporitanes*, 11, 2000. pp. 27-45.
- _____. "La economía de la España Ibérica en el marco del Mediterráneo. Bases y circuitos comerciales". In: VAQUERIZO GIL, D. (ed.) *Religiosidad y vida cotidiana en la España Ibérica*. Córdoba: Seminarios Fons Mellaria, 1992. pp. 81-209.
- _____. "Los términos 'Iberia' e 'Iberos' en las fuentes greco-latinas: estudio acerca de su origen y ámbito de aplicación". *Lucentum*, 2, 1983. pp.203-224.
- FERNÁNDEZ NIETO, F. J. "Economía de la colonización fenicia y griega en la Península Ibérica." *Studia Historica. Historia Antigua*, 17, 1999. pp. 25-58.
- _____. "*Hemeroskopéion = Thynnoskopéion*. El final de un problema histórico mal enfocado." *Mainake*, XXIV, 2002. pp. 231-255.
- FRICKENHAUS, A. "Griechische Vasen aus Emporion." Anuari de l'Institut d'Estudis Catalans. Barcelona, 1908
- GAILLEDROT, E. "Grecs et Ibères dans la Nécropole d'Ampúrias (VI-II siècles av. J.C.)." *Mélanges de la Casa de Velázquez (Antiquité-Moyen Âge)*, XXXI, vol.1, 1995. pp.31-54.
- GRACIA ALONSO, F. "Comercio del vino y estructuras de intercambio en el NE de la Península Ibérica y Languedoc – Rosellón entre los siglos VI – V aC." In: AAVV. *Arqueología del vino. Los orígenes del vino en Occidente*. Jerez de la Frontera, 1995. pp.299-331.
- _____. "El comercio arcaico en el Nordeste de la Península Ibérica. Estado de la cuestión y perspectivas". *Monografies Emporitanes*, 11, 2000. pp. 257-276.
- _____. "Producción y comercio de cereal en el NE de la Península Ibérica entre los siglos V-II a.C.". *Pyrenae*, 26, 1995. pp. 91-113.
- LAMBOGLIA, N. "Encore sur la fondation d'Ampurias". In: AAVV. *I Simposio Internacional de Colonizaciones*. Barcelona, 1971. pp. 105-108.
- LOPEZ BORGÑOZ, A. (1987) "Distribución espacial y cronológica de las necrópolis ampuritanas". In: AAVV. *Jornades Internacionals d'Arqueologia Romana. (Pre-actas)*, 1987. pp.263-273.
- MALUQUER DE MOTES, J. "Rodes i focus a Catalunya." *Pyrenae*,21, 1999. pp.117-133.
- MALLART, R.P. *La Chôra D'Emporion*. Paris: Les Belles Lettres, 1994.
- MANJARRÉS, J. M. *Aldea y Ciudad en La antigüedad hispana*. Madrid: Arco Libros, 1996.

- MAR, R.; RUIZ DE ARBULO, J. "Sobre el ágora de Emporion". *AEspA*, 61, 1988. pp. 39-60.
- MARINVAL, P. "Agriculture et Structuration du paysage agricole à Marseille grecque et dans les sociétés indigènes aux Premier et Second Âges du Fer." *Pallas*, 52, 2000. pp.183-194.
- MARTÌ JUSMET, F. "Nota antropológica a la Inhumación Bonjoan n. X de Ampurias". *Ampurias*, 31-32, 1969-70. pp. 311-318.
- MARTIN I ORTEGA, A. & PLANA I MALLART, R. "El Nord-Est Català en Època Ibèrica I l'entitat territorial de l'Oppidum d'Ullastret" In: AAVV. *Actes de la Taula Rodona celebrada a Ullastret*. Girona: 2001. pp. 36- 52. (Monografias de Ullastret, 2)
- MARTIN I ORTEGA, A. & PLANA I MALLART, R. "L'organitzacio de l'espai rural entorn de l'oppidum d'Ullastret: formes dinamica del poblament " In: AAVV. *Actes de la Taula Rodona celebrada a Ullastret*. Girona: 2001. pp. 156- 176. (Monografias de Ullastret, 2)
- MARTIN I ORTEGA, A. & PUIG GRIESSENBERGER, A. "Rhode I l'organització del territori de l'Alt Empordà". In: AAVV. *Actes de la Taula Rodona celebrada a Ullastret*. Girona: 2001. pp. 53- 67. (Monografias de Ullastret, 2)
- MARTIN I ORTEGA, M. A. "Aportació de les excavacions de Roses a l'estudi del comerç massaliota a l'Alt Empordà, en els segles IV – III aC." *Cypsela*, IV, 1982. pp.113-122.
- _____. "El iberismo en el Nordeste de la Cataluña española". *DAM*, 16, 1993. pp.14-18.
- MOMIGLIANO, A. *Os limites da helenização*. Rio de janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- MONTENEGRO, A., BLÁSQUEZ, J.M. et all *Historia de España II: Colonizaciones y formación de los pueblos prerromanos (1200-218 a.C.)*. Madrid: Gredos, 1998.
- OLESTI I VILA, O. "El territori de la colònia grega d'Empúries i la colonització focea a Catalunya." *Faventia*, 18/2, 1996. pp.141-143.
- OLMOS, R & ROUILLARD, P. "Formas arcaicas y arte iberico. Introducción." In: *Formes archaiques et arts ibériques*. Madrid: Casa de Velázquez, 1996. Collection de la Casa de Velázquez, n.59. pp.14-15.
- OLMOS, R. "Iconografía griega, iconografía ibérica: una aproximación metodológica". *Grecs et Ibères au IVe siècle avant Jésus-Christ. Commerce et iconographie*. *REA*, 89, 1987. pp.283-296.
- _____. "Lecturas modernas y usos ibéricos del arcaismo Mediterráneo". In: OLMOS, R & ROUILLARD, P. *Formes archaiques et arts ibériques*. Madrid: Casa de Velázquez, 1996. Collection de la Casa de Velázquez, n.59. pp.16-31.
- OSBORNE, Robin. 1998. Greek settlemente in the West. In: FISCHER, N. and Van WEES, H. (ed.) *Archaic greece: New Approaches and New Evidences*. London: Classical Press of Wales/ Duckworth, 251-269.
- PADRÒ, J. "Consideraciones en torno a la divindad hathórica en la Hispània Prerromana". *Ampurias*, 48-50, 1993, vol. II. pp.172-176.

- PADRO, J.; SANMARTI, J. "L'ocupació del territori per la polis emporitana i la seva significació econòmica. Algunes hipòtesis". *Fonaments*, 6, 1987. pp. 23-26.
- PENA, M.J. "Hipòtesis noves sobre Empúries a partir de l'anàlisi de les fonts literàries". *Fonaments*, 7, 1988. pp. 11-45.
- PENA, M.J. "Le probleme de la supposée ville indigène a côté d'Emporion. Nouvelles Hypotheses." *DHA*, 11, 1985. pp.69-83.
- _____. "Terracotas votivas de Ampurias e Ullastret". *Ampurias*, 48-50, 1993, vol. II. pp.200-205.
- PONS i BRUN, E. "Les necròpolis d'incineració en el Període entremig de les Edats del Bronze – Ferro a la Regió de Girona". *Cypsela*, IV, 1982. pp.91-101.
- PRADOS TOURREIRA, L. " Los bronceos figurados como bienes de prestigio." In: OLMOS, R & ROUILLARD, P. *Formes archaïques et arts ibériques*. Madrid: Casa de Velázquez, 1996. Collection de la Casa de Velázquez, n.59.pp.83-91.
- PUJOL, A. "El comercio de Emporion". *Studia Historica. Historia Antigua*, 2-3, 1984-85. pp.15-71.
- RIPOLL I PERELLÓ, E. "El problema dels indiketes en relació amb la ciutat d'Empúries". In: AAVV. *I Simposio Internacional de Colonizaciones*. Barcelona, 1971. pp. 137-146.
- ROUILLARD, P. "L'usage des vases grecs chez les ibères". In: CABRERA BONET, P. (ed.) *Griegos y Iberos: Lecturas desde la diversidad. Huelva Arqueológica*, XII, 1990. pp.265-274.
- _____. "Les Céramiques peintes de la Grèce de l'Est et leurs imitations dans la Péninsule Ibérique: recherches Préliminaires." In: AAVV. *Les céramiques de la Grèce de l'Est et leur diffusion en Occident*. Centre Jean Berard. Institut Française de Naples. Colloques Internationales du Centre National de La Recherche Scientifique no. 569 Sciences Humaines, 1978.
- _____. *Les Grecs et la Péninsule Ibérique du VIIIe au IV siècle avant Jésus-Christ*. Paris: 1991.
- ROVIRA i HORTALÀ, M. C. "Recursos minerals i producció metal·lúrgica a l'empordà durant la Protohistòria".
- ROVIRA, J. & SANMARTI, E. "Els orígens de l'Empúries precolonial y colonial". *Informació Arqueológica*, 40, 1983. pp. 95-110.
- RUIZ, A & MOLINOS, M. *Los Iberos*. Anàlisi arqueològic de un processo històric. Barcelona: Crítica, 1993.
- RUIZ DE ARBULO, J. "Rutas marítimas y colonizaciones. En la Península Ibérica. Una aproximación náutica a algunos problemas", *Itálica*, CTEEHAR, 18, 79-115. p.103-107.
- SANMARTÍ, E. & MARTÍ, F. "Algunas observaciones sobre el comercio etrusco en Ampurias". In: AAVV. *I Simposio Internacional de Colonizaciones*. Barcelona, 1971. pp. 53-64.

- SANMARTI, J. "La diffusion des amphores massaliètes sur la côte centrale de Catalogne". *EM*, 2, 1990. pp. 171-178.
- _____. "From local groups to early States: the developments of complexity in protohistoric Catalonia". *Pyrenae*, 35, vol. I, 2004. pp.07-41.
- _____. "Territoris i escales d'interrogació política a la costa de Catalunya durant el període Ibèric Ple (segles IV – III a.C.)". In: AAVV. *Actes de la Taula Rodona celebrada a Ullastret*. Girona: 2001. pp. 23- 35. (Monografias de Ullastret, 2)
- SANMARTÍ-GREGO, E. *Massalia et Emporion: une origine commune, deux destins différents*. In: *Marseille grecque et la Gaule*. Collection *Études Massaliètes*, 3, Aix-en-Provence, A.D.A.M. Éditions et Université de Provence, 1992, pp.27-41.
- _____. "Els íbers a Emporion (segles VI – III aC.)". *Laietânia*, 8, 1993. pp.87-101.
- _____. E. "Emporion, port grec a vocation ibérique". In: *Magna Grecia e il lontano Occidente. Atti del ventinovesimo convegno di studi sulla Magna Grecia* (Taranto, 1989).Napoli: Universidade de Taranto, 1990. pp.389-410.
- _____. "La 'Tumba Cazorro' de la necrópolis emporitana de 'El Portitxol' y algunos apuntes acerca de la economía de Emporion en el siglo V a.C.". *AespA*, 69, 1996. pp. 17-36.
- _____. "Les influences méditerranéennes au Nord-Est de la Catalogne à l'époque archaïque et la réponse indigène". Focei: 1982. pp. 281-303.
- _____. " Grecs et Ibères à Emporion. Notes sur la population indigène de l'empordà et des territoires limitrophes". *DAM*, 16, 1993. pp.19-25.
- _____. " Recent Discoveries at the Harbour of The Greek City of Emporion (L'Escala, Catalonia, Spain) and its Surrounding Area (Quarries and Iron Workshops)". In: CUNLIFFE, B. & KEAY, S. *Social Complexity and Development of Towns in Iberia. From the Cooper Age to the Second Century A.D.* Oxford: University : Press, 1994. pp.157-174.
- _____. "Bibliografia Emporitana." *Cypsela*, XI, 1996. pp.161 – 173.
- SANMARTI-GREGO, E. "Datación de la muralla griega meridional de Ampurias y caracterización de la facies cerámicas de la ciudad en la primera mitad del siglo IV aC." *REA*, XC, 1988. pp. 199-137.
- _____. "Identificació iconografica i possible atribució d'unes restes escultòriques trobades a la neàpolis emporitana al simulacrum del Serapis de Emporion". In: AAVV . *Miscelánea Arqueològica a Josep M. Recasens*. Tarragone: Edicions Elmèdol, 1992. pp.145-154.
- _____. "Emporion, port Grec à vocation iberique. *La Magna Grecia e il lontano Occidente*.Atti del XXIX Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Tarante : 1989. pp. 99-137.
- SANTIAGO ÁLVAREZ, R.; GARDEÑES SANTIAGO, M. "Interaction de poblaciones en la antigua Grecia: algunos ejemplos de especial interés para el Derecho Internacional Privado." *Faventia*, 24/1, 2002. pp.07-36.

- SANTIAGO, R.A. "El texto de Estrabón en torno a Emporion a la luz de los nuevos descubrimientos arqueológicos y epigráficos". *EM*, LXII, I, 1994. pp. 61-74.
- SHEFTON, B. B. "Greek Imports at the Extremities of the Mediterranean, West and East: Reflections on the case of Iberia in the Fifth Century BC." In: CUNLIFFE, B. & KEAY, S. *Social Complexity and Development of Towns in Iberia. From the Cooper Age to the Second Century A.D.* Oxford: University : Press, 1994. pp.127-155.
- TARRADEL, Miquel. *Els Grecs a Catalunya*. Barcelona: Rafael Dalmau Ed., 1922. Episodios de la Història, n.21.
-